

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**TAYLOR PEDROSO DE AGUIAR**

**CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO  
COACHING EM IGREJAS, PRISÕES E CORPORAÇÕES DE  
SEGURANÇA PÚBLICA NO BRASIL**

**PORTO ALEGRE**

**2024**

TAYLOR PEDROSO DE AGUIAR

**CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO  
COACHING EM IGREJAS, PRISÕES E CORPORAÇÕES DE SEGURANÇA  
PÚBLICA NO BRASIL**

Tese apresentada como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social  
pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

PORTO ALEGRE

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Pranke

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor: Prof. Dr. Hélio Ricardo do Couto Alves

Vice-Diretor: Prof. Dr. Alex Niche Teixeira

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Coordenador: Prof. Dr. Jean Segata

Coordenadora Substituta: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrice Schuch

CIP – Catalogação na Publicação

Aguiar, Taylor Pedroso de  
Cristianismo não religioso: uma etnografia do  
coaching em igrejas, prisões e corporações de  
segurança pública no Brasil / Taylor Pedroso de  
Aguiar. -- 2024.

285 f.

Orientador: Emerson Alessandro Giumbelli.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Coaching. 2. Cristianismo não religioso. 3.  
Espiritualidade. 4. "Teologia do Coaching". 5. Método  
CIS. I. Giumbelli, Emerson Alessandro, orient. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**

Av. Bento Gonçalves, 9500 – Prédio 43322, Sala 205 – Campus do Vale

CEP: 91509-900 – Porto Alegre/RS

Telefone/fax: (51) 3308-8220

E-mail: atendimento-ppgifch@ufrgs.br

**Taylor Pedroso de Aguiar**

**CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: UMA ETNOGRAFIA DO COACHING EM  
IGREJAS, PRISÕES E CORPORAÇÕES DE SEGURANÇA PÚBLICA NO BRASIL**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS).

Examinada em 06 de março de 2024.

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli  
(Orientador/Presidente da Banca)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof. Dr. Ari Pedro Oro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carly Machado

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacqueline Moraes Teixeira

Universidade de Brasília – UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariela Mosqueira

Universidad de Buenos Aires – UBA

## AGRADECIMENTOS

O espaço de mil páginas seria demasiado pequeno para expressar a gratidão que sinto pela conclusão desta tese. Dediquei a ela dias e noites a fio, em um esforço que só faz sentido no contexto de sua construção coletiva. Chego ao final do período de doutorado com a agradável sensação de que, de fato, minha jornada acadêmica não tem sido solitária. De 2020 a 2024, fui presenteado com a companhia e a colaboração de velhos e novos amigos cujos nomes gostaria de aqui registrar. Evidentemente, não tenho como realizar uma listagem completa de agradecimentos nesse espaço; seria preciso, para tanto, um catálogo nominal muito extenso. O que pretendo fazer, ao invés disso, é um tributo singelo a pessoas e instituições que deixaram maiores impressões nas páginas desta tese e/ou de minha vida ao longo desse tempo tão único.

Em primeiro lugar, presto um reconhecimento especial a meu orientador, Emerson Giumbelli, incansável em leituras atentas e contribuições a todo o material que produzi. É necessário fazer menção ao estímulo que recebi de sua parte para – desafiado pela etnografia – tratar de uma questão de pesquisa que ainda era por mim amplamente desconhecida. Os rumos do doutorado sob um cenário pandêmico conduziram meu olhar ao tema do coaching, mas só foi possível prosseguir e permanecer nele porque tive o apoio imprescindível de Emerson em todos os momentos. Sua atitude revelou confiança em meu trabalho e me trouxe enorme segurança. Tenho o prazer de dizer que nossa relação de quase dez anos de orientação sempre foi pautada pela autonomia e pela liberdade necessárias a um trabalho intelectual qualificado. Certamente nossa parceria será continuada no futuro, em novos projetos, ações e oportunidades.

Agradeço e homenageio, de forma geral, os interlocutores de pesquisa que pude encontrar em campo ao longo desses quatro anos: coaches, pastores, policiais, bombeiros, juiz, detentos. Todos me receberam com enorme gentileza, tão ou mais curiosos do que eu por novas descobertas. Espero que as reflexões aqui reunidas possam fazer sentido diante do que cada um/a de vocês espera de uma tese de doutorado. Marcas coautorais estão distribuídas nesta tese, salvo quando exigências éticas requerem o resguardo do anonimato. Agradeço ainda às igrejas e às demais instituições onde desenvolvi minhas atividades de pesquisa, seja como aluno de treinamentos/formações em coaching, seja como observador de atividades. Destaco, sobretudo, o apoio recebido da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Pará (SEAP), responsável pela liberação do trabalho de campo no Centro de Recuperação do Coqueiro, em Belém. A experiência de pesquisa naquela unidade penal fez com que eu soubesse que a simples presença respeitosa e humana junto aos detentos pode ser expressão de um elogio de Cristo.

Endereço minha gratidão aos componentes da banca examinadora desta tese: Ari Pedro Oro, Carly Machado, Jacqueline Moraes Teixeira e Mariela Mosqueira, estendendo-a também aos membros da banca de qualificação: Carlos Alberto Steil e Emílio Nolasco de Carvalho. As contribuições de pesquisadores/as com tamanha qualificação engrandecem o esforço colocado em cada linha escrita e em cada reflexão desenvolvida nesse esboço de contribuição acadêmica.

Saúdo os/as colegas mais próximos da turma de doutorado 2020 do PPGAS/UFRGS: Angícia Gomes Pereira Mourão (nossa colega “emprestada”), Caroline Silveira Sarmiento, Jéferson Alves, Luisa Helena de Godoy Springer Pitanga, Mayane Haushahn Bueno, Nathália dos Santos Silva, Pamella Iris Mello da Silva e Renan Giménez Azevedo. Nossas conversações bem-humoradas foram de crucial importância para a definição de rumos para a pesquisa, sobretudo na fase de exploração do tema do coaching. Para além disso, recebi da turma uma gentileza que merece ser registrada com todo o carinho. Com o surgimento da pandemia, me autoexilei (conforme adquiri o costume de dizer) em Antônio Prado, na casa de minha avó. E, como lá eu não dispusesse de internet de qualidade para me conectar às aulas de Seminário de Doutorado, nosso amigo Renan, sempre inteligente e perspicaz, bolou um plano simples e perfeito: eu telefonaria para ele e ele posicionaria o celular perto das saídas de som de seu computador, para que eu ouvisse a turma e fosse por ela ouvido durante as aulas. Foi com esse “enjambre” solidário que participei da única disciplina obrigatória que reuniu a nossa turma.

Em 2022, parti rumo à França para um doutorado-sanduíche que definitivamente marcaria a minha vida. Quanto ao aspecto intelectual e acadêmico, destaco o suporte institucional concedido pelo Groupe Sociétés, Religions, Laïcités (GSRL), pela École Pratique des Hautes Études (EPHE) e pelo convênio CAPES-COFECUB. Agradeço o acolhimento generoso que recebi do supervisor de meu estágio doutoral, Sébastien Fath, pesquisador arguto, competente e apaixonado pelo que estuda e faz. Aprendi muito em nossas conversas, lendo seus livros e acompanhando a forma intensa como Fath se dedica à vida acadêmica. Direciono minha gratidão ainda a Alfonsina Bellio, diretora do GSRL, pela gentileza e disponibilidade ímpares; a Antoine Vermande, pelos auxílios prestados em vários momentos; a Jean Laloum, pelas referências bibliográficas compartilhadas; a Philippe Portier, pelas instigantes aulas de História e Sociologia das Laicidades ministradas na EPHE. *Un grand merci à toutes et à tous!* Incluo ainda nesse rol de agradecimentos, de forma muito especial, os vínculos de amizade e as colaborações acadêmicas estabelecidas com os participantes do lado brasileiro do projeto CAPES-COFECUB: Cantaura La Cruz, Denise Goulart, Jóvirson Milagres, Juliano Florczak Almeida, Paula Bortolin (com menção extensiva a Henrique e Bia) e Sabrina Testa. O contato com cada um/a – e com suas respectivas pesquisas – legou importantes marcas e contribuições.

Também não posso deixar de citar outros/as amigos/as que fiz na França e que igualmente deixaram saudades enormes em meu coração. Destacam-se os bons encontros com o Coletivo de Leitoras de Paulo Freire na França, liderado por Ana Lúcia Souza de Freitas e por outras mulheres que “andam” por este mundo e “esperançam” por dias melhores e mais justos; as conversas nutridas por *kebab* e *raclette* com os amigos franco-lusófonos Ana Neiva Cardante e Yanis Bekhti, com quem aprendi a me expressar melhor em francês e partilhei várias experiências culturais; e, é claro, o vínculo de amor profundo construído com Jan Freitas, Luciana Gransotto, Mariam Vedadinejad, Muriel Camilo, Paula Valentina, Wallace Araújo e Wemerson Ferreira – a nossa querida *gang*. Fui transformado pelos abraços, risadas, sorrisos, gentilezas e afetos de família que construímos ao longo de meses, para a eternidade. Com vocês, queridos/as amigos/as, vivi os melhores dias de minha vida até hoje. Eu jamais verei obstáculos em atravessar o oceano muitas vezes na vida, se necessário for, para que nos reencontremos.

Por fim, destaco meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja concessão de bolsas de doutorado e doutorado-sanduíche foi fundamental para que eu vivesse tudo o que aqui celebro; à minha avó Maria Clarisse, que me acolheu com amor em todos os momentos da construção da tese; ao Núcleo de Estudos da Religião (NER), pelo espaço sempre qualificado de discussões; e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), querida casa, pela excelência mantida há tantas décadas. Em 2024, no momento em que defendo esta tese, completo 10 anos de UFRGS. Quando cheguei a Porto Alegre e à universidade, eu tinha apenas 17 anos, poucas bagagens na mão e muitos sonhos no coração. Saio dela hoje aos 27, doutor, com outra vida e alimentando expectativas maiores para o futuro. Entre elas, o sonho de quem sabe um dia retornar à casa que me formou.

Itajaí, fevereiro de 2024.

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor  
Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê flor e fruto  
**Coração de estudante**  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade  
Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes, planta e sentimento  
Folhas, coração, juventude e fé.

**Milton Nascimento**



## RESUMO

Esta tese aborda como o processo de desenvolvimento pessoal conhecido como *coaching* é mobilizado em relação com linguagens, atores e instituições cristãs no Brasil. Em uma primeira parte do trabalho, observa-se a incidência de cursos, treinamentos e dinâmicas de coaching em igrejas e organizações evangélicas. A atenção é posta sobre a diversidade de formas de coaching presentes nesse universo religioso, sobre a formação de críticas teológicas e controvérsias em torno de uma “Teologia do Coaching” e sobre intervenções voltadas para o desenvolvimento pessoal, a transformação de si e a espiritualidade em ambientes eclesiais. Na segunda parte da tese, atenta-se para a presença de uma metodologia de coaching específica, o Coaching Integral Sistêmico (Método CIS), em prisões e corporações de segurança pública. Observa-se os modos de publicização do Método CIS como política de segurança relativa ao combate à reincidência criminal de detentos e à promoção da saúde mental de policiais, bombeiros e demais profissionais da área de segurança pública, bem como os processos de sua institucionalização em espaços securitários. Nesses âmbitos, o Método CIS é investido das condições de um projeto de reinserção social/ressocialização e de uma ação social de interesse público, mantendo-se ora invisíveis, ora hipervisíveis os elementos religiosos que garantem sua operatividade junto a indivíduos e instituições. As referências bíblico-cristãs postas em movimento têm o efeito de fazer com que o Método CIS e outras metodologias de coaching elaboradas por coaches cristãos se caracterizem pragmaticamente como representações compartilhadas de um cristianismo não religioso. O objetivo geral da tese é demonstrar como o coaching se associa, em diferentes espaços religiosos e seculares, a um repertório cristão não religioso que se constitui nas fronteiras da religião, conectando-se com modelos teológicos, disposições econômicas, tecnologias psicológicas e arranjos político-institucionais. A presença do coaching em igrejas e em instituições de segurança pública, como argumento, pode ser melhor compreendida por meio de um olhar etnográfico direcionado à conformação simultaneamente religiosa e secular de um cristianismo que escapa a – e desafia – quadros conceituais limitados à noção de religião.

**Palavras-chave:** Coaching. Cristianismo não religioso. Espiritualidade. “Teologia do Coaching”. Método CIS.

## ABSTRACT

This thesis addresses how the personal development process known as *coaching* is mobilized in relation to Christian languages, actors and institutions in Brazil. In the first part of the work, the incidence of coaching dynamics in churches and evangelical organizations is observed. The attention is focused on the diversity of forms of coaching present in this religious universe, on the formation of theological criticisms and controversies around a “Coaching theology” and on interventions aimed at personal development, self-transformation and spirituality in ecclesiastical environments. In the second part of the thesis, the attention is paid to the presence of a specific coaching methodology, Systemic Integral Coaching (CIS Method), in prisons and public security corporations. The ways in which the CIS Method is publicized as a security policy related to combating criminal recidivism of inmates and promoting the mental health of police officers, firefighters and other professionals of public security are observed, as well as the processes of its institutionalization in security spaces. The CIS Method is invested with the conditions of a social reintegration/resocialization project and a social action of public interest, keeping the religious elements that guarantee its operation with individuals and institutions sometimes invisible, sometimes hypervisible. The biblical-Christian references set in motion have the effect of making the CIS Method and other coaching methodologies developed by Christian coaches pragmatically characterized as shared representations of a non-religious Christianity. The objective of the thesis is to demonstrate how coaching is associated, in different religious and secular spaces, with a non-religious Christian repertoire that constitutes the borders of religion, connecting with theological models, economic provisions, psychological technologies and political arrangements. The presence of coaching in churches and public security institutions, as I argue, can be better understood through an ethnographic look directed at the simultaneously religious and secular conformation of a Christianity that escapes – and challenges – conceptual frameworks limited to the notion of religion.

**Key words:** Coaching. Non-religious Christianity. Spirituality. “Coaching theology”. CIS Method.

## RÉSUMÉ

Cette thèse aborde la façon dont le processus de développement personnel nommé *coaching* est mobilisé par des acteurs et des églises protestantes évangéliques au Brésil. Dans la première partie du travail, j'observe l'incidence des cours, des formations et des dynamiques de coaching dans les églises et les organisations évangéliques. L'attention se porte sur la diversité du coaching présent dans cet univers religieux, sur la formation de critiques et de controverses théologiques autour d'une « Théologie du Coaching » et sur quelques interventions visant le développement personnel, la transformation de soi et la spiritualité dans les églises. Dans la deuxième partie de la thèse, l'attention est portée à la présence d'une méthodologie de coaching spécifique, le Coaching Intégral Systémique (Méthode CIS), dans des prisons et des institutions de sécurité. J'observe la diffusion et l'institutionnalisation de la Méthode CIS en tant que politique de sécurité liée à la lutte contre la récidive criminelle des détenus et à la promotion de la santé mentale des policiers, des pompiers et d'autres professionnels de sécurité. La Méthode CIS est investie des conditions d'un projet de réinsertion/resocialisation et d'une action sociale d'intérêt public, en gardant les éléments religieux tantôt invisibles, tantôt hypervisibles qui garantissent son fonctionnement auprès des individus et des institutions. Les références biblico-chrétiennes mises en branle ont pour effet de caractériser de manière pragmatique la Méthode CIS et d'autres méthodologies de coaching développées par des coachs chrétiens comme des représentations partagées d'un christianisme non religieux. L'objectif de la thèse c'est donc de démontrer comment le coaching est associé, dans différents espaces religieux et laïcs au Brésil, à un répertoire chrétien non religieux qui se constitue aux frontières de la religion, en se connectant avec des modèles théologiques, des dispositions économiques, des technologies psychologiques et des arrangements politiques. Cette forme de présence et de diffusion sociale du coaching, comme je le soutiens, peut être mieux comprise à travers un regard ethnographique porté sur la conformation à la fois religieuse et séculière d'un christianisme qui échappe – et défie – les cadres conceptuels les plus limités à la notion de religion.

Mots clés : Coaching. Christianisme non religieux. Spiritualité. « Théologie du Coaching ». Méthode CIS.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1 – Pablo Marçal no lançamento de sua pré-candidatura à Presidência da República .....	50
Figura 3.1 – Turma da certificação em Coaching Transformacional do Instituto Mont’Serrat .....	122
Figura 3.2 – Imagem de divulgação de uma das pregações do pastor Alexandre Paz em seu canal do YouTube .....	128
Figura 3.3 – Seminário “Rompendo o silêncio”, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, em 28/09/23. Participação de Ione Camelo como palestrante .....	133
Figura 4.1 – Paulo Vieira em uma de suas conferências .....	147
Figura 4.2 – Autoavaliação em formato objetivo .....	154
Figura 4.3 – Autoavaliação em formato de respostas abertas .....	154
Figura 4.4 – Representação da técnica de neuroassociação .....	170
Figura 4.5 – Variação de posturas corporais .....	171
Figura 5.1 – Início da sessão solene na Câmara dos Deputados, com entonação do Hino Nacional. Da esquerda para a direita: Paulo Vieira, Deputado Capitão Derrite, Deputado Heitor Freire, Deputado Nereu Crispim e Juiz Deomar Barroso .....	186
Figura 5.2 – Paulo Vieira palestra para policiais militares do Ceará, em 2013 .....	203
Figura 5.3 – Paulo Vieira e o comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Cássio Araújo de Freitas, em reunião realizada em 09/05/2023 .....	209
Figura 5.4 – Paulo Vieira (à esquerda) e o Juiz Deomar Barroso (à direita) se reúnem com o Ministro André Mendonça (ao centro) no STF, em 29/11/2023 .....	210
Figura 5.5 – Cadetes da 25ª Turma do Curso de Formação de Oficiais e soldados do 10º Curso de Formação de Praças concluintes do treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática” .....	224

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1.1 – Formas de coaching em relação com o cristianismo no Brasil: panorama no universo evangélico .....	68
Tabela 3.1 – Escala Hawkins de Consciência. Mensuração energética baseada nas frequências das emoções .....	106
Tabela 5.1 – Operadores inscritos e concluintes na formação em Coaching Integral Sistêmico para gestores de segurança pública, em 2018 .....	204

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABM – Academia de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul

ACMEB – Aliança Evangélica Pró-Capelanias Militar e de Segurança Pública do Brasil

ADHONEP – Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno

ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

ADUD – Assembleia de Deus dos Últimos Dias

ALERGS – Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

ALESP – Assembleia Legislativa de São Paulo

BMRS – Brigada Militar do Rio Grande do Sul

CADEP – Centro Acadêmico de Debates e Estudos de Psicanálise

CAPS – Centro de Atenção Psicológica e Social

CBMCE – Corpo de Bombeiros Militar do Ceará

CBMDF – Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal

CBMRS – Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul

CFO – Curso de Formação de Oficiais

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CIS – Coaching Integral Sistêmico

CODES – Coordenação de Defesa Social

CPPC – Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos

CRC – Centro de Recuperação do Coqueiro

CRP – Conselho Regional de Psicologia

CVS – Centro de Vida Saudável

DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional

DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito

EAP – Escola de Administração Penitenciária

EPHE – École Pratique des Hautes Études

FASE – Fundação de Atendimento Sócio-Educativo

FCU – Florida Christian University

FEBRACIS – Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico

FNS – Força Nacional de Segurança

FUNPERACCHI – Fundação Walter Peracchi de Barcellos

GSRL – Groupe Sociétés, Religions, Laïcités

IA – Instituto Advento

IAC – International Association of Coaching  
IASD – Igreja Adventista do Sétimo Dia  
IBC – Instituto Brasileiro de Coaching  
IBMS – Igreja Batista Mont’Serrat  
ICC – International Coaching Community  
ICF – International Coaching Federation  
IDPM – Instituto de Desenvolvimento do Policial Militar  
IES – Instituições de educação superior  
IIGD – Igreja Internacional da Graça de Deus  
IOPAM – Identidade, Objetivo, Preparação, Ação e Melhoria Contínua  
IPF – Instituto Psiquiátrico Forense Doutor Maurício Cardoso  
IPV – Instituto Paulo Vieira  
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus  
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
LEP – Lei de Execução Penal  
LGF – [Casa] Lugar de Gente Feliz  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro (partido)  
MDE – Molécula de Emoção  
MEC – Ministério da Educação  
ONG – Organização não governamental  
PCCE – Polícia Civil do Ceará  
PEFOCE – Perícia Forense do Ceará  
PEME – Programa de Educação Moral do Efetivo  
PERNOH – Programa Escrevendo e Reescrevendo Nossa História  
PL – Projeto de lei  
PMCE – Polícia Militar do Ceará  
PMDF – Polícia Militar do Distrito Federal  
PMESP – Polícia Militar de São Paulo  
PNL – Programação Neurolinguística  
PODEMOS – Podemos (partido)  
PP – Progressistas (partido)  
PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
PPL – Pessoa privada de liberdade  
PROS – Partido Republicano da Ordem Social

PSB – Partido Socialista Brasileiro  
PSC – Partido Social Cristão  
PSD – Partido Social Democrático  
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira  
PSL – Partido Social Liberal  
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade  
PT – Partido dos Trabalhadores  
PVV – Programa de Valorização da Vida  
REPUBLICANOS – Republicanos (partido)  
RMI – Representação Metafórica Interna  
SAP – Secretaria de Administração Penitenciária do Ceará  
SAR – Serviço de Assistência Religiosa  
SBCOACHING – Sociedade Brasileira de Coaching  
SEAP – Secretaria de Estado da Administração Penitenciária do Pará  
SEDES – Secretaria Especial de Segurança e Defesa Social de Campo Grande  
SENAPPEN – Secretaria Nacional de Políticas Penais  
SSPDS – Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará  
STF – Supremo Tribunal Federal  
SUSEPE – Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul  
TC – “Teologia do Coaching”  
TJCE – Tribunal de Justiça do Estado do Ceará  
TJPA – Tribunal de Justiça do Estado do Pará  
TP – Teologia da Prosperidade  
UCC – Universidade Coaching Cristão  
UDF – Universidade da Família  
UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFP – Universal nas Forças Policiais  
UMCEB – União de Militares Cristãos Evangélicos do Brasil  
UMEM – União de Militares Evangélicos da Marinha  
UNIÃO – União Brasil (partido)  
UNP – Universal nos Presídios  
UPP – Unidade de Polícia Pacificadora  
VEP – Vara de Execuções Penais



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	18	
PARTE I: CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: FRONTEIRAS RELIGIOSAS		
CAPÍTULO I: COACHING, TECNOLOGIAS PSICOLÓGICAS E EMPREENDEDORISMO CRISTÃO .....		34
1.1 O coaching no universo evangélico brasileiro .....	39	
1.1.1 <i>Coaching cristão e coaching voltado para cristãos</i> .....	39	
1.1.2 <i>Coaches cristãos e empreendedorismo de palco</i> .....	47	
1.2 Tecnologias psicológicas e saberes psi em articulações evangélicas .....	54	
1.3 Empreendedorismo cristão, prosperidade e racionalidade da fé .....	61	
1.4 “Coaching cristão”: uma nomenclatura descritiva .....	67	
CAPÍTULO II: A “TEOLOGIA DO COACHING” E SUAS CONTROVÉRSIAS .....		71
2.1 A ética do empreendedorismo de si: consequências teológicas .....	73	
2.2 Fé “humanista”, modelo “psicologizado” .....	79	
2.3 A “psicologização” da fé e suas formas .....	86	
2.4 A Teologia da Prosperidade no contexto da “Teologia do Coaching” .....	91	
2.5 Economias teológicas e modelos psicológicos: uma relação a observar .....	96	
CAPÍTULO III: COACHING NAS IGREJAS: ESPIRITUALIDADE, TRANSFORMAÇÃO DE SI E DESENVOLVIMENTO PESSOAL .....		100
3.1 Curso Inteligência Emocional – Casa LGF .....	102	
3.1.1 <i>Intervenções rituais e regulação da imanência</i> .....	109	
3.2 Certificação em Coaching Transformacional – Instituto Mont’ Serrat .....	113	
3.2.1 <i>Coaching científico, transformação e linguagem generativa</i> .....	118	
3.3 Coaching voltado para o aconselhamento bíblico-pastoral – Pastor Alexandre Paz .....	122	
3.3.1 <i>A espiritualidade no campo da consciência</i> .....	125	
3.4 Coaching voltado para mulheres e para a saúde mental – Ione Camelo .....	128	
3.4.1 <i>Desenvolvimento pessoal e espiritual: distinções funcionais</i> .....	133	
3.5 O coaching e suas fronteiras: um desafio ao conceito de religião .....	137	
PARTE II: CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: FRONTEIRAS SECULARES		
CAPÍTULO IV: O MÉTODO DA ABUNDÂNCIA .....		144
4.1 Paulo Vieira: do fracasso ao sucesso .....	146	
4.2 O poder da ação .....	152	
4.2.1 <i>Acordando para uma vida abundante</i> .....	152	
4.2.2 <i>Agindo para construir um realismo profético</i> .....	157	
4.2.3 <i>Autorresponsabilizando-se como indivíduo</i> .....	160	
4.2.4 <i>Ajustando a estrutura foco-temporal</i> .....	164	
4.2.5 <i>Comunicando padrões linguísticos vitoriosos</i> .....	166	
4.2.6 <i>Questionando os limites do sucesso</i> .....	173	

4.2.7 <i>Crendo e reprogramando crenças</i> .....	174
4.3 A construção do <i>self</i> vitorioso em um cristianismo não religioso .....	177
<b>CAPÍTULO V: O MÉTODO CIS COMO POLÍTICA PÚBLICA DE SEGURANÇA: ARTICULAÇÕES POLÍTICO-INSTITUCIONAIS</b> .....	<b>182</b>
5.1 Um ato de publicização do Método CIS como política de segurança .....	186
5.2 Crescer, contribuir e transformar: o religioso em evidência? .....	195
5.3 “Coaching pela Paz”: o Método CIS nas corporações de segurança pública .....	200
5.4 Os treinamentos e seus canais de institucionalização .....	210
5.4.1 <i>Psicologia e coaching concorrentes – PMESP</i> .....	213
5.4.2 <i>Coaching e currículo formativo – CBMRS</i> .....	216
5.4.3 <i>Desenvolvimento humano e saúde mental – CBMDF</i> .....	219
5.4.4 <i>Inteligência emocional e capelania – PMDF</i> .....	222
5.5 Uma política pública/ação social com vocação universalista .....	227
<b>CAPÍTULO VI: COACHING NAS PRISÕES: IN/HIPERVISIBILIDADE DO RELIGIOSO NO SISTEMA PRISIONAL</b> .....	<b>231</b>
6.1 O Método CIS no sistema prisional paraense: um caso excepcional .....	233
6.2 O Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC) e suas lógicas de operação .....	235
6.3 “Estive na prisão e foste me visitar”: o treinamento com os detentos .....	240
6.4 “Jesus é a única coisa que funciona aqui”: depoimentos sobre a vida no cárcere .....	248
6.5 O religioso invisível e hipervisível no sistema prisional .....	256
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>260</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>265</b>
<b>ANEXO I</b> .....	<b>281</b>
<b>ANEXO II</b> .....	<b>282</b>

## Introdução

Em 2019 e 2020, duas controvérsias envolvendo a relação entre coaching e religião ganharam espaço na mídia brasileira. Abordo-as de forma breve e ilustrativa a seguir, no intuito de demonstrar sua conexão com a construção da pesquisa que resultou nesta tese. Na sequência, detalho as condições que permitiram à pesquisa assumir a forma de uma etnografia sobre a presença e a institucionalização do coaching em igrejas, prisões e corporações de segurança pública no Brasil. Aponto para o foco analítico a ser observado ao longo da composição dos capítulos: determinadas articulações entre coaching e cristianismo produzidas no contexto evangélico, sua incidência no espaço público e a produção e mobilização de um repertório simultaneamente religioso e secular em torno de um cristianismo não religioso. Por fim, apresento os seis capítulos que integram a tese, indicando os principais pontos neles abordados.

\*\*\*

O primeiro episódio que ponho em referência ocorreu em agosto de 2019, com a nomeação do novo reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pelo Ministério da Educação (MEC). Nos dias que se seguiram ao ato, a imprensa divulgou as repercussões negativas desencadeadas na comunidade acadêmica com a ascensão de Marcelo Recktenvald, professor do Departamento de Administração, ao cargo máximo da universidade<sup>1</sup>. Protestos e notas de repúdio se direcionaram à forma da escolha do reitor pelo MEC, considerada antidemocrática, produzindo também uma suspeição de sua atuação docente pregressa<sup>2</sup>. Entre 2013 e 2014, Recktenvald teria ministrado no curso de Administração da universidade uma disciplina chamada “Espiritualidade e liderança”, cujo objetivo, explicitado no plano de ensino, era “aprofundar os conhecimentos de liderança e coaching [dos alunos] a partir de uma perspectiva da espiritualidade”. A bibliografia da disciplina contemplava livros como *Jesus coach*, *Administração segundo a Bíblia*, *Os métodos de administração de Jesus* e *Uma vida*

---

<sup>1</sup> Ver: CartaCapital. “Reitor escolhido por Bolsonaro dava aula de espiritualidade e coaching”. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/reitor-escolhido-por-bolsonaro-dava-aula-de-espiritualidade-e-coaching/amp/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

<sup>2</sup> Recktenvald obtivera o terceiro lugar nas eleições para reitor promovidas pela comunidade universitária. Na vigência de um sistema de escolha livre a partir de uma lista tríplice com os melhores posicionados no pleito, o MEC optou por indicá-lo, desconsiderando a vantagem dos primeiros colocados. Esse foi um dos vários casos de nomeação pelo MEC de reitores não eleitos pelas universidades durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

*com propósitos*, todos escritos por autores evangélicos<sup>3</sup>. A própria Bíblia constava como leitura complementar. Diante dos vínculos da disciplina com concepções religiosas e da constatação do fato de que Recktenvald também era pastor batista, parte dos opositores de sua nomeação passou a compreender que a indicação se deveria a uma convergência ideológica entre a gestão conservadora do MEC sob o governo Bolsonaro e a associação do professor com a religião evangélica e com a articulação didática de temas como espiritualidade, liderança e coaching<sup>4</sup>.

O segundo episódio sucedeu poucos meses mais tarde, em dezembro, sendo mais amplamente noticiado em março de 2020. Novamente o Ministério da Educação ocuparia lugar central na controvérsia. Na gestão de Abraham Weintraub, o MEC assinou um protocolo de intenções com a Florida Christian University (FCU), instituição educacional estadunidense com sede em Orlando, na Flórida. A FCU oferece cursos de graduação e pós-graduação voltados para as áreas de negócios, educação, teologia e comportamento, com os objetivos institucionalmente definidos de “preparar profissionais, leigos e pastores para cumprir suas vocações com valores cristãos” e “integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica”<sup>5</sup>. Destacam-se, dentre os cursos, formações eminentemente religiosas, como “A vida de Cristo”, e bacharelados, mestrados e doutorados concentrados em temas como casamento e terapia familiar, aconselhamento e coaching. O protocolo de intenções visava à facilitação de intercâmbios discentes e docentes entre a FCU e instituições de educação superior (IES) brasileiras, à realização de pesquisas em regime colaborativo e à divulgação de cursos online da FCU no interior das IES, entre outras medidas. A veiculação do acordo gerou repercussões na mídia, que associou a universidade a uma “faculdade de coaching religioso”, e no Parlamento brasileiro. A bancada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) na Câmara dos Deputados elaborou um requerimento de informação sobre o protocolo de intenções, recebendo,

---

<sup>3</sup> Referências dos livros citados: Jones (2005), Marr (2006), Briner (1997) e Warren (2008).

<sup>4</sup> Um mês após a posse, o reitor foi entrevistado pela imprensa, dizendo-se vítima de “pressão” e “preconceito” por conta de sua religião cristã e de seu posicionamento político conservador. Ver: GZH. “Indicado por Bolsonaro sem apoio da comunidade acadêmica, reitor da UFFS diz que fica no cargo”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2019/10/indicado-por-bolsonaro-sem-apoio-da-comunidade-academica-reitor-da-uffs-diz-que-fica-no-cargo-ck1jbswjf04ex01n3capkiya4.html>. Acesso em: 18 jan. 2024. A despeito das oposições que enfrentou, Marcelo Recktenvald completou integralmente o mandato de quatro anos, sendo substituído em setembro de 2023 por um novo reitor, eleito pela comunidade da UFFS e indicado pelo MEC.

<sup>5</sup> Para acesso à matéria referente à controvérsia, ver: Folha de S. Paulo. “MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/mec-faz-acordo-com-faculdade-de-coaching-religioso-dos-eua.shtml>. Para os objetivos da Florida Christian University, conferir seu site. Disponível em: <https://www.floridachristianuniversity.edu/>. Acesso a ambos os links: 18 jan. 2024.

como resposta, notas técnicas emitidas pelo MEC.<sup>6</sup> As notas foram unânimes em apontar que a FCU não é uma instituição credenciada pelo MEC, e que o protocolo era um documento de intenções que não foi formalizado – não gerando, portanto, uma obrigação legal entre as partes.

\*\*\*

Tomei conhecimento das duas controvérsias em 2020, no início de meu doutoramento. À época, eu desenvolvía um projeto de pesquisa que aprofundava reflexões de uma dissertação de mestrado (Aguiar, 2020), interpelando práticas musicais e estéticas de culto em juventudes evangélicas. O trabalho de campo exploratório, ampliado para igrejas de denominações diversas em Porto Alegre e região metropolitana, se mostrava desafiado pela limitação da circulação física em igrejas decorrente do recrudescimento da pandemia de Covid-19. Confrontado por tal situação, dediquei meus esforços a perceber o que se transformava no campo religioso para além do espaço dos templos e da transposição de cultos para o ambiente virtual. Partindo do contato com as controvérsias referidas, gerado em um encontro ocasional com notícias em redes sociais, decidi me aproximar, com curiosidade, de um fenômeno que parecia crescer no universo evangélico. Em plena pandemia, o acompanhamento online de meus interlocutores evidenciava a influência, em suas interações, de referências a livros e eventos de coaches que adotavam uma linguagem plena de referências bíblico-religiosas. Tais elementos compunham fundamentalmente suas metodologias, cursos e treinamentos de inteligência emocional e desenvolvimento pessoal. Alguns desses coaches, como Paulo Vieira e Tiago Brunet, se apresentavam como evangélicos e/ou como pastores; outros, a exemplo de Pablo Marçal, negavam ter algum tipo de vínculo com a religião, afirmando-se genericamente como cristãos.

Antes de aprofundar os detalhes que compuseram minha aproximação com essa relação, faz-se necessário um parêntese para apresentar as características que configuram o processo de desenvolvimento pessoal aqui denominado *coaching*<sup>7</sup>. Como demonstra Silva (2010), os limites entre o que se convencionou chamar de coaching e outros processos de desenvolvimento pessoal são tênues. Orientação profissional, mentoria e aconselhamento, a título de exemplo, são variantes de práticas de aprimoramento do desempenho e da performance humana que guardam proximidades e diferenças entre si. O coaching não se restringe ao apoio

---

<sup>6</sup> O protocolo de intenções entre o MEC e a FCU, o requerimento de informação da bancada do PSOL e as notas técnicas do MEC podem ser conferidos nos arquivos registrados no site da Câmara dos Deputados. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1893687](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1893687). Acesso em: 18 jan. 2024.

<sup>7</sup> Em seus usos correntes na mídia, na produção acadêmica e no campo etnográfico, o termo é mantido em sua forma original em língua inglesa. Traduzido livremente do inglês, “coaching” significa “treinamento”. A palavra já se constituiu em um neologismo no Brasil, razão pela qual não a grifo em itálico em outros lugares desta tese.

vocacional e à construção de projetos de carreira no mercado de trabalho, como a orientação profissional, e não se adequa aos moldes de processos desenvolvidos em contextos de afinidade pessoal ou temática, como a mentoria e o aconselhamento<sup>8</sup>. Ao invés disso, ele se afirma como um instrumento científico para a potencialização e a maximização da performance do ser humano (Whitmore, 2020). Seu modo de ação tradicional é definido pela relação de clientela que se estabelece entre um coach (treinador, especialista em coaching) e um coachee (treinando, sujeito do processo de coaching), em um processo em que o coach se compromete a auxiliar o coachee no planejamento e no acompanhamento de ações destinadas ao alcance de metas. O objetivo é fazer com que o coachee encontre respostas para enfrentar desafios com eficácia, saindo de um resultado “A” para chegar a um resultado “B”. Os diferentes processos ou formas de desenvolvimento pessoal possuem em comum a localização de sua origem em dinâmicas de treinamento, no âmbito corporativo-empresarial, para o aumento da produtividade e do bem-estar individual na cotidianidade do trabalho, e em uma apropriação *sui generis* de conhecimentos associados à psicologia e outras ciências e saberes sobre a psique humana (Oliveira-Silva, 2018). É recorrente uma agregação de conhecimentos heterodoxos para os propósitos de uma legitimação científica do coaching. Coaches se valem, nesse sentido, de conceitos e teorias da psicologia, da educação, das ciências sociais, da neurolinguística, da física e de outros campos do saber para afirmar a propriedade científica de suas metodologias.

Vale dizer que técnicas e dinâmicas de coaching podem ser aplicadas à maneira tradicional, na relação individual que se estabelece entre um coach e um coachee, ou em grupo, através de treinamentos presenciais e virtuais que reúnem um maior número de pessoas. Em ambos os casos, a agregação de componentes de cunho científico na orientação das técnicas e dinâmicas aplicadas é variável. Os caminhos assumidos pelo processo de coaching dependem fundamentalmente de concepções e metodologias que se localizam em origens institucionais. No Brasil, como em outros lugares do mundo, a formação em coaching é balizada pela participação em cursos promovidos por instituições generalistas, como faculdades e

---

<sup>8</sup> Mentoria e aconselhamento são processos com focos distintos do coaching. Na mentoria, um indivíduo menos experiente é orientado por outro com mais experiência, o qual o conduz a aprimorar o desempenho ou conhecimento em determinado aspecto. No aconselhamento, o processo se dá no enquadramento da orientação por uma sabedoria autorizada, como ocorre, no âmbito religioso, com o aconselhamento pastoral. Uma terceira forma é a do discipulado, que implica na ideia de tornar-se um discípulo ou seguidor de alguém. A noção é fundamental para diversas religiões, incluindo o cristianismo. Todos esses processos se fazem presentes de maneira abundante no meio evangélico, como atestam – talvez com mais atenção do que na antropologia e na sociologia da religião – produções acadêmicas oriundas da teologia. Ver, para o caso da mentoria, Ramlow (2021); para o aconselhamento (sobretudo pastoral), Schneider-Harpprecht (2016); e, para o discipulado, o livro clássico de Bonhoeffer (2016). Referência importante de um estudo antropológico que aborda o aconselhamento cristão é o livro de Crapanzano (2000), cuja menção voltará a ser feita para comentar um dos estudos de caso ilustrados no capítulo 3 desta tese.

universidades, ou especializadas, como escolas e sociedades de coaching. Essas instituições não necessariamente possuem acreditação de suas atividades por parte dos sistemas educacionais locais. Um exemplo de instituição educacional de tipo generalista é a FCU, cujo não reconhecimento – no contexto estadunidense e no brasileiro – por órgãos governamentais de regulamentação da educação constituiu parte dos questionamentos dirigidos ao protocolo de intenções firmado entre a universidade e o MEC em 2019. Para além da dimensão formativa e de seu (não) reconhecimento institucional, a atividade profissional em coaching também não é regulamentada atualmente pelas leis trabalhistas. Detenho-me, nesse ponto, ao caso do Brasil, onde projetos de regularização/regulamentação do coaching protocolados no Congresso Nacional correm paralelos a propostas de criminalização dessa prática. Tais projetos e propostas, assim como os processos de legitimação científica do coaching, serão retomados por esta tese em alguns de seus capítulos, por sua relevância para a discussão sobre as articulações de determinados agentes e instituições do coaching com um repertório em torno do cristianismo.

Retomo agora a história dos encontros iniciais que tive com o tema do coaching. Ainda no primeiro ano de doutorado, frequentei um curso no PPGAS/UFRGS em que, como os demais alunos, fui incumbido de escrever um trabalho sobre um tema que não me fosse conhecido e que não pertencesse à área de estudos e pesquisas com a qual eu tinha maior familiaridade<sup>9</sup>. Chamava-me a atenção, para além da relação com a religião evidenciada nas controvérsias, a forma pela qual o coaching se expandia socialmente como uma prática incorporada por grupos heterogêneos, correlacionando-se com diversos outros campos. Desde a década de 1980, ao menos, a incidência do coaching sobre domínios situados além das empresas é um aspecto que caracteriza a sua diversidade (Batista & Cançado, 2017). Há formas de coaching voltadas para temas como coaching educacional, coaching familiar, coaching de finanças, coaching executivo, etc. Outras práticas, por sua vez, se orientam indistintamente para o aprimoramento da performance em quaisquer áreas da vida, definindo-se genericamente como coaching e servindo a diferentes objetivos. Sendo a educação um dos campos específicos de incidência do coaching, optei por esquadrinhá-lo em meu trabalho para a disciplina, valorizando a realização concomitante de uma licenciatura em Ciências Sociais, concluída no ano seguinte. Através de buscas efetivadas na internet, descobri a existência de profissionais e instituições que se dedicavam ao coaching educacional – um modo de aplicação do coaching às dinâmicas de ensino e aprendizagem no âmbito escolar. Desenvolvi, então, um trabalho monográfico e um

---

<sup>9</sup> Tratava-se da disciplina de Seminário de Doutorado (2020/1), ministrada pelo Prof. Dr. Ruben George Oliven.



artigo sobre as práticas educacionais de três professoras-coaches (Aguiar, 2021), iniciando a exploração pessoal do tema do coaching pelo estudo de uma de suas variadas modalidades.

O avançar do tempo pandêmico trouxe consigo uma série de dificuldades práticas para a execução do projeto de pesquisa de doutorado inicial. A maioria das juventudes evangélicas que eu havia mapeado seguia sem atividades presenciais, e reuniões online se configuravam por padrões distintos das práticas que eu propunha analisar, concernentes à materialidade dos cultos. Não obstante, quando as condições sanitárias permitiram uma primeira abertura, experienciei uma inserção em campo que, coincidentemente, me levou à participação em um curso ministrado por um coach em uma igreja<sup>10</sup>. A frequência ao curso foi concomitante ao aprofundamento de meu interesse no tema do coaching. Durante esse processo, deparei-me com o fato de que coaches cristãos – e, mais especificamente, coaches evangélicos<sup>11</sup> – também desenvolviam atividades em igrejas. Tal constatação, por mais simples que seja, me pareceu evidenciar um tema de pesquisa emergente e ainda não devidamente explorado pela produção acadêmica em ciências sociais da religião. De fato, ao realizar um levantamento bibliográfico de referências que tratassem do assunto, constatei existir, àquele momento, apenas um único trabalho publicado sobre a vinculação do coaching com o universo evangélico brasileiro (Stern & Guerriero, 2020). Após conversações mantidas com o orientador e uma apreciação das condições objetivas que se evidenciavam, a pesquisa mudou de foco, passando a abordar a incidência do coaching no meio evangélico e a apostar na ideia de que seria possível apreender, em dinâmicas eclesiais, o coaching em sua relação com outras formas devocionais evangélicas.

Contrariamente às expectativas iniciais, no entanto, constatou-se ser de algum modo rara e circunstancial a aplicação de cursos, treinamentos e processos de coaching propriamente ditos em espaços eclesiais. Mesmo com o retorno gradual de cultos e atividades presenciais em igrejas, o coaching parecia ser nelas introduzido de maneira lateral e indireta, por meio de

---

<sup>10</sup> Tratava-se do curso Inteligência Emocional, realizado em uma igreja pentecostal porto-alegrense chamada Casa LGF. Como se verá adiante, essa foi uma das dinâmicas em igrejas acompanhadas etnograficamente e incluídas nas discussões do capítulo 3. Com base nesse material de pesquisa, também realizei um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Ciências Sociais voltado a compreender os processos de educação da espiritualidade pelo coaching naquela comunidade religiosa, o que teve como efeito a publicação de mais um artigo (Aguiar, 2022).

<sup>11</sup> No escopo desta tese, não abordo a atuação de coaches católicos, o que implicaria na adoção de outro recorte para a pesquisa. É importante mencionar, não obstante, que também há uma incidência do coaching no catolicismo, embora ela pareça menos generalizada que no meio evangélico. Destaco, nesse sentido, a atuação do padre-coach Chrystian Shankar, de Divinópolis/MG, no desenvolvimento de palestras, retiros e encontros voltados para temas como família, namoro e casamento através de seu projeto “Luz e Vida”, existente desde 2009. O sacerdote também apresenta um programa semanal na TV Canção Nova e celebra uma missa todas as quartas-feiras no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, intitulada “Missa da Família”. Ver: Alto Astral. “Padre Chrystian Shankar, conheça um pouco da trajetória do sacerdote”. Disponível em: <https://www.altoastral.com.br/mundo-mistico/padre-chrystian-shankar/>. YouTube: <https://www.youtube.com/@LuzeVidaPadreChrystianShankar>. Instagram: <https://www.instagram.com/padrechrystian/>. Acesso a todos os links: 19 jan. 2024.

referências direcionadas ao universo de significações do empreendedorismo. Compareci, ainda no ano de 2021, à igreja Verbo da Vida, onde era implementado um projeto de estímulo ao empreendedorismo denominado “O negócio é crer”<sup>12</sup>. Posteriormente, acompanhei os trabalhos da Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno (ADHONEP), cujas reuniões periódicas vinculavam a vida empresarial/empreendedora a referenciais cristãos<sup>13</sup>. Embora os ministrantes das palestras e as instituições proponentes desses projetos aderissem a um repertório de conceitos como sucesso, abundância e prosperidade, valorizando a ideia de uma potencialização do desempenho e da performance em sentido amplo, eles não punham em prática especificamente processos de coaching. O que se podia constatar sobre essas atividades, com efeito, era uma influência contingencial de conceitos de metodologias de coaching como o Método CIS de Paulo Vieira. Ideias sobre “estilo de vida abundante” e “reprogramação de crenças”, por exemplo, articulavam-se com palestras e discursos de agentes nesses espaços, remetendo a uma assimilação de referências do coaching por dinâmicas que o ultrapassavam.

Como alternativa a esse desafio, recorri ao contato com a literatura produzida por Paulo Vieira, um dos coaches cristãos/evangélicos cujos livros alcançam número expressivo de vendas no mercado editorial de autoajuda e desenvolvimento pessoal. Para além de sua vinculação com a religião, Vieira também é conhecido como um dos principais coaches brasileiros. Dediquei-me a realizar uma leitura aprofundada de seu best-seller *O poder da ação*, obra que contém uma sistematização dos princípios do Coaching Integral Sistêmico (Método CIS), metodologia criada por Vieira e propagada através de sua escola de formação, a Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (Febracis). Além de nomear a metodologia em si, a expressão “Método CIS” também é a marca registrada do principal treinamento de coaching de Vieira, considerado por ele próprio como “o maior treinamento de inteligência emocional do mundo”.<sup>14</sup> Com o trabalho etnográfico dedicado ao livro, novas questões e hipóteses de

---

<sup>12</sup> Surgido em 2020, no contexto pandêmico, o projeto se expandiu da sede da Verbo da Vida, em Campina Grande/PB, para outros templos dessa igreja neopentecostal espalhados pelo Brasil. Suas atividades incluem palestras mensais com empreendedores de sucesso, realização de meditações bíblicas sobre o tema da prosperidade junto às palestras e criação de *networking*. Conferir: Verbo da Vida. “Programa ‘O negócio é crer’ traz dicas sobre empreendedorismo. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/noticias/quando-se-trata-de-empendedorismo-o-negocio-e-crer-conheca-nova-programacao-da-igreja-sede>. Acesso em: 20 jan. 2024.

<sup>13</sup> Focada sobretudo na criação de *networking* e com caráter supradenominacional, a ADHONEP se define como “a maior associação do mundo em relacionamentos” e reúne empreendedores cristãos que compartilham regularmente suas experiências de fé, organizando-se em núcleos locais/regionais denominados “capítulos”. Conferir: ADHONEP. Disponível em: <https://adhonep.com/pt/conheca-a-adhonep/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

<sup>14</sup> Há diversos vídeos, livros, entrevistas, matérias e episódios de podcast disponíveis em que Paulo Vieira se refere aos significados atribuídos ao Método CIS. Ver, por exemplo: YouTube. Paulo Vieira. “O que é Coaching Integral Sistêmico?” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4HLfWV1Jkwc>. Acesso em: 20 jan. 2024.

pesquisa foram sendo construídas. Procurei me debruçar, a partir de então, sobre a formação de uma ética influenciada pelo coaching no meio evangélico, enfatizando tanto os processos de subjetivação de um empreendedorismo de si por técnicas e intervenções como as estipuladas pelo Método CIS quanto as repercussões de críticas teológicas que se amplificavam e se direcionavam ao coaching, tendo como ponto de partida as vozes de um grupo de pastores batistas de Fortaleza. Esses teólogos lamentavam o crescimento de uma pregação/abordagem “humanista” e “antropocêntrica” em igrejas evangélicas, lendo-a como o principal sinal da estruturação de uma “nova roupagem” da Teologia da Prosperidade nesse campo religioso – uma “Teologia do Coaching” definida por eles em termos que abrangiam desde coaches até pregadores que, mesmo não sendo coaches, eram identificados como aderentes à ética do empreendedorismo de si do coaching por conta de sua adoção de uma retórica “motivacional”.

Em 2022, fui selecionado como bolsista de doutorado-sanduiche pelo projeto CAPES-COFECUB “Transformações da laicidade: novas relações entre Estado, sociedade e religião”<sup>15</sup>. Realizei, entre abril e dezembro, um estágio doutoral no Groupe Sociétés, Religions, Laïcités (GSRL), vinculado à École Pratique des Hautes Études (EPHE), na França. Esse período foi marcado pela distância de um campo empírico presencial em construção, confrontado pelos desafios metodológicos acima aludidos, e por remodelações importantes do objeto de pesquisa. A inserção em um grupo de estudos que tinha como foco a questão da laicidade proporcionou uma ampliação do olhar etnográfico para ações de coaches cristãos que se configuravam no espaço público. À distância, acompanhei com atenção duas situações que foram essenciais para o desenvolvimento de um segundo bloco de questões da tese. No início de maio, um dos coaches cujas ações vinham sendo por mim regularmente observadas, Pablo Marçal, lançou sua pré-candidatura à Presidência da República pelo Partido Republicano da Ordem Social (PROS), assumindo uma agenda política baseada em princípios do coaching e do liberalismo econômico, bem como em um acentuado conservadorismo moral de apelo religioso. Também presenciei a transmissão de uma sessão solene realizada pela Câmara dos Deputados em que se prestava homenagem a Paulo Vieira e à Febracis, por meio da apresentação pública dos treinamentos

---

<sup>15</sup> O projeto vigorou entre 2019 e 2023, no âmbito de uma parceria de quatro universidades brasileiras (UFRGS, Unicamp, UFJF e UFRRJ) com o GSRL, grupo de pesquisa da École Pratique des Hautes Études (EPHE) e do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) especializado no tema da laicidade. Sua realização se deu pelo convênio CAPES-COFECUB, acordo bilateral de cooperação de pesquisa Brasil-França. Um dos principais resultados produzidos foi a publicação do livro “Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação” (Giumbelli & Camurça, 2024), lançado pelo selo ABA Publicações. Para mais informações, ver o site do projeto: <https://transformacoesdalaicidade.wordpress.com/apresentacao-do-projeto/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

pelo Método CIS como uma política de combate à reincidência criminal e de promoção da saúde mental inserida em prisões e corporações de segurança pública de diversos estados brasileiros.

Desenhou-se, a partir desses episódios, desdobramentos e imponderáveis etnográficos, uma tese composta por duas partes em diálogo. A primeira parte contempla a inserção do coaching em igrejas e organizações evangélicas. Trato da diversidade de formas de coaching existentes no meio evangélico, das controvérsias formadas em torno de denúncias à “Teologia do Coaching” e de casos específicos em que o coaching é configurado como dinâmica eclesial – de formações/treinamentos promovidos por igrejas ou instituições a elas vinculadas e de projetos individuais de prática e apropriação do coaching. Parte do universo empírico abordado nesses processos se origina de minha circulação prévia como pesquisador no universo evangélico de Porto Alegre. Algumas interlocuções, como as que efetivaram o contato com a certificação em Coaching Transformacional do Instituto Mont’Serrat e com a coach Ione Camelo, provêm de desdobramentos de inserções em campo anteriores; já outras, como as exemplificadas pela participação no curso Inteligência Emocional, da Casa LGF, e pela abordagem do trabalho pastoral de Alexandre Paz, são desdobramentos de articulações produzidas durante o desenho de um campo de pesquisa descoberto no decorrer do doutorado.

A segunda parte da tese trata da incidência pública de uma concepção específica de coaching, o Método CIS de Paulo Vieira, em diálogo com as fronteiras seculares da literatura de autoajuda e desenvolvimento pessoal, das formulações científicas sobre o desenvolvimento da “inteligência emocional” e a produção da “abundância” e da publicização de uma política de segurança projetada com vocação universalista no espaço público. Recorro a uma etnografia do livro *O poder da ação* e da inserção do Método CIS em prisões e corporações de segurança pública para aferir os sentidos dados a essa metodologia de coaching em suas articulações com o religioso e o secular. Observo os movimentos que referências bíblico-cristãs percorrem em discursos e ações que têm por centro o Coaching Integral Sistêmico para responder à seguinte pergunta: como as fronteiras do religioso e do secular são redefinidas através de determinadas relações que se estabelecem entre coaching e cristianismo? A pergunta de partida inicialmente elaborada pela pesquisa, relativa à formação de uma ética do empreendedorismo de si no meio evangélico, é complementada por um foco nas fronteiras religiosas e seculares que configuram as ações do coaching de Paulo Vieira no espaço público. Como hipótese a ser testada pelas reflexões reunidas pela tese, cogito que a circulação de um repertório simbólico em torno da relação entre coaching e cristianismo articula uma sorte de cristianismo não religioso. Trata-se de uma mobilização do cristianismo que se descola da religião, operando em suas fronteiras.

No primeiro capítulo, sistematizo cinco tendências de concepção e prática do coaching circulantes no universo evangélico brasileiro, desde formas de coaching autoidentificadas como cristãs até modalidades caracterizadas pelos parâmetros de um empreendedorismo de palco. O panorama fornecido revela variações sutis, mas significativas, entre as abordagens, temas e públicos-alvo dessas tendências. Aponto para como eventos de coaching, como os promovidos por Pablo Marçal, podem se assemelhar a cultos, aproximando o coaching da religião sob certos aspectos. As articulações entre coaching, saberes psi e empreendedorismo cristão também são focalizadas, dialogando com dois blocos teóricos e de questões de pesquisa que lançam luz sobre o coaching como um processo de empreendedorismo de si mais amplo. Identifico a necessidade heurística de cautela na categorização de práticas associadas de maneira polissêmica a um cristianismo genérico, especialmente quando este é negado como religião, e enfatizo que a ideia de um coaching em relação com o cristianismo transcende a dicotomia religioso e secular. Concluo, dessa maneira, que a categoria “coaching cristão” serve como um conceito/instrumento descritivo, evitando reduzir referenciais cristãos ao domínio da religião.

No segundo capítulo, abordo o surgimento de controvérsias em torno da “Teologia do Coaching” no contexto evangélico. Os críticos à “Teologia do Coaching” argumentam que essa abordagem, centrada em uma ética do empreendedorismo de si, compromete a fé cristã ao enfatizar a busca por excelência, sucesso e prosperidade como valores fundamentais, deixando em segundo plano doutrinas fundamentais do cristianismo. A perspectiva “antropocêntrica” da “Teologia do Coaching” é criticada por subverter o foco “cristocêntrico” da teologia cristã, substituindo a submissão à vontade de Deus pela ênfase na capacidade humana de instrumentalizar essa vontade. Os teólogos críticos destacam que a “psicologização” da fé proposta pela “Teologia do Coaching” atualiza a barganha materialista com Deus da Teologia da Prosperidade através da incorporação de elementos de uma psicologia secular e “humanista”. A proximidade entre a “Teologia do Coaching” e a Teologia da Prosperidade é enfatizada pelo destaque dado a um processo de “psicologização” da religião. Em face das críticas, sugiro uma interpretação mais complexa para essa relação, considerando a ética do empreendedorismo de si como uma composição situada nas fronteiras da religião, da economia e da psicologia. Questiono a ideia de uma invasão ou contaminação da teologia por um modelo externo à religião, defendendo uma compreensão mais atenta às interações entre modelos teológicos, disposições econômicas e tecnologias psicológicas que ocorrem nas fronteiras da religião.

No capítulo três, descrevo determinadas formas de incidência do coaching em igrejas e organizações evangélicas em Porto Alegre. Quatro estudos de caso são apresentados, incluindo a participação em treinamentos e formações em coaching e o contato com projetos

enraizados em trajetórias biográficas individuais. O primeiro caso abordado é o do curso Inteligência Emocional, realizado pela igreja Casa LGF, onde as sessões de coaching se mesclam com intervenções rituais, aproximando-se de uma forma cútica. A certificação em Coaching Transformacional, conduzida pelo Instituto Mont’Serrat, não se associa a objetivos eclesiais, mas revela, nos modos de sua condução, uma interação complexa entre coaching científico e referências bíblico-cristãs. O pastor Alexandre Paz utiliza o coaching como ferramenta em seu trabalho pastoral, integrando-o ao aconselhamento bíblico. Ione Camelo, por sua vez, mobiliza o coaching em igrejas e em um debate público sobre a violência contra a mulher e sobre o adoecimento psíquico de operadores de segurança, entendendo o desenvolvimento pessoal como função do coaching e o desenvolvimento espiritual como função da religião. Os casos revelam interpretações variadas da relação entre coaching e religião, com demarcações de fronteiras que ora aproximam, ora distanciam os dois domínios. Busco compreender como esses sentidos se movimentam, relacionando-se com regimes de envolvimento sobre a agência do coaching, como o “cristocentrismo” e o “antropocentrismo”, e com noções tais como “transformação” de si. A espiritualidade é uma dimensão-chave entrelaçada com o coaching nessa direção. Suas interpretações e seus modos de regulação variam entre os casos. Ressalto, enfim, que, ao considerar a relação entre coaching e religião, é essencial compreender o entrecruzamento de campos e as complexidades que surgem quando práticas e concepções de múltiplos domínios se encontram. A perspectiva adotada é a de uma sensibilidade aberta a perceber o coaching e a religião como configurações interpermeáveis.

No quarto capítulo, apresento os resultados de uma abordagem do livro *O poder da ação*, de Paulo Vieira. Busco analisar, em uma descrição dos sete capítulos do livro, como a relação entre referências religiosas e científicas é operada discursivamente por Paulo Vieira. Recorro a aspectos da carreira e da vida do coach, destacando a singularidade de sua biografia no universo do coaching e no meio evangélico. O Método CIS é apresentado por Vieira como uma elaboração que possui raízes e incidência cristãs, mas que não se limita a uma identificação com a religião. Indico como o Método CIS combina elementos bíblico-cristãos e científicos em um vínculo com referências extraídas da neurociência, da psicologia positiva e da física quântica. Exemplifico ainda como passagens bíblicas são utilizadas para fundamentar conceitos do Coaching Integral Sistêmico, como autorresponsabilidade, abundância e disfunção. Destaco que o acionamento de referências cristãs por Paulo Vieira não está ligado a preocupações teológicas, mas à composição de conceitos e ferramentas de coaching *per se*. O Método CIS é descrito pelo coach como um processo de desenvolvimento pessoal baseado em princípios como o despertar para o sucesso, o realismo profético, a autorresponsabilidade e a

substituição de crenças limitantes por crenças vitoriosas. Tais princípios, que em um plano sociológico podem ser correlacionados com os aspectos de uma “variante psicopositiva” (Fath, 2024) da Teologia da Prosperidade, são apresentados como procedimentos científicos que facilitam a tarefa de autogoverno do *self*. Ao explorar a relação do Coaching Integral Sistêmico com pressupostos seculares da ciência e do mercado editorial de autoajuda, contornando vínculos com a religião, esboço a ideia de que o coaching de Paulo Vieira se serve de um cristianismo não religioso para se legitimar cientificamente e para se expandir editorialmente.

No capítulo cinco, situo as articulações para a inserção do Método CIS como política pública de segurança em prisões e corporações de segurança no Brasil. O coaching de Paulo Vieira é associado nesses espaços a um projeto de reinserção social/ressocialização de detentos e a um projeto de promoção da saúde mental de profissionais de segurança – o que inclui policiais, bombeiros, peritos criminais, gestores de órgãos de segurança, etc. Ressalto os atores políticos, judiciais, religiosos e militares implicados nas articulações dessa institucionalização. É posta ênfase à forma como esses atores apresentam o Método CIS como uma política de segurança voltada para os propósitos da garantia da qualidade de vida, da saúde mental e do desempenho profissional dos operadores de segurança. A mobilização de repertórios cristãos em discursos e argumentos que projetam o Método CIS como política pública de segurança é considerada a partir da descrição da sessão solene em “Homenagem aos profissionais do coaching no Brasil”, realizada pela Câmara dos Deputados em junho de 2022. A disseminação do Método CIS em corporações de segurança é o foco da segunda parte do capítulo, destinada a abordar estratégias e canais de institucionalização dos treinamentos pelo Método CIS em corporações de segurança de diferentes estados brasileiros. Aponto para a noção de “transformação”, presente como um argumento central nessas articulações, como um elemento que vincula o Método CIS a objetivos seculares, evidenciando a sua configuração como uma ação social de interesse público que transcende as fronteiras entre o religioso e o secular.

Finalmente, no sexto e último capítulo da tese, abordo a institucionalização do Método CIS no sistema prisional, destacando as suas diferenças em relação à implementação do coaching de Paulo Vieira em corporações de segurança pública. Os treinamentos em prisões são institucionalizados por iniciativa do Poder Judiciário ou do aparato de gestão penitenciária do Executivo, sendo oferecidos como um programa voltado para a ressocialização/reinserção social dos detentos. O ativismo de Paulo Vieira, do juiz Deomar Barroso e de certos parlamentares do Congresso Nacional contribui para a expansão e a institucionalização do projeto nos sistemas prisionais. No estado do Pará, o Método CIS se encontra institucionalizado em todas as unidades penais, enquanto em outros estados brasileiros há processos de

institucionalização em curso, com variados graus de aceitabilidade por parte das estruturas penitenciárias estatais. Através de uma etnografia realizada em uma unidade penal de Belém, capital do Pará, destaco a relação dos treinamentos realizados nas prisões com repertórios cristãos compartilhados pelo coaching de Paulo Vieira e pelos detentos, os quais são acionados para destacar o poder de “transformação” de vidas contido pelo Coaching Integral Sistêmico. A interpretação dos treinamentos, não obstante, é variável entre detentos e profissionais da gestão penitenciária. Para alguns detentos, a legitimidade do Método CIS se vincula à sua natureza religiosa, enquanto gestores penitenciários enfatizam a validade dos treinamentos como um projeto de reinserção social associado a objetivos seculares, sem que se constate uma vinculação desses treinamentos com o religioso. Concluo, a partir de observações e entrevistas, que o Método CIS é tomado como um projeto de reinserção social/ressocialização pelo Estado e, ao mesmo tempo, como um instrumento de sentido religioso pelos detentos. Destaca-se a complexidade das interações entre o religioso e o secular que reside no compartilhamento de um repertório cristão não religioso em meio aos treinamentos efetivados no interior das prisões, configurando, dessa forma, um religioso invisível para o Estado e hipervisível para os detentos.

Em um plano mais geral, o intento da tese é fornecer uma contribuição para o estudo de uma prática pouco abordada em sua relação com a religião no Brasil, seja no tocante à sua inserção multifacetada e polêmica em igrejas e dinâmicas eclesiais, seja no que concerne à incidência pública e às consequências derivadas dos modos de ação de coaches cristãos que se espraiam por outros campos, muitas vezes sem serem percebidas como religiosas. Pesquisas que enfocam, em algum sentido, a associação entre religião e processos de desenvolvimento pessoal emergem no cenário internacional, diante da demanda por estudos que observem a aplicação cada vez mais expansiva dessas práticas e seu contato com o religioso em variados âmbitos da vida social (Bártová, 2024; Marquis, 2014; McGee, 2005; Vildard, 2022). Em outros trabalhos, o vínculo de cristãos com um conjunto de ações e valores atrelados ao empreendedorismo é considerado relativo a transformações do campo religioso (Corrêa, Vale e Cruz, 2017) e à produção de formas de “espiritualidade neoliberal” que entrelaçam subjetividades religiosas e disposições econômicas em um contexto pós-secular (Gog, 2012; 2020). No campo dos estudos sobre a espiritualidade – noção que, como veremos, se faz presente e tangencia diversas práticas e concepções de coaching no meio cristão –, Heelas e Woodhead (2005), Huss (2014) e Van der Veer (2009), entre outros/as autores/as, demonstram como as fronteiras entre o religioso e o secular se apresentam porosas em diferentes contextos etnográficos e analíticos, desafiando o edifício moderno sobre o qual essa oposição se constrói.



A tese tem como objetivo demonstrar como o coaching se associa, em espaços religiosos e seculares – assim heurísticamente definidos, mas analiticamente desconstruídos –, a um cristianismo não religioso que se constitui nas fronteiras da religião, conectando-se com modelos teológicos, disposições econômicas, tecnologias psicológicas e arranjos político-institucionais. Proponho uma antropologia dessas fronteiras pelo rastreamento da incidência do coaching em diferentes campos, não o restringindo a um espaço previamente atribuído à religião e não ignorando suas eventuais inserções e conotações religiosas. O desenho da pesquisa envolveu o acompanhamento de múltiplos atores e instituições do universo evangélico que põem em cena articulações com o cristianismo. Assumiu-se a perspectiva de uma “etnografia multissituada” orientada a “seguir pessoas, objetos materiais, metáforas, enredos, histórias, alegorias, narrativas, biografias e conflitos” (Marcus, 1995, p. 106-110) em torno dessa relação. Grande parte desse trabalho ocorreu online, com o auxílio das redes sociais e das conexões que elas geram. Assim, uma informação levou à outra, e cada contato estabelecido com um agente possibilitou a abertura de um novo contato, multiplicando conexões informativas e consolidando o conhecimento sobre as dinâmicas inerentes ao campo. As estratégias adotadas envolveram o contato prolongado com as interações virtuais dos atores observados e o trabalho com uma variedade de materiais etnográficos, combinando observações participantes, levantamentos bibliográficos, mapeamentos exploratórios, análise de documentos legislativos e matérias jornalísticas, leitura aprofundada de livros, contato com publicações em redes sociais e textos de sites e blogs, visualização de vídeos, escuta de episódios de podcast, realização de entrevistas e conversações informais. Além disso, deslocamentos em igrejas e organizações evangélicas de Porto Alegre foram realizados, antes mesmo da conformação da pesquisa ao tema do coaching, e providenciou-se, com recursos próprios, uma viagem a Belém, onde os treinamentos pelo Método CIS puderam ser acompanhados *in loco* em uma unidade prisional.

Em decorrência dessa intensa circulação de informações e conexões e do levantamento de um extenso volume de material de pesquisa – marcas provenientes da estratégia metodológica adotada –, é mister considerar os resultados apresentados pela tese em uma perspectiva de articulação. Campos empíricos heterogêneos como igrejas, prisões e corporações de segurança pública ensejam aproximações pelas dinâmicas que o contato com o coaching neles engendra, mais do que pelas características e similaridades dessas instituições em termos de sua funcionalidade. A ideia aventada de um cristianismo não religioso não é uma proposição universal, mas uma formulação que se adequa a relações que se estabelecem entre o religioso e o não religioso nesses espaços. Certas precisões de seus modos de incidência serão informadas em cada um dos capítulos. Considerando os horizontes metodológicos enunciados nesta

introdução, reivindico que a natureza etnográfica da tese se assenta na observação da circulação do coaching em espaços que dinamizam as relações desse processo de desenvolvimento pessoal com a religião, mobilizando campos e saberes atrelados à psicologia, à teologia, à economia, à ciência e à política. O que se põe em questão com o coaching, a partir desses cruzamentos, é a existência de um cristianismo que contorna a ideia de religião. Desenvolvo essa argumentação em um trabalho teórico distribuído ao longo dos seis capítulos. Para além das duas partes organizacionais da tese, ele também se dispõe em dois eixos de discussão: o primeiro é referido às formas variáveis como atores cristãos se situam diante de uma ética do empreendedorismo de si preconizada pelo coaching; o segundo é marcado pela institucionalização do Método CIS como política pública de segurança e aponta para a produção de vínculos do cristianismo no espaço público que extrapolam o religioso, suscitando reflexões sobre as configurações da laicidade. A presença do coaching no meio evangélico e em instituições de segurança pública, como argumento, pode ser melhor compreendida por meio de um olhar etnográfico direcionado à circulação de um repertório simultaneamente religioso e secular em torno de um cristianismo que escapa a – e interpela e desafia – quadros conceituais limitados à noção de religião.

## **PARTE I**

### **CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: FRONTEIRAS RELIGIOSAS**

## Capítulo I

### Coaching, tecnologias psicológicas e empreendedorismo cristão

“Cristianismo não é religião, é *lifestyle*”. A frase remete a uma das mais singulares articulações entre coaching e cristianismo no Brasil. Em entrevista concedida em maio de 2022 ao canal de jornalismo de política “O Antagonista”, o coach, empresário e então pré-candidato à Presidência da República pelo Partido Republicano da Ordem Social (PROS), Pablo Marçal, foi questionado diversas vezes sobre polêmicas que envolviam sua atuação como coach e que o haviam tornado uma figura pública controversa<sup>16</sup>. O fato desencadeador das polêmicas ocorreu em janeiro de 2022, quando uma expedição liderada por Marçal rumou ao topo do Pico dos Marins, no interior de São Paulo, sob condições adversas de tempo. Em risco diante da chuva e do vento intensos, as mais de 30 pessoas que participavam da expedição, incluindo o próprio coach, tiveram de ser resgatadas por meio de uma operação do Corpo de Bombeiros<sup>17</sup>. O episódio levou Marçal a ficar conhecido nacionalmente como o “coach da montanha”. A alcunha foi veiculada em sua pré-candidatura à Presidência como um símbolo positivo de coragem, determinação e superação de limites, tornando-se inclusive refrão de *jingle* musical, embora originalmente estivesse atrelada a um sentido pejorativo e a uma denúncia, por parte de órgãos como o Corpo de Bombeiros e o Ministério Público, de irresponsabilidade e crime<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> A entrevista pode ser conferida em sua íntegra em: *O Antagonista*. “Claudio Dantas entrevista Pablo Marçal - PAPO ANTAGONISTA”: <https://www.youtube.com/watch?v=soGYKciEyYY>. Acesso em: 04 jul. 2023.

<sup>17</sup> Ver a reportagem do *Portal G1*. “Coach que colocou em perigo 32 pessoas no Pico dos Marins, em SP, afirma que 'quem não quer correr risco fica em casa vendo stories'”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/07/coach-que-colocou-em-perigo-32-pessoas-no-pico-dos-marins-em-sp-afirma-que-quem-nao-quer-correr-risco-fica-em-casa-vendo-stories.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2023. Frequentemente, outras polêmicas em torno do coach surgem e são noticiadas pela mídia. No mês de junho de 2023, por exemplo, duas pessoas morreram em espaços e atividades ligadas a ele. Um jovem de 26 anos teve um mal súbito depois que uma maratona organizada por Marçal teve seu percurso dobrado, e um técnico de audiovisual sofreu um acidente de trabalho em um estúdio de propriedade do coach. Conferir: *Diário do Estado*. “Jovem morre em corrida organizada pelo grupo do coach Pablo Marçal”. Disponível em: <https://diariodoestado.com.br/jovem-morre-em-corrida-organizada-por-grupo-de-pablo-marcal-282956/> e *Correio Braziliense*. “Técnico morre após acidente elétrico em estúdio de Pablo Marçal”. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2023/06/5105625-tecnico-morre-apos-acidente-eletrico-em-estudio-de-pablo-marcal.html>. Acesso a ambos os links: 04 jul. 2023.

<sup>18</sup> Com o desfecho do episódio do Pico dos Marins, Pablo Marçal passou a ser investigado pela Polícia Civil de São Paulo por tentativa de homicídio e foi proibido pela Justiça de realizar expedições em montanhas sem a autorização de órgãos competentes. Ver: *O Popular*. “Justiça proíbe Pablo Marçal de fazer expedições após o coach arriscar a vida de pessoas em montanha”. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/justica-proibe-pablo-marcal-de-fazer-expedic-es-apos-o-coach-arriscar-a-vida-de-pessoas-em-montanha-1.2387941>. Acesso em: 04 jul. 2023.

O perfil de entrevistado de Pablo Marçal foi traçado por “O Antagonista” a partir de polêmicas como a ocasionada pela expedição. As interpelações dirigidas ao coach objetivavam esclarecer quem era o “coach da montanha” que propunha uma inusitada pré-candidatura à Presidência da República. Mais conhecido por sua atuação como coach e *influencer* nas redes sociais do que como empresário atuante no ramo de marketing digital, Marçal não dispunha de uma carreira política anterior e se lançava como pré-candidato por um partido pequeno, em posição de franco-atirador na corrida eleitoral. Além disso, entre os analistas do cenário político e nas discussões presentes em redes sociais já se suscitavam dúvidas sobre se sua pré-candidatura não seria mera estratégia de marketing pessoal<sup>19</sup>. Tal conjugação de elementos conferia-lhe, por parte da mídia, a atribuição de uma aura de *outsider* inserido em um contexto de desconfianças sobre propósitos políticos “para valer”. Um tratamento dessa natureza se sobressaiu na entrevista a “O Antagonista” e ganhou contornos ainda mais peculiares quando uma suposta associação de Marçal com a religião foi aventada. Veiculou-se um vídeo no qual o coach participava de um evento similar a um culto pentecostal, em que milhares de pessoas se encontravam reunidas em um ginásio proclamando “glórias a Deus” e orando em línguas estranhas/espirituais. Um teclado toca uma música de fundo enquanto Pablo Marçal se aproxima de uma mulher com deficiência física e a desafia a se levantar da cadeira de rodas, apoiada pelos braços por outras pessoas, e a fortalecer os músculos e nervos pela fé. Marçal ora pela mulher, acompanhado do clamor do público presente. O milagre, entretanto, não acontece.

O vídeo em questão foi um elemento fundamental para que a entrevista reforçasse sobre a figura de Pablo Marçal a sugestão de uma sorte de charlatanismo político-religioso. Em dado momento, o jornalista Claudio Dantas, âncora da entrevista, provoca ironicamente Marçal: “Te confesso que eu não sabia se você era pastor ou o quê”. Aludindo às características do evento, ele pondera: “Pra quem assiste [o vídeo] e não te conhece, acha que aquilo é um culto”. Marçal manifesta incômodo com a colocação do jornalista, perguntando: “E o que é que muda?” Em posição defensiva, ele cita a liberdade de culto e de expressão garantida pela Constituição Federal, confirmando ser cristão. Pouco tempo antes, uma pergunta de Dantas ao coach busca explorar uma suposta ligação entre sua atuação profissional e componentes religiosos: “Você

---

<sup>19</sup> Conferir o vídeo crítico à pré-candidatura produzido pelo canal Meteoro Brasil no YouTube, bem como a reportagem da Folha de São Paulo que reúne informações sobre a suspeita de que um pagamento de R\$ 200 milhões, arrecadados em uma “vacona” junto a seguidores e alunos dos treinamentos de coaching de Marçal, teria sido prometido pelo coach à direção do PROS para assegurar sua candidatura. *Meteoro Brasil*. “Pablo Marçal teria comprado candidatura presidencial”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=47YiS7Alp8U>. *Folha de São Paulo*. “Pablo Marçal prometeu 'vacona' de R\$ 200 mi para eleição, diz ex-presidente do Pros”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/pablo-marcal-prometeu-vacona-de-r-200-mi-para-eleicao-diz-ex-presidente-do-pros.shtml>. Acesso a ambos os links: 04 jul. 2023.

mescla no seu trabalho, nesse seu treinamento [de coaching], essa questão da religião?” Marçal responde taxativamente: “Não mesclo. Esse é meu *lifestyle*. Eu sou cristão. Só que eu não defendo religiosidade”. Esboçando ainda certa incompreensão, o jornalista depura a pergunta: “Você é evangélico?”. Novamente a negativa: “Não sou evangélico”. Uma última tentativa de classificação é feita pelo entrevistador: “Católico?” E o coach finalmente arremata: “Sou cristão. Não tenho religião. Cristianismo não é religião. É um *lifestyle*, um estilo de vida”.

Há vários aspectos a serem destacados desse diálogo e da entrevista como um todo. Não é minha pretensão fazê-lo neste momento, senão tecer um breve comentário sobre a noção de religião, que aparece aqui envolta em um duplo problema. Em primeiro lugar, as definições do jornalista Claudio Dantas e de Pablo Marçal sobre o que seja religioso não são coincidentes. Enquanto uma concepção busca um enquadramento a um esquema baseado na ideia de pertença religiosa, a outra foge a ele, sem deixar de assumir uma identificação com o cristianismo. Marçal afirma ser cristão ao mesmo tempo que nega ter uma religião. Em segundo lugar, componentes vinculados pelo jornalista ao religioso, em uma valoração negativa no contexto de uma presumida “mescla” entre coaching e religião, são transformados em tema polêmico, incidindo sobre uma percepção crítica da pré-candidatura do coach que, evidentemente, não é por ele compartilhada, nem em seus termos de formulação mais básicos. A ideia de uma “mescla” com a religião no evento divulgado pelo vídeo é veementemente rejeitada pelo coach. A esses dois pontos voltaremos mais adiante, quando tratarmos mais detidamente do coaching de Pablo Marçal e abordarmos ainda a sua pré-candidatura. Por ora, importa observar com antecedência que as desconfianças em torno de Marçal se alimentaram tanto das polêmicas que orbitavam seu nome quanto da suposição de um certo tipo de relação mantido com a religião<sup>20</sup>.

Curiosamente, o evento do vídeo abordado na entrevista de “O Antagonista” não se tratava de um culto, mas de um treinamento de coaching usualmente realizado por Marçal em espaços amplos, como ginásios e estádios de futebol. Nesses treinamentos, como o que é denominado pela expressão “O pior ano da sua vida”, são comuns a presença de uma linguagem cristã, de referências bíblicas e de cantores e pregadores do universo evangélico. Cláudio Duarte, um dos pastores e personalidades evangélicas mais populares do Brasil na atualidade, conhecido por seu estilo humorístico e aconselhamentos para a vida conjugal, já participou

---

<sup>20</sup> Dullo (2015) e Dullo e Quintanilha (2015) também discutem controvérsias em torno dessa relação em contextos eleitorais, enfatizando as denúncias públicas dirigidas às candidaturas de Celso Russomano à prefeitura de São Paulo, em 2012, e de Marina Silva à Presidência da República, em 2014. Tais denúncias foram desdobradas sobre o pertencimento religioso dos candidatos e/ou sobre a ligação das candidaturas com instituições e posicionamentos evangélicos. Avançarei no diálogo com essas referências nas considerações finais da tese, quando forem reunidas reflexões sobre as articulações entre o religioso e o secular a partir do coaching, em conexão com outras discussões.

diversas vezes do treinamento. A gravação da terceira participação do pastor em “O pior ano da sua vida” se encontra disponível por meio de registro audiovisual no YouTube<sup>21</sup>. É sugestivo o fato de que o título dado ao vídeo pelo canal que o publicou tenha sido “Cláudio Duarte na igreja do Pablo Marçal”, quando, na verdade, o lugar da conferência ministrada pelo pastor se tratava de um ginásio alugado para o evento, e não de uma igreja. Todavia, como não incorrer em erro quanto à nomenclatura se o treinamento, de fato, em tudo se parecia com um culto?

A “confusão” entre treinamento e culto e entre coaching e religião possui lastro em uma dinâmica que pretendo aqui abordar. A afinidade/aproximação entre coaching e pessoas, práticas, instituições e referências associadas à religião, sobretudo ao universo evangélico, não é uma particularidade de Pablo Marçal e de seus treinamentos similares a cultos. Essa relação é trabalhada já há vários anos por uma miríade de profissionais que estabelecem instituições, metodologias, práticas e concepções de coaching independentes entre si e que guardam similaridades e distinções umas das outras. Em alguns casos, como o do próprio Marçal, pode-se observar a constituição e a consolidação de carreiras de coaches como palestrantes, escritores e *influencers* que, tornando-se personalidades públicas e empreendedores de palco<sup>22</sup>, logram êxito em acumular milhões de seguidores, clientes, leitores e consumidores de uma ampla gama de produtos disponíveis no mercado de desenvolvimento pessoal em que o coaching se insere. A circulação de coaches em igrejas e a disponibilização de cursos e treinamentos orientados para o desenvolvimento pessoal e para temas especificamente religiosos/espirituais também é um fato que se pode constatar em meio à cotidianidade das igrejas e no acompanhamento de iniciativas que as transcendem e mesmo delas prescindem. Mas como observar de perto essas relações entre coaching e religião, haja vista a multiplicidade de práticas e concepções que incidem sobre ambos os domínios? E como as interpretar, destacando suas articulações e implicações? Coaching e religião podem às vezes se confundir sob determinados ângulos de vista, críticos ou não, de tal maneira que discernir as duas categorias é tarefa que soa um tanto quanto problemática. Afinal, quais seriam as fronteiras entre igreja e ginásio alugado para treinamentos de coaching, entre religião e coaching, ou entre pastor/líder religioso e coach?

Tentarei esboçar respostas a estas perguntas neste capítulo, não sem antes questionar os próprios termos em que elas são colocadas. Primeiramente, buscarei apresentar um panorama

---

<sup>21</sup> Canal Palavras de Fé no YouTube. “Cláudio Duarte na igreja do Pablo Marçal”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=npWKhItvVPc>. Acesso em: 04 jul. 2023.

<sup>22</sup> De acordo com Faria (2018, p. 111), o empreendedorismo de palco pode ser definido, em linhas gerais, como “uma indústria que mobiliza um composto formado por setores do entretenimento, mídia e mercado editorial voltada para comercializar palestras, livros, vivências corporativas e todo tipo de conteúdo motivacional que tem como objetivo fomentar o comportamento empreendedor junto a um público leigo no Brasil”.

sucinto dos principais coaches, cursos, instituições e metodologias de coaching presentes no universo evangélico brasileiro. Não se trata, evidentemente, da proposição de um inventário exaustivo, senão de um esforço de pesquisa exploratória voltado a compreender como o coaching, em suas variadas faces e dinâmicas, se relaciona com referências diferencialmente vinculadas com o que é associado ao religioso. Neste sentido, importa menos considerar a presença do coaching em igrejas e instituições religiosas e a sua associação mais ou menos explícita com uma identidade religiosa que observar a circulação de agentes e elementos simbólicos que remetem à religião, não obstante haja formas de coaching que contornam ou negam um vínculo com ela. Serão abordadas iniciativas de proposição, sobretudo online, de cursos, treinamentos e formações voltados para a prática de um “coaching cristão”, bem como iniciativas que não remetem à associação do coaching com o cristianismo enquanto religião, mas que partem de coaches autoidentificados como cristãos e que se utilizam de referenciais bíblico-cristãos para a composição de seus métodos, técnicas e concepções/ensinamentos.

Fornecido este primeiro panorama, discutirei os modos de relação entre coaching e cristianismo por meio do acionamento de dois blocos de questões teóricas que aproximam temas e objetos de pesquisa em um espaço de reflexão interdisciplinar. O primeiro deles é o conjunto de estudos que se debruçam, das Ciências Sociais à Psicologia, sobre os chamados “saberes psi”, ou tecnologias, conhecimentos, dispositivos e mecanismos referentes a operações psicológicas. A ideia é demonstrar como o coaching se constitui como uma tecnologia psicológica articulada com um contexto histórico mais amplo de investimentos de instituições e agentes evangélicos sobre tecnologias psicológicas e saberes psi, apontando para as formas múltiplas pelas quais o religioso tem se configurado nesse meio. Em seguida, identifico outras práticas, projetos e programas de estímulo ao empreendedorismo e ao desenvolvimento pessoal com incidência no campo evangélico – tema discutido pela literatura especializada – no intuito de explorar aspectos do empreendedorismo de si que também podem ser observados em um coaching relacionado com o cristianismo, sob variadas tendências. A aposta é a de que essa conexão entre coaching, saberes psi e empreendedorismo nos auxilia a elucidar as articulações entre coaching e cristianismo e – o que sugiro, tenha diferença – entre coaching e religião.

Por fim, seguindo a trilha dessas articulações, proponho na última seção do capítulo algumas considerações sobre a categoria de “coaching cristão”, problematizando o seu alcance e o seu potencial analítico. Demonstro, assim, que nem todo coaching em diálogo com o cristianismo se assume como cristão, nem tampouco como religioso, e sublinho que as tentativas de classificação de uma prática como cristã ou religiosa podem revelar, mesmo na sua inoperância, os próprios modos como configuramos o campo religioso e o que



consideramos caber nele ou não. Por se situar em uma zona intersticial entre sentidos religiosos e seculares, o coaching, em sua associação com o cristianismo, é um processo que se move para além do binômio religioso/secular. Uma primeira explanação dessa perspectiva será importante para o desenvolvimento dos demais capítulos da tese, no bojo dos quais receberá corroboração empírica. Elucidar-se-á, enfim, por que a presente tese não trata apenas de coaching cristão ou de coaching religioso, mas de coaching em meio – ou em relação – a cristãos e ao cristianismo.

## **1.1 – O coaching no universo evangélico brasileiro**

No afã de efetivar uma sondagem do “estado da arte” das combinações existentes entre coaching e cristianismo no Brasil, faz-se necessário primeiro considerar a multiplicidade dos ambientes de circulação e das formas específicas que coaching e cristianismo assumem nessa aproximação. Com esse intuito, realizei um levantamento dos principais cursos, metodologias e escolas de formação em coaching cristão e em coaching voltado para temas e públicos cristãos divulgados na internet, bem como de coaches cristãos que, à maneira de Pablo Marçal, estruturam cursos, treinamentos e instituições em coaching no ambiente virtual e os transpõem para além dele, estabelecendo eventos presenciais massivos. Recorri principalmente a indexadores de busca na internet para acessar as diferentes alternativas que conectam coaching e cristianismo disponíveis no mercado virtual. Inseri, nesses mecanismos de busca, combinações de expressões-chave tais como “coaching”, “igreja”, “inteligência emocional”, “empreendedorismo” e “desenvolvimento pessoal”. Constataram-se, a partir daí, dois grupos distintos de oferta de produtos e serviços em coaching que analisarei em detalhes. O primeiro grupo, focado mais em treinamentos virtuais que em presenciais, será o alvo da próxima seção.

### ***1.1.1 – Coaching cristão e coaching voltado para cristãos***

Dos resultados obtidos nessa sondagem, seleciono casos que apontam para quatro tendências de concepção e ação do coaching relacionado com o cristianismo no mundo digital<sup>23</sup>. São elas: 1) coaching autoidentificado como cristão; 2) coaching de identidade denominacional; 3) coaching com foco eclesiológico; e 4) coaching voltado para o nicho de mercado cristão. Duas dessas alternativas compõem o primeiro grupo observado – o de treinamentos realizados

---

<sup>23</sup> A inserção do coaching em instituições religiosas, através da oferta mais ou menos sistemática em dinâmicas eclesiais e extraeclesiais, constitui uma outra face da relação entre coaching e cristianismo. Abordo-a em separado, no capítulo 3 desta tese, por haver diferenças significativas nos modos de composição deste e daquele campo.

majoritariamente no âmbito virtual – e se identificam com a prática de um “coaching cristão”: o Instituto Resonare e a Universidade Coaching Cristão. Nelas, o coaching é concebido como orientado por uma “cosmovisão bíblico-cristã” que se aplica a todo processo de desenvolvimento pessoal, quaisquer que sejam os seus objetivos. Não se trata, portanto, de um coaching com fins cristãos, mas da prática de coaching, ela própria, fundamentada em princípios cristãos. Sob essas condições, o coaching é um instrumento acomodado à Bíblia e aos seus ensinamentos, mas utilizado para o alcance de metas que extrapolam o campo religioso, espiritual ou cristão. Vejamos a definição dos objetivos do Instituto Resonare, escola de coaching com sede em São Paulo e em funcionamento desde 2011, exposta em seu site:

A gente sabe que transpor o que aprende na Bíblia para a vida prática nem sempre é tão fácil, especialmente com as mudanças que o mundo enfrenta. Ao mesmo tempo, sabemos que métodos, ferramentas e fundamentação sobre o comportamento humano são muito úteis quando submetidos às lentes da Palavra de Deus. E é isso o que fazemos: submetemos ciência, coaching, mentoria, métodos e ferramentas ao que a Bíblia ensina, e seguimos em frente só com o que é coerente com a nossa fé. O próximo passo é transpor o que foi filtrado para a aplicação prática: como usar seus talentos para fazer a diferença; como desenvolver e influenciar pessoas; como se comunicar; como lidar com suas emoções e a dos outros; e por aí vai.<sup>24</sup>

O Instituto Resonare propõe o acoplamento do coaching e do que lhe acompanha – “ciência, mentoria, métodos e ferramentas” – a um filtro bíblico e à sua aplicação em um processo que é descrito como “coerente com a nossa fé”. O lema da escola reforça essa perspectiva: “Somos especialistas em desenvolvimento de pessoas a partir da cosmovisão cristã”. Além de mentorias individuais com profissionais especializados, os cursos oferecidos pela instituição são apenas três: *Programa Transformados*, *Fé e Trabalho: Cristãos com Alta Performance Profissional* e *Líder Coach Cristão – Método IOPAM*. O primeiro, de cunho mais generalista, possui 35 aulas abordando assuntos como identidade, comportamento, mentalidade, autoestima e finanças. O curso abrange o desenvolvimento pessoal como um todo e é projetado como um instrumento que serve não somente para cristãos. Destaca-se, nesse sentido, a resposta dada à pergunta “O Programa Transformados é somente para cristãos?” na aba dedicada ao curso no site. Afirma-se nela: “Sim e não. Somos cristãos evangélicos<sup>25</sup> e usamos a Bíblia como ponto principal de tudo o que cremos, fazemos e ensinamos. Usamos termos e textos bíblicos em diversas aulas e entendemos que o ser humano é pecador e precisa do Salvador Jesus para resgatá-lo”. Logo na sequência, há uma explicação bastante simples sobre a utilidade do curso

---

<sup>24</sup> Instituto Resonare. Disponível em: <https://institutoresonare.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

<sup>25</sup> Não há, no entanto, qualquer identificação de pertença denominacional relativa à instituição.

em questão para um público que não concorda com a cosmovisão preconizada: “Se você discorda destes princípios ou não tem afinidade com a fé cristã, provavelmente não aproveitará o programa. Por outro lado, se você não se declara cristão, mas crê em Jesus e concorda com nossa cosmovisão, certamente o conteúdo será muito proveitoso para o seu desenvolvimento”.

O Programa Transformados é o único dos três cursos do Instituto Resonare que não é explicitamente direcionado para cristãos, ainda que nenhum deles faça referência a uma atuação orientada exclusivamente para o âmbito ministerial. Os cursos Fé e Trabalho e Líder Coach Cristão são voltados, respectivamente, para a atuação de cristãos no mundo profissional e para a liderança cristã nos mais variados âmbitos, com foco em uma ideia de desenvolvimento pessoal baseado na Bíblia passível de ser aplicada universalmente. Chama a atenção o fato de que a abertura do Programa Transformados para um público extracristão é feita de forma paradoxal. Para a escola de coaching, quem crê em Jesus e concorda com a cosmovisão bíblico-cristã da instituição terá condições proveitosas para o desenvolvimento dos conteúdos do curso, mesmo que não se declare cristão, enquanto quem não possui tal afinidade “não aproveitará o programa”. Vê-se sob essa perspectiva, portanto, uma não correspondência entre ser ou se declarar cristão e crer em Jesus e na cosmovisão bíblico-cristã, de um lado, e uma aparente incompatibilidade entre o coaching cristão praticado pela instituição e a possibilidade de dissociação de seu público em relação à cosmovisão que lhe é basilar, de outro. Os cursos do Instituto Resonare admitem, não obstante, a participação desse mesmo público em formações que são baseadas tanto na Bíblia quanto em uma única metodologia própria: o Método IOPAM.

O Método IOPAM foi criado por Sara Macedo, fundadora do Instituto Resonare. Descrita pelo site da escola de coaching como especialista em comportamento humano e desenvolvimento de pessoas, mentora de coaches, consultora ministerial, membro do comitê executivo da Envisionar Estratégia e Capacitação de Líderes e parceira do Global Leadership Summit<sup>26</sup>, a coach afirma ter “dedicado sua carreira e ministério ao desenvolvimento pessoal e profissional de cristãos” e informa já ter treinado, nos últimos 12 anos, mais de 2000 líderes cristãos, tanto presencialmente como virtualmente. Importa destacar dois pontos a propósito do projeto de Sara Macedo: o primeiro é a vinculação de sua carreira ao desenvolvimento de

---

<sup>26</sup> A Envisionar é uma organização com sede em Indaiatuba/SP, liderada pelo pastor Josué Campanhã, que oferece serviços como treinamentos e consultorias de “planejamento estratégico para igrejas” e programas de estímulo à “cultura do discipulado” e de fomento ao crescimento de ministérios de crianças e adolescentes nas igrejas. Conferir o site da Envisionar: <https://envisionar.com/>. Já a Global Leadership Summit é uma conferência elaborada pela Willow Creek Church, em Chicago, EUA, e transmitida para vários países do mundo em tempo real. O evento, centrado em palestras, tem inscrição paga, gera certificação e ocorre durante dois dias em locais como igrejas, escolas, empresas e teatros, com periodicidade de várias edições ao ano. No Brasil, a Envisionar é responsável pela realização da conferência. Ver: <https://globalleadership.com.br/>. Acesso a ambos os links: 24 dez. 2023.

lideranças cristãs, algo que ela assume como um ministério pessoal e como o foco de seu trabalho com o Instituto Resonare; o segundo é que os treinamentos presenciais empreendidos por Sara são também realizados por outros profissionais ligados à escola de coaching, dentre eles um pastor e psicólogo, em uma relação de trabalho e clientela individual que não depende necessariamente da instituição. Esta se volta sobretudo à disponibilização dos cursos online.

O processo de coaching pelo Método IOPAM segue cinco passos que refletem as iniciais de sua sigla: Identidade, Objetivo, Preparação, Ação e Melhoria Contínua. A duração do curso Líder Coach Cristão pelo Método IOPAM<sup>27</sup> é de 15 horas gravadas e 60 lições, com o acréscimo de exercícios e ferramentas, compondo-se em uma ordem de 6 módulos: Coaching e coaching cristão (módulo 1), Identidade (módulo 2), Esfera 1: Cuidar de si mesmo e do equilíbrio (módulo 3), Esfera 2: Desenvolva a equipe (módulo 4), Esfera 3: Alcançar a visão da organização (módulo 5) e Ferramentas extras para o líder coach IOPAM (módulo 6). Há também aulas especiais, como “O papel do líder no desenvolvimento das pessoas” e “Limites e prudência no desenvolvimento de pessoas”. A descrição do conteúdo programático no site da instituição não indica uma abundância de referências à Bíblia ou ao cristianismo, e menciona a ideia de coaching cristão apenas no primeiro módulo. Todos os demais módulos, incluindo as aulas auxiliares, são propostos em meio a conceitos e temáticas do mundo do coaching que podem ser interpretados como desenvolvimento pessoal, em sentido amplo e menos restrito, e não necessariamente como desenvolvimento pessoal cristão. O modo como tais conceitos e temáticas são articulados com uma determinada cosmovisão bíblico-cristã, no entanto, só pode ser acessado por meio da realização do curso, algo que foge ao escopo desta pesquisa e desta exposição. Não obstante haja uma metodologia única e uma cosmovisão basilar aos cursos do Instituto Resonare, é importante considerar que a forma como públicos cristãos e não cristãos os acessam podem ser variáveis, sem que haja uma incompatibilidade incontornável de um coaching cristão com noções mais amplas de desenvolvimento pessoal, dissociadas da religião.

A noção de coaching cristão é central também para a Universidade Coaching Cristão (UCC), cujo próprio nome a torna evidente. A iniciativa é liderada pelo casal Filipe Firmino e Helen Klein, membros da Comunidade das Nações, igreja neopentecostal com sede em Brasília/DF. O site da instituição<sup>28</sup> apresenta uma lista dos cursos oferecidos: Formação em Coaching Cristão, Protagonize suas Emoções, Academia da Paternidade e Academia de Casais.

---

<sup>27</sup> Este é o principal curso oferecido pelo Instituto Resonare. Em 10 de julho de 2023, segundo o site dessa escola de coaching, o treinamento era vendido pelo valor de 397 reais à vista. O Programa Transformados custava 297 reais, enquanto o Fé e Trabalho: Cristãos com Alta Performance Profissional podia ser adquirido por 47 reais.

<sup>28</sup> Universidade Coaching Cristão. Disponível em: <https://unicoachingcristao.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Sobre estes últimos dois, não foi encontrado nenhum registro no site e nas redes sociais da instituição, além da menção que a eles é feita na página inicial do site. Isso aponta para a precocidade do trabalho de publicidade da Universidade Coaching Cristão, que se encontra em seus primeiros anos de existência. Apenas com uma pesquisa nos perfis pessoais (e públicos) do casal Filipe Firmino e Helen Klein em redes sociais foi possível encontrar informações sobre o surgimento da escola de coaching. De acordo com uma postagem feita por Filipe Firmino no Instagram, o estabelecimento da UCC aconteceu em meados de 2019, quando Firmino tomou a decisão de se desligar de sua carreira de 13 anos como militar da Força Nacional para se dedicar ao coaching junto de sua esposa. Desde então, ambos dividem o trabalho com os cursos oferecidos primordialmente – mas não exclusivamente – em âmbito virtual pela Universidade.

O site da UCC define Helen Klein como especialista em Desenvolvimento Humano, master coach e mentora de pastores e líderes. Ela também é responsável pela ministração do curso online *Protagonize suas Emoções*<sup>29</sup>. A descrição enfatiza que o treinamento trabalha a inteligência emocional a partir de princípios cristãos e de três pilares: Mentalidade Protagonista, Mapeamento de Autossabotadores e Potencialização de Novas Crenças. As áreas abordadas, no contexto geral do desenvolvimento da inteligência emocional, são a financeira, a profissional, a emocional, a de saúde e a de relacionamentos. Já a Formação em Coaching Cristão, que conta com a participação de Helen Klein e de Filipe Firmino, é voltada para a certificação em Coaching Cristão de: a) pastores e líderes cristãos; b) coaches e treinadores comportamentais; c) terapeutas, psicólogos e psiquiatras cristãos; e d) líderes empresários e empreendedores. O curso aborda uma lista extensa de conteúdos, tais como: a) O Coaching para projetar o cristão nas esferas de influência; b) Coaching submetido à Palavra de Deus; c) O propósito do Coaching Cristão para a sua vida; d) O Coaching nasceu no Éden; e) A didática de Jesus através das perguntas; f) A Neurociência e a Bíblia; g) Ferramentas de desbloqueio emocional através da Palavra; h) Recursos potencializadores para transformação pessoal e ministerial; e i) Planejamento pessoal e ministerial. A formação é dividida em dois módulos, sendo o primeiro 100% online e o segundo em formato híbrido, com acesso a nove sessões de coaching em grupo.

À semelhança do Instituto Resonare, a Universidade Coaching Cristão estabelece um coaching voltado primordialmente para um público cristão e baseado em princípios da Bíblia. Como afirma a definição da missão da instituição exposta em seu site: “Somos uma escola de desenvolvimento humano com a missão de equipar e potencializar vidas e ministérios através da neurociência e da metodologia de coaching com a centralidade nos princípios bíblicos”. A

---

<sup>29</sup> Em 10 de julho de 2023, data da consulta ao site da UCC, o curso era oferecido pelo valor de 297 reais.

UCC também assume a forma institucional e a identidade de um coaching cristão, com a particularidade de enfatizar, no conteúdo programático de sua Formação em Coaching Cristão, aspectos teológicos que não estão presentes na iniciativa abordada anteriormente. Conteúdos como “o coaching para projetar o cristão nas esferas de influência”, “o nascimento do coaching no [Jardim do] Éden” e “a didática de Jesus através das perguntas” fazem referência a uma série de pressupostos teológicos que ampliam o escopo do coaching e do desenvolvimento pessoal não na direção de um acoplamento a um filtro bíblico, mas de uma configuração que radicaliza essa relação, inserindo concepções sobre o coaching no interior da própria hermenêutica bíblica.

Uma outra instituição espelha uma segunda tendência de relação do coaching com o cristianismo, sem a produção de uma identificação com a ideia de coaching cristão representada pelo Instituto Resonare e pela UCC. Trata-se do Instituto Advento (IA), fundado em 2014 por Marcos Martins de Oliveira, coach, palestrante, escritor, diácono e ancião da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD)<sup>30</sup>. Bacharel em Teologia, graduado em Pedagogia, mestre em Ciências Sociais da Religião pela Faculdade de Teologia da Bahia (Fatecba) e detentor de outros títulos acadêmicos de graduação e pós-graduação, Oliveira se define como coach e terapeuta e trabalha a partir de seu estado, o Espírito Santo, como CEO do IA e colaborador de organizações como a Associação Brasileira dos Profissionais de Coaching (ABRAP) e a Associação Brasileira dos Terapeutas Holísticos (ABRATH). De acordo com o site do Instituto Advento, sua atuação profissional envolve cursos, palestras e congressos realizados em empresas, escolas, faculdades, prefeituras e igrejas em onze estados brasileiros mais o Distrito Federal, além da produção e ministração de cursos online pagos e gratuitos através da instituição que lidera. O site faz menção a vários dos eventos de que Oliveira participa, destacando a menção honrosa recebida pelo coach na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo em 10 de novembro de 2016, por ocasião de uma sessão solene que comemorava o Dia Estadual do Coach<sup>31</sup>.

A lista de cursos pagos do Instituto Advento inclui as formações de Terapeuta Emocional (Especialista em Inteligência Emocional), Coach e Mentor, Terapeuta Financeiro, Master Coach de Relacionamentos, Inteligência Socioemocional para Educadores, Terapeuta

---

<sup>30</sup> Instituto Advento. Disponível em: <https://institutoadvento.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023. Uma breve nota sobre os cargos ministeriais ocupados por Oliveira em sua igreja: no adventismo, a função de diácono corresponde ao auxiliar prático de organização da igreja; já ancião, que não deve ser confundido com uma configuração etária, é o segundo cargo de liderança mais importante em uma comunidade local, logo depois do de pastor.

<sup>31</sup> Data instituída pela Lei Estadual nº 10.425/2015. Conferir: Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo. “Lei nº 10.425”. Disponível em: <https://www3.al.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/10.425.htm>. Para a referida homenagem, ver: Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo. “Profissionais de coaching são homenageados na Ales”. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2016/11/31519/profissionais-de-coaching-sao-homenageados-na-ales.html>. Acesso a ambos os links: 10 jul. 2023.

Socioemocional, Coach Educacional, Palestrante de Impacto e PNL<sup>32</sup> para Coaches<sup>33</sup>. Dentre os cursos gratuitos, encontram-se alternativas como Mapeamento Emocional, Você + Saudável, Mulher Plena e Conceitos Bíblicos sobre Inteligência Emocional. As opções de formação promovidas pelo IA abrangem temas como família, educação e saúde, ampliando o leque de temáticas trabalhadas para além de finanças, vida profissional e emoções. Não há nenhuma menção a elementos cristãos nas símulas dos cursos ou na definição dos objetivos do IA, o que situa o coaching proposto por Marcos Martins de Oliveira como um coaching formulado a partir do cristianismo, mas voltado para temas diversos e para um público indeterminado. Exceções à regra são os cursos gratuitos Conceitos Bíblicos sobre Inteligência Emocional e Você + Saudável. O primeiro propõe uma leitura bíblica do conceito de inteligência emocional em um contexto de “reavivamento e reforma”, enquanto o segundo estimula o desenvolvimento de uma vida saudável com base em conselhos bíblicos. Ambos são temas caros à teologia e às práticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia<sup>34</sup>. Se uma identidade denominacional se articula com a fé e a atuação religiosa de Oliveira e se torna explícita no nome de sua instituição, as concepções adotadas nos cursos e processos de coaching não necessariamente a acompanham. A ausência de referências ao cristianismo na composição dos cursos não sugere que os mesmos sejam isentos de influências cristãs. Mas, ao menos, indica que a “cosmovisão bíblico-cristã”, ou o que lhe corresponda, pode assumir um outro estatuto no IA: o de um coaching *feito por* cristãos que não se confunde, em seus termos próprios, com um coaching que se reivindica como cristão.

Duas alternativas, finalmente, compõem a terceira e a quarta tendências de cursos e treinamentos que aqui destaco como parte de um primeiro grupo de oferta de produtos e serviços em coaching em conexão com o cristianismo. Há nelas uma particularidade regional: ambas têm origens no Rio Grande do Sul. A primeira delas é o Coaching Teológico, elaborado pelo sociólogo e teólogo Ederson Menezes<sup>35</sup>. O currículo de Menezes na rede social LinkedIn dá conta de que o coach possui mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Unicruz, licenciatura em Sociologia pela Unijuí e bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira de Ijuí/RS, além de diversas outras formações. A relação com o universo batista

---

<sup>32</sup> PNL é a sigla para Programação Neurolinguística, abordagem utilizada em diversos processos de coaching.

<sup>33</sup> Em 10 de julho de 2023, o valor da inscrição individual nos cursos pagos variava entre 60 e 3.000 reais.

<sup>34</sup> Conferir o trabalho de Ribeiro (2006), a propósito do lugar que os conselhos dietéticos ocupam na teologia e na cosmovisão adventistas, em relação com o profetismo de Ellen G. White e com a escatologia da denominação.

<sup>35</sup> A oferta do curso Coaching Teológico está disponível na plataforma de hospedagem Hotmart: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/coaching-teologico/128552814R>. Conferir também o site pessoal de Ederson Menezes: <https://edersonmenezes.com.br/>. Acesso a ambos os links: 10 jul. 2023.



é neste caso bastante evidente. Menezes foi professor de cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade Batista Pioneira, tendo também trabalhado por 17 anos como líder institucional de igrejas batistas em Santa Maria/RS, Cascavel/PR e Panambi/RS, desenvolvendo atividades de gestão de equipes, gestão de projetos, treinamentos, ensino, mentoring e counseling. Em 2017, Ederson Menezes fundou em Ijuí/RS o Instituto Learning, projeto pessoal destinado a divulgar seus treinamentos, e passou a se dedicar integralmente ao trabalho com o coaching.

Na página em que é anunciado, o Coaching Teológico é definido como um “método de discipulado bíblico e cristocêntrico para mais vida com Deus, maturidade cristã e edificação de igrejas saudáveis”. O valor pecuniário de aquisição do curso é de cerca de 200 reais e sua estrutura se dá a partir de cinco módulos em ambiente 100% online: a) Mais vida com Deus; b) Autoconhecimento espiritual; c) Aprendendo a planejar e viver de acordo com a vontade de Deus; d) Plano de desenvolvimento espiritual e e) Conhecendo e usando recursos espirituais. O curso é destinado para um público formado por “cristãos, líderes espirituais, discipuladores e conselheiros” e tem a seguinte enunciação de seu objetivo: “Supere a religiosidade vazia, a graça barata e o Evangelho sem renúncia”. A ênfase é posta sobre a formação de lideranças cristãs, através do desenvolvimento espiritual para a “edificação de igrejas saudáveis”, em linha com o propósito do trabalho que Menezes realizou como líder institucional em igrejas batistas.

A oferta de cursos/treinamentos por coaches que estabelecem instituições com forte marca pessoal é uma constante neste primeiro grupo, como tem sido possível perceber até aqui. Isso também se confirma no tocante a formações sem vínculo direto com os propósitos gerais mantidos pelas escolas de coaching, mas que encontram no cristianismo um nicho de mercado viável. É o caso da Formação em Coaching para Pastores e Líderes Cristãos proposta por Luis Lindner, CEO do Instituto Neurocientífico/Supercoach Treinamentos. O projeto desta instituição, com sede em Porto Alegre, é integrar o coaching à neurociência e à inteligência artificial para desenvolver as emoções e a cognição humanas a partir das ferramentas tecnológicas mais avançadas encontradas à disposição. O principal produto do Instituto Neurocientífico é o Supercoach, um programa de coaching realizado exclusivamente por meio de inteligência artificial. No site do Supercoach, a interface da tela responde automaticamente ao que é escrito e remete potenciais alunos à inscrição nos cursos oferecidos pela instituição.<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> Conferir dois sites: Instituto Neurocientífico. Disponível em: <https://institutoneurocientifico.com.br/> e Programa Supercoach. Disponível em: <https://supercoach.com.br/>. É na tela inicial do segundo site que é possível dialogar com a inteligência artificial e se inscrever no processo de coaching. Acesso a ambos os links: 10 jul. 2023.



De acordo com o site de divulgação da Formação em Coaching para Pastores e Líderes Cristãos, o curso não é orientado pela inteligência artificial, mas se utiliza de modelos extraídos da neurociência para proporcionar aos seus alunos “os melhores recursos para [a] eliminação de *gaps*, bloqueios e impasses”, integrando-se com “técnicas fundamentais da Programação Neurolinguística, do trabalho focado na solução, da Hipnoterapia, das Constelações Sistêmicas, do Dialogo Sistêmico e do Construtivismo”. Toda essa gama de conceitos e práticas é relacionada com o universo da neurociência. Eis uma definição mais sucinta e elucidadora: “O objetivo deste programa é aparelhar e formar ministros cristãos coaches com ferramentas e habilidades cognitivas, emocionais e relacionais para tornarem-se profissionais especializados em identificar e eliminar lacunas em atendimento a *clientes* (grifo meu) através de *assessments*, técnicas e ferramentas para [a] prática do coaching”<sup>37</sup>. Note-se que a referência ao público atendido pelos líderes cristãos e pastores é a de clientes, e não a de fiéis, cristãos ou algo similar. O termo sugere uma passagem específica entre o coaching e uma lógica cristã, onde os sujeitos do processo de coaching são identificados como clientes e os líderes e pastores formados como coaches são situados *também* como fornecedores de um serviço de desenvolvimento pessoal.

### **1.1.2 – Coaches cristãos e empreendedorismo de palco**

Em dissonância com as iniciativas anteriormente abordadas, é possível constatar ainda instituições, produtos e serviços em coaching que se associam com o cristianismo, mas que não se enquadram nas identificações ou nos modos de ação de um coaching cristão ou de um coaching voltado para temas cristãos, fugindo à sombra das quatro tendências já explicitadas. Este segundo grupo reúne cursos, treinamentos e metodologias propostos por coaches que se definem como cristãos, circulam em redes religiosas e estruturam carreiras associadas ao empreendedorismo de palco, tornando-se palestrantes, escritores, influenciadores digitais e figuras públicas com maior ou menor popularidade, sobretudo no universo das mídias e redes sociais. Tais coaches não fundamentam suas práticas e metodologias em objetivos, conteúdos e audiências marcadamente cristãs, nem tampouco restringem sua atuação ao ambiente online. Disponibilizam, para além de produtos digitais, treinamentos presenciais sob o formato de

---

<sup>37</sup> Plataforma Udemy. “Formação em coaching para pastores e líderes cristãos”. Disponível em: [https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?utm\\_source=adwords&utm\\_medium=udemyads&utm\\_campaign=Webindex\\_Catchall\\_la.PT\\_cc.BR&utm\\_term=.ag\\_114148736799.ad\\_485704569539.de\\_c.dm.pl.ti\\_dsa-1093084090524.li\\_1001674.pd.&gclid=CjwKCAjw2K6lBhBXEiwA5RjtCeBSOJL27DCU0K\\_wAEcm5SYKp2afwv6sKcyslD2v9ce0DWBqCgrGTRoC9EcQAvD\\_BwE](https://www.udemy.com/course/formacao-em-coaching-para-pastores-e-lideres-cristaos/?utm_source=adwords&utm_medium=udemyads&utm_campaign=Webindex_Catchall_la.PT_cc.BR&utm_term=.ag_114148736799.ad_485704569539.de_c.dm.pl.ti_dsa-1093084090524.li_1001674.pd.&gclid=CjwKCAjw2K6lBhBXEiwA5RjtCeBSOJL27DCU0K_wAEcm5SYKp2afwv6sKcyslD2v9ce0DWBqCgrGTRoC9EcQAvD_BwE). Acesso em: 10 jul. 2023.

imersões e workshops que se destinam a um público coletivo indistinto e que se concretizam e são disponibilizadas através da estrutura de institutos e/ou escolas de coaching particulares<sup>38</sup>.

Um exemplo desse tipo de atuação é o de Pablo Marçal, mencionado no trecho inicial deste capítulo. Os treinamentos ministrados pelo coach versam sobretudo sobre a temática da prosperidade, concebida em sentido lato como a habilidade dos indivíduos de “governarem as próprias vidas”, ou de desenvolverem o “autogoverno”. Um *trailer* de divulgação do Método IP, metodologia de coaching criada por Marçal, é elucidativo a esse respeito<sup>39</sup>. Nele o coach comenta, em um de seus treinamentos, sobre os “bloqueios” que impedem uma pessoa de “ativar o seu propósito” de sucesso, creditando ao diabo (Satanás) o papel de principal agente bloqueador da prosperidade. Uma cena de cortes antecipados no início do vídeo, mas que só pode ser compreendida em sua integralidade, apresenta um jovem que é desafiado a medir forças – literalmente, a lutar – corporalmente com o coach no palco. Depois de alguns instantes, o jovem é dominado por Marçal, que o ordena a repetir: “Fala assim: eu desconecto de todas as pessoas que estão nas minhas costas! (...) Eu assumo o comando! Eu volto a florescer!”. Obedecido, o coach pede para o jovem decretar, como se estivesse em uma sessão de autoexorcismo: “Sai das minhas costas agora!” A luta física entre ambos expressa o exorcismo ambíguo do quê (ou de quem) está agindo de modo a barrar a prosperidade – no plano espiritual, forças diabólicas, mas também a própria inação do indivíduo frente ao que o prende. É preciso, pois, expulsar a incapacidade de vencer na vida. Na apoteose, há um pedido de calma: “Respira. No três, dois, um [sequência decrescente], [solte] aquele grito pra rasgar a sua alma”. O desfecho é o do grito estridente do desafiado, que culmina na libertação das amarras diabólicas que, segundo Marçal, impediam o “desbloqueio” do jovem para uma vida de prosperidade.

Recompostos e sentados em um sofá no palco, o coach e o jovem analisam o que se aprendeu com a luta. A “derrota” do desafiado é reconhecida por Pablo Marçal como o resultado de uma “energia” que não foi utilizada corretamente, a despeito da vantagem que o primeiro detinha em termos de força física. A plateia reage ao diagnóstico provocando o jovem com insultos tais como “você é fraco!” e “inútil!”, que se traduzem como novos desafios. Inquieto,

---

<sup>38</sup> Paulo Vieira e seu Coaching Integral Sistêmico (Método CIS) se enquadram nessa tendência de coaching relacionada com o cristianismo a partir de um empreendedorismo de palco. Não o abordo, no entanto, no escopo deste capítulo. Dedico toda a segunda parte da tese a abordar essa metodologia e os seus modos de incidência.

<sup>39</sup> Blog Pablo Marçal. “O que é o Método IP”. Disponível em: <https://blog.pablomarcal.com.br/o-que-e-o-metodo-ip/>. Acesso em: 11 jul. 2023. Apesar do *trailer* em questão ser acompanhado de um texto que explicita os objetivos e o modelo do Método IP (baseado na Programação Neurolinguística e focado em “desbloqueios cerebrais” para a “ativação da identidade” e a “clarificação de propósito”), não há nenhuma menção feita ao que a sigla “IP” significa. Todas as buscas que empreendi no sentido de descobrir o seu significado foram em vão. Suponho que haja em torno da sigla algum tipo de segredo, revelado apenas a quem frequenta os treinamentos de Pablo Marçal.

ele parte novamente para cima do coach, desta vez com uma nova “energia”. O vídeo volta à cena onde o jovem é “desbloqueado”, enfatizando o poder da libertação gerado pelas palavras de decreto sobre o diabo e pela lição sobre “energia” ensinada por Pablo Marçal. É notável a semelhança da dinâmica de coaching exposta no vídeo com um ritual cristão de exorcismo. Entretanto, é mister sublinhar que não se trata de uma ação de expulsão do diabo conforme modelos consagrados principalmente em igrejas carismáticas e (neo)pentecostais (cf. Almeida, 2009; Corten, 2005; Oro, 2005; Tadvall, 2005), senão de uma espécie de ritual do “desbloqueio”: um autoexorcismo do insucesso e da não prosperidade através do coaching.

Outras faces do coaching de Pablo Marçal se constituem a partir de elementos cristãos que dialogam amplamente com uma linguagem de ordem econômica. Os vídeos em seu canal no YouTube dão testemunho dessa ênfase, a começar pelos títulos usuais que os nomeiam: “Desbloqueie sua prosperidade”, “O segredo para ficar rico em tempo recorde”, “Como ficar milionário em 2023”, “Os 20 códigos para o sucesso”, dentre outros. Noções como “desbloqueio”, “destravamento”, “código” e “chave” são mencionadas diversas vezes nos vídeos e treinamentos em um sentido duplo, remetendo a aspectos espirituais e materiais. O “desbloqueio” enfatizado no episódio do “autoexorcismo”, por exemplo, é tomado simultaneamente como uma libertação de forças malignas e como uma superação espiritual da incapacidade individual de alcançar a prosperidade. Marçal também reproduz frequentemente frases como “pega essa chave”, “Deus vai desbloquear algo em você” e “esse é um código de Deus para você”, expressões que têm sido largamente difundidas em cultos contemporâneos no meio evangélico para atribuir ênfase ao que não deve passar despercebido da audiência.

Mas nada é mais clarividente a esse respeito do que a proposição da agenda política do “governalismo” pela pré-candidatura de Pablo Marçal à Presidência da República em 2022. A postulação do coach ao pleito foi inaugurada em um evento denominado “O destravar da nação”, que reuniu cerca de 20 mil pessoas na tarde de 1º de maio de 2022 em um estádio de futebol em Barueri, na região metropolitana de São Paulo. O ajuntamento mesclou as formas de um comício, um treinamento de coaching e um show gospel. Ingressos foram vendidos como entrada e o valor foi revertido para o financiamento da pré-candidatura de Marçal. Cantores e bandas reconhecidos no universo da música gospel, como David Quinlan e Casa Worship, e assessores e lideranças do partido de Marçal, o PROS, se intercalaram no palco por mais de sete horas, durante as quais o público presente no estádio orava, cantava e ouvia palestras sobre temas como inteligência emocional e empreendedorismo<sup>40</sup>. Vestindo uma camiseta da seleção

---

<sup>40</sup> Conferir a íntegra do evento em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kgdNnK6Djo>. Acesso em: 12 jul. 2023.

brasileira de futebol, portando um boné de Ayrton Senna e envolto por uma bandeira do Brasil ao longo de todo o evento, Marçal foi apresentado como pré-candidato do PROS ao Executivo federal, embora o partido estivesse naquele momento dividido por rachas internos e a definição de sua diretoria dependesse de um processo de judicialização em curso<sup>41</sup>. Explorando ao máximo as cores da bandeira nacional e com um discurso de tom patriótico, o coach apresentou suas ideias para conduzir o Brasil através do que chamou de “governalismo”. Tratava-se, em linhas gerais, da exposição de uma agenda política que unia os pressupostos do coaching de Marçal a conceitos do liberalismo econômico e a um conservadorismo moral de apelo religioso.



Figura 1.1 – Pablo Marçal no lançamento de sua pré-candidatura à Presidência da República. Fonte: Israel Carvalho/Gama Cidadão. Disponível em: <https://www.gamacidadao.com.br/pablo-marcal-lanca-pre-candidatura-a-presidencia-da-republica-pelo-pros/>. Acesso em: 24 dez. 2023.

<sup>41</sup> SBT News. “Em meio a racha, Pros lança pré-candidatura de Pablo Marçal a presidente”. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/eleicoes/207000-em-meio-a-racha-pros-lanca-pre-candidatura-de-pablo-marcal-a-presidente>. O presidente do PROS à época do evento, Marcos Holanda, apoiava a pré-candidatura de Pablo Marçal. No entanto, com o parecer favorável da Justiça Eleitoral a um processo de retomada da direção nacional do partido por seu ex-presidente, Eurípedes Júnior, a pré-candidatura foi retirada, sendo oficializado o apoio do partido à chapa de Lula (PT). Ver: CNN Brasil. “Pros retira candidatura de Marçal e anuncia apoio a Lula”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pros-retira-candidatura-de-marcal-e-anuncia-apoio-a-lula/>. Diante do impedimento, Marçal se candidata a deputado federal por São Paulo e é eleito com mais de 240 mil votos (uma votação maior que a de Marina Silva, Baleia Rossi, Marco Feliciano e outros políticos tradicionais), mas sua candidatura é indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por insuficiência de documentação. Ver: Câmara dos Deputados. “TSE indefere candidatura de Pablo Marçal (Pros); vaga passa a ser ocupada por Paulo Teixeira (PT)”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/916291-tse-indefere-candidatura-de-pablo-marcal-pros-vaga-passa-a-ser-ocupada-por-paulo-teixeira-pt/>. Em fevereiro de 2023, após não alcançar a cláusula de barreira nas eleições gerais de 2022, o PROS foi incorporado por outro partido, o Solidariedade. Ver: CNN Brasil. “TSE aprova fusão entre Pros e Solidariedade”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-aprova-fusao-entre-pros-e-solidariedade/>. Acesso a todos os links: 12 jul. 2023.

Para o Brasil prosperar, segundo Marçal, seria necessário “destravar” os seus cidadãos e “ativá-los” como líderes e “governantes” de si mesmos, fazendo com que assumissem uma mentalidade empreendedora e passassem a ser fonte de riqueza para o país. As suas primeiras ações como presidente seriam criminalizar o aborto sob qualquer circunstância, tipificando-o no Código Penal como homicídio, e encaminhar ao Congresso um projeto de lei que decretaria “não ser mais proibido prosperar no Brasil” (sic). O câmbio de mentalidade preconizado pelo coach assumiu diversas vezes em seu discurso a forma de uma *metanoia*, expressão do grego antigo presente na Bíblia que remete às ideias de conversão, arrependimento e transformação do pensamento e das atitudes. Na vinculação da ideologia do “governalismo” a um “ato profético” através do qual Marçal afirmava ter sido escolhido por Deus como o próximo presidente da República, as tarefas de “destravamento” e “desbloqueio” dos indivíduos eram por ele assumidas como um projeto político e como um desígnio divino para a nação. Seria da vontade de Deus, tal como revelada a Marçal, que o Brasil sob seu comando se tornasse um país “nem capitalista, nem socialista”, mas “governalista”. Na esteira desse sistema “nem de esquerda, nem de direita, mas do alto” – segundo a classificação do próprio coach – indivíduos “ativados” para seus propósitos de sucesso empreenderiam e guiariam o crescimento econômico, inaugurando uma época de prosperidade em que o Brasil alcançaria, até o ano de 2032, os índices de país mais rico e desenvolvido do mundo. O “governalismo” estabeleceria, dessa forma, a extensão de um governo de si ao conjunto da sociedade, com efeitos sociopolíticos e econômicos que partiriam de uma determinada lógica cristã da prosperidade. De acordo com essa lógica, o “desbloqueio”, “ativação” ou “destravamento” para o sucesso, operado com o auxílio de Deus em nível individual, contagiaria todo o tecido social e se traduziria em termos político-econômicos como o espírito empreendedor de um país renovado.

Precisamente neste ponto, retomo a entrevista de Marçal a “O Antagonista”, em que o coach declara não ser adepto de uma religião e se define simplesmente como cristão. Para além disso, ele rechaça o rótulo religioso e atribui ao cristianismo um estatuto de estilo de vida. O *lifestyle* de Marçal é tomado por ele como um modo de pensamento englobante, um componente central de sua identidade pessoal e, portanto, como um elemento indissociável de suas práticas de coaching. Nem o trabalho como coach é definido por Marçal a partir de uma identidade religiosa, nem tampouco sua candidatura; o cristianismo-*lifestyle* é concebido em uma negação da ideia de religião e em uma aderência a uma sorte de componente ontológico que opera como perspectiva global do indivíduo, aplicando-se ao desenvolvimento pessoal e à política. Sugiro que é exatamente por se configurar como um estilo de vida que o cristianismo de Pablo Marçal

não depende de uma identificação com uma denominação ou uma doutrina religiosa para funcionar em conjunto com o coaching e com o projeto político do “governalismo”. Isso ocorre porque tal concepção se desenvolve em uma apropriação muito particular dos significados sobre o que seja cristão, resultante da dinâmica de pluralização da composição das trajetórias religiosas individuais na contemporaneidade (Hervieu-Léger, 2008). É fato constatado que as identidades transmitidas pela tradição e a pertença denominacional não ocupam mais o peso de outrora, cedendo espaço à flexibilidade e à seletividade nos modos de construção das biografias e percursos individuais. Neles, a relação com o religioso passa às vezes a prescindir da própria religião. Em entrevistas concedidas ao longo de sua pré-candidatura, Pablo Marçal fez referências à sua participação na Assembleia de Deus durante a infância e a adolescência, sem mencionar uma continuação dos laços de pertença com relação à igreja. De fato, não foi possível constatar, acompanhando a trajetória de Marçal, se ele hoje se vincula a qualquer instituição religiosa. Mas a relação que o coach mantém com referências cristãs, em sua atuação como coach e político, é evidente, não obstante contorne estruturas religiosas institucionais e fuja ao controle do que é comumente definido como religião. O que é cristão, notemos, se atualiza em elementos como o autoexorcismo para a prosperidade, a aproximação com agentes da música gospel, o vocabulário cúltico, os apelos morais, a ideia de uma missão instituída por Deus, etc.

É também como uma missão inspirada por Deus que Marcos Fiel, criador do Instituto Academy Mind, entende seu trabalho com o coaching. O site da instituição traz uma descrição do propósito de vida de seu fundador: “Marcos Fiel acredita que cada pessoa é um projeto de Deus criado para dar certo (...) Marcos nasceu para ajudar você a desbloquear tudo o que te impede de prosperar e ser o que nasceu para ser, expandindo sua mentalidade”<sup>42</sup>. O coach, que também é CEO de uma holding de empresas que se dedica a diferentes segmentos de mercado, publicou recentemente um livro chamado *Você é um projeto de Deus criado para dar certo* (Fiel, 2023), no qual reforça a ideia de que o destino traçado por Deus para os indivíduos é a prosperidade e o sucesso. Em sua obra, ele menciona que a rota para esse destino pode ser perdida ao longo da vida, mas que é possível a todo indivíduo “entender o que está atrapalhando” o caminho para “viver tudo aquilo que nasceu para viver” (ibid., p. 24). Encontra-se aqui, novamente, sem que agora se cite a figura do diabo como “bloqueador” da prosperidade, o relevo atribuído à tarefa de corrigir distorções e superar limitações, sobretudo de cunho emocional, para gerar o “desbloqueio” de um destino afortunado instituído por Deus.

---

<sup>42</sup> Instituto Academy Mind. Disponível em: <https://www.academymind.com.br/>. Acesso em: 12 jul. 2023.



Os treinamentos de Marcos Fiel assumem a forma de imersões de dois a quatro dias e são realizados em hotéis e centros de convenção de capitais e cidades médias brasileiras, onde se busca estimular a superação dos “bloqueios emocionais” dos clientes através de uma série de técnicas e ferramentas trabalhadas intensivamente ao longo de horas em sequência. *Acorde sua mente*, *Confronto* e *Missão Prosperar* são os três treinamentos/imersões do Instituto Academy Mind atualmente disponíveis para inscrição. Neles são abundantemente explorados elementos cristãos, como versículos e histórias bíblicas e a noção fundamental do indivíduo como um “projeto de Deus”, sem que haja uma demarcação de público ou a adoção de uma etiqueta cristã. Marcos Fiel, assim como Pablo Marçal, não é um pastor ou liderança religiosa. Mas isso não o impede, com efeito, de fazer funcionar junto ao coaching uma gramática cristã que opera deslocada da igreja e da religião. O que é cristão está presente no coaching de Marcos Fiel como parte de um “projeto” de prosperidade universal que, entretanto, não se restringe a um público e a aspectos exclusivamente religiosos. Todos são um “projeto de Deus” para a prosperidade. Estaríamos, pois, diante da prática de uma sorte de cristianismo não religioso?

Tiago Brunet é uma terceira possibilidade a ser considerada no quadro dos coaches cristãos que atuam como empreendedores de palco e cujo principal serviço são os treinamentos presenciais massivos. Este último caso se situa em uma direção levemente diferente em relação a Pablo Marçal e Marcos Fiel, a começar pelo fato de que Tiago Brunet é pastor, líder e fundador do Ministério Casa de Destino. Esse ministério não funciona como uma igreja física, com templos, cultos, fiéis regulares e departamentos específicos; trata-se, outrossim, da junção de mensagens, vídeos, treinamentos, mentorias e conferências que o coach e pastor ministra a partir de sua metodologia própria, o Método Destiny, em colaboração com sua instituição de coaching, o Instituto Destiny<sup>43</sup>. As principais atividades consistem na *Conferência Destino*, que ocorre uma vez ao ano desde 2017; na *Noite de Destino*, organizada como um tour de conferências de Brunet no Brasil e no exterior; e nas imersões por ele realizadas em excursões a Israel e a Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Essas imersões, denominadas *Inteligência Espiritual e Empreendedores com Propósito*, reúnem um grupo seletivo de pessoas em viagens que duram cerca de 10 dias cada, dedicando-se, no primeiro caso, também ao turismo bíblico. Foi durante uma imersão em Israel, em março de 2022, que Tiago Brunet batizou nas águas do Rio Jordão o também coach Thiago Nigro, conhecido como “Primo Rico” em seu trabalho

---

<sup>43</sup> Há três sites distintos para o ministério, o método e o instituto de Brunet. Conferir: Casa de Destino. Disponível em: <https://casadedestino.com.br/>. Método Destiny. Disponível em: <https://www.metododestiny.com.br/>. Instituto Destiny. Disponível em: <https://www.institutodestiny.com.br/>. Acesso a todos os links: 13 jul. 2023.

como *influencer* digital na área de educação para o mercado financeiro<sup>44</sup>. Desde então, este último tem assumido uma identidade cristã no trabalho e na vida como personalidade pública.

O coaching de Tiago Brunet, de acordo com o site do Instituto Destiny, tem como foco a promoção de cursos, treinamentos, seminários e mentorias voltados ao “desenvolvimento da inteligência e [à] formação de líderes com base na sabedoria milenar”. A descrição do Método Destiny indica que, para dar origem à metodologia, Tiago Brunet se debruçou durante meses junto de “neurocientistas, historiadores, pesquisadores de Harvard, psicólogos, pedagogos e empresários” para estudar o ser humano “e o que vem dando certo há milênios” em termos de desenvolvimento pessoal e solução de problemas humanos, chegando à seguinte conclusão: “A resposta a isso tudo foi um método 100% baseado em princípios milenares e 100% respaldado pela ciência”. A ideia da aplicação de “princípios milenares” aos processos de coaching e desenvolvimento pessoal é central no principal livro de Tiago Brunet, intitulado *Especialista em pessoas: soluções bíblicas e inteligentes para lidar com todo tipo de gente* (Brunet, 2020) e remete à Bíblia, considerada a fonte da “sabedoria milenar” aplicada junto da ciência em sua metodologia. De fato, Tiago Brunet é mais um exemplo a conceber o coaching a partir de elementos bíblico-cristãos, sem, no entanto, defini-lo como um coaching cristão ou religioso.

“Princípios milenares”, “desbloqueio”, “governalismo”, “projeto de Deus”: esses e outros elementos são acionados às margens da religião institucional por atores cristãos que mantêm diferentes graus de associação com o universo evangélico, seja por meio de suas origens religiosas, seja em circulações e influências hodiernas. O cristianismo é requerido ora como estilo de vida, ora como rótulo de um coaching cristão, ora como base universal para concepções de coaching. Mas como classificar as articulações desse(s) cristianismo(s)? No capítulo dois desta tese seguirei observando dimensões constituintes dessa relação e ampliarei o debate para tensões e controvérsias internas ao campo evangélico, a propósito de coaches cristãos e de cristãos identificados com o coaching. Antes disso, porém, permaneço em uma abordagem das conexões entre coaching e cristianismo situadas à margem da institucionalidade representada pelas igrejas. Vejamos, a seguir, como o coaching dialoga com uma série de iniciativas evangélicas/cristãs voltadas historicamente sobre os chamados “saberes psi”.

## 1.2 – Tecnologias psicológicas e saberes psi em articulações evangélicas

---

<sup>44</sup> Guiame.com.br. “Thiago Nigro é batizado nas águas do Rio Jordão: ‘Eu nasci de novo’”. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/thiago-nigro-e-batizado-nas-aguas-do-rio-jordao-eu-nasci-de-novo.html>. Acesso em: 13 jul. 2023.



O coaching tem como valor absoluto o estímulo ao desenvolvimento de potências individuais, em que pese a variabilidade que apresenta em termos tanto teóricos como práticos. Quer se trate de coaching cristão, de coaching voltado para cristãos, de coaching feito por cristãos ou, ainda, de coaching sob outras abordagens, o objetivo régio do processo de coaching é sempre um e o mesmo: o aprimoramento do desempenho pessoal. Os caminhos metodológicos pelos quais esse aprimoramento é trabalhado diferem, bem como as metas estabelecidas em relações diádicas de clientela e em treinamentos coletivos e as concepções que informam técnicas e procedimentos específicos. O horizonte do processo, não obstante, é invariável. O coaching preconiza, *nulla exceptione*, em linguagens cristãs ou não, o atingimento de metas e a conquista da abundância e do sucesso pessoal. Para o alcance do desempenho almejado, o meio de intervenção operado é a subjetividade dos indivíduos. É no âmago do ser humano, em um âmbito relativo a emoções, à mente e a estruturas psíquicas que condicionam resultados que o potencial de cada indivíduo deve ser aprimorado. A mudança, portanto, parte da subjetividade dos próprios indivíduos. *Auxiliá-los* a se tornarem “a melhor versão de si mesmos”, como apregoa um mote popular bem difundido, é missão assumida pelos profissionais de coaching.

As disposições para a ação são construídas no coaching com a admissão da capacidade de crescimento como algo natural a todos os seres humanos, situando-a em um nível psíquico. Invariavelmente, o que diferencia os sujeitos vitoriosos dos sujeitos fracassados, em quaisquer áreas da vida, é a habilidade posta em prática dos primeiros de desenvolver o seu próprio potencial, quando nos últimos esta capacidade se encontraria adormecida ou desativada. A ativação dessas potências pode ser então aprendida e incorporada através das técnicas e ferramentas fornecidas pelo coaching. A aplicação desses instrumentais visa à transformação das condições subjetivas de desempenho individual, fazendo com que cada cliente ou coachee encontre as próprias respostas para alcançar as metas traçadas. É outro absoluto do coaching que um coach nunca dá as respostas, mas ajuda um coachee a encontrá-las. Diante disso, cabe a cada indivíduo despertar *dentro de si* o sucesso, a felicidade e a vida abundante desejadas.

Ao tratar do desempenho humano nessa chave subjetiva, o coaching incide sobre um domínio que é também enfatizado por outros saberes e ciências “psi”. O “despertar” interior do coaching é sistematicamente trabalhado sobre a estrutura psíquica humana, mas essa mesma estrutura é tratada de formas bastante distintas por variados processos de desenvolvimento humano e pessoal, pela psicologia, pela psiquiatria, pela psicanálise e por outros saberes psi. De uma maneira ou de outra, a partir de desenvolvimentos históricos, filiações a tradições intelectuais e condições de emergência sociocultural que não necessariamente são convergentes – em realidade, em alguns casos estes aspectos chegam a ser conflitantes e tomam direções

opostas –, todos esses saberes se ocupam de processos que envolvem a formação e as transformações da psique humana e a experiência psíquica no mundo de um modo geral.

Uma apreciação das diferenças entre saberes, ciências e filosofias sobre a psique não é objeto desta tese, razão pela qual não me estendo em maiores considerações sobre esses ângulos diacríticos específicos. Direciono o olhar, ao invés disso, para apropriações cristãs dos saberes psi, tendo como pano de fundo a aproximação de agentes cristãos com o coaching que vimos acompanhando. Este é um recorte e um movimento que nos permite compreender melhor como o coaching se situa em relação a outros saberes psi e de que forma ele se conecta com o cristianismo e com a religião sob facetas institucionais e extrainstitucionais. O coaching não é um saber psi isolado de outros, e essa constatação nos leva a visualizar sua inserção em um amplo contexto de investimentos cristãos/religiosos sobre os conhecimentos psicológicos.

A história do contato entre cristianismo e saberes psi é plena de mutações que concernem a transformações sociais, religiosas e filosóficas, abrangendo noções múltiplas como psique, alma, sujeito, mente e interioridade. Todo mapeamento dos desdobramentos desse contato deve levar em conta, necessariamente, dinâmicas historicamente distantes no tempo e que conformam entendimentos distintos sobre tais elementos. Uma teia complexa de articulações tem sido germinada ao longo dos séculos em torno da noção cristã de pessoa, deixando como legado o reconhecimento de que a religião cristã desempenhou e segue desempenhando um papel central na formação da visão de mundo, das instituições e dos costumes modernos (Duarte & Giumbelli, 1995). Diacronicamente, o interesse cristão pela formação da pessoa remonta à Antiguidade. A ideia de interioridade humana, associada à concepção de uma alma interna que deve ser educada, santificada e salva do pecado, em contraposição à carne, cujos desejos devem ser combatidos, se encontra presente na religião desde as influências mais precoces da filosofia grega. A alma como *locus* primordial da ação divina ganha relevo com a Reforma Protestante, a partir do século XVI, participando da ascensão da categoria moderna de indivíduo (Duarte, 1983; Jacó-Vilela, 2001). É diante de um regime epistemológico no qual a subjetividade se constitui como o cerne mesmo do indivíduo, ou como a fonte de suas ações, pensamentos, desejos e experiências, que o cristianismo se depara com a institucionalização de todo um *corpus* de saberes psi já nos séculos XIX e XX.

No Brasil, a presença hegemônica do catolicismo o tornou um relevante porta-voz das ideias psicológicas durante o período colonial, o que pode ser evidenciado nos escritos e sermões jesuíticos voltados à catequese da alma dos “curumins” brasileiros (Massimi, 2005). Passados alguns séculos, com a expansão oitocentista de correntes político-filosóficas liberais, republicanas e positivistas vindas da Europa, a religião católica encontra “concorrentes” no que

concerne aos discursos sobre a alma: a prática médica, que passa a localizar fisiologicamente os processos psíquicos desencadeadores do adoecimento e da “loucura” e, posteriormente, a prática educacional, que dialoga com a ideologia higienista em voga nas primeiras décadas da República, estabelecendo a psique como um domínio a ser “civilizado” (Alberti, 1998; Antunes, 1998). Ambos incorporam pressupostos das concepções intelectuais efervescentes no período histórico final do Império e inicial da República, bem como da psicologia científica que alhures se institucionalizava mais precocemente. Nesse contexto, setores católicos conservadores disputam com os campos médico e educacional a influência sobre as concepções da “alma” a partir de associações e órgãos de imprensa como o Centro Dom Vital e o jornal *A Ordem*, denunciando o “materialismo” dos novos ventos científicos oriundos da Europa. Imbuída desse espírito, na primeira metade do século a Igreja Católica toma a dianteira da discussão e da formação profissional psicológica. É assim que as universidades católicas se antecipam às públicas e criam os primeiros cursos de Psicologia nacionais na década de 1950.

Jane Russo (2002) alude ao fato de que, na década seguinte, quando a psicologia conta com seus primeiros cursos de graduação em universidades públicas, o escopo de disputa pelo discurso psicológico se amplia, com a criação de uma estrutura institucional desvinculada do catolicismo. A profissão de psicólogo e o curso de Psicologia são regulamentados em 1962, e inicia-se concomitantemente um período de introdução de novas abordagens psi e de uma hegemonia psicanalítica. Este é o momento em que a difusão de uma “cultura psicológica” acontece entre as classes médias urbanas no Brasil, ao mesmo tempo em que o espaço público se encontrava fechado pelo regime militar e suas medidas de endurecimento da repressão. O campo psi se recompõe e se pluraliza inclusive em termos de disputas religiosas. Novos atores surgem para além do catolicismo, com destaque para os evangélicos. Instituições são consolidadas tendo em vista perspectivas inseridas em um quadro heterogêneo. O interesse cristão pelos saberes psi se dinamiza e encontra novas questões sociais pelo caminho. Já não se trata mais da busca religiosa de um monopólio sobre os conhecimentos de ordem psicológica, mas da convivência de concepções e práticas sobre os saberes psi cada vez mais plurais.

No âmbito protestante, iniciativas como o Centro Acadêmico de Debates e Estudos de Psicanálise (CADEP), criado em 1967 e fundado em 1968 enquanto entidade jurídica, e o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), cuja formação data de 1976, adentraram esse campo de disputas promovendo estudos e discussões, formando profissionais e expandindo perspectivas sobre psicologia, psicanálise e psiquiatria nem sempre coincidentes com os pressupostos defendidos pelos órgãos de regulação profissional. O CADEP, por exemplo, esteve imerso em conflitos com o Conselho Federal de Medicina que envolveram, no decorrer

da década de 1970, o direito à formação de psicanalistas e a regulamentação dessa profissão. Já o CPPC, congregando psiquiatras, psicanalistas e psicólogos, esteve menos interessado com a formação profissional em si e mais com o debate intelectual sobre a articulação entre saberes psi e teologia cristã. A tese de Emílio Nolasco de Carvalho (2007) detalha e analisa minuciosamente os processos de constituição dessas e outras organizações, sobretudo as de foco psicanalítico, com suas concepções correspondentes. O proeminente Rubem Alves, pastor presbiteriano, educador, poeta, psicanalista e professor de Filosofia da Educação da Unicamp, também é destacado por Carvalho como uma figura de proa desse movimento de aproximação de agentes evangélicos com o universo dos saberes psi, sobretudo a partir dos anos 1980.

As décadas seguintes presenciaram um investimento cada vez mais maciço de segmentos evangélicos nos saberes psi, o que prosseguiu suscitando tensões de diversas ordens no interior desse campo de conhecimento sobre a psique e prática clínica e terapêutica. Degani-Carneiro e Jacó-Vilela (2012) ilustram esse panorama conflituoso com dois exemplos. O primeiro é a proliferação de cursos de formação psicanalítica abertos por e para pastores evangélicos. Dissolvido o CADEP, outras instituições foram criadas a partir de seus ex-alunos, tendo como horizonte de atuação a mesma defesa do direito de formar psicanalistas e da regulamentação da profissão. Uma delas é a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), criada em 1996 pelo pastor batista Heitor Antonio da Silva. Esta organização, a seu turno, foi o germe de uma gama de instituições que passaram a fornecer formação psicanalítica mais rápida e barata que as disponibilizadas pelas sociedades psicanalíticas tradicionais. Tratava-se, nas palavras de Carvalho (2007), de uma “psicanálise para todos”, mas com uma inspiração cristã que as diferenciava das sociedades tradicionais, guiadas por perspectivas seculares. Os embates com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e com as sociedades de psicanálise se tornaram mais frequentes e atingiram temas de grande repercussão na opinião pública. Um deles é exatamente o segundo exemplo, caracterizado pelo surgimento e pela organização de ministérios e projetos de “cura” da homossexualidade (ver Natividade, 2006). Psicólogos evangélicos tomaram a frente dessas iniciativas e as embasaram em pressupostos do conhecimento psicológico que foram rechaçados pelo CFP ainda no final da década de 1990<sup>45</sup>.

Esses embates poderiam sugerir que evangélicos às voltas com práticas psicológicas e psicanalíticas ajam influenciados unicamente por motivações religiosas, ou que pressupostos religiosos sobre processos psíquicos sejam incongruentes com posições seculares. Mas reduzir a problemática a esses termos significa validar algumas experiências como universais e

---

<sup>45</sup> A Resolução nº 01/1999 do CFP “determina que os psicólogos não podem promover nenhum tratamento que patologize a homossexualidade ou ofereça-lhe cura” (Degani-Carneiro & Jacó-Vilela, op. cit., p. 78).

desconsiderar a possibilidade de perspectivas evangélicas diversas sobre os saberes psi e sobre temas como a “cura” psíquica da homossexualidade. Com efeito, Degani-Carneiro (2013) aponta para gradações nas formas pelas quais psicólogos evangélicos compreendem sua atuação profissional em relação com a religiosidade. Com base em uma pesquisa empírica, o autor verifica um espectro de posições ambivalentes que vai da total influência e irredutibilidade da religiosidade sobre a prática profissional a um padrão de neutralidade e separação estrita entre psicologia e religião. De maneira geral, constata-se nos depoimentos e práticas dos psicólogos evangélicos uma indissociabilidade entre a visão de mundo influenciada pela religião e a prática profissional, mas, ao mesmo tempo, atesta-se e é reconhecida a necessidade ética de suspensão do juízo para que a visão religiosa do terapeuta não se interponha para o cliente. Pode haver, portanto, tanto uma percepção rígida dos processos psicológicos de acordo com padrões religiosos pré-estabelecidos quanto adaptações e flexibilizações entre os dois polos – psicologia e religião. Isto quer dizer que a apropriação do conhecimento e da prática psicológica por evangélicos não segue um vetor unilinear de influência: dois ou mais psicólogos evangélicos não necessariamente aderirão às mesmas perspectivas unicamente por serem evangélicos.

Os saberes psi engendram uma história descontínua e heterogênea de influências e consequências que se reatualizam no cotidiano de suas práticas. Isso também é verdade para o coaching, que assume contornos próximos da psicologia, sobretudo em versões e correntes menos ortodoxas. Em que pese a psicologia se apresente no Brasil e em outros lugares como uma ciência concebida sob parâmetros regulares, observados de perto por instituições acadêmicas e de regulamentação da atuação profissional, ela não é propriedade dos psicólogos, atores que no campo científico gozam de maior legitimidade que os coaches. A apropriação dos saberes psicológicos pelo coaching atesta a promoção de “vazamentos” do campo científico em direção a novas sínteses que se efetivam socialmente, reorganizando as condições pelas quais a psicologia se constitui como um saber-poder. Desse processo se apercebe o olhar foucaultiano, que propõe uma arqueologia dos saberes e, nesse afã, atribui ênfase à construção de um campo de saberes com foco nos indivíduos e suas interioridades. O discurso científico psicológico é amplamente abordado nas obras de Michel Foucault (Silveira & Simanke, 2010), que o trata em termos históricos e políticos, ou seja, como um construto forjado em meio a disputas sobre o que seja e para que sirva a psicologia. Para Foucault (2014), o poder não impede o saber, antes o produz. Como decorrência, esse pressuposto implica na admissão de que os saberes – incluindo-se aí os “psi” – não são desmontados, anulados ou desfeitos nos seus contatos, mas reconfigurados em meio às transformações a que são submetidos ou das quais são partícipes.

A arqueologia do saber-poder foucaultiana demonstra que os saberes psi, assim como outros discursos científicos, têm sido concebidos historicamente como “tecnologias de si” criadas com o intuito de promover “jogos de verdade” sobre o autoentendimento, o que permite aos indivíduos “efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los [os indivíduos] com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade” (Foucault, 2004 [1982], p. 323-324). Essa definição, acoplada à concepção que o filósofo oferece sobre outros três tipos de tecnologia comumente coincidentes com as tecnologias de si – tecnologias de produção, tecnologias dos sistemas de signos e tecnologias de poder –, reflete de maneira direta os dispositivos de introspecção e de autoaperfeiçoamento que são disponibilizados pelo *corpus* instrumental do coaching. Trata-se o coaching de um saber-poder sobre si, sobre a psique humana e sobre potências e capacidades individuais cuja efetivação como tecnologia psicológica do *self*, ou como instrumento de “governamentalidade”, objetiva organizar e direcionar a conduta dos seres humanos em determinados sentidos, passando pela regulação de seus comportamentos, gestos, pensamentos e emoções em conexão com medidas, instituições, práticas e saberes (Foucault, 2008a).

Essas tecnologias são arranjadas por pontos de conexão que vão além dos cânones científicos estabelecidos e não existem fora de interações com as relações de poder. É possível afirmar que o coaching, tema ao qual aqui nos dedicamos, é uma tecnologia psicológica que suscita, no mais das vezes, embates no campo dos saberes psi<sup>46</sup>. O contato com concepções e instituições que reivindicam certo poder sobre esses saberes é tensa, o que não impede o coaching de se apropriar deles de uma maneira *sui generis*. E, se isso é verdade para o coaching em sentido geral, tanto mais o é em sua associação com o cristianismo. Conferimos anteriormente como as práticas psicológicas por agentes cristãos podem suscitar, em alguns casos, modos de ação e pontos de vista que não necessariamente convergem uns com os outros. Mas, mesmo quando a relação com o cristianismo não se dá em um diagrama institucional, as referências que remetem ao religioso seguem sendo um critério importante na constituição de métodos, técnicas e procedimentos atinentes ao coaching. Este aspecto observamos em todos os casos abordados na seção 1.1, componham o primeiro ou o segundo grupo esquematizados.

---

<sup>46</sup> Conferir, a título de exemplo, a matéria de O Presente. “Onda de ‘coach’ entra na mira do Conselho Federal de Psicologia”. Disponível em: <https://www.opresente.com.br/geral/onda-de-coach-entra-na-mira-do-conselho-federal-de-psicologia/>. Em março de 2019, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) publicou uma nota orientativa aos psicólogos sobre a prática de coaching, demarcando explicitamente os limites entre psicologia e coaching. Ver a nota no site do CFP. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/03/14\\_03\\_2019\\_Nota-Orientativa-sobre-COACHING.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/03/14_03_2019_Nota-Orientativa-sobre-COACHING.pdf). Acesso a ambos os links: 19 ago. 2023.

Relacionado com o cristianismo ou com outras formatações possíveis, o coaching é uma tecnologia politicamente configurada. A sua eficácia como saber psi é múltipla, deriva de sua condição como tecnologia psicológica e não se localiza em um espaço exclusivo – nem físico, nem intelectual, nem científico. Não é somente em instituições, escolas de formação e através de *influencers* que essa tecnologia psicológica se prolifera e ganha relevância, mas também em iniciativas extrainstitucionais que têm como foco o aprimoramento do “eu” sob abordagens diversas. Em muitos casos, é evidente, o cristianismo não é operado como uma etiqueta das práticas e concepções de coaching, mas tangencia formulações fundamentais do coaching. Como nos lembra Nikolas Rose (2011), a conformação das tecnologias de si, ou “tecnologias do self”, é sustentada por autoridades éticas distintas e não excludentes. Podemos supor que o cânone das teorias transpostas dos saberes psi para o coaching é apenas uma delas; certamente, a influência cristã é relevante como uma autoridade que incide sobre a tecnologia psicológica, atuando como uma sorte de cosmovisão que engloba o processo de coaching e é indissociável dele em contextos de prática por agentes cristãos – exatamente à maneira dos psicólogos evangélicos que não deixam de ser psicólogos por ser evangélicos, e vice-versa. Ambas as autoridades éticas podem conviver e se articular sem que haja uma incongruência.

### **1.3 – Empreendedorismo cristão, prosperidade e racionalidade da fé**

A produção, no seio do cristianismo, de uma subjetividade alinhada com o propósito do aprimoramento de si, conquanto estimulada por tecnologias psicológicas como o coaching, é atravessada por consequências político-econômicas mais vastas. Evoquemos o exemplo do empreendedorismo. O coaching preconiza a incorporação de uma disposição empreendedora, no sentido de uma racionalidade de autogoverno que visa a que os indivíduos se tornem “melhores versões de si mesmos”. No plano subjetivo, as emoções e a estrutura psíquica são o foco da ativação do sucesso pessoal; no plano econômico, essa ética do autodesenvolvimento se traduz na ideia de que o indivíduo é seu principal e maior capital, e de que o seu sucesso financeiro e profissional depende única e exclusivamente da própria responsabilidade e capacidade de inovação, disciplina e vontade de crescimento. O empreendedorismo é assumido nos processos de coaching como a tradução política e econômica do autogoverno, não somente em projetos que nascem e se estruturam para ser apresentados no espaço público – como é o caso do “governalismo” de Pablo Marçal anteriormente abordado –, mas também quando as práticas de estímulo ao empreendedorismo acontecem de maneira tópica, sutil e contingente, em expressões que não se organizam como discursos autorreferentes sobre empreendedorismo.

É concepção bastante disseminada que a linguagem do empreendedorismo constitui uma das vigas de sustentação de uma das principais vertentes do cristianismo evangélico no Brasil, o neopentecostalismo. Este parecer encontra guarida na importância da Teologia da Prosperidade para essa corrente religiosa e em seus pressupostos mais basilares, como a ideia de que quanto maior é o sacrifício oferecido, maior será a bênção recebida. Mas, ao contrário do que parte da opinião pública e muitos trabalhos acadêmicos convencionaram afirmar, com tanto mais veemência quanto mais remotos vão-se os tempos, em observação das polêmicas que se tornaram notórias envolvendo lideranças de igrejas neopentecostais, esse modelo teológico e de organização eclesial não reduz os fiéis a indivíduos instrumentalizáveis, que participam de um culto e de uma comunidade religiosa “enganados”, na esteira de uma busca exclusiva por benefícios materiais, explicações rápidas para problemas existenciais complexos e soluções mágicas para todo tipo de enfermidade e aflição cotidianas. Esses fatores podem ser constatados ao lado de outros, como em relação a posicionamentos políticos, que conjugam não uma mera instrumentalização da fé ou a formação de um comportamento de “rebanho”, mas lógicas múltiplas de engajamento (Novaes, 2021; Prandi, Santos & Bonato, 2019; Teixeira & Reis, 2022). É importante sublinhar este ponto, tendo em vista que a respeito do fenômeno da popularização do coaching no seio do cristianismo se comete erro de avaliação semelhante, calcado mais em preconceitos arraigados sobre a prática de coaching e as polêmicas que suscita em torno de si do que na observância de seus efeitos na vida real e concreta dos indivíduos.

Com efeito, há na experiência religiosa neopentecostal uma racionalidade em torno do desenvolvimento pessoal que fornece as bases para uma ética do empreendedorismo de si. Disso dão conta alguns aspectos internos ao campo, sobretudo no âmbito das biografias individuais, que passo agora a explorar em diálogo com a literatura disponível sobre o tema. A Igreja Universal do Reino de Deus nos serve de exemplo paradigmático nessa tarefa, não por ser representativa do conjunto de igrejas do neopentecostalismo – aliás, há muitas particularidades envolvendo as práticas e concepções desta denominação –, mas por apresentar em seu histórico de mais de quarenta anos de existência o desenvolvimento de perspectivas (não só teológicas) e projetos que põem em circulação essa racionalidade. Talvez a mais evidente ação nesse sentido seja o ineditismo na proposição de cultos da prosperidade, também chamados de Congresso para o Sucesso, realizados tradicionalmente nas segundas-feiras. O foco desses cultos semanais – referidos pela própria denominação como “palestras”<sup>47</sup> – é a prosperidade na

---

<sup>47</sup> Ou, ainda mais especificamente, como “palestra motivacional para o sucesso financeiro”. Ver: Templo de Salomão. “Segunda-feira: prosperidade com Deus”. Disponível em: <https://www.otemplodesalomao.com/templo->



vida financeira, temática recorrente em todos os espaços da IURD, mas que recebe nessas reuniões conotação especial por meio de uma associação mais bem trabalhada com a linguagem do empreendedorismo. Dicas para abrir o próprio negócio, ser proativo e organizado, planejar gastos, otimizar o desempenho, obter rentabilidade nos lucros, gerenciar investimentos no mercado financeiro e tomar decisões com base em ações racionais são elementos recorrentes em um espaço cultural marcado pelo testemunho do sucesso (Carvalho & Campos, 2019).

Uma outra coluna sobre a qual se erige o discurso empreendedor na IURD é a ideia de “fé inteligente”, abundantemente presente na vida cotidiana da igreja e nas pregações e biografias de Edir Macedo, líder e fundador da denominação. Em sua dissertação e em sua tese, Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues (2015; 2022) aborda detalhadamente como a Escola do Amor da Igreja Universal e as biografias de Macedo, respectivamente, refletem esse princípio e propõem uma pedagogia da fé alicerçada em uma racionalidade política neoliberal. Essa racionalidade se ancora no empreendedorismo e se constitui como uma ética cujo imperativo é a exigência constante de sacrifícios em prol do progresso pessoal. Tratar-se-iam, no entanto, de sacrifícios oriundos de uma fé “racional” e “inteligente”. À “fé racional” Edir Macedo opõe a “fé emocional”, tomada como uma “fé religiosa”, baseada puramente na emoção, nos sentimentos e nos desejos humanos. Quem tem esse tipo de fé, de acordo com o bispo, se deslumbra com a igreja, com sua música e com seus milagres, mas não possui “raízes” fidedignas na Palavra de Deus. Além disso, a “fé emocional” geraria fanatismo religioso e irracionalidade. A “fé racional”, pelo contrário, seguiria estritamente a Bíblia e não dependeria de manifestações externas para que sua eficácia fosse comprovada. A “fé racional” é entendida como inteligente porque levaria o fiel, antes de mais nada, a refletir acerca do conteúdo da Bíblia, a assumir as promessas de Deus e a não aceitar a condição social em que vive como um desígnio divino. Sob essa visão, a fé levaria à ação responsável, contrariamente à “fé emocional”, que levaria o fiel a esperar passivamente por soluções divinas a seus problemas.

Vejamos, então, como a IURD, por meio das formulações de Macedo, propõe uma racionalidade da fé que é agenciada pela iniciativa individual e pela ideia de um empreendedorismo de si com conotações econômicas. A fé deve ser “inteligente” e “racional” na medida em que possibilite ao fiel tomar as rédeas da própria vida, responsabilizar-se pelos próprios problemas e produzir um repertório de soluções para os desafios encontrados no dia a dia, sem dispensar, é claro, a ação e a orientação divina como auxílio sempre disponível. Mas, sob esse modo de racionalidade, a bênção divina não é simplesmente compreendida como uma

---

[de-salomao/post/segunda-feira-congresso-para-o-sucesso/](https://www.salomao.com.br/post/segunda-feira-congresso-para-o-sucesso/). Acesso em: 24 dez. 2023. É também sugestivo, a esse propósito, que outra nomenclatura amplamente utilizada pela IURD para se referir a seus cultos seja a de “reunião”.

retribuição automática do sacrifício. Não bastaria orar, ir aos cultos, cumprir propósitos, fazer doações e aguardar a sua chegada dos céus – esta seria a postura típica da “fé emocional”. A bênção recebida pela “fé racional” é, antes, o resultado de uma disposição sacrificial que elege o “self” como uma espécie de indexador da bênção. Somente um indivíduo que exerce a fé inteligentemente, ou seja, que se responsabiliza pelas ações que *produz* com a própria fé, pode alcançar a prosperidade. É preciso que se integre à biografia individual uma narrativa onde mesmo fatos dispersos sejam reunidos para dar sentido à transformação da falta de vontade em excesso de vontade, e sobretudo em vontade operacionalizada da forma correta (Gracino Júnior, 2008). Assim, é bem como se Deus creditasse ao indivíduo a tarefa de *gerenciar* a bênção, cabendo-lhe capitalizar a fé que recebeu. Bons resultados surgiriam de uma boa capitalização, ou de uma administração eficiente da fé. Problemas como o desemprego passam a ser lidos não só como uma maquinação diabólica, mas como a expressão de uma fé individual praticada de modo não inteligente. Exercer a “fé racional” exigiria soluções que partissem do próprio indivíduo, como buscar maior qualificação profissional, otimizar habilidades ou abrir o próprio negócio. A bênção divina passa então a ser vista como resultado, mais do que como dom.

Os projetos biográficos dos fiéis são reatualizados para incluir uma reflexividade interna e uma racionalidade da fé que providencia um escrutínio global da vida. Todos os detalhes que compõem a vida de um indivíduo são passíveis de aprimoramento e de crescimento, e seus eventuais dilemas podem ser resolvidos através de uma racionalização correta da fé, sendo este um processo sempre circular e inacabado – e, acrescentemos, dependente da vontade individual. De acordo com Carlos Gutierrez (2017, p. 227), que também focaliza sua pesquisa no empreendedorismo promovido pela Igreja Universal, “Deus está constituído como self no interior dos crentes e suas opiniões se fazem presentes no momento em que os atores pensam a si e ao seu lugar no mundo”. Há, portanto, um deslocamento na forma como o self é compreendido na sua relação com Deus, com a bênção, com a fé e com a igreja. Esta última é decisiva na construção de narrativas biográficas de fé empreendedora, pois é nela que as conversações internas da racionalidade da fé são estabelecidas, em um cenário de contato intersubjetivo. É na igreja e em suas dinâmicas, discursos e produções que as biografias são ressignificadas quando postas em contato com os percursos de outras biografias de sucesso.

Na Igreja Universal, como em outras denominações vinculadas ao campo neopentecostal, as dinâmicas eclesiais de fomento ao empreendedorismo podem incluir cultos e palestras, entre outras atividades. A presença de uma racionalidade empreendedora nesses espaços é sugestiva de sua amplitude. Gutierrez (ibid.) menciona, a título de exemplo, a ocasião em que um coach foi convidado para dar uma palestra sobre carreira profissional na IURD. O

palestrante fez uma exposição em linha com a ideia de “fé racional” preconizada pela igreja e reforçou um apelo recorrente pelo abandono do emprego formal, ao tempo em que louvava a coragem de um indivíduo que toma o destino para si, age inteligentemente diante dos desafios, busca novos horizontes e se torna autônomo, empreendedor e dono do próprio negócio. Legitimava-se, assim, o empreendedorismo por intermédio das bases religiosas ali constituídas. Esse apelo, segundo o autor, também se faz presente em outros espaços da igreja. No que concerne ao culto, Gutierrez assinala que a percepção dos atores nele envolvidos engloba diversas lógicas, o que inclui a racionalidade empreendedora, sem prejuízo do sentido religioso que o culto possui: “Os atores percebem e estabelecem uma diferença entre um conteúdo mais espiritual, pautado na fé, e outro mais racionalizado, que diz respeito a competências específicas de gestão de empresas, oriundo de manuais de *management* e de publicações de autoajuda voltadas ao público empresarial” (ibid.). Apesar das semelhanças, as distinções percebidas entre culto e palestra se mantêm. O culto permanece um espaço primordial de produção de ligação com o sagrado, mas isto não inviabiliza o efeito transversal da racionalidade empreendedora, que é capaz de penetrar ambos os espaços – culto e palestra. O empreendedorismo se faz presente nos cultos como um projeto de Deus para a prosperidade dos indivíduos, e estes buscam reforçar o projeto a eles revelado em outras instâncias eclesiais. Gutierrez pontua que a reflexividade em torno do empreendedorismo na IURD é reveladora de uma passagem entre distintos regimes de envolvimento (Thévenot, 2006) dos indivíduos e de uma síntese ou compromisso entre dois regimes distintos – quais sejam, a religião e o empreendedorismo.

É notável que algumas das possibilidades de expressão do empreendedorismo de si no meio religioso extravasam os processos de desenvolvimento pessoal, mas não deixam de concernir a tecnologias psicológicas e a articulações com o cristianismo. Sem se referir a procedimentos sistemáticos como o coaching, Jacqueline Moraes Teixeira (2022) nos apresenta um exemplo disso, ao abordar a produção da masculinidade na IURD por meio do projeto Intellimen, voltado ao reforço de padrões e distinções de gênero, e do princípio da esterilização masculina pela vasectomia, praticado e contestado entre pastores e bispos da denominação. A antropóloga percebe a presença e a ação dessas duas tecnologias na Igreja Universal no quadro de uma performatividade que inscreve os corpos em um espaço específico de interação social, refletindo uma racionalidade neoliberal associada à lógica do empreendedorismo. O trabalho de Teixeira contempla concepções de empreendedorismo e de racionalidade neoliberal que são compartilhadas por outros/as autores/as de um instigante dossiê destinado a explorar o caráter híbrido e as especificidades brasileiras do projeto político-econômico do neoliberalismo, abordando também as combinações múltiplas da subjetividade empreendedora com “outros

saberes e práticas populares, como crenças religiosas, estratégias de economia informal, formas de solidariedade e autogoverno, etc.” (Andrade & Côrtes, 2022, p. 659). As formulações sobre o “neoliberalismo híbrido” brasileiro presentes no volume correspondem à ideia foucaultiana de que as tecnologias de si são decisivas para a produção de governamentalidades.

Nessa senda, o universo das religiões é visto como um eminente espaço de produção de subjetividades político-econômicas, passando a ser dotado de importância nas considerações sobre temas que o ligam a dinâmicas e desafios sociais que o transcendem. É nesta mesma direção que Mariana Côrtes (2021) constrói uma análise das relações entre pentecostalismo, empreendedorismo e bolsonarismo, tendo como pano de fundo a noção de que o pentecostalismo opera como uma “tecnologia social de condução da conduta de sujeitos periféricos” (p. 12), e que Wendy Brown (2018) considera ser o neoliberalismo contemporâneo munido de uma dimensão sacrificial por meio da qual é incorporado nas subjetividades individuais – e isso inclui a religião como tecnologia de operacionalização desses sacrifícios. Diversos outros trabalhos têm se debruçado sobre dinâmicas religiosas e enfatizado a instituição de uma subjetividade empreendedora no âmbito delas, sobretudo tratando de igrejas neopentecostais. Essa abordagem não é exclusiva da Sociologia e da Antropologia da Religião, mais habituadas com o tratamento do tema, e nem tampouco com um recorte teórico rígido. Antonio e Lahuerta (2014), por exemplo, partem do neopentecostalismo para refletir sobre a organização da cultura política e as reformulações do Estado e da sociedade civil no Brasil contemporâneo, e Bertani (2016) lança um foco bourdiano sobre a formação de uma nova classe média empreendedora, tendo como eixo de observação o empreendedorismo neopentecostal.

No campo das Ciências Sociais da Religião, o neopentecostalismo tem sido objeto de estudos e pesquisas em profusão desde ao menos o início da década de 1990. A emergência do neopentecostalismo foi acompanhada de muitas controvérsias públicas sobre o lugar do dinheiro na religião e de um preconceito social generalizado, que perdura até os dias de hoje, sobre maniqueísmo, espetacularização da fé e manipulação dos fiéis por parte de igrejas que fazem parte desta corrente evangélica. A Igreja Universal do Reino de Deus, principal expressão neopentecostal no Brasil, recebeu a atenção da maior parte dos trabalhos produzidos no período, levando em consideração principalmente suas relações com a Teologia da Prosperidade, as ações sociais por ela promovidas no espaço público, os projetos pastorais construídos em torno de seu líder, bispo Edir Macedo, e os projetos e discursos de estímulo ao empreendedorismo germinados no interior de suas práticas eclesiais (ver Lima, 2007; Mesquita, 2007; 2008; Mafra, Swatowski & Sampaio, 2012; Rosas, 2012). Há ainda produções acadêmicas que alargam as discussões existentes sobre o empreendedorismo neopentecostal em

direção ao crescimento de diferentes denominações e de sua presença nas mídias, como é o caso de Souza (2011), e que consideram o fomento do empreendedorismo em outras igrejas para além da IURD, conforme encontramos em Serafim, Martes e Rodriguez (2012) e Passos (2015).

#### **1.4 – “Coaching cristão”: uma nomenclatura descritiva**

O bloco de concepções, instituições e metodologias de coaching que abordei neste capítulo não é representativo da totalidade de expressões que correlacionam esse processo de desenvolvimento pessoal com referências cristãs no Brasil. Ademais, o recorte adotado por esta pesquisa não permite e nem almeja generalizações que cubram o cristianismo como um todo. Entretanto, é possível dizer que os casos selecionados, partindo de um panorama constituído no interior do universo evangélico, revelam tendências de concepção e prática do coaching que se valem de elementos multifacetados para compor relações com o cristianismo. Ao acionar a ideia de cristianismo, como se depreende até aqui, procuro tão-somente apontar para o efeito resultante de práticas de coaching em diálogo com referências associadas a ela, e não para uma religiosidade ou uma religião delimitada conceitualmente. O foco deste capítulo não esteve posto, pois, sobre a sociologia da formação de um “coaching cristão”, de um “coaching evangélico” ou de um “coaching religioso”, mas sobre as articulações entre coaching e cristianismo que estabelecem formas de contato – ou, mais uma vez, de compromisso e síntese – entre “regimes de envolvimento” distintos. Assim como o empreendedorismo e os saberes psi, o coaching é um universo heteróclito que está imbricado com apropriações e remodelações cristãs de tecnologias do saber-poder sobre o self, a psique humana e o desenvolvimento de si.

No que concerne à estrutura das escolas de formação existentes, ao leque de temas trabalhados, aos cursos e treinamentos oferecidos, à indeterminação ou não do público-alvo, entre outros aspectos, as metodologias e instituições de coaching aqui abordadas apresentam variações sutis, mas não desprezíveis. O quadro 1.1 apresenta uma sintetização dos exemplos descritos neste capítulo, com destaque para as principais características próprias a cada um deles. Com base na divisão de dois grupos que correspondem aos meios gerais de oferta dos produtos e serviços em coaching considerados (prevalência de cursos no meio virtual e treinamentos massivos realizados presencialmente), chegou-se à sistematização de cinco tendências de concepção e ação: 1) coaching autoidentificado como cristão; 2) coaching de identidade denominacional; 3) coaching com foco eclesiológico; 4) coaching voltado para o nicho de mercado cristão; e 5) coaching promovido através do empreendedorismo de palco.

Quadro 1.1 – Formas de coaching em relação com o cristianismo no Brasil: panorama no universo evangélico.

MEIOS GERAIS DE OFERTA	TENDÊNCIAS DE CONCEPÇÃO E AÇÃO	METODOLOGIAS E INSTITUIÇÕES	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Internet (cursos online) e treinamentos individuais	Coaching autoidentificado como cristão	Instituto Resonare e Universidade Coaching Cristão	Identificação com uma “cosmovisão bíblico-cristã”; conteúdos programáticos baseados na Bíblia; público-alvo cristão.
	Coaching de identidade denominacional	Instituto Advento	Amplo leque de cursos e temas, sem delimitação cristã; identidade denominacional; público-alvo indeterminado.
	Coaching com foco eclesiológico	Coaching Teológico, Ederson Menezes	Projeto de ordem pessoal; foco eclesiológico (formação de lideranças, discipulado e desenvolvimento de “igrejas saudáveis”); público-alvo cristão.
	Coaching voltado para o nicho de mercado cristão	Formação em Coaching para Pastores e Líderes Cristãos, Instituto Neurocientífico	Ênfase na neurociência e na inteligência artificial; escola de formação sem relação direta com o cristianismo; cristãos como clientes.
Treinamentos presenciais, livros e, em menor medida, cursos online	Coaching promovido através do empreendedorismo de palco	Método IP, Pablo Marçal	Amplo leque de temas; linguagem cristã; projetos pessoais; coaches como líderes carismáticos; treinamentos massivos; público-alvo indeterminado; coach-pastor (apenas Tiago Brunet).
		Instituto Academy Mind, Marcos Fiel	
		Método/Instituto Destiny e Ministério Casa do Destino, Tiago Brunet	
		Método CIS, Paulo Vieira	

Dentre as cinco tendências, a única que advoga uma identificação cristã basilar às suas práticas de coaching é a primeira, constituída pelo Instituto Resonare e pela Universidade Coaching Cristão. O coaching com foco eclesiológico, expresso pelo Coaching Teológico, supõe uma circunscrição a uma igreja onde possa ser aplicado em seu propósito de

aperfeiçoamento da vida cristã em comunidade. Quanto às demais tendências, constata-se que todas se utilizam amplamente de referências cristãs, mas sem a produção de qualquer aderência ao rótulo de “coaching cristão” e a suas consequências mais evidentes. O cristianismo é presente nelas como identidade denominacional de origem, linguagem de operação, realização de projeto pessoal ou nicho de mercado alternativo, mas não como fundamento exclusivo do coaching ou como algo que circunscreve o cristianismo a uma religião. Mesmo onde há uma ligação (apenas de origem e de constituição da identidade institucional) com um cenário denominacional, caso do coaching representado pelo Instituto Advento, participar de uma igreja não é absolutamente tomado como condição para o funcionamento ou o sucesso do processo de coaching. Isso se dá em direção diversa do Instituto Resonare, onde se assume que o aproveitamento das formações depende do compartilhamento de uma “cosmovisão bíblico-cristã”. A variação dos temas, influências e ênfases nas demais tendências permite a essas formas de coaching uma abertura extrarreligiosa, não obstante o cristianismo se replique nelas como fonte simbólica importante. Mas essa fonte não soa como religiosa, e sim como algo distinto da religião. Para sinalizar esse fato, basta recordar a breve fórmula de Pablo Marçal: “cristianismo não é religião, é *lifestyle*”.

Esta enunciação quase epifânica e os dados relativos às variações das práticas de coaching por cristãos evangélicos brasileiros lançam em evidência um problema de ordem teórica, diante do qual é preciso ter precauções epistemológicas. De que forma se pode considerar práticas e concepções associadas de maneira mais ou menos direta ao cristianismo quando este não se apresenta como religião? Ou, ainda, quando nega ser religioso? O problema não é novo, toca no âmago do arcabouço conceitual de que dispomos para tratar de fenômenos que aludem ao sagrado e nos remete a uma gama de articulações sociais que passam pelas gramáticas da religião e do religioso. Um exemplo disso é a gestão contemporânea do bem-estar, onde o dualismo terapêutico/religioso é constantemente desafiado em seus atravessamentos espirituais (Viotti, 2018). Outro aspecto sobre o qual podemos nos debruçar é o problema da “confusão” sobre a classificação do que seja um culto e um treinamento de coaching, ou de quem seja um pastor e um coach. Onde a religião começa e onde ela termina? Quais são os seus limites? Interrogar-se sobre as insuficiências de um léxico disponível é abrir possibilidades de interpretar essas relações e fronteiras de novas maneiras. Talvez seja possível tomar de empréstimo os termos do questionamento e os transpor à noção de cristianismo, ela mesma tão polissêmica quanto a ideia de religião. O que é cristão não necessariamente se confunde com o que é religioso, e a demonstração desse contraste não cabe à arbitrariedade dos conceitos, senão à vivacidade da experiência etnográfica. Os enquadramentos de uma prática

como cristã ou religiosa revelam antes de mais nada as formas pelas quais especialistas pensam o campo religioso – fruto de seu *métier* intelectual – e o que consideram caber nele ou não.

Nesse sentido, faz-se necessário redobrar a atenção ao que as configurações sociais apresentam continuamente aos esforços de pesquisa e sistematização. O coaching pode ser incluído em discussões sobre empreendedorismo e saberes psi em conexão com o cristianismo – para que isto seja feito, basta não “purificar” os contatos entre esses domínios, alargando sua compreensão como tecnologias de organização das condutas. Outrossim, o coaching praticado por cristãos, voltado a cristãos ou definido fundamentalmente como coaching cristão, dentre as tendências abordadas neste capítulo, não desvelam um e o mesmo coaching. A categoria “coaching cristão” serve nesta tese como instrumento descritivo, não obstante contribua para pensar a questão que propomos analiticamente. Sua adoção em um plano conceitual reduziria a amplitude do que o componente cristão comporta a uma vinculação do coaching ao campo da religião. Essa é exatamente a arbitrariedade que procuro evitar, para não deixar de perceber o que as referências cristãs, o contorno da religião e o recurso ao cristianismo tornam possível. No próximo capítulo, a problemática em torno da categoria será reposta em diálogo com tensões e controvérsias teológicas que têm por centro justamente a ideia de “coaching cristão”. Na segunda parte desta tese, por sua vez, uma etnografia de uma forma particular de coaching aplicada a partir de referências cristãs como projeto de política pública de segurança permitirá observar como o coaching habita uma zona intersticial entre o religioso e o secular, localização esta tornada viável por meio da operacionalização de uma sorte de cristianismo não religioso.



## Capítulo II

### A “Teologia do Coaching” e suas controvérsias

Nos últimos anos, a presença do coaching em igrejas e a sua prática por agentes religiosos tem sido o mote de controvérsias<sup>48</sup> que se germinam em círculos de teólogos evangélicos e se disseminam por meio de veículos na internet e de publicações editoriais, em posicionamentos críticos da associação entre coaching e hermenêutica bíblica. As detrações do coaching, no âmbito dessas controvérsias, ressaltam as raízes e as implicações teológicas da interpretação que pastores e pregadores articulam no meio evangélico com uma ética do empreendedorismo de si enfatizada em pregações “motivacionais”. O resultado mais direto do alastramento desse movimento pelo campo religioso, de acordo com eles, é a popularização de uma abordagem por eles denominada “Teologia do Coaching” (TC), a qual estaria comprometida com uma perspectiva “humanista” da fé e seria antagônica ao princípio da *sola gratia* destacado pela Reforma Protestante. Ao enfatizar excessivamente o desenvolvimento de si para a obtenção da excelência, do sucesso e da prosperidade, os indivíduos legitimariam um poder de realização intrínseco à própria natureza, opondo-se a conceitos basilares da fé cristã.

Para tais críticos, o elemento “cristocêntrico” da teologia cristã seria subvertido, na “Teologia do Coaching”, pelo “humanismo”, em uma substituição da submissão à vontade de Deus pela defesa da capacidade humana de instrumentalizar essa vontade. O “humanismo” ganharia espaço na igreja com a TC a partir de uma substituição da barganha materialista efetivada com Deus por uma “psicologização” da fé e da relação humana com o divino. À primeira dessas formas – a barganha – corresponderia a prática da realização de “trocas” com Deus em benefício de uma melhor saúde, da compra de um carro ou de uma casa própria, da obtenção de uma vitória judicial, entre outras bênçãos econômico-materiais, sob a crença em uma obrigação moral da retribuição divina ao sacrifício humano. O neopentecostalismo, composto por grupos como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo, é apontado pelos detratores da “Teologia do Coaching” como o articulador dessa perspectiva originada fora do Brasil, a que se daria o nome de Teologia da Prosperidade (TP). A TP marcaria, efetivamente, a novidade de um modelo teológico no bojo do pentecostalismo brasileiro das décadas finais do século XX e iniciais do século XXI.

---

<sup>48</sup> Não tomo aqui controvérsias no sentido reduzido de polêmicas, mas de discordâncias que se tornam públicas e que implicam em disputas, debates e movimentos existentes em torno de um assunto – neste caso, especificamente, da presença da “Teologia do Coaching” no meio cristão –, mobilizando diferentes atores em relação (Latour, 2005).

A “Teologia do Coaching” é tomada pelos críticos, assim, como um desdobramento histórico da barganha desenvolvida pela Teologia da Prosperidade, sendo apresentada como uma “atualização” ou “nova roupagem” desta em termos psicológicos. Para os críticos, a busca pelo empreendedorismo de si, pelo gerenciamento autossuficiente da vida humana e pela produção de resultados de excelência em tudo o que é planejado, feito, pensado e sentido pelo indivíduo, em um discurso e um vocabulário extraídos do coaching e do “empreendedorismo de palco”, não se dissociaria da incorporação do “humanismo” pela religião cristã. Essa integração, com efeito, envolveria a aplicação de técnicas e metodologias de coaching nas igrejas, mas, sobretudo, a presença da TC como uma abordagem ou movimento disperso no meio cristão, propagador da ideia de que os indivíduos têm como missão fundamental perseguir a construção de melhores versões de si mesmo, inclusive em sentido religioso. O sujeito da TC responderia a essa ética empreendedora de si como princípio não só da experiência religiosa, mas de sua vida como um todo. Coaches, pastores, pregadores e lideranças evangélicas como Tiago Brunet, Deive Leonardo, Victor Azevedo e Paulo Vieira, fariam parte, dessa maneira, de um movimento de face “sentimentalista” que encontraria na “psicologização” da fé cristã o seu pilar de sustentação central. A hermenêutica bíblica da TC destacaria ainda a importância de intervenções “psicologizadas” sobre a subjetividade para o desenvolvimento da vida espiritual individual e para a proposição de respostas a questões existenciais atinentes à vida religiosa.

Neste capítulo, descrevo essas controvérsias em torno da “Teologia do Coaching” a partir dos argumentos que elas mobilizam sobre as consequências da incidência de uma ética do empreendedorismo de si no meio cristão. A TC é lida como uma “heresia” que deve ser combatida por meio de uma crítica às “deturpações” que promoveria em relação a um “núcleo de doutrinas centrais” do cristianismo, composto pelas doutrinas sobre Deus (Trindade), sobre o homem e o pecado (antropologia cristã) e sobre a salvação (soteriologia). Chamo a atenção para como esses “problemas teológicos” são definidos pelo críticos – em sua maioria, pastores identificados com uma tradição protestante reformada – e para a forma como a TC é concebida em termos de uma “psicologização” da fé contraposta a um paradigma “cristocêntrico” considerado genuíno. Por um lado, os críticos à TC destacam, em suas denúncias, o “antropocentrismo” contido pelas pregações motivacionais dos “teólogos do coaching” e, por outro, destacam o surgimento, no âmbito performático dos cultos modelados por essa abordagem, de características “psicologizantes” que remetem à adesão a uma psicologia “humanista”, “secular” e “não bíblica”, com a circulação da perspectiva do “deísmo moralista terapêutico” e a incorporação, por pregações e formatações cúlticas associadas à TC, de tecnologias psicológicas como a linguagem ericksoniana, a programação neurolinguística e a

indução hipnótica. Esses subsídios “psicologizantes” da TC são tomados como referenciais de uma ética do empreendedorismo de si comprometida com um “antropocentrismo” nocivo à fé.

Na sequência, discuto a aproximação efetivada pelos críticos entre a “Teologia do Coaching” e a Teologia da Prosperidade em meio às controvérsias. A “psicologização” seria para eles o ponto de convergência entre os modelos teológicos da TC e da TP, apontando para uma simetria do primeiro modelo com concepções do neopentecostalismo. Precisamente nessa “psicologização” residiria a substituição ou a atualização da barganha materialista da TP pela fé “humanista” e “antropocêntrica” constatada na TC. Pondo esse argumento em perspectiva, questiono essa interpretação a partir de um entendimento da ética do empreendedorismo de si como uma composição situada nas fronteiras da religião, da economia e da psicologia. Ao realizar esse movimento, procuro reivindicar que as transformações concernentes à presença de uma ética do empreendedorismo de si atrelada à “Teologia do Coaching” no meio cristão podem ser melhor compreendidas se a atenção estiver mais voltada às articulações e passagens entre modelos teológicos, disposições econômicas e tecnologias psicológicas do que à ideia de que a teologia e a religião são campos invadidos ou contaminados por modelos externos a eles.

## **2.1 – A ética do empreendedorismo de si: consequências teológicas**

O termo “Teologia do Coaching” remonta à publicação, em 2016, do texto intitulado *Teologia do Coaching – a substituta da Teologia da Prosperidade*<sup>49</sup> em um blog na internet. O pastor batista Pedro Pamplona, de Fortaleza/CE, cunhou a expressão nesse texto, associando-a à constatação de uma demanda crescente por eventos de coaching e à adesão a uma “cultura de empreendedorismo de palco” em igrejas cristãs de diversas correntes no Brasil. Para o pastor, esse fenômeno refletiria a realização cada vez mais frequente de dinâmicas motivacionais no interior das igrejas, replicando uma lógica comprometida com pressupostos já outrora trabalhados, no domínio teológico, pela Teologia da Prosperidade: autoafirmação do valor pessoal, estímulo ao desenvolvimento de um potencial humano, discurso voltado à conquista do sucesso e da felicidade, atribuição de um destino natural de prosperidade aos seres humanos, entre outros elementos. O texto sugere a ideia de que a “Teologia do Coaching” não cumpriria outra função no meio cristão que a de atualizar ou compor uma “nova versão” da Teologia da Prosperidade, mantendo dela os mesmos aspectos conceituais, mas sob uma nova “roupagem”.

---

<sup>49</sup> Blog de Pedro Pamplona. “Teologia do Coaching – a substituta da Teologia da Prosperidade”. Disponível em: <https://pamplonapedro.wordpress.com/2016/12/28/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Para Pamplona, a ênfase da “Teologia da Prosperidade” sobre demandas associadas ao “materialismo”, ao enquadrar a religião como um caminho para a ascensão econômica e a obtenção de ganhos financeiros, guardaria relação com o modo como a “Teologia do Coaching” concebe a relação do fiel com Deus. Todavia, a TC se afirmaria nas igrejas de maneira mais “sutil” que a TP, por meio de uma abordagem “humanista” orientada por práticas e conhecimentos como o coaching, o marketing pessoal e a psicologia. Tais recursos constituiriam um ambiente “menos escandaloso [do que aqueles caracterizados pela TP] e mais conformado à cultura secular”: prova disso, segundo o pastor, seriam transformações relativas a aspectos cúlticos, como a introdução de uma linguagem formatada de acordo com uma lógica modernizante: “a pregação fica até mais dinâmica, com uso de mídias, frases de efeito e motivação mútua”. A autoajuda, a pregação emocionalista, o “coaching de palco” e o empreendedorismo de si seriam assim as marcas de um novo “Evangelho da prosperidade” erigido sobre bases “psicologizadas”. Pamplona compreende que a adaptação da TC a uma “roupagem” diferenciada, com a valorização excessiva do potencial humano para o desenvolvimento de si mesmo – em seu texto, ele afirma que “tudo que você vai encontrar nos púlpitos são mensagens sobre o que os homens podem fazer para serem alguma coisa melhor do que já são” – permitiria à TC, inclusive, alcançar hodiernamente maior sucesso que a TP, distanciando-se de imagens de escândalo e corrupção associadas aos “pregadores da prosperidade”. Por essa razão, e pelos desdobramentos relativos a “problemas teológicos” que comportaria, a TC se revelaria como uma teologia ainda mais “perigosa” para a igreja que a TP.

Em junho de 2021, Pamplona publicou, junto de Yago Martins e Guilherme Nunes<sup>50</sup>, também pastores batistas de Fortaleza, o livro *Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching* (Martins, Pamplona & Nunes, 2023)<sup>51</sup>, condensando críticas e divergências em relação à TC. Os autores escreveram o livro a partir da necessidade que sentiram, no decorrer de seu contato com a abordagem da TC na década de 2010, de denunciá-la como uma “heresia” nociva à igreja. No tocante a Pamplona, como descrito no livro, a motivação para a denúncia surgiu depois que ele se deparou com vídeos de pregações na internet

---

<sup>50</sup> As igrejas que Yago Martins, Pedro Pamplona e Guilherme Nunes pastoreiam são, respectivamente, Igreja Batista Maanaim, Igreja Batista Filadélfia e Igreja Batista do Calvário, todas de orientação calvinista/reformada.

<sup>51</sup> Uma pequena tiragem do livro foi disponibilizada em sua primeira edição, publicada pelo Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura Ltda., fundado em Fortaleza pelos três autores do livro, sob o selo da Editora 371. O Instituto Schaeffer, cujo nome remete ao teólogo, filósofo e pastor norte-americano Francis Schaeffer (1912-1984), promove eventos e cursos em uma linha teológica calvinista/reformada. Ver: Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura. Disponível em: <https://institutoschaeffer.com/>. Acesso em: 30 dez. 2023. Em 2023, uma nova edição do livro foi publicada em maior tiragem, agora em parceria entre a Schaeffer Editorial e a Editora Mundo Cristão.

em que uma linguagem do coaching era transposta de forma problemática para o campo teológico. O pastor conta que em 2016 encontrou a gravação de um culto em uma igreja de Fortaleza em que o coach Paulo Vieira falava sobre assuntos como “estabelecer limites na vida” e “treinar o não”<sup>52</sup>. O conteúdo do sermão foi considerado por Pamplona como positivo em si, ainda que para ele se tratasse, efetivamente, mais de uma “palestra” sobre desenvolvimento pessoal do que de um culto (p. 40). Mas a sua impressão se alteraria na parte final do vídeo, quando a mensagem do coach desembocou para um apelo evangelístico – como de praxe em igrejas pentecostais – a que os presentes “entregassem a vida para Jesus”. Como parte do chamado à conversão, Vieira perguntaria: “Quem aqui quer reconhecer Jesus Cristo como Senhor e Salvador e *vir jogar no time dos vencedores?*” Pamplona assevera que reconheceu nesse apelo de Paulo Vieira a promessa de que a vida cristã seria marcada sobretudo pela vitória e pela prosperidade, algo que, para ele, consistiria em um dos equívocos mais comuns da TP.

Pouco tempo depois, ao se deparar com os vídeos de pregação de outro coach, o pastor Tiago Brunet, Pamplona reforçaria a ideia de que estava diante da propagação de uma nova “nova teologia da prosperidade”, com uma retórica motivacional e empreendedora ainda mais acentuada que a TP. Em uma das pregações que o pastor visualizou, Brunet dizia: “Eu não sei se dinheiro traz felicidade, mas que pobreza traz uma tristeza danada, eu tenho certeza. (...) Eu não sei se Deus me chamou para ser rico, mas para ser pobre eu tenho certeza que ele não me chamou” (p. 42). Como em um efeito cascata, mensagens de elogio à prosperidade como um destino natural reservado por Deus aos crentes apareceram a Pamplona, partindo de diferentes pregadores. Um deles chamaria sua atenção pela vinculação de uma retórica da prosperidade com um teor “emocionalista” mais evidente: nascia assim o contato do pastor com as pregações do *influencer* Deive Leonardo, cujos vídeos alcançam milhões de pessoas e fazem sucesso entre celebridades do mundo artístico e esportivo brasileiro, como o cantor Luan Santana, o *youtuber* Whindersson Nunes e o jogador Neymar, com quem tem amizade pessoal<sup>53</sup>. Evangelista, Deive

---

<sup>52</sup> Canal CCVideira Online no YouTube (Comunidade Cristã Videira). “Terça do Encontro com Paulo Vieira 19/04/16”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FhPWdE2ECbM>. Acesso em: 30 dez. 2023.

<sup>53</sup> Deive Leonardo é membro da Igreja dos Filhos, em Joinville/SC, e um dos pregadores evangélicos mais populares do Brasil na atualidade. Formado em Direito e iniciado no evangelismo pela Assembleia de Deus, ele afirma ser proprietário do maior canal de pregação individual do mundo, com mais de 9 milhões de inscritos e quase 600 milhões de visualizações. Sua conta no Instagram é seguida por mais de 15 milhões de pessoas. Os dados foram verificados pela última vez em dezembro de 2023. O site de Deive Leonardo apresenta outras informações relevantes, como as relativas à sua biografia e à sua agenda. Disponível em: <https://www.deiveleonardo.com.br/>. O perfil do evangelista no Instagram remete ao seu cotidiano e aos conteúdos devotionais por ele propagados. Disponível em: <https://www.instagram.com/deiveleonardo/>. Já o canal de Deive Leonardo no YouTube dá acesso organizado às suas mensagens/pregações, na íntegra ou sob cortes. Disponível em: <https://www.youtube.com/@DeiveLeonardo>. Para uma matéria sobre a popularidade de Deive Leonardo e sua amizade com Neymar e outros famosos, ver: Revista Quem. “Pastor de Neymar e outros famosos conta como

Leonardo não é coach e se distingue de Tiago Brunet, mais conhecido pela atuação como pastor-coach e pela escrita de livros que apontam para “soluções bíblicas” aplicadas ao desenvolvimento pessoal (Brunet, op. cit.). Ambos se distanciam, ainda, de Paulo Vieira no que se refere ao fato deste último não ser pastor, não ter um ministério pessoal como evangelista e direcionar suas práticas de coaching a um público indistinto, não restrito a ambientes religiosos.

Os vídeos de pregação de Deive Leonardo, que sempre o mostram sentado, de Bíblia na mão, em um auditório com luzes apagadas e música ambiente calma, são tomados por Pamplona como reveladores da “Teologia do Coaching” em uma de suas consequências mais deletérias: o “antropocentrismo” da fé, estimulado por uma “psicologização” da valorização do ser humano como o centro da ação de Deus. Em um sermão de 2018 denominado “Segunda chance”<sup>54</sup>, que obteve grande repercussão na internet, Deive Leonardo se expressou a propósito de sua interpretação de uma passagem bíblica<sup>55</sup> e da postura que Deus assumiria em relação ao ser humano: “Posso te mostrar uma coisa pela palavra? Quando se trata de você, se trata do ponto fraco de Deus”. O evangelista queria com isso dizer, segundo a explicação que ele mesmo dá em seguida, que Deus não resiste à forma como seus filhos se achegam a ele, concedendo-lhes o que pedirem em oração, com o coração aberto. A frase “Você é o ponto fraco de Deus”, extraída desse trecho da pregação, serviria ao título do livro que Pamplona escreveu com seus colegas de Fortaleza. Para o pastor, a concepção de que Deus tem no ser humano um “ponto fraco”, não resistindo ao que ele deseja e sendo inclusive guiado por suas vontades, deturparia a teologia cristã, trazendo ao seu centro o ser humano, em detrimento de Cristo. Além disso, o conceito de soberania divina estaria fundamentalmente em jogo. A mesma tendência poderia ser verificada em outros contextos, com consequências teológicas similares. Um outro exemplo mencionado por Pamplona neste sentido é o do pastor e coach Victor Azevedo<sup>56</sup>, que teria

---

impactou a vida deles”. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/12/pastor-de-ney-mar-e-outros-famosos-conta-como-impactou-vida-deles.html>. Acesso a todos os links: 30 dez. 2023.

<sup>54</sup> YouTube. Deive Leonardo. “Segunda chance | Deive Leonardo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LH8hxkt7hbQ>. Acesso em: 02 jan. 2024.

<sup>55</sup> Salmo 51.17: “Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezarás”. Utilizo a versão utilizada por Deive Leonardo no sermão original.

<sup>56</sup> Victor Azevedo é pastor da igreja Por Amor, em São Caetano do Sul/SP, e tem se notabilizado por declarações polêmicas, como a que foi interpretada como uma relativização da canonicidade integral da Bíblia, e a que se referia ao ato da criação humana pelo “sêmen de Deus”. Ver: GospelMais. “Pastor relativiza a sacralidade da Bíblia e fiéis veem heresia e apostasia em declaração”. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/victor-azevedo-sacralidade-biblia-heresia-133175.html> e GospelMais. “Renato Vargens rebate declaração de Victor Azevedo sobre ‘sêmen de Deus’”. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/renato-vargens-rebate-victor-azevedo-semen-de-deus-138431.html>. Acesso a ambos os links: 30 dez. 2023.

afirmado em uma conferência: “Quando eu olho para Deus, eu sou tão justo que eu não me sinto inferior a Deus” (p. 43). A referência de Azevedo à forma como se sentia valorizado por Deus o levaria a expressar a própria justiça em termos de uma comparação que, aos olhos de Pamplona, não só seria equivocada, como também o desenho da “heresia” alimentada pela TC.

De acordo com o pastor, a raiz de tais “enganos” estaria localizada na assimilação de um “empreendedorismo de palco” pela religião. A ideia é tomada de empréstimo de um artigo que Pamplona leu, e que, segundo ele, contribuiu para amadurecer suas críticas à TC. Trata-se do texto “Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você”<sup>57</sup>, do comunicador e especialista em marketing digital Ícaro de Carvalho. Nesse texto breve, Carvalho propõe uma diferenciação entre o que seria um empreendedorismo legítimo, baseado em pressupostos da economia, da administração e da gestão empresarial, e um empreendedorismo “compromissado mais com o entretenimento do que com os resultados”, afeito ao espetáculo e praticado por treinadores que oferecem, segundo suas palavras, uma “autoajuda barata” por meio de livros e treinamentos sobre como ter bons negócios e enriquecer em tempo recorde. Esse empreendedorismo é caracterizado pelo autor como uma “indústria de falsas promessas e de prosperidade barata”. Embora o texto não parta de uma crítica teológica, é feita uma comparação entre o “empreendedorismo de palco” e as práticas de determinadas igrejas: “Hoje os encontros para empreendedores mais se parecem com igrejas neopentecostais, com gente pulando, gritando, louvando ao Deus Mercado, para que tenham sucesso em suas empreitadas...” Pamplona transcreve para seu livro um trecho em que Carvalho indica ser o empreendedorismo a “nova religião do homem moderno” (p. 41), apontando para uma espécie de subversão da lógica religiosa pela de mercado que a ideia de louvor ao “Deus mercado” já antevia no trecho precedente. Carvalho afina sua definição de “empreendedorismo de palco” com adjetivos como “materialista” e “secular”, indicando que elementos religiosos, como santos e Evangelhos, foram substituídos na adoração popular por fotografias de *self-made men* e livros de autoajuda. Para o autor, esse fenômeno ocorreria porque o indivíduo “moderno” acreditaria, sobretudo, em “tudo aquilo [que o aproxima] do seu objetivo: sucesso, fama e dinheiro...de preferência agora!”, numa manifestação do espírito materialista de nosso tempo.

No âmbito empresarial, o empreendedor de palco é definido como um indivíduo que não necessariamente possui uma trajetória concreta como empreendedor, mas que é reconhecido publicamente como tal por ensinar às pessoas, em livros, palestras e/ou

---

<sup>57</sup> Medium. “Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você”. Disponível em: <https://medium.com/o-novo-mercado/porque-a-ind%C3%BAria-do-empreendedorismo-de-palco-ir%C3%A1-destruir-voc%C3%AA-3e18309ab47f>. Acesso em: 02 jan. 2024.

treinamentos, os meios para obter o sucesso pelo empreendedorismo (Faria, 2018). Coaches cristãos, sobretudo os mais famosos, se enquadram nesta categoria, de sorte que a definição proposta por Pamplona abre caminhos para que se fale de uma “Teologia do Coaching” praticada por pessoas que, eventualmente, não são nem teólogos, nem coaches. Essa abertura do enquadramento dos “teólogos do coaching” para além dos coaches propriamente ditos se dá pela não organização interna e pela heterogeneidade encontrada na composição desse que é concebido como um movimento ou uma abordagem do empreendedorismo de si aplicado no meio cristão, com consequências teológicas. Empreendedores de palco de toda ordem, no diálogo de sua retórica e práticas com referências cristãs, podem ser assim receber a alcunha de “pregadores do coaching” ou de aderentes à TC. Mas isso não acontece porque eles se identifiquem com um coletivo teológico ou com um grupo alinhado a doutrinas mais ou menos lineares. Há dificuldades em definir a “Teologia do Coaching” como um movimento, uma vez que sua heterogeneidade escapa de uma coerência organizacional mínima. Como vimos no capítulo anterior, seus agentes não costumam reivindicar uma identidade comum e não se reúnem como representantes de uma corrente teológica ou de uma pauta doutrinária uniforme.

Atento exatamente a esses limites, Pamplona define a “Teologia do Coaching” da seguinte maneira, tendo em vista a ideia de que o “empreendedorismo de palco” é extensivo à religião e é fundamental para uma “abordagem” que incide sobre um modelo teológico (p. 44):

A teologia do *coaching* pode ser tratada como uma forma de abordar os ouvintes. É, portanto, uma abordagem, não uma teologia propriamente dita. É a abordagem que trata o homem, seus desejos materiais e/ou carências emocionais, como o foco da pregação e do ministério pastoral ao oferecer, por meio de textos bíblicos mal utilizados, uma narrativa divina que centraliza o homem ao dizer que ele é capaz em poder e importante em valor. O termo teologia é usado de forma didática para relacionar igreja, ministério, pregação e Bíblia com foco e mensagem do *coaching* de palco.

A definição de Pamplona é posta em termos de uma “Teologia do Coaching” sobretudo porque, em observação das consequências do arcabouço discursivo dessa abordagem, o termo busca cobrir as suas reverberações sobre a teologia, as quais incidem sobre conceitos atinentes à divindade, à antropologia cristã e à soteriologia, como se verá na próxima subseção. As noções de empreendedorismo de si e de autorresponsabilidade, fundamentais para as concepções e processos de coaching, criam, segundo o pastor, problemas de ordem teológica na medida em que deslocam o indivíduo de um lugar de dependência relativamente a Deus para uma posição de autossuficiência, argumentando que é do indivíduo que parte um poder transformador da realidade. Na perspectiva de Pamplona, portanto, “Teologia do Coaching” não é uma



classificação direcionada exclusivamente às práticas de coaching; ela abrange todo um movimento em torno do “empreendedorismo de palco” verificado no meio cristão. Palestrantes, *influencers* e pregadores, ainda que não atuem profissionalmente como coaches, são tomados como agentes dessa abordagem conquanto seu discurso invista em uma relação entre Deus, sucesso e indivíduo desalinhada com conceitos teológicos estimados como basilares à fé cristã.

## 2.2 – Fé “humanista”, modelo “psicologizado”

Para além do livro *Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching*, o grupo formado por Pamplona, Martins e Nunes tem alimentado as controvérsias em torno da “Teologia do Coaching” também de outros modos. Os pastores gravaram um primeiro episódio sobre “Teologia do Coaching” no podcast Baixo Clero, de Yago Martins, em agosto de 2019. A esse material se seguiram, até o momento, outros quatro vídeos no canal Dois Dedos de Teologia, também coordenado por Martins, enfatizando as críticas do grupo à entrada de uma “cosmovisão” do coaching nas igrejas e evidenciando as controvérsias surgidas com as opiniões contrárias às pregações e concepções da TC.<sup>58</sup> A “cosmovisão” vista como problemática pelos teólogos se caracterizaria, como expressa Guilherme Nunes no primeiro episódio dedicado às críticas à TC, por um amálgama entre modelos teológicos e psicológicos que penderia para a valorização e a adoção de uma perspectiva “humanista” da psicologia pela religião, em detrimento do cuidado com a primazia de uma teologia “cristocêntrica” que esta deveria manter. Com essa observação, Nunes indica uma possibilidade de interpretação da experiência e da teologia cristãs que se relaciona de maneira tensa com conceitos, discursos e mecanismos por ele definidos em termos de uma psicologia “secular”, “humanista” e “não bíblica”. Para ele, os componentes “psicologizantes” da TC, reunidos em torno de uma ética do empreendedorismo de si sem compromisso com concepções teológicas reconhecidas como

---

<sup>58</sup> O episódio em questão também se encontra disponível no canal Dois Dedos de Teologia, sob o título “Teologia do Coaching”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LQPN0N5NrP4&t=5100s>. Acesso em: 01 mar. 2022. Os demais vídeos podem ser encontrados no mesmo canal do YouTube, sob os títulos “Calvinismo, coaching e pastores jovens”, “Deive Leonardo não vai nos calar”, “Deive Leonardo me chamou de demoníaco” e “Desvendando a nova Teologia da Prosperidade”. Martins, Pamplona e Nunes também têm concedido frequentemente entrevistas para canais de YouTube e podcasts de outros produtores, sobretudo teólogos. Destacam-se as entrevistas recentes ao canal Inteligência Ltda. e ao podcast Bibotalk, ambos com audiências expressivas nas respectivas plataformas. Ver: YouTube. Inteligência Ltda. “O Evangelho coach: Yago Martins, Pedro Pamplona e Guilherme Nunes – Inteligência Ltda. Podcast #968”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-LL-G\\_XhjNY](https://www.youtube.com/watch?v=-LL-G_XhjNY) e Spotify. Bibotalk – Teologia é nosso esporte! “O Problema da Teologia Coaching – BTCast MC 030”. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2raL7QeUFpMORMV0MQukpo>. Acesso a ambos os links: 06 jan. 2024.

importantes, como a soberania divina, o “cristocentrismo” e a condição de depravação total do homem, refletiriam uma percepção marcadamente “antropocêntrica” e “nociva” da fé.

Na sequência da participação de Guilherme Nunes, a convidada especial do episódio, Gabriela Bevenuto, administradora de um projeto de planejamento de leituras teológicas e de aconselhamento cristão com mais de 24 mil seguidores no Instagram<sup>59</sup>, complementa a discussão acerca da centralidade da presença de uma “psicologia humanista” no âmbito da TC:

Eu vejo claramente a Teologia do Coaching bebendo da psicologia humanista. E esse é um grande problema. A maioria dos sermões da Teologia do Coaching é centrada no indivíduo. O objetivo da psicologia humanista é tornar o indivíduo plenamente realizado, formar um indivíduo em pleno funcionamento. E se você for parar para pensar, a Teologia do Coaching também quer te ensinar a vencer as suas barreiras, a se tornar a melhor versão de você mesmo. A psicologia humanista diz que algumas condições podem facilitar esse pleno desenvolvimento do indivíduo. As principais condições são uma autenticidade, uma compreensão empática e um aceitamento incondicional. Isso é da psicologia humanista. A gente vê claramente esses conceitos diluídos nas pregações (...) dos teólogos do coaching.

A “psicologia humanista”, portanto, se encontraria diluída inclusive em pregações. A incorporação desse modelo psicológico pela TC foi exemplificada diversas vezes pela menção dos participantes do episódio ao ministério evangelístico de Deive Leonardo. A característica predominante de suas pregações, para os críticos, seria uma abordagem “motivacional” e “sentimentalista” marcada pela legitimação religiosa do aceitamento de si e pela valorização do indivíduo como sujeito prioritário da atenção divina. Nesse sentido, o “ponto fraco” de Deus seria amar o ser humano a tal ponto de fazer qualquer coisa por ele. Para Bevenuto, o indivíduo seria concebido nas mensagens de Deive Leonardo como alguém revestido de uma “autenticidade, uma compreensão empática e um aceitamento incondicional” da parte de Deus. A lógica problemática dessa concepção, para os participantes do episódio, não seria a ideia do aceitamento do ser humano como parte do projeto salvífico de Deus, articulado em algumas elaborações teológicas com a noção de universalidade da graça, mas o fato de que, sob essa posição, o humano tomaria para si a prerrogativa de manipulação do divino e de consideração de Deus como um “sócio” que estaria sempre à disposição para o seu desenvolvimento pessoal. Mensagens formatadas pela “psicologia humanista” se adequariam bem a esse propósito, transformando a religião em um instrumento útil para ensinar o ser humano a ser “plenamente realizado”, a “vencer as suas barreiras” e a “se tornar a melhor versão de você [si] mesmo”.

---

<sup>59</sup> Gabriela Bevenuto também é batista de linha calvinista/reformada e natural de Fortaleza, e reside atualmente no Rio Grande do Sul. Possivelmente participa ou participou de uma das igrejas a que os três pastores se vinculam, o que, no entanto, não me foi possível aferir. O projeto que desenvolve é divulgado por meio de seu perfil pessoal no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/gabriela.bevenuto/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

É importante mencionar, a esse propósito, a controvérsia surgida no meio evangélico com as críticas atribuídas a Deive Leonardo por Yago Martins. No mesmo episódio de Baixo Clero, Martins explicita indignação por perceber, nas pregações de Deive Leonardo, a presença de uma teologia que “retira totalmente a transcendentalidade” do Evangelho pela promoção de uma “massagem de ego” de indivíduos que encontram na Bíblia um suporte para a “autoaceitação”. A referência direta para a conclusão do teólogo é outra frase polêmica pronunciada em um dos vídeos de Deive Leonardo, onde este afirma que “do coração de Deus, Jesus é o centro; e do coração de Jesus, você [todo e qualquer indivíduo] é o centro”<sup>60</sup>. Em seguida à enunciação da frase, o evangelista desperta o choro do público presente no auditório em que prega, exclamando, também emocionado: “Você é a pessoa mais importante da Terra, porque tudo o que Jesus fez foi por sua culpa!” Instantes antes de tecer essas afirmações, Deive Leonardo pontuou que encontrou razões para pensar daquela maneira depois de ler um livro sobre relacionamentos humanos e perceber, através dele, que tudo o que ali estava escrito sobre a importância dos vínculos pessoais já havia sido prenunciado na Bíblia. Em sua perspectiva, à maneira que um pai ama seu filho – Deive Leonardo menciona os seus – Deus amaria Jesus e Jesus amaria incondicionalmente o ser humano, valorizando sua importância acima de tudo.

O imbróglio aumentaria quando, do modelo teológico de Deive Leonardo, extrair-se-ia uma crítica que o pregador buscava contradizer publicamente só dois anos depois. Em certo momento do episódio de Baixo Clero em referência, ao levar em conta os “perigos” da propagação da “Teologia do Coaching”, Yago Martins assevera que o ministério de Deive Leonardo teria como uma de suas principais características a função de “anestesiar pessoas enquanto elas vão para o inferno”. A reação de parte do público que tomou contato com a fala foi comunicar imediatamente a Deive Leonardo, através de comentários nas redes sociais, o teor das acusações que a ele se dirigiam. No vídeo *Deive Leonardo me chamou de demoníaco*, um dos quatro vídeos do canal Dois Dedos de Teologia que se seguiriam ao primeiro episódio sobre o tema da “Teologia do Coaching”, Yago Martins aponta que teria trocado mensagens virtuais com o evangelista, no sentido de propor um diálogo e uma partilha de perspectivas teológicas de ambos os lados, nos dias seguintes às primeiras críticas por ele lançadas. O esforço de apaziguamento das divergências encontraria relativa aceitação em um primeiro momento,

---

<sup>60</sup> O vídeo foi publicado em abril de 2019 no canal de Deive Leonardo no YouTube. Ver: “Importante | Deive Leonardo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sk0i09fYKSM>. Acesso em: 01 mar. 2022.

mas retornaria a um clima de hostilidade logo em seguida, com a continuidade das pregações de Deive Leonardo e da exposição do ponto de vista de Martins em relação ao pregador e à TC.

Curiosamente, a postura de Deive Leonardo sobre o assunto seria de silêncio até o dia 31 de maio de 2021, quando participaria de um episódio de podcast do JesusCopy, movimento paraeclesiástico de evangelização com atuação exclusiva no âmbito digital.<sup>61</sup> O segundo vídeo de Yago Martins seria gravado apenas dias depois, em 7 de junho de 2021, em resposta às colocações do evangelista. Na entrevista a Douglas Gonçalves, líder do JesusCopy, Deive Leonardo fala sobre sua decepção com as críticas que recebera, acusando a “classe da teologia” – sem citar Martins ou o grupo de que participa – de “defender a teologia matando pessoas”. O sentido de “matar”, aqui, é obviamente espiritual, o que se torna logo evidente com a indicação de que as objeções colocadas à sua pregação seriam voltadas mais a defender um ponto de vista teológico do que a “amar” a mensagem do pregador. Deive Leonardo afirma então ter “nojo desta classe” e se reivindica como vítima de uma maldição e de uma ofensa, devolvendo a associação com o inferno para o outro lado da controvérsia: “É a coisa mais anti-bíblica que existe, sabe? Você ferir alguém. Você amaldiçoar alguém. Teve um cara, um teólogo famoso, que falou que o meu ministério é anestesiar pessoas para o inferno (...) Um cara diabólico”<sup>62</sup>.

Acionada pelo evangelista, a retórica do sofrimento pela perseguição serviu a Yago Martins como estratégia para ressaltar um ponto nevrálgico de sua crítica no vídeo que produziu na sequência, como resposta à manifestação do pregador. Ao insistir no relato de como se sentiu “ferido” pelas críticas, Deive Leonardo relatou em sua réplica: “Eu me lembro que, no final daquele dia [do contato com as críticas], eu estava em frangalhos. Então eu recebi um vídeo de um amigo que me ajudou muito. Foi uma mensagem do T. D. Jakes, que conversa com o Steven Furtick e fala que ele [também] foi muito atacado”. Yago Martins chama a atenção de seu público para o fato de que Thomas Dexter Jakes, amigo de Deive Leonardo que o consolou na ocasião do recebimento das críticas, é um influente “teólogo da prosperidade” dos Estados Unidos, fundador de uma *megachurch* no Texas com mais de 30 mil membros<sup>63</sup>. Essa informação contribuiu para que Martins reforçasse as ligações de Deive Leonardo com agentes

---

<sup>61</sup> O episódio de podcast pode ser acompanhado com imagens pelo Canal JesusCopy no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2fxiVYcdE>. Acesso em: 01 mar. 2022.

<sup>62</sup> Yago Martins e o grupo de teólogos reunidos em torno do podcast Baixo Clero não foram os únicos a expor discordância em relação à pregação de Deive Leonardo sobre o “centro do coração de Jesus”. Diversos textos e vídeos circularam na internet, dentre os quais um do pastor presbiteriano Augustus Nicodemus. Ver: YouTube. Perguntar Não Ofende. “Tudo que Jesus fez apontou para mim? Eu sou o centro de Jesus? – Augustus Nicodemus #072”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QO4A9FUeOm0>. Acesso em: 03 jan. 2024.

<sup>63</sup> Trata-se da The Potter's House Church, em Dallas. Conferir o site da *megachurch* para mais informações. Disponível em: <https://www.thepottershouse.org/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

da Teologia da Prosperidade e argumentasse, seguindo Pamplona, que a “Teologia do Coaching” consistiria em uma “nova roupagem” dessa corrente, tanto por sua ênfase no sucesso material como marca da bênção divina quanto por sua inspiração “humanista”, aspecto concretizado pela adoção de um discurso “psicologizante” que promoveria uma “massagem do ego” através de pregações “individualistas” e “motivacionais”. Materialismo, humanismo e psicologização são, portanto, elementos que convergiriam em torno de “problemas teológicos”, correlacionando a “Teologia do Coaching” e a Teologia da Prosperidade em um plano comum.

Vale retomar o livro dos teólogos críticos e mencionar a caracterização que Pamplona propõe no capítulo três da publicação, intitulado “O deus carente e limitado da hipergraça: os problemas teológicos do antropocentrismo de palco”, ao qual lhe coube a tarefa da escrita, sobre as consequências mais específicas da TC sobre a teologia e a experiência de vida cristãs. Os “problemas” teológicos descritos pelo pastor incidiriam sobre um “núcleo das verdades do cristianismo” disposto em “três doutrinas centrais” (Martins, Pamplona & Nunes, p. 65): 1) a doutrina sobre Deus, 2) a doutrina sobre o homem e o pecado e 3) a doutrina sobre a salvação. De acordo com os argumentos apresentados, a doutrina sobre quem é Deus e qual é sua relação com a humanidade sofreria uma contrafação na TC que elevaria o ser humano a uma condição divina que este não possui. O paralelo adotado para construir uma explanação sobre a condição humana na TC é uma discussão sobre a noção de Trindade. Pamplona mobiliza Agostinho de Hipona (354-430) e Ricardo de São Vitor (1110-1173), teólogos relevantes na história da igreja cristã, para afirmar que a ideia de um Deus que responde aos anseios do coração humano e tem na correspondência ao amor de suas criaturas um “ponto fraco” é incompatível com a “substância divina” da Trindade. Da concepção trinitária de Agostinho de Hipona, é extraída pelo pastor a consequência de que as pessoas divinas distintas – e ao mesmo tempo unas – do Pai, do Filho e do Espírito Santo só podem existir como tal por causa de suas relações, sem prescindir uma da outra. Todos os atributos substantivos que um ente da Trindade apresenta os demais devem conter em si, pois ao fim de contas são um só Deus e compartilham da mesma essência – embora se admita que desempenhem funções distintas, de acordo com epifanias registradas na Bíblia e no decorrer da história. Essa substância seria, portanto, igualitária na Trindade e estabelecida em uma unidade eterna e imutável, sendo acompanhada por atributos divinos que não poderiam ser reproduzidos e não estariam presentes em nenhum ser criado.

Com a exposição dos argumentos agostinianos e de textos bíblicos que reiteram essa posição, explicitando atributos divinos como o amor<sup>64</sup>, Pamplona aciona a ideia, presente em

---

<sup>64</sup> Cf. 1 João 4.16: “Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”. Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional.

Ricardo de São Vitor, de que a perfeição de Deus se espelha nas relações mantidas entre as pessoas divinas da Trindade. Assim sendo, Deus só é amor porque o é consigo mesmo e com toda a criação; mas a mesma perfectibilidade e imutabilidade não pode estar presente no outro polo, o da relação entre o criador e suas criaturas. O “mistério” do amor, em sua acepção plena, é considerado um atributo exclusivamente divino e intratrinitário. Isso não exclui o amor divino pela humanidade, pontua o pastor, mas apenas aponta para o fato de que a perfeição do amor só pode residir onde há perfeição completa. Daí por que se chega à conclusão de que o amor divino não deve ser equiparado com o amor humano, em detrimento do engano que Ricardo de São Vitor chama de “caridade desordenada”, ou seja, nivelar o amor divino perfeito e imutável e o amor humano imperfeito. Pamplona conclui então que a Trindade é uma “divindade plenamente satisfeita em si mesma”, sem “pontos fracos” e sem a necessidade imperiosa de corresponder ao amor humano e de atender aos seus desejos, como “a TC ensina” (p. 73):

Entenda de uma vez por todas por que a TC perverte o mistério da Trindade: pregar que Deus é amor contradiz totalmente a ideia de que Deus precisa de nosso amor a ponto de nos ter como seu “ponto fraco” ou de ter sua vida centralizada em nós. Dizer que Jesus centraliza sua vida em seres humanos é tão estranho quanto dizer que um ser humano centraliza sua vida em um cachorro – são relacionamentos que não se satisfazem por si só, são amores desordenados. Como Trindade, Deus é centralizado nele mesmo. Por ser Trindade, Deus não tem pontos fracos, não possui carências e não está desesperado por ninguém. (...) Mas, infelizmente, é isso que a TC ensina.

Outro problema teológico recorrente da TC se relacionaria com a questão do estatuto do ser humano – ou seja, da antropologia cristã – e do lugar do pecado na vida cristã. Como extensão da equiparação do amor humano ao amor divino presente na ideia de um indivíduo plenamente aceito sob qualquer condição, capaz de mobilizar a atenção de Deus em torno de seus desejos e com o “ego massageado” por uma mensagem “psicologizante”, em sentido consoante com o que destacam Guilherme Nunes e Gabriela Bevenuto, a noção de indivíduo preconizada pela “Teologia do Coaching” comprometeria a soberania de Deus e legaria pouco espaço para a exortação bíblico-pastoral e para a correção da conduta humana. O pecado seria visto, na TC, mais como um “erro de percurso” do que como uma natural e intrínseca condição de queda, podendo ser corrigido com base na produção de novos “resultados”. Além disso, a doutrina da depravação total do homem, derivada do conceito agostiniano de pecado original, seria colocada de lado por uma ênfase posta sobre as virtudes das capacidades humanas, sobre a noção de autorresponsabilidade individual e sobre a forma de conceber a si mesmo como um empreendimento em que Deus atua como um “sócio”. A liberdade para determinar o futuro caberia, assim, sobretudo aos próprios indivíduos. Sob essa visão, para os críticos, Deus se

tornaria um coach – um treinador sempre disposto a corrigir o rumo humano não em direção à salvação, mas ao desenvolvimento voltado para o crescimento, o sucesso e a prosperidade.

De forma a abordar a tensão entre liberdade e responsabilidade humana, Pamplona recorre à simultaneidade de duas realidades distintas – a humana e a divina – que se justapõem, mas se encontram inseridas em uma lógica que não pode ser plenamente compreendida por ser um “mistério” acessível somente à divindade. A posição defendida é a mesma do teólogo reformado D. A. Carson (2019, p. 16), para quem “a tensão soberania-responsabilidade não é um problema a ser resolvido; em vez disso, é uma estrutura a ser explorada”. Dois exemplos antagônicos são elaborados por Pamplona para ilustrar dois modos de equacionamento dessa tensão. O primeiro advém de uma pregação do pastor e coach Tiago Brunet, denominada “Descubra seu destino”<sup>65</sup>, em que o mesmo diz que “Deus tem o lápis, mas você [o indivíduo] tem a borracha das decisões”. Nessa concepção, tomada como exemplar dos discursos sobre liberdade e autorresponsabilidade na “Teologia do Coaching”, o ser humano é livre para determinar o seu destino – independentemente da soberania divina, pontua Pamplona –, estragando, modificando ou confirmando os planos de Deus. Outra posição, considerada por ele como teologicamente saudável, admite que essa liberdade coexiste com a soberania divina em um ato cocriativo que se efetiva a todo tempo no mundo. O segundo exemplo demonstra qual seria esse tipo de atitude. Pamplona remete a um episódio em que ajudava seu filho de um ano de idade a empurrar um carrinho com as mãos. Como a força do bebê não fosse suficiente para deslocar o carrinho, o pai o ajudou, justapondo suas mãos sobre as do filho e fazendo com o que o carrinho se movimentasse. Assim, o brinquedo foi efetivamente empurrado tanto por um como por outro, refletindo a perspectiva que Pamplona defende para a resolução da tensão soberania divina-responsabilidade humana, em contraposição ao “antropocentrismo” da TC.

Finalmente, o terceiro problema teológico derivado da “Teologia do Coaching” seria incidente sobre a doutrina da salvação, ou soteriologia. Pamplona vê uma correspondência entre as “falas motivacionais” e as “promessas incríveis de muitos coaches de auditório” (p. 87-88) da TC com o movimento da “hipergraça”, que, segundo ele, ainda não ganhou no Brasil a importância que possui nos Estados Unidos, onde foi idealizado. Essa perspectiva, defendida por pregadores como Clark Whitten e John Crowder<sup>66</sup>, admite que a visão predominante sobre

<sup>65</sup> Para conferir o vídeo da pregação: YouTube. Tiago Brunet. “Tiago Brunet – Descubra seu destino”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sJTBSCFWfSk>. Acesso em: 06 jan. 2024.

<sup>66</sup> Clark Whitten é pastor e fundador da Grace Church, uma *megachurch* localizada em Orlando, na Florida; John Crowder, por sua vez, é o fundador de um movimento chamado New Mystics, baseado no Oregon. O site do New Mystics o define como um “novo movimento de renovação marcado por experiências milagrosas e extáticas”. Em uma mescla de referências modernas e antigas evidenciada pela adoção de um vestuário *cool* e de uma linguagem humorística, bem como pelo resgate de concepções teológicas e tradições místicas do cristianismo da Antiguidade,



graça e salvação nas igrejas está equivocada, e que, ao salvar uma pessoa e perdoar os seus pecados, Deus apaga a sua pecaminosidade. Dessa forma, os indivíduos seriam levados a um estado de perfeição por meio da conversão, e assumiriam uma posição de santidade já na Terra. Pamplona atribui ao pastor e coach Victor Azevedo o papel de “pregador mais notável desse movimento teológico” (p. 81) no Brasil, sem mencionar exemplos específicos de como se dá essa vinculação de Azevedo com a teologia da hipergraça. Não obstante, frases correntes em pregações da TC são referidas para afirmar este ponto: “você já é perfeito como Jesus é perfeito”, “você é a própria justiça de Cristo”, “não temos mais as marcas do pecado” (p. 83), entre outras afirmações que afirmam o estatuto de não pecaminosidade do convertido. Em relação às consequências da hipergraça para o cristianismo, o pastor afirma ser próprio da TC a assimilação de uma postura que nega o reconhecimento da culpa em favor da ideia de que um cristão é santo e está justificado de seus erros. Pamplona toma o exemplo do jogador de futebol Robinho, que em 2020 foi condenado pela Justiça italiana pelo crime de estupro. Em sua defesa, o atacante disse estar sendo “perseguido” por ser cristão e como parte de uma “provação de Deus” (p. 87). Para o pastor, esse tipo de posicionamento seria resultado direto da disseminação da hipergraça e do “evangelho motivacional” apregoado pela “Teologia do Coaching”.

Portanto, para os teólogos críticos à TC, uma noção de indivíduo autossuficiente ou relativamente autônomo em relação à dependência de Deus, sublinhada pelo empreendedorismo de si da TC, levaria ao surgimento de problemas teológicos em torno da compreensão da natureza de Deus, da natureza do homem e do lugar de Cristo na salvação humana, postas as condições de um “antropocentrismo” afirmado por meio de mensagens “motivacionais” em um movimento de “psicologização” do Evangelho em um sentido “humanista”. Continuaremos observando, na sequência, os argumentos críticos à presença da “Teologia do Coaching” no cristianismo, destacando a conexão estabelecida com a Teologia da Prosperidade por Pedro Pamplona no livro *Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching* e por Yago Martins na controvérsia pública envolvendo Deive Leonardo.

### 2.3 – A “psicologização” da fé e suas formas

---

associadas ao contemporâneo, Crowder reivindica para si um “estilo cômico, iconoclasta” e “ecumenicamente diverso, com influências teológicas primárias, incluindo a patrística da igreja primitiva, a ortodoxia oriental, as tradições místicas monásticas e os movimentos de graça pós-protestantes” (tradução minha). Para a igreja de Whitten: <https://www.graceorlando.com/>. Para o movimento New Mystics: <https://www.thenewmystics.com/>. Ainda uma referência ao site de Crowder: <https://www.johncrowder.net/>. Acesso a todos os links: 03 fev. 2024.



O choque de concepções teológicas com a sobrevalorização do indivíduo, a ênfase no sucesso econômico-material e a ética do empreendedorismo de si apregoadas pela “Teologia do Coaching” são sublinhados ainda por outros agentes do mundo evangélico, além de Martins, Pamplona e Nunes, em textos e vídeos publicados na internet. É interessante notar como os comentários sobre o tema convergem em um estilo e uma origem comuns: são produções escritas e audiovisuais, como artigos em blogs, vídeos e podcasts, que destacam unanimemente os “perigos” da assimilação dos princípios do coaching no púlpito e nas práticas cristãs. Não obstante, esses posicionamentos se voltam a um público evangélico mais amplo – à “Igreja brasileira” ou ao “povo cristão” – e são comunicados, com efeito, por uma maioria de teólogos pertencente a uma vertente teológica específica, formada por presbiterianos e por batistas identificados com uma tradição calvinista/reformada. Há exceções, como as do pastor e escritor Renato Vargens, da Igreja Cristã da Aliança, de Niterói/RJ – que, embora também reivindique ligação com uma teologia reformada, não é presbiteriano ou batista – e Valmir Nascimento Milomem Santos, membro da Assembleia de Deus (AD), diretor de Assuntos Acadêmicos da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (Anajure) e analista na Justiça Eleitoral de Mato Grosso. O alerta de Vargens contra a TC é ecoado por um portal evangélico na internet e Santos publica um texto com teor semelhante em um jornal da AD<sup>67</sup>. Esses e outros teólogos reiteram uma justaposição da “Teologia do Coaching” com a Teologia da Prosperidade, associando-a ao neopentecostalismo e enfatizando a singularidade das manifestações, modos de organização e concepções neopentecostais em oposição a tradições teológicas como a reformada, menos aderentes, segundo eles, à adoção de práticas heterodoxas associadas a um viés “humanista”.

Essa justaposição é operada de várias maneiras, sempre com implicações teológicas. Passo agora a explorá-las a partir de duas tendências observadas pelos teólogos críticos, as quais se somam às controvérsias anteriormente mencionadas e revelam aspectos específicos da vinculação da “Teologia do Coaching” com um modelo teológico associado ao neopentecostalismo. Em artigo publicado na revista eletrônica *Teologia Brasileira* em maio de 2021<sup>68</sup>, o pastor presbiteriano Alan Rennê Alexandrino aposta em uma explicação sobre a

---

<sup>67</sup> Ver: GospelMais. “Pastor faz alerta contra o modismo da “teologia do coaching”. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-alerta-contra-teologia-do-coaching-151746.html>. O texto de Santos, cujo título é “A ‘teologia coaching’ e seus perigos”, foi publicado originalmente no número 1638 do Jornal Mensageiro da Paz, da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), em novembro de 2021. Embora não tenha sido possível localizá-lo na fonte original, a versão na íntegra, com a referência, se encontra disponível em: [https://www.academia.edu/65291940/A\\_Teologia\\_Coaching\\_e\\_seus\\_perigos\\_The\\_Coaching\\_Theology\\_and\\_its\\_dangers](https://www.academia.edu/65291940/A_Teologia_Coaching_e_seus_perigos_The_Coaching_Theology_and_its_dangers). Acesso a ambos os links: 03 jan. 2024.

<sup>68</sup> Constatado que a revista *Teologia Brasileira* não se enquadra como uma revista acadêmica de teologia. Seus artigos são livres e têm a forma de opiniões emitidas pelos autores, tal como em um blog. Para o texto de Alexandrino:

“Teologia do Coaching” que destaca essas duas tendências. A primeira, mais extensamente comentada, consiste no reconhecimento de que o aspecto “antropocêntrico” da TC não é uma exclusividade ou invenção que se origina pela entrada de discursos e práticas de coaching nas igrejas; trata-se para ele, ao invés disso, da expressão de um pensamento/percepção sobre Deus em voga no cristianismo evangélico a nível global. Alexandrino apresenta o conceito de “deísmo moralista terapêutico”, elaborado na obra dos sociólogos Christian Smith e Melinda Lundquist Denton (2009), para se referir à postura relativamente comum no meio evangélico estadunidense – mas também em outros lugares, inclusive no Brasil – de se estabelecer Deus como um parceiro ou colaborador da felicidade humana, e como criador de uma ordem que favorece um sentimento de autossuficiência e realização plena de suas criaturas. Em harmonia com essa noção, cristãos contemporâneos tenderiam cada vez mais a perceber Deus como um coach que teria por função facilitar a satisfação de necessidades emocionais e oferecer as condições para a felicidade dos indivíduos. Constituir-se-ia, assim, um modo de percepção da soberania divina que colocaria o indivíduo no centro da relação teológica e fomentaria um interesse crescente por práticas “humanistas” externas à religião, como as oriundas da psicologia secular – o coaching sendo incluído pelo pastor como uma dessas possibilidades. O coaching não seria, então, uma causa específica do “desvirtuamento” da TC, mas consequência de uma tendência generalizada de “psicologização” de cunho humanista no meio evangélico.

Alexandrino atenta para as cinco premissas básicas do “deísmo moralista terapêutico”, todas originalmente formuladas por Smith e Denton para propor um diagnóstico das formas de experimentação da fé por adolescentes estadunidenses, mas transponíveis aos argumentos do pastor por uma livre interpretação que este faz delas. A primeira seria a postulação de que existe um Deus criador e ordenador do mundo; a segunda, de que Deus deseja que as pessoas sejam boas e justas umas com as outras; a terceira, de que o objetivo central da vida é ser feliz e se sentir bem consigo; a quarta, de que Deus não precisa estar particularmente envolvido na vida de alguém, exceto quando isso se faz necessário; e a quinta, de que pessoas boas vão para o céu quando morrem. Essa síntese seria como um “credo”, na visão de Alexandrino, do modelo teológico a que pessoas comprometidas com um “deísmo moralista terapêutico” seriam aderentes. Tal modelo admitiria, inclusive, a crença em qualquer deus – eis a razão para a presença do termo “deísmo” na definição –, desde que em sua concepção fossem cumpridas as cinco premissas para uma experiência de “parceria” com o sagrado, tendo em vista o suporte espiritual para a garantia da segurança psicológica e da felicidade humana. O autor do texto

explora, a partir de referências da teologia reformada, como a postura derivada dessa percepção sobre a natureza de Deus se relacionaria com bases assentadas pela Teologia da Prosperidade e pelo neopentecostalismo, acentuando o poder de barganha do indivíduo para com Deus. De acordo com ele, a soberania de Deus se tornaria secundária nesse modelo, já que o indivíduo estabelecerá uma imagem customizada de uma divindade que zela sempre pelo seu bem-estar.

Nos debates do canal Dois Dedos de Teologia e do podcast Baixo Clero, esse tópico é rapidamente levantado, sem receber, no entanto, a mesma atenção dedicada a ele pelo texto de Alexandrino. O inverso acontece com uma segunda tendência, presente em manifestações mais performáticas da “Teologia do Coaching” e ligada ainda a um modelo teológico de cunho “antropocêntrico”. A menção a esse elemento é feita de passagem pelo pastor presbiteriano, sendo comentada com maiores detalhes pelo grupo de teólogos batistas. Trata-se da influência da linguagem ericksoniana<sup>69</sup> sobre as técnicas utilizadas para criar um ambiente de estimulação sensorial nas dinâmicas influenciadas pelo coaching em ambientes eclesiais. Ou seja, tanto em cultos como em palestras e treinamentos, poder-se-ia constatar que participantes da “Teologia do Coaching” fariam uso de uma estética específica – luzes baixas, escuro, fundo musical calmo, voz cadenciada – com o objetivo de “hiperestimular” as emoções do público através de procedimentos hipnóticos baseados na sugestão ericksoniana<sup>70</sup>. Neste ponto, há que se frisar o encontro com uma dimensão que procurei explorar em um trabalho anterior, ao elaborar uma interpretação antropológica da emergência da estética da adoração *worship*, característica de *megachurches*, em cultos de jovens evangélicos (Aguiar, 2020). Essa tendência é caracterizada pela presença ritualística dos mesmos elementos aqui associados a uma estimulação sensorial pela linguagem ericksoniana. Os teólogos se referem às igrejas que adotam essa estética como “igrejas emergentes”, considerando-as inclusas no movimento da “Teologia do Coaching”.

Essas características estariam presentes nos vídeos de Deive Leonardo, por exemplo, e nas conferências de coaches como Tiago Brunet, explicando algo do sucesso de sua aceitação pelo público. Yago Martins defende que o “modelo hipnótico” nas igrejas é responsável por

---

<sup>69</sup> Uma definição de “linguagem ericksoniana” disponível é a de José Roberto Marques, presidente e fundador do Instituto Brasileiro de Coaching (IBC), e envolve a referência à sua origem na obra do psiquiatra estadunidense Milton Erickson (1901-1980), que se dedicou a estudar a aplicação de técnicas de hipnose em psicoterapia, influenciando posteriormente a programação neurolinguística. Marques indica que essa abordagem “fornece instrumentos que facilitam o processo de coaching por meio da sugestão hipnótica, sem imposição de transe”. Disponível em: <https://jrmcoaching.com.br/blog/o-que-e-linguagem-ericksoniana/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

<sup>70</sup> Empiricamente, considero essa justaposição arriscada. Se considerássemos que o discurso voltado à ética do empreendedorismo de si e o amálgama teológico com uma “psicologia humanista” marcam de fato esse modelo eclesial, caber-nos-ia indagar, ainda, em que sentido esses aspectos são correlativos a uma forma de adoração.

uma produção fisiológica de sensações erroneamente atribuídas ao Espírito Santo. Para o teólogo, tratam-se de efeitos explicados pela ciência e concernentes a uma “indução hipnótica”:

Existem até estudos científicos que mostram como o coaching, a PNL [programação neurolinguística], são nada mais que você aplicar métodos de sugestão hipnótica e de hiperestimulação sensorial. E quando você traz isso pra igreja, você acaba trazendo o modelo hipnótico. Você hiperestimula as pessoas, você coloca música de fundo, voz cadenciada, comandos e sugestões, uma luz forte (...) E você começa a ter sensações que atribui ao Espírito Santo. Essas sensações são uma resposta do seu corpo a uma indução hipnótica. A pessoa que tá lá na frente nem sabe e nem entende que tá usando métodos da hipnose. Vai acabar achando que tá sendo instrumento de Deus, quando tá simplesmente usando certas metodologias pra tocar o emocional das pessoas.

Para ilustrar esse ponto e estabelecer sua relação com a “Teologia do Coaching”, Martins convida o hipnólogo Alberto Dell’Isola para uma entrevista em seu canal. Considerado um dos principais especialistas em hipnose no Brasil, Dell’Isola classifica as experiências de hiperestimulação sensorial em duas formas: uma intencional e uma não intencional. A intencional se realizaria quando há conhecimento, por parte do estimulador, das técnicas utilizadas para alcançar os objetivos da sugestão hipnótica. Criar-se-ia, a partir dessas técnicas, um ambiente propício para que pessoas experimentassem sensações de uma certa natureza. Por exemplo: a condução de treinamentos de coaching de “imersão total”, o que geralmente inclui privação de sono, configuraria, de acordo com Dell’Isola, um cenário de diminuição da atividade do córtex pré-frontal e de ativação da parte “mais emocional” do cérebro, em detrimento de uma atitude de “racionalização” do que é sentido. Essa situação favoreceria a assimilação das sugestões recebidas de discursos ou gestos criados sob essas condições. Para o hipnólogo, coaches teriam conhecimento, oriundo de suas formações, desses procedimentos e de sua associação com a sugestão hipnótica. Em cultos que adotam um formato de facilitação da hiperestimulação sensorial, por sua vez, nem sempre haveria a intenção dos estimuladores em utilizar técnicas da linguagem ericksoniana, porque, em geral, os procedimentos hipnóticos seriam desenvolvidos sem um treinamento específico ou um conhecimento prévio em hipnose.

A despeito da prática comum de uma hipnose sem conhecimento e intencionalidade, Dell’Isola menciona que seus cursos não raro são frequentados por pastores vinculados a uma denominação específica: “A cúpula da Igreja Universal faz curso de hipnose [comigo]. Já tive vários alunos que eram pastores [da IURD]”. Segundo ele, diversas performances desenvolvidas pela igreja em seus cultos, como a expulsão de demônios, a realização de entrevistas com os mesmos ou o estímulo para as doações financeiras constantes, seriam consequências de um uso deliberado da sugestão hipnótica. Em complemento à colocação do hipnólogo, Yago Martins destaca que a linguagem ericksoniana serve simultaneamente aos

propósitos de um modelo neopentecostal de manifestação do Espírito Santo e ao formato adotado pelos “teólogos do coaching” em suas igrejas, pregações e dinâmicas, sugerindo, além de uma justaposição de conceitos e procedimentos relacionados com o empreendedorismo de si, uma aproximação performática entre a “Teologia do Coaching” e o neopentecostalismo. Vê-se, a partir de uma descrição desses aspectos, como a “psicologização” humanista da TC é concebida pelos seus críticos: como afirmação do “antropocentrismo” através de discursos e pregações motivacionais e como resultado de intervenções cúlticas guiadas por tecnologias psicológicas como a linguagem ericksoniana, a programação neurolinguística e a hipnose.

#### **2.4 – A Teologia da Prosperidade no contexto da “Teologia do Coaching”**

Pode-se verificar, no modo como os teólogos críticos definem a “Teologia do Coaching”, uma extensão das caracterizações voltadas a produzir análises sobre a Teologia da Prosperidade e o neopentecostalismo na literatura socioantropológica brasileira. Como aponta Giumbelli (2001), são diversas as interpretações de cientistas sociais sobre o neopentecostalismo que incursionam em um modelo de corte weberiano, confluindo com avaliações teológicas feitas a partir de críticas que se originam no meio religioso. Nessa senda, o grau de “racionalização” das práticas neopentecostais, por exemplo, é entendido como um indício de diferença a propósito dos “elementos mágicos” da Teologia da Prosperidade, resultando em uma inserção paradoxal do neopentecostalismo nas tipologias do protestantismo, pois “a afirmação da identidade protestante” neopentecostal serve para “revelar os traços que [a] separam de sua tradição de origem” (ibid., p. 109). Aqui um alinhamento semelhante é recriado, mas sob a forma de uma crítica teológica à “Teologia do Coaching” em associação direta com concepções mantidas sobre Teologia da Prosperidade e neopentecostalismo. O que se põe como reforço ao argumento, desta feita, é a constatação de uma “psicologização” comum com o neopentecostalismo nas práticas e discursos constituintes da “Teologia do Coaching”.

É sintomático que o paradigma da comparação de Yago Martins seja a Igreja Universal do Reino de Deus, denominação evangélica na qual uma série de transformações vêm ocorrendo ao longo dos últimos anos, sobretudo no que diz respeito a uma racionalização econômica da conduta de vida que aproxima o discurso neopentecostal de uma linguagem empreendedora (Abreu, 2017; Gutierrez, 2017; Teixeira, 2018). Como demonstra Diana Lima (2007), esse processo foi germinado ainda em meados da década de 1990, quando reformas neoliberais suscitaram uma reconfiguração no cenário socioeconômico brasileiro e estimularam uma adesão à mensagem individualista da Teologia da Prosperidade representada por igrejas como

a IURD. Exatamente na segunda metade dos anos 1970, época em que essa denominação é fundada no Rio de Janeiro pelo bispo Edir Macedo, inicia-se no Brasil o processo de expansão do movimento que mais tarde seria apreendido conceitualmente como uma “terceira onda” do pentecostalismo por Paul Freston (1993), ou como “neopentecostalismo” por diversos autores, dentre os quais Oro (1992), Mendonça (1994), Pierucci & Prandi (1996) e Mariano (1999), assim como por grande parte da opinião pública. Marcado por um afrouxamento da conduta ascética em que se envolviam os pentecostalismos anteriores – clássico e de cura divina, ou de primeira e de segunda ondas –, o modelo neopentecostal se fortaleceu sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, capitaneado por igrejas dirigidas por líderes carismáticos e voltadas à ênfase em um sistema de troca e dádiva onde o dinheiro ocupava lugar predominante, mediando entre Deus e os fiéis o recebimento de bênçãos e a oferta de sacrifícios (Oro, 2001; Silva, 2006).

A Teologia da Prosperidade, como ficou conhecida essa abordagem ou movimento, deita raízes históricas em um contexto concomitante à faixa medial do século XX, conforme nos lembra Garrard-Burnett (2011). Foi através da atuação de “pregadores da prosperidade” estadunidenses, como Reverendo Ike, Kenneth Hagin e Oral Roberts, entre outros, inseridos na comunicação de massa radiofônica e televisiva, que essa teologia veio a se propagar pelo mundo e a se estabelecer de forma relativamente tardia no meio evangélico brasileiro, coincidindo com o momento histórico do *boom* das igrejas pentecostais no país. Desde sua origem, nos diferentes lugares em que se afirmou como uma corrente teológica importante, a TP foi caracterizada por uma ampla e diversificada inserção nas mídias, fato que impulsionou o seu alcance social em diálogo com transformações tecnológicas e econômicas desencadeadas pelo processo de globalização (Gutwirth, 1988). Hodiernamente, o conceito tem sido revisitado diante das recomposições que tomam lugar no campo evangélico e que se relacionam, em determinados contextos, com a aceleração da circulação de migrantes nas últimas décadas e com o surgimento e a expansão de igrejas nascidas no mundo pós-colonial (Fath, 2022; Millet-Mouity, 2022). Na esteira dessas transformações sociais, a Teologia da Prosperidade segue tendo reverberações importantes, como a capacidade de fornecer aos fiéis uma ligação orgânica entre fé e bem-estar que vincula o sucesso e o crescimento pessoal à constatação da efetividade da fé (Bowler, 2013).

A incidência da Teologia da Prosperidade no meio cristão requer a sua inscrição em um quadro que contemple a sua pluralidade. Nesse sentido, diversos autores têm procurado ampliar seus horizontes empíricos e analíticos em direção à apreciação de “teologias da prosperidade”, no plural. É o caso de Sébastien Fath (2024), que propõe uma tipologia dessas formações teológicas a partir de sete repertórios ou variantes: 1) *transacional*, concernente a uma relação materialista de troca com Deus, envolvendo bênçãos e sacrifícios; 2) *contratual*,

em que são centrais as alianças com Deus baseadas em narrativas do Antigo Testamento e na obediência às “leis do Reino”; 3) *mágico-religiosa*, onde a unção é tomada como mercadoria e assume, no ritual, uma lógica de eficácia mágica; 4) *performativa*, com referente na Confissão Positiva e nas formas de decretar a vitória e a prosperidade pelo poder das palavras; 5) *clientelista*, quando o que está em jogo é um modelo de fidelidade religiosa atravessado pelas noções de honra, benção e autoridade bíblica; 6) *psicopositiva*, que coloca o foco sobre o desenvolvimento pessoal e no autoconhecimento como vetores de prosperidade; e 7) *pós-colonial*, que apresenta uma reivindicação espiritual de inversão da narrativa do espólio colonial pela transferência da riqueza do injusto (colonizador) para o justo (colonizado). Cada qual dessas variantes é a construção de um tipo-ideal weberiano que contém especificidades próprias, podendo apresentar-se de maneira híbrida com outras variantes (Fath, op. cit., p. 470).

No bojo dessa tipologia, a variante psicopositiva é aquela em que melhor se enquadram os elementos destacados pelos teólogos críticos à TC como componentes da Teologia da Prosperidade. Fath (op. cit., p. 479) define esse repertório como uma perspectiva “retransmitida por um foco pastoral na formação, na potencialização, na construção de uma trajetória positiva que combina prosperidade e autoconhecimento”. Esse é o propósito de práticas como o coaching, dedicado ao aprimoramento e à potencialização do desempenho do indivíduo em todas as áreas da vida. Em associação com o cristianismo, esse processo pode ser lido também em um sentido de desenvolvimento espiritual, o que possui implicações múltiplas e dialoga com os termos das controvérsias construídas em torno da TC<sup>71</sup>. Ainda outras variantes da TP guardam relação com a TC sob as definições que lhe são dadas: na “psicologização” acusada pelos críticos, os repertórios contratual e performativo não deixam de se fazer presentes, embora estejam imiscuídos à variante psicopositiva e à autorrealização individual no plano psicológico. Autorrealização, aliás, que sustenta determinadas concepções sobre o espiritual que prescindem de estruturas religiosas institucionais e se afirmam na contemporaneidade como reflexos de uma crescente individualização da relação dos sujeitos com a religião, implicando-se em uma dinâmica societal que atribui centralidade à liberdade individual de escolha (Stolz et al., 2015). Assim vista, a demanda por uma religião “psicologizada” pode ser considerada para além de sua vinculação com a “Teologia do Coaching” e a Teologia da Prosperidade, referindo-se sobretudo a um sinal do tempo presente, em que a busca por alternativas religiosas é ressignificada e passa a incorporar uma preocupação com a satisfação de necessidades psicológicas individuais. A religião, nessa perspectiva, não é “contaminada” pela exogeneidade

---

<sup>71</sup> No próximo capítulo, abordarei como a noção de “desenvolvimento espiritual” e outras articulações do coaching com a ideia de “espiritualidade” aparecem em cursos/formações realizados em igrejas e organizações religiosas.

da “psicologização”, mas é por ela transformada, uma vez que a “psicologização” se impõe em termos sociológicos mais amplos, relativos à forma como os indivíduos passam a recorrer à religião e à espiritualidade. Nesse contexto, a barganha da variante contratual não desaparece, mas passa a coexistir com outras modalidades de relação com a prosperidade que com ela se complementam, em variantes/repertórios da TP presentes em igrejas cristãs de diversas origens.

Reside precisamente nessa ênfase dada à prosperidade e à barganha materialista um primeiro ponto de contato entre a Teologia da Prosperidade e a “Teologia do Coaching”. O segundo surge da adesão a uma ética do empreendedorismo de si que se diferencia do materialismo econômico pela conjugação com técnicas, processos e concepções de um indivíduo que deve voltar os olhos para si mesmo, pesar os resultados de suas ações e buscar ser uma melhor versão de si a partir de intervenções efetivadas sobre a própria subjetividade. Já mencionamos, no início deste capítulo, que o sujeito idealizado pelo coaching responde, segundo seus críticos, a essa ética como princípio fundamental não só da experiência religiosa, mas de vida. Empenhado em vencer e crescer em todos os aspectos, inclusive e principalmente psicológicos, o sujeito da TC estaria distante da figura do puritano que desenvolve uma “afinidade eletiva” com a ética capitalista por meio do ascetismo intramundano (Weber, 2004 [1905]). No lugar da disciplina ao trabalho, da abstinência total dos prazeres deste mundo, do desinteresse pelos assuntos materiais e da rejeição do consumo supérfluo, haveria uma busca ativa por usufruir do que há de melhor na Terra, sob a perspectiva de que Deus reserva ao indivíduo a abundância como destino natural e o bem-estar como bênção da maior grandeza.

Em *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* (1999), Ricardo Mariano explora a diferença entre o ascetismo da ética calvinista e o materialismo econômico da Teologia da Prosperidade chamando a atenção para esse ponto. Ao comentar a tese proposta por David Martin (1990) acerca do crescimento pentecostal na América Latina e da existência de valores intrínsecos ao pentecostalismo que favoreceriam, a médio prazo, o fortalecimento de uma economia de mercado nos países da região, Mariano opta por elaborar uma interpretação mais comedida. De acordo com Martin, por meio de suas dinâmicas internas, o pentecostalismo proveria seus seguidores de determinadas “habilidades” e “virtudes”, como participação, voluntarismo, autogoverno e iniciativa pessoal, os quais os tornariam mais aptos à mobilidade social. Haveria, na América Latina, uma situação “latente” no desenvolvimento dessas disposições, o que suporia a confirmação desse efeito econômico-religioso apenas em um futuro não imediato. O sociólogo Peter Berger, que escreve o prefácio do livro de Martin, concorda com a tese do autor e a leva mais além, ao dizer que as consequências da conversão pentecostal na América Latina são similares às descritas por Weber em *A ética protestante e o espírito do*



*capitalismo* (op. cit.). Mariano, por sua vez, expressa discordância em relação a Martin e a Berger ao constatar que não há indícios plenamente suficientes de uma correlação direta entre sucesso econômico e crescimento do pentecostalismo nas sociedades latino-americanas, uma vez que a afinidade existente entre pentecostalismo e capitalismo na região aparenta ser totalmente distinta daquela encontrada no puritanismo calvinista. Além disso, não seria possível constatar traços especificamente pentecostais que permitiriam sobrevalorizar essa religião acima de outras, senão arbitrariamente. O que existiria, isto sim, seria a afinidade de uma determinada concepção pentecostal presente na América Latina em relação a uma ética capitalista. Esse fato, de acordo com Mariano (1999, p. 184-185), não seria suficiente para sugerir a existência de projeções teleológicas de sucesso ou de desenvolvimento econômico:

A Teologia da Prosperidade, até pelo nome, parece ser o exemplo perfeito da afinidade entre pentecostalismo e sucesso econômico. Mas nada está mais distante do puritanismo calvinista, exemplo-mor desta afinidade, do que a Teologia da Prosperidade. Nas seções ascéticas do protestantismo, a riqueza, quando adquirida no trabalho cotidiano, metódico e racional, constituía (...) um dos sintomas de comprovação do estado de graça do indivíduo, ou de sua eleição à vida eterna. (...) No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. (...) Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista. (...) Isso não quer dizer que o neopentecostalismo, ou sua Teologia da Prosperidade, não tenha afinidade com o capitalismo. Ele tem, só que é completamente distinta daquela do puritanismo. (...) Mas daí concluir que tal teologia, ou os religiosos que a defendem, impulsionem e fortaleça efetivamente este sistema econômico, vai uma longa distância.

A Teologia da Prosperidade e o neopentecostalismo são vinculados por Mariano, portanto, a um tipo de afinidade com o capitalismo que rejeita o ascetismo calvinista e toma a forma de uma “motivação consumista” alinhada com os pressupostos materialistas que *a priori* definem esse modelo teológico. O sociólogo pontua na sequência do trecho destacado uma breve colocação que não é desenvolvida em seu livro, mas que já indica, em meados dos anos 1990, o surgimento de consequências da Teologia da Prosperidade que são situadas em um plano psicológico: “Na melhor das hipóteses, o que ela [a TP] proporciona *ao indivíduo, não ao coletivo*, resume-se a elementos de natureza *psicológica*: melhora da autoestima, aumento da autoconfiança, vontade de prosperar, esperança no futuro” (ibid., grifos meus, p. 185).

Estamos, dessa maneira, diante do segundo aspecto de contato da Teologia da Prosperidade com a “Teologia do Coaching”, tal qual sugerido por seus críticos – em sua maioria, teólogos calvinistas, herdeiros de uma ética menos afeita ao materialismo. Deparamo-nos agora com a questão concernente às continuidades e descontinuidades entre ambos os movimentos e modelos teológicos. Em relação à Teologia da Prosperidade, assim como ao neopentecostalismo, quais elementos seriam conservados e quais se alterariam na emergência

de uma “Teologia do Coaching”? Como poderíamos abordar essas transformações no contexto teológico? Seria possível, ainda, falar da “Teologia do Coaching” como uma pós-Teologia da Prosperidade ou, então, como uma substituta desta, endossando a perspectiva crítica? E, ao observar a influência de um modelo teológico vinculado ao coaching sobre igrejas evangélicas brasileiras, com incidência sobre a assimilação de um empreendedorismo de si e sobre a presença de elementos “psicologizantes” no âmbito estético/performático dos cultos – o que põe em jogo o caráter puramente individual das consequências psicológicas destacadas por Mariano –, estaríamos assistindo, portanto, a algo como um processo de “neopentecostalização” do evangelicalismo que partiria da ou encontraria correspondência na “Teologia do Coaching”?

Nessa perspectiva, com a finalidade de estabelecer relações econômicas de troca para com Deus, sob o modelo da “Teologia do Coaching” o indivíduo não mais dependeria de toda uma sorte de sacrifícios mediados pelas instituições religiosas, mormente as neopentecostais, como dízimos e doações financeiras, correntes de oração e jejum ou campanhas de libertação de vícios e de prosperidade nos negócios. Ele poderia agora alcançar a graça divina, geralmente traduzida em termos do alcance de resultados de excelência, através do aperfeiçoamento da própria conduta. Os meios para a obtenção desse aprimoramento de si seriam variados e poderiam passar, eventualmente, pela adesão a processos de desenvolvimento pessoal como o coaching. Na medida em que a “Teologia do Coaching” fosse correlacionada com uma variante psicopositiva da Teologia da Prosperidade, para retomar a proposição de Fath, bastaria que endossássemos a posição dos teólogos críticos, categorizando a TC como um ramo, um desenvolvimento ou uma nova versão da TP. Em todo caso, o foco seria transposto de uma barganha materialista para uma “psicologização” da fé, ou para uma primazia da valorização da subjetividade em resposta à necessidade de se ter sucesso e abundância na vida. Assumo que certamente há uma mudança na forma como a relação econômica entre o humano e o divino é estabelecida na TC; mas isto não é tudo. Na sequência, buscarei complexificar essa questão pelo recurso a uma discussão sobre como a “psicologização” constatada pelos críticos à TC lança desafios à compreensão da relação entre modelos psicológicos e economias teológicas.

## **2.5 – Economias teológicas e modelos psicológicos: uma relação a observar**

Como vimos ao longo deste capítulo, os teólogos que se contrapõem à TC, associando-a à Teologia da Prosperidade e ao neopentecostalismo, constroem suas críticas a partir de diversos argumentos: problemas teológicos oriundos de um discurso “motivacional” ligado ao coaching, adoção de uma psicologia “humanista” e secular, ênfase materialista sobre a

prosperidade, estímulo à perspectiva do “deísmo moralista terapêutico”, presença de técnicas de sugestão hipnótica derivadas da linguagem ericksoniana na formatação cültica, etc. Sublinho que esses elementos, tomados em seu conjunto, participam de uma ética do empreendedorismo de si que é assumida como problemática pelos teólogos críticos por conta de seus efeitos reconhecidamente “antropocêntricos”, “individualistas” e “psicologizantes”. Assenta-se a crítica na premissa de que o “cristocentrismo” deve ser reforçado e isolado do “humanismo”, sob o risco de que uma sobrevalorização do indivíduo e de suas potencialidades forneça margens a uma compreensão sobre a natureza humana que admita um indivíduo autossuficiente em relação à soberania divina, colocando em jogo doutrinas como a da natureza de Deus e a da natureza do homem – e sua condição intrínseca de pecaminosidade – e a doutrina da salvação.

No entanto, sublinho que o que está em jogo não é o empreendedorismo de si e o desenvolvimento do sucesso em termos de uma acumulação material, algo jamais enfatizado pelas críticas, senão as consequências teológicas de sua vinculação a uma ética econômico-religiosa que pressupõe o estabelecimento de um sistema de troca com Deus em que o indivíduo passa a ocupar um espaço de centralidade concebido como exclusivamente divino. Há o reconhecimento da existência da passagem de um modelo teológico baseado na barganha materialista para um modelo orientado pela “psicologização” da fé, mas a posição de centralidade do ser humano nessa relação é o que continua sendo o alvo das críticas. A prosperidade como forma de acumulação material ou o crescimento como resultado de processos de desenvolvimento pessoal não são problemáticos para os teólogos<sup>72</sup>, conquanto o enriquecimento de um indivíduo ou seu desenvolvimento não se afirme como produto de um relação econômica que atribua a Deus a obrigação moral de retribuição, deslocando-o de uma posição de soberania. Em havendo essa expectativa, a troca se evidenciaria como um sistema de dádiva/contradáviva, tal qual abordado por Marcel Mauss (1974), e implicaria em um dilema econômico-religioso de ordem maior. Pois o conceito teológico de soberania divina, segundo a formulação dos críticos, não cabe em um regime epistemológico onde atributos divinos são negociados e manipulados pelos seres humanos, seja pela barganha, seja pela “psicologização”.

---

<sup>72</sup> Chamo a atenção para o fato de que Yago Martins, um dos pastores críticos à “Teologia do Coaching”, acumula em seu currículo uma especialização em Escola Austríaca de Economia e atua na docência em cursos de graduação e pós-graduação em Economia, além de Teologia. Ele também é membro do corpo de especialistas do Instituto Ludwig von Mises Brasil, uma associação que promove no país os princípios da economia de mercado e do liberalismo político e econômico. Essa colocação é importante, porque desmistifica a ilusão de que um posicionamento contrário à presença da ética do desenvolvimento de si no meio religioso seja uma contestação ao modo de economia capitalista. Informações sobre a formação e a atuação de Yago Martins: Grupo Editorial Record. “Yago Martins”. Disponível em: <https://record.com.br/autores/yago-martins/>. Site do Instituto Ludwig von Mises Brasil: Mises Brasil. Disponível em: <https://mises.org.br/>. Acesso a ambos os links: 03 mar. 2022.

Nos dois casos em que essa troca é identificada com a TP – na barganha materialista e na “psicologização” da fé –, tem-se a constatação, pelo grupo crítico, de um modelo teológico “antropocêntrico” nocivo ao que se considera ser um paradigma genuíno de fé e vida cristã. O primeiro caso seria prototípico da Teologia da Prosperidade e de seu materialismo acentuado; o segundo receberia um desenvolvimento próprio na “Teologia do Coaching”, respondendo a anseios subjetivos, de ordem psicológica, pela busca da felicidade e do bem-estar individual. Mesmo que consideremos que o modelo teológico da TC responde a “demandas entabuladas” (Gabatz, 2017) pela Teologia da Prosperidade, concernentes aos “elementos de natureza psicológica” a que alude Mariano (op. cit.), a novidade do coaching não reside em uma exclusão total da barganha, ou em uma transposição de uma lógica do tipo transacional para uma variante psicopositiva que deixe de lado relações de ordem econômica com Deus e passe a adotar relações de outra natureza – nomeadamente, psicológica. Não se trata, pois, de um processo em que o econômico se dissocia do psicológico. É preciso atentar para as passagens entre economias teológicas e modelos psicológicos para entrever a articulação realizada no contexto do coaching. O sujeito preconizado pela “psicologização” da TC – o empreendedor de si – é munido de disposições que o identificam com uma ética econômico-religiosa que não é de todo coincidente com modelos teológicos anteriores, mas que está vinculada às consequências de relações contemporâneas entre formas religiosas e processos econômicos e psicológicos.

Essas relações são produzidas no contexto do que Boltanski e Chiapello (2009) denominam o “novo espírito do capitalismo”, ou seja, uma terceira e atual fase do capitalismo onde as formas de acumulação, em transformação, reivindicam um novo modo de organização econômica e social. Nele, tecnologias de ordenamento da conduta individual são dotadas de um poder de ação psíquica de conformação à ética capitalista, ascendendo junto à globalização como forças atuantes na renovação do capitalismo. Ao incorporar a “razão neoliberal” (Dardot e Laval, 2016) do capitalismo contemporâneo, essas tecnologias se expandem por domínios variados da vida, não se restringindo ao econômico ou ao psicológico. A religião, sob essas configurações, é igualmente transformada. Mas as suas fronteiras com a economia e com a psicologia, assim como com outros âmbitos e processos da vida social antes concebidos em certos quadros de distinção em relação à religião – conforme preconizavam, geralmente, as teorias da secularização e do confinamento da religião à vida privada –, são agora repostas e redefinidas. Linguagens, práticas e concepções em sintonia com uma ética econômica constituída por essa disposição do capitalismo dialogam com a religião e a produzem, em um movimento dialético que não possui uma dinâmica de lógica externa e outra interna – à maneira de uma religião “pura” afetada pelas reverberações econômicas e psicológicas do capitalismo

–, mas elementos situados em conexão. A religião se constrói dentro dessa relação e não fora dela. Por essa razão, pode-se advogar que o “novo espírito do capitalismo na modernidade periférica” (Torres, 2007), sugerido a propósito da expansão do neopentecostalismo no Brasil, na América Latina e no Sul global, necessita incorporar uma mirada menos restrita a movimentos religiosos institucionalizados, em menor, ou maior grau e mais atenta a formações teológico-econômico-psicológicas que revelam, em uma ética capitalista cada vez mais “psicologizada”, tecnologias desenvolvidas nas fronteiras da religião, mobilizando processos como o coaching e reações na forma das críticas endereçadas a uma “Teologia do Coaching”.

Um outro aspecto a ser observado nessa relação são as dinâmicas que conformam, nas fronteiras da religião, um repertório simbólico em torno de um cristianismo não religioso. As críticas à “Teologia do Coaching” evidenciam que o processo denunciado de “psicologização” da fé está orientado pela constatação da incorporação, pela religião, de uma psicologia “humanista”, “secular” e “não bíblica”, nos termos adotados pelo teólogo Guilherme Nunes. Nessa formulação, há a produção de uma cisão entre perspectivas distintas da psicologia, as quais se vinculam a oposições binárias pressupostas: psicologia humanista/antropocêntrica e cristocêntrica; psicologia religiosa e secular; psicologia bíblica e não bíblica. O coaching e a “Teologia do Coaching”, na visão dos críticos, põem em circulação uma perspectiva situada no polo dessas oposições valorado negativamente. Tais definições de fronteiras entre religião e psicologia têm, assim, um efeito duplo. Por um lado, percebe-se que os críticos à “Teologia do Coaching” não admitem a aproximação com a psicologia como prejudicial ou nociva em si. O que eles concebem, isto sim, é que a “psicologização” da fé tem relação com uma contaminação da religião pelo que é considerado não religioso, porquanto humanista/antropocêntrico, secular e não bíblico. As fronteiras entre o religioso e o secular são reafirmadas e estabelecidas por esses teólogos com nitidez. Por outro lado, a mobilização de referências bíblico-cristãs por coaches e pregadores associados à “Teologia do Coaching”, conquanto praticantes de uma retórica “motivacional”, rompe as fronteiras mantidas estáveis pelos teólogos críticos à TC. Todo um quadro de elementos seculares da psicologia e de outras ciências e saberes é assimilado para reivindicar cientificidade ao coaching, sem prescindir de uma associação com referenciais bíblico-cristãos. Veremos como esse processo se realiza no capítulo 4, a propósito de uma metodologia de coaching orientada por um cristianismo não religioso, e no próximo capítulo, em configurações variáveis da incidência do coaching em ambientes eclesiais.

### Capítulo III

#### **Coaching nas igrejas: espiritualidade, transformação de si e desenvolvimento pessoal**

As formas de coaching presentes no universo evangélico mobilizam, como evidenciam os primeiros capítulos desta tese, referências que se conectam variavelmente com perspectivas teológicas e experimentações práticas do cristianismo. As modalidades associadas a um empreendedorismo de palco e a tendências de concepção e ação mais ou menos institucionalizadas têm logrado êxito em circular entre o público religioso, exercendo influência sobretudo a partir do mundo digital. Coaches que se autoidentificam como cristãos e/ou que dialogam com referências bíblico-cristãs na composição de métodos proliferam vendas *online* de produtos e serviços em coaching, em um mercado aquecido pela demanda por processos de desenvolvimento pessoal. É no domínio da digitalidade que também surgem e se disseminam controvérsias em torno da vinculação crescente entre coaching e cristianismo. Determinados teólogos ocupam-se em contestar o que detectam ser um processo em curso de “psicologização” da religião pela ética do empreendedorismo de si do coaching, formulando críticas ao que consideram ser os excessos de uma abordagem por eles denominada “Teologia do Coaching”.

No alastramento das críticas à “Teologia do Coaching” no meio evangélico, encontra-se um terreno de práticas e concepções tão multifacetado quanto longitudinal é esse campo religioso. Não obstante, a aposta desta tese é a de que tal contexto pode ser mais bem compreendido a partir da etnografia. Por essa razão, dediquei-me a um acompanhamento da incidência do coaching em igrejas e organizações religiosas, partindo do cenário evangélico de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Nessa cidade, a preliminar inserção em campo que tive por ocasião de pesquisas anteriores foi crucial para que se desenhasssem novas possibilidades de interlocução a propósito do coaching. O trabalho etnográfico desenvolvido compreendeu entrevistas e observações participantes realizadas entre os anos de 2021 e 2023. A atenção não foi direcionada a denominações religiosas específicas, mas a modalidades de coaching encontradas em ação no circuito evangélico porto-alegrense. Resultaram desse empreendimento a participação, como aluno, em dois treinamentos de coaching – um curso e uma certificação profissional – no âmbito de uma igreja pentecostal e de uma ONG pertencente a uma igreja batista, respectivamente; e o contato com dois projetos e visões sobre o coaching enraizados em trajetórias biográficas individuais – um deles orientado para uma apropriação do coaching como metodologia e instrumento de auxílio ao trabalho de aconselhamento bíblico-

pastoral, ao passo que o outro está dedicado ao apoio a mulheres vítimas de violência e ao engajamento em um debate público sobre a saúde mental dos operadores de segurança pública.

A abordagem que proponho se baseia na análise de práticas e concepções com as quais tomei contato ao longo do trabalho com esses quatro estudos de caso. Da frequência ao curso Inteligência Emocional, na Casa LGF, à atenção sobre as práticas e projetos individuais do pastor e coach Alexandre Paz e da coach Ione Camelo, passando pela participação na certificação em Coaching Transformacional promovida pelo Instituto Mont’Serrat, observei a operacionalização de noções tais como espiritualidade, transformação e desenvolvimento pessoal. Essas ideias se mostraram relevantes e configuraram processos instituídos na prática pelos coaches, os quais foram por eles classificados sob denominações variáveis, como “amadurecimento da espiritualidade”, “transformação da mente”, valorização e cuidado com a “dimensão espiritual” humana e distinção funcional entre “desenvolvimento espiritual” e “ativação” da espiritualidade. Atribuíram-se lugares autorizados, no seio da religião e do coaching, para os elementos compositores desses processos: energia e campo energético, emoções, coaching científico, linguagem generativa, saúde mental, maiêutica, consciência, etc. Essas referências, cada qual parte de um universo específico de significações, estiveram inseridas em articulações, em um nível abrangente, com configurações de coaching conectadas com o cristianismo sob formas heterogêneas e plurais, espelhando o campo religioso em análise.

A diversidade dos quatro casos desvela sentidos que a religião assume em contato com o coaching, apontando para a constituição de fronteiras que redefinem os dois polos. Em determinadas circunstâncias, essa demarcação de fronteiras indica uma aproximação entre coaching e religião que é atenuadora da diferença entre referências/noções religiosas e elementos metodológico-conceituais do coaching, correndo contra interpretações cujo ponto nodal é a crítica da transformação do coaching em religião, ou da invasão “antropocêntrica” do religioso por um universo de elementos tomado como propriedade do coaching e externo à religião. Em situações diversas, mas às vezes englobadas pelos processos de formação que sustentam as dinâmicas de “mistura” e que fortalecem o argumento contrário, o espaço de distanciamento entre o que é coaching e o que é religião é reiterado, em um certo movimento de depuração do religioso. Todo o esforço analítico deste capítulo se coloca em buscar perceber como esses sentidos se movimentam e deslocam as fronteiras entre coaching e religião, visibilizando, por um lado, a heterogeneidade das formas de coaching presentes em igrejas e, por outro, evidenciando por quais caminhos o coaching e a religião se redefinem mutuamente.

Ao pôr em vista a religião e suas fronteiras a partir das manifestações do coaching, dedico-me a observar como as práticas e concepções de atores do campo evangélico modulam

o coaching diante da necessidade de defini-lo em relação a “misturas” e passagens com o religioso. Esses processos de definição lidam com desafios relativos a preocupações teológicas e à atribuição de regimes de envolvimento (Thévenot, 2006) distintos para o poder de agência do coaching. Nesse sentido, procuro evidenciar como o coaching no meio cristão é lido de diversas maneiras. Dialogo com esforços interpretativos como o de Giumbelli (2006), que explora a complexidade da trama de “introjeção e subversão” de elementos da medicina oficial pela terapêutica espírita, situando-a como uma relação de complementaridade com lógicas atinentes a campos que extrapolam o religioso. Somo-me ainda a Velho (2010), para quem uma “postura holística de pesquisa, sem reducionismos de tipo cosmológico, cognitivo ou qualquer outro” tem o efeito de superar a artificialidade da “economia do ou isto/ou aquilo” (p. 31), visibilizando os limites do uso da noção de religião. A perspectiva que adoto, portanto, se define por uma atitude aberta a perceber o coaching e a religião como configurações interpermeáveis, e não como conceitos autorreferentes, esferas fechadas em si ou compartimentos autônomos.

Ao longo de minha exposição, busco direcionar a atenção ao trânsito de sentidos atribuídos a ideias, sem com isso reificar a menção a categorias descritivas como conceitos. Isso quer dizer que noções como espiritualidade, que aparecem em diferentes momentos ao lado de complementos processuais como “amadurecimento”, “desenvolvimento” e “ativação”, devem ser compreendidas como chaves para acessar entendimentos êmicos sobre o que com elas se corresponde nas dinâmicas que envolvem o coaching, e não como uma teorização sobre espiritualidade em si. A intenção é fornecer um panorama etnográfico que permita navegar por esses entendimentos a fim de apontar para a existência de fronteiras entre coaching e religião e para o que elas põem em movimento. Não é meu propósito adentrar pormenorizadamente em descrições de processos de coaching individuais no bojo dos cursos, formações e atividades que acompanhei; restrinjo minha análise, em vez disso, aos discursos e às práticas dos coaches, o que possui limites analíticos, mas se adequa ao sentido geral desta tese – apontar para relações estabelecidas no plano macrossocial do entrecruzamento de campos. No encerramento do capítulo, reúno os sentidos dispersos do acionamento das categorias identificadas para compreender o que coaches cristãos têm a dizer sobre suas práticas com o coaching nas igrejas.

### **3.1 – Curso Inteligência Emocional – Casa LGF<sup>73</sup>**

“Eu quero, eu posso, eu consigo!” O mantra enchia o templo com a exaltação sonora de nossas capacidades individuais. À medida que pronunciávamos estas palavras,

---

<sup>73</sup> O texto desta seção foi adaptado a partir de um artigo publicado anteriormente (Aguiar, 2022).



pude perceber nos rostos de meus colegas de curso o afloramento de uma espécie de sensação de conquista. Gritávamos alto, declarando a nós mesmos que nossas limitações não tinham poder para nos prender. O desânimo, a falta de esperança e a inação deveriam ceder lugar à superação do “vitimismo” e ao desenvolvimento de uma “responsabilidade ativa” sobre o nosso passado, presente e futuro. Insatisfeito com o tom das vozes que ouvia, Jonathan<sup>74</sup> criticava a zona de conforto em que nos encontrávamos. O coach ordenava que falássemos mais alto, evocando energias que permaneciam contidas dentro de nós. “Eu sou líder! Eu construo e não destruo!” As vozes então se ergueram com maior potência, afirmando que éramos, sim, capazes. E, como precisássemos alcançar o auge, passamos a repetir as frases ditas pelo coach. Na irrupção de palmas, percebi, enfim, que havíamos chegado a uma catarse coletiva.

Trecho do diário de campo do autor, datado de 12/03/21.

O excerto acima descreve um dos momentos mais singulares que pude presenciar no curso Inteligência Emocional, realizado entre março e abril de 2021 pela Casa Lugar de Gente Feliz (Casa LGF), igreja evangélica independente e de origem pentecostal localizada na zona norte de Porto Alegre<sup>75</sup>. Meu contato com a igreja foi decorrente dos primeiros passos empíricos de minha pesquisa de doutoramento, iniciada em 2020, quando o foco de observação não recaía sobre as práticas de coaching, mas antes sobre os novos padrões musicais e de culto promovidos por juventudes em igrejas de Porto Alegre e região metropolitana<sup>76</sup>. O curso havia sido anunciado em um dos cultos que frequentei na Casa LGF como uma formação que objetivava contribuir para o “amadurecimento da espiritualidade” e para a “gestão das emoções” dos participantes. Movido pela intenção de conhecer mais profundamente meus interlocutores e o campo de pesquisa que se desenhava, inscrevi-me como aluno do curso. As atividades, denominadas “sessões”, ocorreriam ao longo de cinco sextas-feiras no templo da igreja e seriam gratuitas para os participantes. O ministrante seria um coach voluntário, membro da Casa LGF.

---

<sup>74</sup> Pseudônimo utilizado em referência ao coach responsável pelo curso Inteligência Emocional. Dentre os quatro coaches com quem tive contato ao longo do trabalho de campo abordado neste capítulo, apenas Jonathan reivindicou não receber atribuição nominal verídica. Os demais manifestaram o desejo de ser identificados na tese.

<sup>75</sup> Fundada pelo pastor Douglas Kowalski, a Casa LGF é um ministério que se dissociou da Igreja do Evangelho Quadrangular em 2020, tornando-se independente. Kowalski nutria há anos o sonho de pastorear uma igreja que superasse a “religiosidade” e assumisse uma “cara mais jovem”. Sob sua liderança, a comunidade foi espelhada no modelo *worship*, tendência estético-musical que abordei em minha dissertação de mestrado (Aguiar, 2020). O templo teve suas paredes pintadas de preto, as luzes passaram a ser apagadas durante os cultos, modernizou-se o aparato tecnológico e musical e a linguagem corrente na igreja foi modificada. Os sermões passaram a incorporar gírias e expressões juvenis e o próprio nome da igreja foi adaptado para frisar uma identidade menos formal e “religiosa”. Até 2023, a Casa LGF já tinha passado por três mudanças de endereço. O templo atual, no bairro Anchieta, tem o púlpito centralizado, com disposição em 360°, sendo comparado pelo pastor Douglas a uma “arena de NBA” com efeito “imersivo”. Conferir essas e outras informações nas redes sociais da igreja: Perfil da Casa LGF no Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/lgf\\_lugardegentefeliz/](https://www.instagram.com/lgf_lugardegentefeliz/). Acesso em: 28 nov. 2023. A apropriação do modelo *worship* pela Casa LGF era justamente o aspecto que me levou a considerá-la para a composição do campo de pesquisa que vinha se constituindo até então, mantendo-se depois com o coaching.

<sup>76</sup> Para detalhes do percurso de mudança no foco de minha pesquisa, retomar a introdução desta tese.

Havíamos começado a reunião da primeira semana com uma breve oração e um louvor. Todo o instante preparatório para a sessão se assemelhava a um culto, exceto pela não ocupação do púlpito e pela pequena quantidade de pessoas presentes. Quando cheguei à igreja, encontrei algumas poucas cadeiras dispostas em frente ao púlpito, distribuindo-se em formato oval. O anúncio de que o curso possuía inscrições limitadas, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, havia sido feito nos cultos e nas redes sociais. Não mais do que quinze pessoas compareceram à primeira noite, somando-se a minha própria presença, a do coach Jonathan e a do pastor Douglas, líder da igreja. A julgar pelos cumprimentos mais afetivos e menos formais, a maioria dos participantes, formada por mulheres, era composta por membras da igreja ou por pessoas próximas do pastor e do coach. Um músico também se fazia presente, assumindo a responsabilidade por cantar e tocar violão como acompanhamento dos hinos de louvor, enquanto o pastor se encarregava de fazer as orações de abertura e de encerramento.

Jonathan iniciou aquela primeira sessão contando sua história pessoal de conversão. Ele destacou que sua trajetória de vida havia sido formada por conflitos de ordem interna que se originaram no meio familiar, no período de sua infância, e o afligiriam até a vida adulta, nunca o tendo abandonado definitivamente. Católico até pouco tempo, o coach tomara a decisão de mudar de religião a partir de uma visita realizada à sede brasileira da Hillsong Church<sup>77</sup>, em São Paulo, quando lá estivera para uma viagem de negócios. Sentindo-se “diferente” ao final do culto de que participara, e imbuído de uma sensação de maravilhamento com o padrão estético daquela igreja, Jonathan procurou em Porto Alegre por “uma igreja que fosse parecida com a Hillsong”. Encontrando a Casa LGF, começou a frequentá-la e logo foi nela batizado.

A temporalidade da conversão do coach se confundia, no seu relato, com uma inflexão no sucesso de seus negócios como empresário. Formado em Educação Física e dono de duas academias, ele mencionava que sua vida financeira teria mudado a partir da decisão de entrar para a igreja e de estudar coaching e ler livros sobre Psicologia Positiva<sup>78</sup>. O coaching, desde então, havia se tornado para ele uma segunda profissão e, em suas palavras, um modo de “servir

---

<sup>77</sup> A Hillsong Church é uma igreja pentecostal australiana com grande popularidade entre o público jovem, cuja influência global tem se expandido a partir da produção musical e da estética de música e culto que passou a promover desde os anos 2000. Estudei essa tendência na pesquisa de mestrado aludida na introdução desta tese. Para um dos trabalhos de uma pesquisadora que se dedica especificamente à Hillsong Church, ver Rocha (2020).

<sup>78</sup> Psicologia Positiva é o nome atribuído a uma corrente existente no interior das ciências psicológicas que defende intervenções sistemáticas na subjetividade dos indivíduos para a promoção “da felicidade e das virtudes humanas”. Ao preconizar o estudo dos mecanismos de produção da felicidade e da positividade, essa perspectiva dá menor centralidade ao tratamento de doenças e distúrbios psíquicos. Para um aprofundamento no tema a partir de um de seus principais teóricos, ver Seligman (2004). Para uma revisão bibliográfica ampla sobre a presença do conceito de espiritualidade em estudos científicos de áreas diversas, incluindo a Psicologia Positiva, ver Marques (2010).

às pessoas”. A realização de cursos de coaching no Brasil e no exterior – Jonathan exemplifica sua formação com uma certificação que obteve junto a Tony Robbins<sup>79</sup>, nos EUA – era uma consequência direta de uma “mudança de mentalidade” que se revelaria sobretudo no processo de conversão vivido. A narrativa meritocrática era tomada por Jonathan como um fio condutor que ligava a importância do coaching à dimensão da conversão evangélica em sua vida. Ele mencionava que o que havia possibilitado uma mudança radical de sua condição financeira e profissional era o entendimento que passou a ter, desde que se dedicou a estudar e a praticar coaching, de que deveria assumir um “estado de indignação profunda” em relação à sua situação “material, emocional e espiritual” precedente. Essa mudança, de acordo com Jonathan, só partiria de nós mesmos como indivíduos. Era preciso que não esperássemos que nossos problemas fossem resolvidos pelo coaching, ou que encontrássemos no curso respostas “prontas e mastigadas” para nossos questionamentos. Também não deveríamos entender que o coaching possuiria a mesma ação que a “Palavra de Deus” sobre as nossas vidas. Precisaríamos, segundo ele, “unir o coaching à Palavra”, sem olhar “só para o alto” e colocar, como que por delegação, “as nossas ações no colo de Deus”. Como ele, também deveríamos aprender a desenvolver uma “responsabilidade ativa”, tendo o coaching como um instrumento para a tomada de decisões.

Uma figura foi utilizada por Jonathan para ilustrar o foco do processo que se iniciava. O coach sugeriu que um nome mais adequado para o curso poderia ser o de “gestão emocional e espiritual”, posto que a ideia de “gestão” seria análoga à de “responsabilidade humana ativa”. Os termos “emocional” e “espiritual”, para Jonathan, corresponderiam à concepção por ele enunciada de que “todo ser humano precisa cuidar dos dois lados juntos, sem privilegiar um e esquecer o outro”. A gestão emocional e espiritual preconizada envolveria um “autoconhecimento” que receberia melhor explicação na segunda sessão do curso, na semana seguinte. De acordo com a apresentação em slides projetada no telão da igreja, a gestão emocional se desdobraria em cinco pontos igualmente relevantes: 1) autoconhecimento emocional; 2) controle emocional; 3) automotivação; 4) reconhecimento de emoções em outras pessoas; e 5) habilidade em relacionamentos interpessoais. As técnicas de coaching aplicadas ao longo do curso, inclusive a dinâmica de automotivação pela repetição de frases motivacionais que ocorrera na primeira sessão – ver excerto inicial desta seção – guardariam relação com esses cinco pontos basilares. É importante mencionar, outrossim, que o curso não

---

<sup>79</sup> Tony Robbins é empresário, palestrante e um dos coaches mais notórios no cenário mundial. Em 40 anos de carreira, já treinou personalidades públicas como Bill Clinton, ex-presidente dos Estados Unidos, o ator Arnold Schwarzenegger e a Princesa Diana, do Reino Unido. Conferir o site do coach. Disponível em: <https://www.tonyrobbins.com/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

contemplou um processo de planejamento, acompanhamento e execução de metas individuais – à maneira da fórmula “sair do ponto A e ser conduzido até chegar ao ponto B”, o que acontece em atendimentos personalizados de coaching –, mas unicamente a exposição de objetivos gerais desse processo, em consonância com a realização de dinâmicas coletivas a eles associadas.

Através dessas dinâmicas, o coach procuraria não apenas incentivar o conhecimento teórico dos alunos sobre os objetivos implicados no processo de gestão emocional, mas também interviria sobre as suas emoções a partir de estímulos à expansão do que ele definiu como sendo seus “campos energéticos”. É interessante que, neste ponto, Jonathan se vale de uma série de elementos que vinculam noções sobre energias e potências internas a mensurações em unidades de medida físicas, realizando um duplo movimento: por um lado, indicando que a expansão de um campo energético localizado no corpo de um indivíduo contribui para um melhor equilíbrio e gestão de suas emoções; e, por outro, argumentando que a presença de um campo energético expandido seria capaz de promover nos indivíduos o desenvolvimento de uma “espiritualidade amadurecida”. Com efeito, de acordo com Jonathan, em todos os momentos e situações da vida deveríamos considerar a oscilação constante entre emoções que expandem e contraem de forma simbiótica nosso campo energético, em um jogo de forças nunca estável e sempre passível a acomodações por parte de novos estímulos externos, mensuráveis a partir de frequências que determinariam a um só tempo a qualidade da gestão emocional e a qualidade da espiritualidade.

Da segunda à última sessão do curso, uma tabela de mensuração energética orientada por essa dinâmica de expansão e contração do campo energético foi disponibilizada para a visualização dos alunos nos slides. Em uma pesquisa realizada posteriormente na internet, encontrei modelos idênticos à tabela utilizada pelo coach. Eles continham as mesmas categorias que as do curso, mas adotavam o nome de “Escala Hawkins de Consciência”<sup>80</sup>. A tabela disponibilizada por Jonathan não possuía título ou indicação de fonte. Reproduzo-a a seguir:

Tabela 3.1: Escala Hawkins de Consciência. Mensuração energética baseada nas frequências das emoções. Fonte: Confeção própria do autor, a partir da tabela disponibilizada por Jonathan nos slides projetados no curso.

	<b>ÔMEGA</b>	
--	--------------	--

<sup>80</sup> David R. Hawkins (1927-2012) foi um psiquiatra e escritor estadunidense que se dedicou a estudar fenômenos associados ao que chamava de “consciência espiritual”. É dele a autoria original da escala que leva seu nome. Ver: GreenMe Brasil. *Escala de Hawkins: o quanto as emoções influenciam nossa vibração e nível de energia*. Disponível em: <https://www.greenmebrasil.com/viver/segredos-para-ser-feliz/48740-escala-de-hawkins-emocoes-influenciam-vibracao-nivel-energia/#:~:text=A%20Escala%20da%20Consci%C3%Aancia%20de%20Hawkins&text=A%20base%20dos%20estudos%20e,n%C3%ADvel%20consciencial%20de%20cada%20um>. Acesso em: 26 abr. 2021.

	<b>PADRÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA (Hz)</b>
EXPANDIDO	CONSCIÊNCIA FINAL	1000
EXPANDIDO	ILUMINAÇÃO	700 OU +
EXPANDIDO	PAZ	600
EXPANDIDO	ALEGRIA	540
EXPANDIDO	AMOR	500
	RAZÃO	400
	ACEITAÇÃO	350
	DISPOSIÇÃO	310
	NEUTRALIDADE	250
	CORAGEM	200
	ORGULHO	175
	RAIVA	150
	DESEJO (vício/vontade egocêntrica)	125
CONTRAÍDO	MEDO	100
CONTRAÍDO	PESAR (dor, sofrimento, mágoa)	75
CONTRAÍDO	APATIA (inércia)	50
CONTRAÍDO	CULPA	30
CONTRAÍDO	VERGONHA	20
	<b>ALFA</b>	

Como se vê, um conjunto de emoções é listado pela tabela, sob a organização de uma escala valorativa cuja medida mais baixa é “alfa” e a mais alta é “ômega”. A cada emoção corresponde um valor atrelado à frequência em hertz (Hz), unidade de medida que equivale a um ciclo por segundo (s-1 ou 1/s). Quanto mais baixa é a frequência de uma emoção, mais contraído se torna o padrão energético geral de uma pessoa. Inversamente, emoções com altas frequências em hertz indicam a expansão desse campo energético. Sentimentos como vergonha e culpa produzem uma frequência mínima, resultando diretamente na contração das energias e, por consequência, na má qualidade da gestão emocional e da espiritualidade. O contrário também é verdadeiro: sentimentos como alegria, paz e iluminação expandem o campo energético, proporcionando condições ideais para a gestão emocional e para o amadurecimento da espiritualidade. Durante o curso, Jonathan mencionou *en passant* que somente grandes líderes e sábios da história da humanidade, como Jesus Cristo e Buda, teriam conseguido atingir o estado de consciência final expresso pela tabela. Ou seja, teriam sido eles algumas das únicas pessoas a possuírem campos energéticos beneficiados com a maior frequência em hertz possível, e também a gozarem de uma espiritualidade plenamente qualificada e “amadurecida”.

Mensurações energéticas permaneceram sendo importantes no decorrer das atividades do curso. Na terceira sessão, ocupamo-nos com uma dinâmica que consistia em “dar um abraço em nossa criança”. Sentados e de olhos fechados, deveríamos lembrar de passagens de nossa infância, fossem elas boas ou ruins, enquanto abraçávamos a nós mesmos com as duas mãos cruzadas sobre o peito, formando um “x”. Enquanto lembrávamos e nos reencontrávamos com nossas versões infantis, entre memórias de “alegria, tristeza, surpresa, choque, riso e dor”, como nos sugeria o coach, uma música gospel intitulada “Oh, quão lindo esse nome é” era executada como fundo<sup>81</sup>. Quando abrimos os olhos, a música parou e fomos indagados sobre as emoções que havíamos sentido durante a dinâmica. O coach indicava a tabela de frequência energética para que fizéssemos uma autoanálise, localizando onde nela nos encontrávamos naquele momento em termos de energia. A percepção das emoções que havíamos sentido é que deveria a nos levar a um diagnóstico, baseado na escala, sobre a situação de nosso campo energético.

Na quarta e quinta sessões, respeitando as medidas de distanciamento requeridas para a prevenção do contágio por Covid-19, reunimo-nos em um círculo mais pequeno de cadeiras. Ao longo do curso, o número de participantes foi diminuindo gradativamente. Nas últimas duas sessões estiveram presentes apenas seis e três pessoas, respectivamente. Esse esvaziamento foi facilitado por um intervalo de uma semana entre a terceira e a quarta sessões, quando um feriado impediu nosso encontro. Com o público reduzido, Jonathan redirecionou as dinâmicas para um diálogo direto com os alunos, à maneira de sessões de coaching individualizadas. A penúltima sessão consistiu em uma conversa estendida sobre três perguntas que devíamos responder: 1) “qual o teu maior medo?”, 2) “qual o teu maior fracasso?” e 3) “qual o teu maior desejo?” Segundo o coach, o objetivo dessas perguntas era proporcionar um maior autoconhecimento e estimular o planejamento de ações para superar o medo, aprender com o fracasso e vislumbrar um modo de realização do desejo. A última das cinco sessões seguiu dinâmica semelhante, sob a colocação das seguintes perguntas: 1) “quais são os três dias mais tristes da tua vida?” e 2) “quais são os três dias mais felizes da tua vida?” As respostas, que compartilhávamos coletivamente, deveriam servir para entender as nossas limitações e reconhecer o nosso modo de agir diante dos desafios. Jonathan mencionava a existência de três padrões gerais de reação: algumas pessoas seriam mais “racionais” (priorizando o “pensar o que fazer”); outras seriam mais “emocionais” (colocando em primeiro lugar o “sentir o que fazer”); e outras seriam mais “ativas” (tomando “ações imediatas” antes de “alimentar pensamentos e emoções”). A forma

---

<sup>81</sup> Gravada em 2017 pela cantora Ana Nóbrega, “Oh, quão lindo esse nome é” é a versão em português de “What a beautiful name”, canção do grupo Hillsong Worship, vinculado à australiana Hillsong Church. Clipe da música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mTPgy4VuXyo>. Acesso em: 01 dez. 2023.

como os diálogos foram trabalhados pelo coach se aproximava de um aconselhamento pessoal, pela ponderação das informações recebidas dos alunos e pelas sugestões pontuais realizadas quanto a possíveis caminhos a serem adotados por eles. Esse é um dos princípios básicos do coaching, comumente referido como “diagnóstico”. É pelo conhecimento de aspectos variados da história de vida e da personalidade dos coachees que os coaches estabelecem os marcos de uma “situação atual” e projetam uma “situação desejada”, alvo final do processo de coaching.

Ainda outro ponto chamava a minha atenção em meio às dinâmicas efetivadas: eram abundantes e frequentes as referências do coach às particularidades da própria história de vida, como se ele mesmo se inserisse no processo que guiava. Suas angústias, motivações, tropeços e conquistas eram um espelho no qual buscava continuamente refletir as circunstâncias vividas por outras pessoas. Nesse sentido, havia uma dinâmica testemunhal imbricada no acionamento de suas palavras, marcadas por um senso religioso das estratégias utilizadas para “vencer os obstáculos da vida”. Assim como na primeira sessão, o relato de conversão era central para que Jonathan articulasse coaching e religião em uma narrativa de vitória ao longo das dinâmicas. A conversão inaugurava uma fase biográfica em que o coach passaria a “ver a vida com olhos espirituais”, iniciando um trajeto de amalgamação entre os conhecimentos adquiridos com os estudos e a prática de coaching e as “realidades espirituais” por ele experimentadas a partir da vivência como cristão batizado na Casa LGF. Sua caminhada de fé incluía simultaneamente um amadurecimento da espiritualidade e uma potencialização do campo energético, não havendo qualquer incompatibilidade entre um e outro processo. No testemunho elaborado em meio aos diálogos, o coach demarcava que o encontro entre espiritualidade, energia, religião e coaching que ocorrera em sua vida fazia prova do sucesso e prosperidade que todos poderiam alcançar. Bispo (2019), Dullo (2016) e Reinhardt (2016), entre outros, indicam ser através de uma linguagem dos sentimentos que a narração de histórias de vida é estruturada e dá sentido a processos de reprodução mimética das subjetividades. As sessões de coaching do curso Inteligência Emocional instituíram um campo fértil para dinâmicas testemunhais que produziram sentidos para a relação entre coaching e religião a partir de elementos como a conversão religiosa e as experiências de vida do coach, articulando noções como “espiritualidade” e “energia” a processos de “amadurecimento”, “potencialização” e “gestão”.

### ***3.1.1 – Intervenções rituais e regulação da imanência***

Conforme tenho procurado demonstrar, as práticas de coaching do curso Inteligência Emocional estiveram inscritas em um registro de relações que concatenou técnicas conhecidas

e aplicadas por Jonathan, como dinâmicas de autoconhecimento, automotivação e mensuração energética, com a produção de um coaching permeado por determinada lógica cristã. Vale dizer, entretanto, que essa dimensão cristã não deve ser associada com uma natureza religiosa do processo de coaching que lhe constituísse desde antes de sua prática. Em nenhum momento Jonathan e a Casa LGF definiram o coaching do curso como sendo “coaching religioso” ou “coaching cristão”. Foi somente com as dinâmicas em realização que se operou uma adequação entre técnicas de coaching e o reconhecimento de sentidos religiosos mais gerais. Se, por um lado, desde os anúncios que lhe antecediam, o curso já possuía um objetivo explícito de “amadurecimento da espiritualidade” dos participantes, por outro, só foi possível perceber o que essa noção de “espiritualidade” punha em jogo ao colocar a atenção sobre as intervenções que, durante o curso, conferiram ao coaching de Jonathan elementos associados ao cristianismo.

Refiro-me às intervenções rituais que aproximaram as sessões de um formato cultural, através da introjeção de elementos como orações, louvores e testemunhos nas suas dinâmicas. A própria realização do curso no espaço do templo pode ser mencionada como um componente importante a este respeito, uma vez que possibilitou a inserção dos participantes em uma “atmosfera” por meio da qual se tornaram viáveis dinâmicas como o “abraço à criança”, marcada pela execução *in loco* de uma música gospel. A simultaneidade que englobou a aplicação de uma técnica de reflexão com pessoas reunidas em distanciamento, a reprodução de um louvor acompanhado por instrumentos musicais e a visualização da Escala Hawkins de Consciência, com sua tabela de mensuração energética, tiveram seu acontecimento tornado possível graças às mediações tecnológicas de um espaço como o templo. Além disso, essas intervenções permitiram que a “gestão emocional” e o “amadurecimento da espiritualidade”, associados ao desenvolvimento de potências interiores estimulado pelo coaching com vistas à obtenção do sucesso e ao crescimento individual, fossem diretamente relacionados com a caminhada de fé cristã. A articulação entre os testemunhos de conversão e a experiência de vida de Jonathan e as sugestões de decisão e ação direcionadas aos participantes do curso denotam essa produção de um vínculo íntimo entre coaching e cristianismo através do testemunho.

Mas por que produzir tal vínculo através dessas intervenções? Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a presença do coaching em ambientes religiosos não é um fato inócuo, no sentido de que sua acomodação a parâmetros teológicos e eclesiológicos estabelecidos seja um movimento isento de ruídos, conflitos e contestações. Percorrer os detalhes das controvérsias que essas acomodações envolvem é trabalho já realizado, e não me proponho a



retomá-lo neste capítulo<sup>82</sup>. Basta-nos lembrar que os argumentos presentes no cerne dessas tensões acionam o pressuposto de que o processo de coaching seria essencialmente humanista e antropocêntrico, dadas sua afirmação de uma autossuficiência humana e do desenvolvimento de um potencial humano interno. Isso contrariaria, na visão dos críticos ao coaching, uma das noções básicas da teologia cristã: o cristocentrismo, ou a dependência total do indivíduo para com Deus através de Cristo. De acordo com os críticos, portanto, o coaching comportaria, na sua associação com o cristianismo, um componente teológico que subverteria esse princípio, constituindo-se como uma “atualização” ou uma “nova versão” da Teologia da Prosperidade.

A constatação de querelas teológicas por certo não esgota completamente as possibilidades de manifestação de conflitualidades envolvendo a presença do coaching em igrejas. Mas a sua importância não deve ser desconsiderada, uma vez que procuramos entender as tensões que tal presença é capaz de instaurar. Como nos mostra Fonseca (2000), a partir de sua análise da circulação de livros atrelados à doutrina da Confissão Positiva<sup>83</sup> entre grupos evangélicos do Rio de Janeiro, a ideia de potências ou energias a serem desenvolvidas pelos indivíduos, presença marcante no bojo das espiritualidades Nova Era, guarda relação próxima com uma ênfase evangélica, sobretudo neopentecostal, na busca pela prosperidade. É particularmente interessante a afinidade existente entre a noção de desenvolvimento dessas potências e energias, tal como formulada sob o marco interpretativo da Nova Era, o processo de coaching e a ideia de espiritualidade. María Eugenia Funes (2016) percebe essa ligação e chama a atenção para a necessidade de se realizar pesquisas que contemplem a ponte entre espiritualidade e processos de gestão em ambientes empresariais e corporativos, onde também se inclui o coaching. Uma abordagem articuladora desses processos relacionados a duas noções – “espiritualidade” e “gestão” – pode incluir, sem dúvida, a sua copresença no seio da religião.

O encontro entre religião, espiritualidade e processos de gestão e desenvolvimento de si envolve acomodações que não significam apenas apropriações, mas também tensões. Quando associado a conceitos como “energia” e “campo energético”, cujo referente é a fisicalidade do corpo humano e a capacidade de desenvolvimento de potências naturais internas ao ser humano, o coaching dialoga com “espiritualidades ecológicas” que se situam em um horizonte de “cosmologias da imanência” (Steil & Carvalho, 2021), evocando a natureza, a matéria e o corpo como lugares do sagrado. Essa percepção não passa imune de contestações de ordem teológica.

---

<sup>82</sup> Conferir a discussão feita no capítulo anterior desta tese, “A ‘Teologia do Coaching’ e suas controvérsias”.

<sup>83</sup> Uma das bases da Teologia da Prosperidade, a doutrina da Confissão Positiva preconiza que palavras têm poder espiritual e que bênçãos podem ser alcançadas a partir de frases e atos de determinação. Para duas referências que fornecem um aprofundamento desse debate, conferir Oro (1992) e Mariano (1999).

Podemos nos perguntar se o que atravessa essas tensões, na configuração de um coaching em diálogo com referências cristãs, não é a própria relação entre imanência e transcendência. Vale dizer que imanência e transcendência não são transmutados aqui como conceitos analíticos, mas como categorias estabelecidas e interpretadas no meio religioso, onde a diferenciação e a oposição entre os dois domínios ganham sentidos teológicos. Esses sentidos são atribuídos de um valor positivo na manutenção e na reafirmação de fronteiras, e negativo na diluição destas. A maior parte das críticas teológicas à presença do coaching em igrejas e espaços cristãos converge para uma denúncia de “humanização” do sagrado e de dissociação entre a imanência do coaching e a transcendência religiosa, o que operaria uma inversão quanto à dependência humana do transcendente e comportaria, como consequência, um “perigo” para o cristianismo: o da transformação de uma religião “cristocêntrica” em uma religião “antropocêntrica”.

No âmbito do curso Inteligência Emocional, a resolução desse dilema passaria pelo recurso a intervenções rituais que modulariam sentidos para a ideia de “amadurecimento da espiritualidade”. A espiritualidade é tomada por Jonathan como uma instância a ser desenvolvida, em concomitância com emoções a serem geridas e com campos energéticos a serem expandidos. O desenvolvimento de si é efetivado com o auxílio de técnicas de coaching, tal como entendidas e aplicadas por Jonathan, e de intervenções que aproximam a sessão de um formato cultual, em um espaço onde a espiritualidade é concebida com base: 1) na diferenciação entre imanência e transcendência; 2) no reforço da separação entre esses polos; e 3) na valorização da transcendência, em relação à imanência, na produção da autenticidade religiosa. Sugiro que esse processo de configuração da espiritualidade se estabelece em meio a um regime de regulação da imanência<sup>84</sup> onde elementos/efeitos tidos como “antropocêntricos”, tais como um entendimento positivo acerca da autossuficiência humana e a busca pelo desenvolvimento de potências internas a partir da energização de si, seriam canalizados por intervenções rituais aplicadas junto às técnicas que acompanhariam as dinâmicas das sessões. Orações, louvores e testemunhos seriam peças-chave para essa regulação, por conta de um encadeamento de feição cristocêntrica que reafirmaria e estabilizaria a dicotomia antropocentrismo/cristocentrismo, procedendo em favor do segundo termo dessa díade. Através dessa solução, o curso voltado ao

---

<sup>84</sup> Ao acionar a noção de “regulação da imanência”, refiro-me às configurações situacionais da ideia de imanência no contexto que acompanhei, atreladas às preocupações teológicas correntes com a “humanização” do sagrado pelo coaching. “Regulação”, nesse sentido, não é um sinônimo para “regulamentação” ou “controle”, mas um termo que aponta para um conjunto de configurações. Meu entendimento sobre “regulação” se inspira no conceito de “regulação do religioso”, descrito por Giumbelli (2016) como “propriedade” de um “sistema [que] pode ser definido como o conjunto de mecanismos que estabelecem o lugar do ‘religioso’ em uma formação social” (p. 17).

“amadurecimento da espiritualidade” e à “gestão das emoções” contornaria os potenciais efeitos “humanizadores” da imanência do coaching e receberia legitimação religiosa na Casa LGF.

### 3.2 – Certificação em Coaching Transformacional – Instituto Mont’Serrat

No verão de 2023, com a retomada do trabalho de campo em igrejas<sup>85</sup>, deparei-me com o anúncio, nas redes sociais de uma igreja batista porto-alegrense, da abertura de inscrições para um curso de certificação em coaching ao qual se atribuía o nome de “Coaching Transformacional”. A certificação era oferecida pelo Instituto Mont’Serrat, organização não governamental (ONG) vinculada à Igreja Batista Mont’Serrat (IBMS)<sup>86</sup>, e propunha habilitar os concluintes à atuação profissional como coaches, objetivando ampliar o seu “potencial de transformação na família, no trabalho ou no negócio próprio”<sup>87</sup>. O curso seria realizado ao longo de três sábados no mês de abril, contando com *coffee break* no intervalo das aulas e material de apoio disponibilizado aos participantes. As inscrições foram abertas ao público em geral. Como a nomenclatura da atividade ilustrava, haveria entrega de certificação ao final dos encontros<sup>88</sup>.

Com sede localizada no prédio da IBMS, o Instituto Mont’Serrat é uma organização que acolhe as iniciativas da igreja nas áreas de assistência social, esporte, cultura, educação e saúde. Embora a criação da ONG date de 2020, os projetos sociais nela desenvolvidos são elaborados desde 2010 no âmbito da IBMS. As principais ações consistem no Projeto Sabiá, que presta assistência a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade em regiões de extrema pobreza; o Projeto Servi, que atende mulheres de 15 a 59 anos em situação de gravidez inesperada e indesejada, e/ou de vivência do aborto; o Conviva Criativa, que abriga feiras de

<sup>85</sup> O trabalho de campo presencial em igrejas foi interrompido ao longo da realização de meu estágio doutoral no GSRL/EPHE. Nesse período, porém, prosseguiram os levantamentos online de pistas e dados relativos ao campo.

<sup>86</sup> Antes do encontro com o anúncio, eu já havia tido contato com a Igreja Batista Mont’Serrat em decorrência de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre 2015 e 2018. Abordei nela a produção musical da igreja e sua relação com políticas culturais e concepções em torno da música gospel, no contexto do projeto de pesquisa “Religião, cultura e espaço público”, financiado pelo CNPq e coordenado pelo Prof. Dr. Emerson Giumbelli. A IBMS é uma igreja batista histórica – com traços de uma igreja de matriz carismática, sobretudo no que diz respeito à musicalidade e à forma cültica – filiada à Convenção Batista Brasileira (CBB). Localiza-se desde 2013 no bairro Navegantes, na zona norte de Porto Alegre. Sua origem é o bairro Mont’Serrat, na região central, de onde provém seu nome. Conferir o site da igreja. Disponível em: <https://www.igrejabatista.org.br/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

<sup>87</sup> Conforme anúncio publicado em fevereiro de 2023 no perfil do Instituto Mont’Serrat no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CoQqUUQuv4L/>. Outro anúncio evidencia de melhor forma o foco do curso na formação profissional e na construção de uma “carreira sólida” dos coaches por ele certificados. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cmrm9tMuXZr/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cmrm9tMuXZr/?img_index=1). Acesso a ambos os links: 07 dez. 2023.

<sup>88</sup> O preço da inscrição individual foi fixado em 347 reais, e o ingresso promocional para casais custava 597 reais. Os valores arrecadados foram revertidos para custear os gastos do acampamento de verão do ministério de adolescentes da igreja, denominado “Amont’oad”, e para apoiar os diversos projetos sociais mantidos pela ONG.

artesanato e produtos autorais, estimulando a economia familiar; e o Tampinha Legal, voltado à reciclagem de tampinhas de garrafa e ao reaproveitamento de materiais recicláveis<sup>89</sup>. O auditório do Instituto Mont’Serrat acolheria as três reuniões onde as atividades da certificação ocorreriam. Tratava-se aquela da primeira e única edição da formação em 2023, enquanto outras seis edições foram realizadas em anos anteriores<sup>90</sup>. O Instituto Mont’Serrat fornece apenas o espaço físico e o suporte institucional para a realização do curso, sem, no entanto, assumi-lo e equipará-lo aos seus projetos sociais beneficentes. A certificação foi idealizada e é conduzida por Raúl Villanueva, pastor responsável pelo trabalho com os adolescentes na IBMS. Em vídeo nas redes sociais, o pastor e coach a divulgou como um “processo acadêmico sério” que teria o propósito de gerar “transformações profundas e duradouras” na vida de seus participantes.<sup>91</sup>

Após realizar minha inscrição, compareci à certificação em dois de seus três encontros, sendo impossibilitado de aceder à segunda reunião em razão de uma enfermidade. Não obstante, reuni informações sobre essa sessão no terceiro encontro. No auditório, nos instantes que antecederam o início da primeira aula, observei que a turma era composta por cerca de 20 pessoas, muitas das quais demonstravam possuir relação de amizade com o coach e pastor Raúl e entre si. Esse fato sugeria, em repetição da impressão colhida na Casa LGF, que a maioria dos participantes do curso era formada por membros ou frequentadores da IBMS. Tal característica do público participante parece ser uma marca de atividades de coaching realizadas em igrejas ou instituições vinculadas a elas, como pude constatar ao longo de meu trabalho de campo. A proximidade entre coach e coachees se confirmou quando um grupo de WhatsApp da turma foi aberto e passei a acompanhar as interações que nele surgiam, e quando participei das conversas levadas a cabo no auditório em momentos de confraternização que ocorreram ao longo do *coffee break*. Era comum e geral o interesse pelas razões de minha presença no curso. Café, suco, bolos e biscoitos estavam à nossa disposição antes, durante e após as aulas. Enquanto aguardávamos o início das atividades, assentados nas classes do auditório em formato escolar, a secretária do Instituto Mont’Serrat cumpria o protocolo de conferência de nossos nomes na lista de presença, distribuindo os kits de material de apoio prometidos no anúncio do curso: uma sacola contendo um caderno de anotações, uma caneta, um crachá identificado e um folder

---

<sup>89</sup> O conjunto completo desses projetos sociais e uma história da instituição podem ser encontrados no site do Instituto Mont’Serrat. Disponível em: <https://www.institutomontserrat.org/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

<sup>90</sup> Raúl mencionou que todos os pastores da IBMS já haviam feito a certificação em Coaching Transformacional, embora não atuassem profissionalmente como coaches. Essa era uma formação reconhecida pela denominação.

<sup>91</sup> Vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpAzzihPqQD/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

com informações detalhadas sobre os projetos sociais da ONG. À frente das classes, como um professor, Raúl preparava o material que seria projetado em PowerPoint em alguns minutos.

Tomando a palavra, Raúl agradeceu o apoio do Instituto Mont’Serrat à realização da atividade, apresentou-se como coach certificado pela International Association of Coaching (IAC)<sup>92</sup> e como pastor do Amont’oadado na IBMS, e frisou seu sotaque diferente e nacionalidade venezuelana. Raúl afirmou estar há mais de 10 anos no Brasil. Ela já teria chegado ao país com uma primeira formação em coaching, com a qual teve contato através de um tio de sua esposa, e também possuía formação em Engenharia da Computação, profissão que exercia concomitantemente ao trabalho como pastor. A atuação profissional como coach, no entanto, havia sido mais recorrente no passado, reduzindo-se agora à oferta voluntária e de periodicidade variável das certificações no Instituto Mont’Serrat. Na edição de 2023, estaríamos reunidos por cerca de 5 horas ao longo dos três sábados, das 8h às 13h, totalizando 15 horas de curso. Esse período, segundo Raúl, não era suficiente para uma formação em coaching completa. Por essa razão, ele recomendava que buscássemos certificações complementares na IAC e em outras instituições que desenvolviam um trabalho “sério”, como a International Coaching Community (ICC)<sup>93</sup> e o Instituto Brasileiro de Coaching (IBC)<sup>94</sup>, aprofundando nossos conhecimentos sobre a teoria e a prática do processo de coaching. Como demonstrarei a seguir, a preocupação com a seriedade do coaching foi uma constante ao longo das sessões da certificação. A primeira aula foi dedicada a uma explanação de Raúl sobre a história e a definição do processo de coaching, bem como sobre os conteúdos que iríamos aprender no decorrer dos dois encontros seguintes.

O aspecto premente que deveríamos levar em consideração para um juízo sobre a seriedade do coaching que estávamos aprendendo, de acordo com Raúl, era o fato de que participávamos de uma formação em um “processo de desenvolvimento humano” que fugia às particularidades das práticas e concepções do ambiente religioso em que nos encontrávamos inseridos. Não se tratava o Coaching Transformacional de um coaching comprometido com a IBMS ou com o cristianismo, mas simplesmente de coaching, ou, em suas palavras, de uma “metodologia própria, com filosofia, conceitos e princípios extraídos de estudos sobre a performance humana”. No cerne dessa metodologia, a ideia de “transformação” assumiria papel importante, sendo associada a três dimensões, conforme a definição de coaching atribuída pela

---

<sup>92</sup> International Association of Coaching. Disponível em: <https://certifiedcoach.org/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

<sup>93</sup> International Coaching Community. Disponível em: <https://internationalcoachingcommunity.com/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

<sup>94</sup> Instituto Brasileiro de Coaching. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

IAC e projetada nos slides: “O coaching é um processo de transformação dirigido à *tomada de consciência, o descobrimento e o crescimento pessoal e profissional*” (grifos meus). Essas três dimensões seriam alvo de um desenvolvimento sequencial. O coachee passaria de uma etapa a outra em seu processo de aprimoramento da performance por meio de técnicas científicas oriundas da psicologia, da gestão empresarial e das neurociências. Tais técnicas contribuiriam para um efeito de transformação em quaisquer áreas da vida dos coachees. Para tanto, seria preciso, na perspectiva do Coaching Transformacional, 1) tomar consciência individual de uma determinada realidade, para depois 2) descobrir uma identidade e um propósito pessoais e, finalmente, 3) lograr êxito em obter o crescimento pessoal e profissional almejado. Segundo Raúl, esse processo não seria alcançado através de um “mero discurso motivacional e de autoajuda”, mas com o auxílio de técnicas e instrumentos atinentes a um coaching científico. Era categórica a afirmação – e a reivindicação – de Raúl sobre a cientificidade da metodologia adotada em nossa certificação: “o coaching que vocês vão aprender aqui é muito acadêmico”.

A reiteração dessa cientificidade era feita em contraposição à forma de coaching que Raúl detectava ser predominante no Brasil e em outros países da América Latina, caracteristicamente “emocional” e de “autoajuda”. Esse modelo, para o coach, privilegiaria sobretudo a experiência vivida pelos coachees em imersões e treinamentos massivos, sem promover dinâmicas individualizadas e um acompanhamento particular do coachee pelo coach, contrariando as formas e metodologias tradicionais de coaching. A aderência a tal visão, na perspectiva de Raúl, levaria a “excessos” cometidos por coaches e instituições que deixariam o componente científico de lado em favor de uma abordagem que propunha “soluções mágicas para questões complexas”. Pior ainda: a proposição do coaching como um “remédio” vendido no mercado a “preço de ouro” depreciaria o sentido socialmente circulante das práticas de desenvolvimento pessoal, abrindo espaço para profissionais “mal preparados” e “mal-intencionados” que explorariam economicamente as necessidades psicológicas dos indivíduos. A ênfase excessiva sobre as emoções, considerada por Raúl equivocada, seria capaz de gerar “malentendidos” que determinariam a visão comum da sociedade sobre o coaching, associando-o à fraude, à pseudociência e ao charlatanismo, dentre outras qualificações depreciativas. Em outras regiões do globo, como os Estados Unidos e os países da Europa, a percepção sobre a prática de coaching tomaria outra direção. Praticado há décadas como um processo de desenvolvimento pessoal “sério” e adotado por atletas, empresários e políticos relevantes, além

de fazer parte do programa de ensino de universidades renomadas, o coaching seria nesses países livre dos “preconceitos” a que no Brasil e na América Latina ainda estaria submetido<sup>95</sup>.

Outra fonte de geração de estigmas negativos sobre o coaching seria um modo indevido de sua associação com a religião. Ao comentar o assunto, Raúl demonstrou ter conhecimento das polêmicas que tomavam lugar no interior do universo evangélico a propósito da visão do coaching como sendo um processo “humanista”. O coach e pastor concordava que a “mistura” entre coaching e cristianismo comportaria “perigos para a fé e para a igreja”, e que o principal deles seria o de “transformar Cristo em coach”, ecoando o perigo teológico da contaminação da religião pelo “antropocentrismo”. Para ele, essa ideia fazia todo o sentido, já que o coaching “emocionalista” praticado no Brasil, em sua opinião, era “muito antropocêntrico”. Raúl mencionou ainda que não deveríamos confundir o processo no qual estávamos sendo habilitados com um coaching religioso somente pelo fato da certificação acontecer em uma instituição religiosa, ou por recebermos o treinamento de um coach que era pastor. Isto era apenas uma contingência; o que estávamos aprendendo no curso era coaching, e o coaching prescindiria de qualquer identificação com uma religião. Nos dizeres de Raúl, “não existe coaching cristão, mas cristãos coaches” dedicados a essa prática, assim como há cristãos nas demais áreas profissionais, coaches que professam outras religiões e coaches que não se identificam como religiosos. O coaching era definido por Raúl, portanto, como um processo alheio à religião, ainda que inserido em contextos religiosos e praticado por agentes religiosos.

Sem deixar de considerar a importância da enunciação dessa posição, foi-me possível perceber, em determinados momentos do curso, que a “mistura” entre coaching e religião não esteve de todo ausente, embora não assumisse a forma denunciada por Raúl. Mantinha-se a reivindicação de cientificidade do coaching aliada a um distanciamento em relação à sua acomodação a uma identidade religiosa, mas essa operação não era realizada sem o recurso a elementos e referências bíblico-religiosas. Vejamos, de forma breve, como essa relação do coaching com o religioso foi operacionalizada nas sessões da certificação, avançando juntamente com as explicações de Raúl sobre os fundamentos do Coaching Transformacional.

---

<sup>95</sup> Vale dizer que o coaching reproduzido por Raúl na certificação, assim como outras formas e metodologias, tal como o Método CIS (ver capítulo 4), recebe influência direta do coaching produzido nos Estados Unidos. Raúl fez uma longa exposição sobre a genealogia do processo de coaching, situando seus primórdios na maiêutica socrática da Grécia Antiga, ou na arte de fazer perguntas como um método para acessar a sabedoria. O princípio da maiêutica teria sido apropriado e sistematizado na segunda metade do século XX pelo coaching em um contexto empresarial. Inicialmente restrito ao objetivo do aprimoramento da produtividade no mundo corporativo, a aplicação do coaching teria sido ampliada a outros campos da vida cotidiana a partir da década de 1980. Raúl mencionou que o conceito de coaching foi cunhado por Tim Gallway em um livro publicado em 1974 (Gallway, 1974). As primeiras iniciativas de institucionalização do coaching, por sua vez, surgiram em 1988, com o curso “Desenhe sua vida”, de Thomas Leonard, e em 1994, com a fundação da International Coaching Federation (ICF), “a maior associação de coaching do mundo”. A IAC foi fundada em 2001, por Thomas Leonard, como um desdobramento da ICF.

### ***3.2.1 – Coaching científico, transformação e linguagem generativa***

Na terceira aula da certificação, Raúl retomou alguns dos ensinamentos veiculados no encontro anterior, ao qual estive ausente. Nele, os alunos tinham se reunido em pequenos grupos para simular sessões individualizadas de coaching, aprendendo os passos de condução de uma sessão com um coachee. Seriam eles: 1) Estabelecer uma relação de confiança com o cliente; 2) Definir um objetivo a que se quer chegar; 3) Explorar a situação atual, compreendendo-a adequadamente e identificando problemas e desafios para o avanço; 4) Definir a estratégia que será utilizada para iniciar a ação de mudança; 5) Gerar um plano de ação, através do qual se dará sucessivos passos para o alcance do objetivo; e 6) Estimular a retroalimentação, ou seja, reafirmar as capacidades e potencialidades individuais, bem como o sentimento de valorização dos méritos e dos resultados práticos a que se chegou no final do processo. Na revisão detalhada desses passos, Raúl teceu diversos comentários que mobilizaram versículos bíblicos e noções religiosas, os quais contribuiriam, segundo ele, para elucidar o “como fazer” do coaching.

Um dos comentários recorrentes era a ligação feita entre Jesus e o método utilizado pelos coaches para fazer perguntas e conduzir os coachees ao encontro de respostas sobre as “crenças limitantes” que mantêm sobre si mesmos, levando-os a produzirem ações de sucesso. Considerando a noção fundamental de que um coach não deve oferecer respostas, mas apenas estimulá-las nos coachees, Raúl fez uma comparação que remeteu o aprendizado metodológico do coaching aos ensinamentos cristãos. O princípio da maiêutica, cuja origem era situada pelo coach em Sócrates e na Grécia Antiga, foi atribuído como uma característica central do Evangelho e da figura de Jesus. A arte de promover reflexões nos interlocutores a partir da formulação de perguntas era remetida às parábolas e aos diálogos de Jesus com os fariseus e os mestres da lei judaica. Essa característica, traduzida pelo coach no domínio da técnica, estaria presente na narrativa bíblica ao longo dos quatro Evangelhos, sendo indissociável da personalidade de Jesus Cristo. Através de perguntas elaboradas de maneira correta e persuasiva, Jesus levaria as pessoas a reorganizações de pensamento cuja efetivação se deveria à reflexão individual dos ouvintes, desenvolvida com base no autoquestionamento, e não a respostas prontas que ele, Cristo, ofereceria. Esse princípio também teria sido adotado por outros grandes sábios da história da humanidade, no atravessar dos séculos, até chegar ao mundo contemporâneo com o coaching. Os coaches deveriam se apropriar, portanto, de uma técnica já utilizada há muito tempo, com referência em Jesus Cristo. Exemplo paradigmático adotado por Raúl a esse propósito foi o diálogo de Jesus com um jovem rico, registrado em Mateus, capítulo



19. Ao ser perguntado sobre o que se deveria fazer “de bom” para “alcançar a vida eterna”, Jesus responde com outra indagação: “Por que você me pergunta a respeito do que é bom?”<sup>96</sup>

Diversas passagens bíblicas foram acionadas para explicar conceitos do Coaching Transformacional. Romanos 12.2<sup>97</sup> apareceu na primeira sessão como um reforço da ideia de transformação que a definição de coaching da IAC continha. O conselho do apóstolo Paulo em sua epístola aos cristãos de Roma fala sobre uma transformação pela “renovação da mente” que corresponderia, na opinião de Raúl, aos desígnios de Deus para o alcance de qualquer objetivo traçado na vida. Essa concepção foi transmutada por Raúl para a ideia de transformação da consciência e das ações pelo coaching, em associação com noções como “coração ensinável”, “propósito”, “sentido” e “valor”, as quais foram carregadas de associações com o religioso. O termo “coração ensinável” foi definido pelo coach enquanto uma condição de humildade e abertura para “observar, ouvir e perguntar” que teria marcado a biografia de personagens bíblicos como o Rei Davi. Raúl citou ainda o primeiro capítulo de Eclesiastes<sup>98</sup>, escrito pelo filho de Davi, Salomão, segundo o qual nada há que possa fazer pleno sentido nesta vida passageira, “debaixo do sol”. Foi então possível ao coach chegar à conclusão de que é necessário que cada indivíduo crie um sentido de vida próprio e encontre seu propósito na Terra. Somente para indivíduos que entendessem esse propósito e tivessem suas vidas dotadas de “valor e não de preço” é que o coaching funcionaria plenamente. Não bastaria, assim, a um coachee estar motivado pelas suas emoções e experiências sensoriais para desenvolver atitudes de transformação. Para Raúl, ele deveria ter “sentido, propósito e valor”, sendo condição natural humana que “as pessoas não são motivadas pelos seus objetivos, mas sim pelos seus valores”.

Outros textos e ensinamentos bíblicos serviram como alusão que complementava concepções do campo científico, fazendo transitar as fronteiras entre coaching científico, transformação pessoal e atitudes morais. Filipenses 4.8<sup>99</sup> foi mencionado em uma oração realizada ao final do curso – a única da certificação – junto de uma ênfase dos resultados obtidos por uma mente transformada. A expressão bíblica do que é “verdadeiro”, “respeitável”, “justo”,

---

<sup>96</sup> Mateus 19.16-17, conforme a edição Nova Almeida Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil. As passagens mencionadas a seguir também são extraídas da mesma edição bíblica.

<sup>97</sup> “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

<sup>98</sup> “Vaidade de vaidades, diz o Pregador. Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. (...) O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; não há nada de novo debaixo do sol”. Eclesiastes 1.2,9.

<sup>99</sup> “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o pensamento de vocês”.

“puro”, “amável” e de “boa fama” traduzia, no Coaching Transformacional, o que as técnicas de coaching realizariam com sucesso na vida de um indivíduo: a transformação não só de seus resultados profissionais, de sua perspectiva de futuro e de suas relações interpessoais, dentre outros aspectos atinentes à potencialização da performance humana, mas também de sua vida espiritual. Atuando de forma transformadora sobre a mente, o coaching também aproximaria os indivíduos da vontade de Deus. Para Raúl, o coaching só faria sentido se estivesse revestido de uma “dimensão espiritual” que tivesse por função o “estabelecimento de princípios eternos”. Essa dimensão não se limitaria aos coachees cristãos, mas se faria presente em todas as pessoas, universalmente, constituindo um amálgama entre transformação da mente e transformação da espiritualidade. Os meios empregados para atingir esse fim deveriam se adequar a parâmetros medidos por Raúl em duas bases concomitantes: uma científica, concernente a um discurso sobre a eficácia metodológica do coaching que abrangia a totalidade dos indivíduos; e uma moral/religiosa, relativa à forma considerada correta de conduzir o processo transformativo.

No âmbito da fundamentação teórica do Coaching Transformacional, fazia-se presente ainda uma conceptualização sobre a ação transformadora do coaching cuja origem antecedia a institucionalização dessa prática de desenvolvimento pessoal pela ICF, pela IAC e por outras associações. Raúl referia-se à elaboração da distinção entre linguagem descritiva e linguagem generativa, trabalhada na tese de doutorado em *Computer Assisted Environments for Managers and Policy Makers* (algo correspondente a “Ambientes Assistidos por Computador para Gestores e Decisores de Políticas Públicas”) de Fernando Flores, engenheiro, empresário e político chileno. Flores havia sido ministro das Finanças do governo de Salvador Allende, entre 1972 e 1973, antes de ser deposto e preso pela ditadura de Augusto Pinochet. Após deixar a prisão, ele e sua família rumaram ao exílio nos Estados Unidos, onde, nos anos seguintes, estudos na Stanford University e na University of California, em Berkeley, o levaram a se aproximar da área de engenharia computacional e a apresentar uma tese intitulada “Gestão e Comunicação no Escritório do Futuro” (Flores, 1982). O trabalho versava sobre a importância da criação de novos padrões de habilidade comunicacional nos ambientes organizacionais para o aumento da produtividade e incluía uma teorização sobre a ação da linguagem humana. Para Flores, a linguagem descritiva se caracterizaria pelo registro linguístico de uma situação ou objeto, enquanto a linguagem generativa se ampliaria para o domínio da ação sobre a descrição, ou da criação de realidades pela linguagem<sup>100</sup>. Um exemplo dado por Raúl para ilustrar essa

---

<sup>100</sup> É notória uma aproximação entre as formulações de Fernando Flores e as da teoria gerativa de Noam Chomsky (1957). Para Chomsky, é primordial o modelo psicológico da atividade do falante – a gramática –, não devendo a linguagem ser presa à classificação de dados, mas (também) incorporar uma teoria explicativa da linguagem.

noção foi o da comunicação interpessoal: poderíamos definir uma pessoa como competente, ágil, omissa ou imprudente de acordo com o que dela percebêssemos; mas o que enunciássemos por meio da linguagem inevitavelmente afetaria e mudaria a realidade circundante, fazendo com que essa pessoa interiorizasse sentimentos e disposições correspondentes aos qualificativos a elas atribuídos. Dessa maneira, descrições linguísticas poderiam se tornar sínteses de novas realidades, sendo assimiladas pelo entorno onde estivessem sendo enunciadas. Segundo Raúl, a ideia de linguagem generativa foi apropriada pelo coaching a partir de Thomas Leonard, que se tornou próximo de Fernando Flores, passando a fazer parte das formulações da IAC. Haveria também nessa concepção uma base para a ideia de que “as palavras têm poder”, ou seja, de que padrões de autopercepção podem ser mudados através da enunciação linguística.

Mas, embora concordasse com os pressupostos da teoria da linguagem generativa, Raúl compreendia que o poder genuíno das palavras não partiria do ser humano. Para ele, a ação generativa da linguagem teria seu referente em Deus. Os seres humanos seriam apenas veículos desse poder, na medida em que emitiriam palavras “para a benção e para a maldição”. Todavia, a ideia de que poderíamos controlar o mundo ao nosso redor pela positividade de nossas enunciações, à maneira do que apregoam a doutrina da Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade, era desmentida pelo coach: “É uma mentira que falando você pode criar realidades. Isso quem pode fazer é só Deus”. Ele localizava, com efeito, a mentira em um polo oposto a Cristo: “Quem é o pai da mentira? É o diabo. É ele quem sustenta essa mentira”. Vê-se, dessa forma, como o Coaching Transformacional de Raúl apela a um *corpus* de ordenamento científico de técnicas e conceitos do coaching e não deixa de lado as “misturas” de sua interpretação por um prisma religioso. Ao invés de ser deixado de lado, o religioso participava da composição da certificação, remodelando a afirmada secularidade do coaching científico. Era isso, precisamente, o que permitia a Raúl considerar-se distante do “antropocentrismo” de determinadas formas de coaching em “mistura” no meio cristão e afirmar que “o único problema dessas pessoas [da ‘Teologia do Coaching’] é que elas não têm identidade em Cristo”.



Figura 3.1 – Turma da certificação em Coaching Transformacional do Instituto Mont’Serrat. Arquivo pessoal.

### 3.3 – Coaching voltado para o aconselhamento bíblico-pastoral – Pastor Alexandre Paz

Uma terceira variação da prática de coaching com que me deparei na etnografia em igrejas consiste na união entre as figuras do coach e a do pastor, ou seja, em ambas as funções – profissionais e/ou ministeriais – coincidirem em uma mesma biografia. Todavia, diferentemente da modalidade de coaching praticada por Raúl, centrada na proposição de uma certificação no âmbito de uma organização religiosa, trato aqui da relação que pastores estabelecem com o coaching em um outro nível, concebendo-o enquanto metodologia ou ferramenta voltada sobretudo para o auxílio ao trabalho pastoral nas igrejas. Quer se trate de dinâmicas como o discipulado e o aconselhamento, onde a interlocução dos membros da igreja com o pastor se dá de forma individualizada e mesmo sigilosa, ou da elaboração de sermões, projetos ministeriais e programas de capacitação de lideranças, nos quais o foco se desdobra para o domínio coletivo, o trabalho de pastores-coaches abrange, por vezes, um modo de articulação com o coaching que foge a facetas institucionais mais evidentes. Mas se não há a identificação de uma oferta de processos sistemáticos como cursos, treinamentos e certificações

em coaching nesses casos, há, não obstante, pastores-coaches que compreendem, valorizam e operacionalizam o coaching na vida cotidiana de comunidades religiosas sob sua liderança.

Em vista disso, abordarei neste bloco a relação com o coaching apresentada pelo pastor Alexandre Paz<sup>101</sup>, fundador da Nexos Church<sup>102</sup>, igreja localizada na zona norte de Porto Alegre. Formado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Alexandre foi produtor musical no mercado fonográfico antes de se tornar pastor por um “chamado” recebido em sua vida com mais de trinta anos de idade. Seu primeiro contato com o coaching surgiria somente em 2017, quando o apóstolo Renê Terra Nova<sup>103</sup>, liderança nacional à qual sua igreja está vinculada, recomendou que pastores de todo o Brasil fizessem o Método CIS, treinamento de coaching da Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (Febracis). Nessa época, o pastor também recebeu de um membro da igreja a sugestão de leitura do livro *O poder da ação*, escrito por Paulo Vieira, fundador da Febracis. Alexandre adquiriu, leu e apreciou o material, decidindo comparecer a um treinamento presencial do Método CIS no mesmo ano, em Curitiba. A realização do treinamento foi a oportunidade para que Alexandre se aproximasse do coaching em um movimento motivado, conforme ele concebe, pela observação de que Paulo Vieira “usava a Bíblia no Método CIS” e “falava de Deus, implicitamente e explicitamente”. Segundo o pastor comenta, sua percepção foi a de que Paulo Vieira “quase fez um culto no Método CIS”. Esse fator estabeleceria, ademais, uma certa condição geral de aceitação do conteúdo que no treinamento é veiculado: “Quem quiser fazer o treinamento já sabe. Se o cara vai no CIS e não gosta [de que falem da Bíblia, de Deus], ele já nem entra em mais nada [não faz outros cursos]. Ele já vai e fica por lá mesmo [desistindo no Método CIS]”. Na sequência do treinamento, Alexandre se inscreveu em todos os cursos da grade da Febracis, o que incluía

---

<sup>101</sup> Os dados sobre a trajetória e a atuação do pastor foram colhidos em uma entrevista realizada em 04/10/2023.

<sup>102</sup> A Nexos Church é um ministério associado à Igreja Batista Nacional do bairro Jardim Floresta, na capital gaúcha. Foi fundada em 2007 a partir de cultos iniciados na casa do pastor Alexandre Paz e de sua esposa, Mônica Hickmann Paz. A igreja adota uma estética cültica semelhante à da Casa LGF e é ligada à Convenção Batista Nacional (CBN), de orientação carismática, dissidente da convenção (CBB) a que pertence a IBMS, do Instituto Mont’Serrat. Cheguei ao conhecimento da igreja e do pastor Alexandre Paz em meu levantamento exploratório dos coaches formados pela Febracis, de Paulo Vieira, em Porto Alegre. A Nexos Church foi a única igreja cujo líder e fundador constatei também ser um coach formado pelo Método CIS. A metodologia de Paulo Vieira recebeu acompanhamento etnográfico desta pesquisa em algumas de suas repercussões, sendo tratada na segunda parte desta tese. Conferir o site da igreja, que também contém breves biografias do pastor Alexandre e de sua esposa e uma linha do tempo da denominação. Disponível em: <https://nexoschurch.com.br/igreja/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

<sup>103</sup> O apóstolo Renê Terra Nova é um televangelista e líder e fundador do Ministério Internacional da Restauração, com sede em Manaus, sendo um dos precursores do movimento de igrejas em células no Brasil. As células são uma forma de organização eclesiológica que preconiza a reunião regular em lares para momentos de oração, louvor, confraternização e leitura da Bíblia. Nesse modelo, assimilado pelo pastor Alexandre Paz desde a fundação da Nexos Church, as células não são secundárias aos cultos, mas ocupam um lugar central na vida da igreja.

a formação em coaching, habilitando-se a ser coach após realizar todos os módulos do curso e conduzir mais de 200 horas de atendimento individualizado com os membros de sua igreja.

Por ocasião dessas formações, o pastor também teve a oportunidade de conhecer duas pessoas que viriam a ocupar lugar de destaque na liderança da Febracis pouco tempo depois. No Método CIS, Alexandre foi colega de turma de Magnos Pena, que fundaria a franquia<sup>104</sup> da Febracis em Porto Alegre em 2018, tornando-se seu primeiro diretor. A segunda pessoa com quem o pastor se deparou nesse período foi o atual diretor da Febracis no Rio Grande do Sul, Nei Aloy, que o pastor conhecera durante a formação em coaching realizada já em Porto Alegre. É interessante a observação que Alexandre faz sobre a mudança ou a manutenção da pertença religiosa de seus novos amigos em relação às amizades que foram criadas consigo: Magnos Pena e sua esposa, Sabrina, criaram vínculos mais profundos com o pastor e foram posteriormente batizados por ele na Nexos Church, vindo a fazer parte da igreja como membros. Nei Aloy, por seu turno, permaneceria católico. Alexandre reporta que na Nexos Church há um número elevado de coaches e funcionários da Febracis. Segundo o pastor, a franquia em Porto Alegre conta com influência considerável dos membros da igreja. Houve uma época em que ele próprio fazia um trabalho definido como de “acompanhamento espiritual” na empresa. Semanalmente era realizada uma reunião virtual com todos os funcionários, após a qual se “ministrava uma palavra”. Antes de cada edição do Método CIS, o pastor também fazia uma oração e “abençoava” o treinamento. Esse padrão de influência e de “acompanhamento espiritual” seria decorrente, na visão de Alexandre, de um processo crescente de valorização de uma “visão cristã” por parte da instituição, embora mercadologicamente tal perspectiva não se imponha: “A Febracis está se tornando uma empresa cada vez mais cristã. Até porque o Paulo [Vieira] é cristão, e a referência dele é essa, é a Palavra de Deus. Mas, em termos de mercado, eles não se apresentam dessa forma [como cristãos]”. Apesar disso, Alexandre não enunciou as razões para a interrupção de seus procedimentos de “acompanhamento espiritual” na Febracis.

No âmbito da Nexos Church, como logo veremos em maiores detalhes, o pastor menciona fazer uso do coaching apenas como metodologia ou ferramenta que se adequa ao seu trabalho pastoral. Ele afirma não trabalhar mais com sessões de coaching voltadas para os membros, algo que teria ocorrido, sem cobranças pecuniárias, nas mais de 200 horas de atendimento individualizado realizadas durante o estágio de sua formação em coaching. Outros projetos desenvolvidos no âmbito da igreja, como o treinamento “Como ativar o fluxo das

---

<sup>104</sup> A Febracis é uma empresa cuja estrutura é disposta no formato de franquias espalhadas pelo Brasil e em cidades dos Estados Unidos, de Portugal e de Angola. No capítulo 4 abordo mais extensamente a história e a composição da instituição liderada por Paulo Vieira, e exploro as técnicas e concepções de coaching presentes no Método CIS.

bênçãos financeiras através da Palavra de Deus”, que em 12 semanas, entre agosto e outubro de 2023, orientou os membros da igreja a como lidar com o planejamento financeiro a partir de “princípios bíblicos”, tomariam outra direção. Para o pastor, o treinamento não teria qualquer relação com o coaching e os aprendizados que ele tivera no Método CIS ou em outras formações. Embora uma parte dos participantes fosse composta pelos coaches e funcionários da Febracis anteriormente aludidos, eles não teriam influência alguma sobre o conteúdo produzido, e o material utilizado, autoral, pertenceria a um novo livro sob a redação do pastor. Alexandre toma o coaching, portanto, unicamente como um instrumento agregado à função de aconselhamento pastoral que desenvolve e que ocupa nela um lugar metodológico importante. Ele não se define como um *pastor-coach*, mas como um *pastor que também é coach*, e que vê no coaching uma oportunidade para despertar a “consciência” e a “espiritualidade” das pessoas.

### 3.3.1 – A espiritualidade no campo da consciência

O pressuposto que orienta o pastor Alexandre a entender o coaching como uma ferramenta para o auxílio ao trabalho pastoral é a ideia de que o coaching proporciona um método eficiente para uma “tomada de consciência” que leva os indivíduos a um consequente despertar de sua “espiritualidade”. Todo ser humano, de acordo com ele, é constituído por quatro dimensões interligadas: a corporeidade, a emocionalidade, a racionalidade e a espiritualidade. À corporeidade, corresponde topicamente a “parte física” humana; à emocionalidade, a localização das emoções; à racionalidade, o repositório da “questão racional”; e à espiritualidade, o “campo da consciência”. O coaching é então visto por Alexandre como um instrumento útil na medida em que leva as pessoas a “ter consciência” sobre uma determinada condição, conforme visualizamos com mais detalhes em suas palavras:

A questão do coaching é levar a pessoa a ter uma consciência. E, quando eu falo de consciência, eu tô falando de espiritualidade. Porque nós, como seres humanos, temos uma *corporeidade*, uma parte física; nós temos uma *emocionalidade*, onde estão as nossas emoções; e nós temos uma *racionalidade*, que é onde está a nossa questão racional. Mas nós temos também uma questão espiritual, que é a *espiritualidade*. E o que é essa espiritualidade? A espiritualidade está justamente no campo da consciência. Eu gosto sempre de dar um exemplo, que é o seguinte: na época da Revolução Industrial, as pessoas entravam na fábrica e não saíam da fábrica na [mesma] segunda, era de segunda a segunda [a rotina]. Não existiam as leis trabalhistas como se tem hoje. Tem um filme do Charlie Chaplin, ‘Tempos Modernos’, em que o cara ia pra casa fazendo o movimento do braço [relativo ao trabalho mecânico]. E aí, dentro disso, tem a história de uma mulher que entrou nesse ciclo rotineiro e começou a se dar conta de que a vida dela não valia a pena daquele jeito. E ela teve um rompante de consciência, uma manifestação de espiritualidade. Ela tava trabalhando na fábrica, e ela pegou e tirou o tamanco dela, de madeira, que era o *sabot*. O nome daquele

tamanco era *sabot*. E ela sabotou a máquina. Ela jogou o tamanco na engrenagem e ela parou a fábrica inteira. Então, quando se fala em espiritualidade, não se fala só em mundo espiritual. Quando tu falas de espiritualidade, tu estás falando diretamente da questão de tomar consciência. O coaching entra justamente nisso. No coaching, através das perguntas, eu consigo ativar a espiritualidade das pessoas. (Grifos meus)

Pastor Alexandre Paz, em entrevista concedida ao autor em 04/10/23.

A definição de espiritualidade desenhada pelo pastor não é tão nítida quanto a sua conceptualização a respeito das quatro dimensões que compõem o ser humano. Ela é projetada com base em um exemplo: o da sabotagem das engrenagens da nascente indústria do século XIX pelo tamanco – *sabot*, em francês – de uma mulher indignada com sua condição de exploração e com a rotina extenuante que levava na linha de montagem fabril. Se a história da sabotagem é esta, trata-se de outro assunto; o fato é que, para o pastor, a espiritualidade da mulher foi a florada, ou manifestada, justamente quando ela teve um “rompante de consciência” ao “se dar conta de que a vida dela não valia a pena daquele jeito”. Com isso, Alexandre situa em uma espécie de desenvolvimento da autopercepção o ponto em que a espiritualidade passa a ser “ativada”, trazendo luz a processos que antes se faziam obscuros. Essa autopercepção é ideada em sentido lato, contemplando uma situação social de exploração e desalento coletivo, mas não traz outro protagonista desse “despertar” a não ser o próprio indivíduo, isolado, no centro do “rompante”. É a mulher que manifesta a *sua* espiritualidade, e é também por este caminho que o pastor afirma conseguir “ativar a espiritualidade das pessoas” com o coaching: individualmente, através de perguntas, no gabinete pastoral ou nas interlocuções do pastorado.

No trabalho de aconselhamento bíblico-pastoral, Alexandre articula o coaching à correção do que chama de “distorções” dos fiéis por meio de uma “metodologia das perguntas”. Essas “distorções” são traduzidas como erros, pecados, condutas e decisões equivocadas. Ele relata que costuma abrir a Bíblia diante de quem aconselha e fazer perguntas como as seguintes: “O que você entende desse texto? Faz sentido para você? Qual é a sua decisão diante disso?” O método das perguntas se torna então conjugado ao aconselhamento bíblico. “Tudo isso são ferramentas do coaching”, diz o pastor. O conhecimento adquirido nas formações em coaching é por ele referido como útil para aprimorar a eficácia de convencimento do aconselhamento. Nesse espaço da vida pastoral, qualquer pessoa que busque por orientação poderá ser abordada de maneira a “ativar a espiritualidade” ou “tomar consciência” da situação atual e dos objetivos almejados com sucesso. Percebe-se aí o coaching como uma forma de validação, auxílio e aprimoramento da admoestação pastoral. As perguntas conduzem a uma “tomada de consciência” que o cristão deve desenvolver por si, estimulado através das perguntas. Não se trata, para Alexandre, de impor respostas, caminhos e soluções, mas de oferecer, a quem está



sendo admoestado, o conselho bíblico-pastoral e de promover, por meio das indagações, uma reflexão sobre algo que o indivíduo deve descobrir *dentro* de si mesmo: “As respostas estão todas dentro dela [da pessoa]. O coaching traz uma abordagem que ‘puxa’ aquilo que a pessoa já sabe a nível de alma, mas que ainda não tomou conhecimento da necessidade de mudar”.

O encontro entre aconselhamento bíblico e “metodologia das perguntas” do coaching no trabalho pastoral não afasta distinções demarcadas entre um e outro processo. Mas mesmo essas distinções contêm suas aproximações. Alexandre destaca, a propósito da atribuição de uma distinção categórica: “Coaching é metodologia, e a Palavra é a Palavra”. Essa diferenciação é operacionalizada para estabelecer uma instância última de poder e eficácia, num aparente contrassenso: “A Palavra de Deus consegue mudar as pessoas. Mas a gente não consegue, o nosso discurso não convence ninguém”. Sob esse ponto de vista, a Bíblia recebe autoridade total para a promoção da mudança, ou para a “ativação” da espiritualidade. O contrassenso que reside nessa afirmação é, diríamos, um paradoxo falseado, uma vez que o peso do convencimento exclusivo pela Bíblia é relativizado em dois aspectos. O primeiro é que a “tomada de consciência” e a “ativação” da espiritualidade é algo que deve surgir no indivíduo a partir de um estímulo orientado pelo coaching, em sua face metodológica relativa à maiêutica. O segundo é que o coaching, nesse movimento, parece não se acomodar ao aconselhamento bíblico como algo que lhe é externo, ou como se fosse mero instrumento adicionado à religião. Ele é de fato componente do aconselhamento, na medida em que contribui para a sua eficácia.

Tem-se, portanto, que Bíblia e coaching incidem sobre regimes distintos de poder e autoridade no aconselhamento pastoral de Alexandre. Os procedimentos aplicados a sujeitos cuja espiritualidade deve ser “ativada” pela Bíblia e pelo coaching não são legitimados sob as mesmas condições. Ao concluir que somente a “Palavra de Deus” tem poder para “mudar as pessoas” no aconselhamento, Alexandre afere ao coaching um papel subordinado à Bíblia nesse trabalho religioso. Mas por que uma preeminência da Bíblia sobre o coaching é reivindicada pelo pastor, em um esquema de hierarquização do poder de agência no aconselhamento? Uma referência sobre outro contexto etnográfico pode lançar luz sobre essa dinâmica. Em seu livro sobre o literalismo nos Estados Unidos, dedicado ao estudo do fundamentalismo protestante e do originalismo jurídico, Vincent Crapanzano (2000) aborda a persistência de incongruências e desconfianças de cristãos que atuam com aconselhamento pastoral em relação a ciências e saberes como a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise, em um contexto no qual o literalismo bíblico entra em conflito com pressupostos seculares. Crapanzano entende que essa posição reflete um “modo de governança” (p. 16) que visa estabilizar os riscos da linguagem figurativa, das alegorias, dos símbolos e da retórica de uma humanidade vista como depravada pelo pecado

original e, portanto, propensa à manipulação constante dos significados religiosos. Ele indica que a busca, pelos literalistas, de um fundamento textual em que se firmar – no caso dos cristãos fundamentalistas, a Bíblia; no dos operadores do Direito, a Constituição e as leis – é basilar ao seu modo de posicionamento no mundo, voltado à ancoragem em verdades sagradas. Talvez as reverberações dessa razão literalista, que voltarei a abordar mais adiante, em conjunto com os outros casos abordados neste capítulo, expliquem por que, de forma paradoxal, um coach como o pastor Alexandre pode afirmar com tamanha veemência que “a metodologia do coaching agora perpassa por todas as minhas ações, por todo o meu fazer teológico, pelo meu fazer pastoral, pelo meu fazer espiritual” e, ao mesmo tempo, relativizar o peso dado ao coaching, reafirmando fronteiras em termos de uma diferenciação de conteúdos e sob a indicação de que o coaching não afeta a religião: “*Mas* [o coaching no aconselhamento pastoral] não transforma o meu conteúdo [religioso] no conteúdo do coaching”. O conteúdo [religioso] é outro”.



Figura 3.2 – Imagem de divulgação de uma das pregações do pastor Alexandre Paz em seu canal do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=EgrtbygjEfQ>. Acesso em: 09 dez. 2023.

### 3.4 – Coaching voltado para mulheres e para a saúde mental – Ione Camelo

O espaço institucional das igrejas e organizações religiosas não é o único laboratório de iniciativas que conectam o coaching com o cristianismo. Por vezes, essas iniciativas contornam uma identificação religiosa ou modulam-na de acordo com concepções *sui generis* do coaching e com preocupações mais ou menos marcadas sobre aspectos como o “perigo”

teológico representado pelo “antropocentrismo” do coaching. Em projetos e atuações individuais também é possível visualizar essa relação sendo operada com base em sentidos múltiplos. Seja quando referências bíblico-religiosas são explicitadas como componentes conceituais do coaching, seja ainda quando elas se fazem ausentes da cena dessa composição, as tensões da conexão entre coaching e cristianismo parecem pautar os discursos sobre a prática profissional de coaches cristãos, conferindo (ou não) autenticidade a essa prática. Vejamos, portanto, como essas articulações singulares se configuram na atuação de uma coach que, à diferença de Jonathan e Raúl, propõe uma forma de coaching cujas fronteiras com o religioso e com noções como “desenvolvimento da espiritualidade” são demarcadas com maior nitidez.

A coach Ione Camelo, membra da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), exemplifica uma prática de coaching que se pulveriza para além das instituições religiosas, dedicando-se a um tema com implicações sobre um ativismo público em contato com agentes e estruturas estatais<sup>105</sup>. Ione desenvolve um trabalho centrado em palestras e workshops orientados para o público feminino, com foco no desenvolvimento da autoestima da mulher e no apoio a mulheres vítimas de abuso sexual e violência doméstica. Embora também trabalhe com atendimentos individuais, seus projetos voltados a um público coletivo têm predominância, tanto em atividades elaboradas no interior de sua igreja quanto em outras denominações religiosas, além de entidades da sociedade civil. Formada pelo Instituto Brasileiro de Coaching (IBC) há mais de 10 anos, Ione desenvolve projetos no âmbito da Igreja Adventista desde 2008 e se considera uma “mentora de mulheres”. Ela considera o foco de seu trabalho um “chamado” de Deus: “trabalhar com mulheres foi o que me escolheu. Faz parte do meu chamado”<sup>106</sup>. É sob essa perspectiva que Ione tem buscado diversificar o leque de formações que oferece nesses espaços. Algumas das atividades por ela guiadas são voluntárias, sobretudo quando inseridas

---

<sup>105</sup> Meu contato inicial com o nome de Ione Camelo deriva de minha circulação na mesma denominação religiosa da qual ela faz parte. Tive notícias de suas palestras e atividades com o coaching através de amigos e conhecidos. Com essa referência em vista, a partir de quando a pesquisa de doutorado foi resenhada passei a acompanhar seu trabalho nas redes sociais. A despeito disso, não cheguei a conhecer Ione pessoalmente antes da pesquisa. Sua inscrição em um universo predominantemente masculino especifica o lugar que ela ocupa, como coach mulher, em relação às principais atividades que desenvolve no universo do coaching – palestras e projetos voltados para o tema da prevenção e do combate à violência contra a mulher –, assim como dimensiona a sua circunscrição a um domínio profissional dissociado do papel de liderança em matéria de espiritualidade, como veremos logo adiante. Podemos nos indagar se há aí uma limitação imposta à atuação feminina pelo coaching nas comunidades religiosas; não chego ao ponto de abordar essa questão com profundidade, embora a abertura da pergunta já seja um resultado.

<sup>106</sup> Este e outros trechos destacados ao longo desta seção foram registrados em uma entrevista realizada com Ione Camelo em 03 de outubro de 2023. Por conta do acesso às formações lideradas por Ione ser exclusivo a mulheres, não me foi possível realizar trabalho de campo presencial neles. Recorri, portanto, à entrevista e ao acompanhamento das redes sociais e aos sites da coach para obter os dados e informações que aqui descrevo. Para o site principal de Ione Camelo: <https://ione-camelo-coach.negocio.site/>. Para o site de uma mentoria recente para mulheres vítimas de abuso sexual: <https://ofimdabaixaestima.com.br/ofbe/>. Acesso a ambos os links: 10 dez. 2023.

em igrejas, enquanto outras fazem parte das dinâmicas remuneradas de sua profissão – a única que lhe serve de ocupação. Dentre essas atividades, podemos citar os workshops “7 Passos para Desenvolver a Inteligência Emocional” e “Detox Emocional”, que têm lugar em igrejas e nos Centros de Vida Saudável (CVS) da IASD<sup>107</sup>, abordando assuntos como medo, ansiedade e depressão; os “Encontros de Mulheres” e as palestras realizadas em ambientes como escolas e hospitais psiquiátricos; e a mentoria “O Fim da Baixa Estima”, dedicada a mulheres vítimas de violência sexual, disponível nas modalidades presencial e virtual e em sessões individuais e em grupo. Ione possui ainda uma metodologia própria – “A Travessia de Si Mesmo” – que contempla um programa de “desenvolvimento da autoconfiança”, abrangendo nove módulos de videoaulas, materiais de estudo em áudio e *workbook*, dinâmicas dialogais e certificação.

Além do trabalho regular com o coaching, Ione tem investido em outra frente de atuação profissional, a partir de uma formação em psicanálise que se encontra em andamento. Ela se refere a esse saber como mais “profundo” do que o coaching e a psicologia relativamente à abordagem de aspectos psíquicos mais “complexos” que encontra em seu “coachtório” – termo utilizado por ela para se referir ao espaço físico onde são recebidos seus clientes de coaching para sessões individualizadas. De acordo com a coach, muitos dos clientes que a procuram carregam traumas, dificuldades e transtornos de ordem psíquica que se tornam visíveis no “coachtório” e demandam diagnóstico e intervenção. Ione reconhece, no entanto, que o coaching não é um processo de cura psíquica e que, portanto, não pode resolver esses casos que lhe vêm a atendimento. Por esse motivo, ela costuma encaminhar tais pessoas para a terapia psicológica, para o tratamento psiquiátrico ou para a análise psicanalítica. Ione tece sobre este ponto uma crítica a metodologias que não atentam para o caráter não terapêutico do coaching e oferecem a possibilidade de cura por meio de imersões, cursos e treinamentos. Ela menciona especificamente o Método CIS, de Paulo Vieira, que promove eventos massivos de quatro dias, por diversas horas seguidas, e que, segundo ela ouviu falar, “poderia curar traumas e até a depressão”. Tal proposição de um coaching terapêutico é considerada indevida por Ione, que compara esse processo a um “abrir o paciente para fazer uma cirurgia e não fechar o corte”. Imersões e treinamentos de um curto período de tempo, segundo ela, não teriam efeito para ressignificar elaborações psíquicas de longa duração, com firmes raízes no solo do inconsciente.

---

<sup>107</sup> Os Centros de Vida Saudável são instituições mantidas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em centros urbanos. Resultam de uma estratégia missionária da denominação para atingir um público secularizado e pouco afeito à vinculação a comunidades religiosas. Os CVS’s oferecem cursos gratuitos de culinária, artesanato, música e idiomas, entre outros serviços, aproximando o público-alvo dos membros e atividades das igrejas locais.

Outro ponto importante de sua atuação tem sido o ativismo crescente que a coach vem construindo com relação a debates sobre a saúde mental entre operadores de segurança pública, especialmente ao participar de eventos e debates sobre políticas públicas para a proteção da saúde mental das mulheres que trabalham nesse setor. Em 2019, após realizar uma palestra em São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, Ione recebeu uma sugestão para desenvolver um trabalho de fortalecimento da saúde mental feminina por meio de seus treinamentos junto à Associação das Mulheres pela Segurança Pública<sup>108</sup>. Nesse primeiro momento, a ideia do projeto não vingou, repetindo-se um fracasso após novo convite recebido em meados de 2022. Nesse meio tempo, não obstante, Ione fortaleceu contatos e conectou-se com novos atores em torno desse debate, participando, durante cerca de um ano, como gestora de projetos na Fundação Walter Peracchi de Barcellos (Funperacchi), entidade civil fundada em 2001, sem fins lucrativos, cujo objetivo explicitado em seu site é “promover a saúde e [a] valorização da vida (...), [e também a] proteção social e [a] promoção da saúde, cultura e desenvolvimento humano dos Policiais e Bombeiros Militares e demais agentes da Segurança Pública no estado do Rio Grande do Sul”<sup>109</sup>. Como parte de suas atividades no âmbito da Funperacchi, Ione ministrou, em 2023, um workshop no Instituto Psiquiátrico Forense Doutor Maurício Cardoso (IPF) pelo Projeto Março Mulher daquela instituição, reunindo mulheres de várias entidades da segurança pública estadual, a exemplo da Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe), da Polícia Penal e do Departamento Estadual de Trânsito (Detran)<sup>110</sup>.

Como um desdobramento dessas conexões, Ione também foi convidada a palestrar, em 28 de setembro de 2023, em um seminário intitulado “Rompendo o silêncio”, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (ver figura 3.2)<sup>111</sup>. O seminário foi organizado pela

---

<sup>108</sup> Não foi possível localizar um site oficial ou informações organizadas sobre essa organização. Há associações voltadas para o tema em diversos estados brasileiros, cada qual possuindo uma nomenclatura diferente. Para a associação com o nome mencionado por Ione, aparentemente de abrangência nacional, ver o seguinte perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/amuspbr/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acesso em: 10 dez. 2023.

<sup>109</sup> Fundação Walter Peracchi de Barcellos. Disponível em: <https://funperacchi.org/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

<sup>110</sup> “Março Mulher: Funperacchi realiza Workshop para profissionais do Instituto Forense”. *Martins Pinto Advogados Associados*. Disponível em: <https://www.martinspinto.com.br/site/noticias-cb/marco-mulher-funperacchi-realiza-workshop-para-profissionais-do-instituto-forense/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

<sup>111</sup> “Rompendo o silêncio como forma de prevenção ao suicídio entre agentes da segurança pública”. Site da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://ww4.al.rs.gov.br/noticia/333019>. Acesso em: 10 dez. 2023. É interessante notar que o título do seminário, “Rompendo o silêncio”, se assemelha ao nome “Quebrando o silêncio”, projeto educativo realizado anualmente pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, da qual Ione é membra, contra o abuso e a violência doméstica. Ver: Quebrando o Silêncio. Disponível em: <https://quebrandoosilencio.org/>. Acesso em: 10 dez. 2023. Não foi possível aferir qualquer relação dos organizadores do seminário – além da própria coach – com a denominação religiosa. A deputada Eliana Bayer, no entanto, é membra da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) e nora de Alcides Bayer, missionário e ex-líder da igreja no Rio Grande do Sul, falecido em 2018. Eliana é cunhada de Franciane Bayer e Liziane Bayer, filhas de Alcides e também políticas. Franciane é deputada federal e Liziane é suplente do

deputada estadual Eliana Bayer (Republicanos) e visava discutir ações e políticas públicas para o enfrentamento do alto índice de suicídios entre agentes de segurança pública no estado. Ainda foi discutido no seminário, de acordo com Ione, o projeto de lei nº 276/2023<sup>112</sup>, de autoria da deputada estadual Delegada Nadine (PSDB), que propõe o estabelecimento da Política Estadual de Saúde Mental e Física dos Profissionais da Segurança Pública. O texto do projeto de lei menciona a instituição obrigatória, por parte do Estado, de uma estrutura de “acompanhamento psicológico e psiquiátrico, sempre que necessário, para a saúde mental do servidor”, sem mencionar outras formas de intervenção além da psicologia e da psiquiatria. A proposição da política estadual em questão se encontra em tramitação na Comissão de Constituição e Justiça da Casa, podendo receber modificações. Ione assume a importância de pautas como a realização do seminário e a proposição do projeto de lei, frisando existir uma lacuna de políticas públicas voltadas para o tratamento de um tema com tamanha urgência. Essa lacuna se deveria, em parte, à persistência de uma “mentalidade do ‘sim, senhor’” nas corporações de segurança pública, sobretudo na Brigada Militar (nome atribuído à polícia militar no Rio Grande do Sul), onde uma cultura de “imposição de ordens” e de reforço do estigma do “ser forte a todo custo” seriam ainda mais prejudiciais à saúde mental dos servidores e fariam com que se reproduzisse uma naturalização e um silenciamento do problema. Ione notou que a maioria dos operadores de segurança pública presentes no seminário pertencia à Polícia Civil, instituição de origem da deputada proponente do projeto. Em sua atuação policial pregressa, Nadine Anflôr foi delegada titular da Delegacia da Mulher de Porto Alegre, sendo responsável direta pela estrutura de atendimento a vítimas de violência doméstica, assunto trabalhado por Ione em suas formações.

---

senador Hamilton Mourão, sendo ex-deputada federal. Todas são filiadas ao mesmo partido, o Republicanos. A IIGD é uma das denominações onde Ione frequentemente realiza suas palestras. Pode-se inferir, a partir da atuação da deputada Eliana Bayer, que haja um apelo mais amplo do debate sobre segurança pública entre igrejas e atores evangélicos, e que este debate não se restrinja ao coaching. Certamente; não obstante, como abordarei no capítulo 5 desta tese, o coaching tem sido uma importante e emergente forma de articulação pública evangélica com o tema.

<sup>112</sup> Conferir os detalhes da proposição e de sua tramitação legislativa no site da ALERGS. Disponível em: <https://ww3.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/276/AnoProposicao/2023/Origem/Px/Default.aspx>. Acesso em: 10 dez. 2023.





Figura 3.3 – Seminário “Rompendo o silêncio”, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, em 28/09/23. Participação de Ione Camelo como palestrante. Fonte: Ariel de Souza/Reprodução/Site da ALERGS. Disponível em: <https://ww4.al.rs.gov.br/noticia/333019>. Acesso em: 09 dez. 2023.

### ***3.4.1 – Desenvolvimento pessoal e espiritual: distinções funcionais***

Quando instada a comentar a associação de sua prática de coaching com a religião, Ione Camelo estabeleceu uma distinção funcional que em muito lembra as afirmações de Raúl sobre o caráter científico do Coaching Transformacional. O coaching, para ela, “não tem nada a ver com Cristo, com igreja, com religião. [É] Metodologia de desenvolvimento humano, pessoal e profissional”. As técnicas aplicadas, as concepções defendidas e o processo de acompanhamento realizado guardariam relação com um saber percebido como sem “misturas”, dissociado da religião e coadunado com procedimentos científicos incidentes sobre a psique humana. Mas, à diferença de Raúl, Ione fornece atributos operacionais claros à noção de religião, classificando-a como detentora da função específica de “desenvolvimento da espiritualidade”. Se ambos “purificam” o coaching de qualquer identificação religiosa, é Ione quem tem cuidado de fazer com que isso também ocorra com relação à ideia de espiritualidade:

Eu entendo que crença religiosa é uma coisa e desenvolvimento pessoal é outra. O grande alívio que eu vivi e estou vivendo é o de desistir da ideia de misturar qualquer coisa. O meu trabalho [como coach] é só o meu trabalho. Eu não quero evangelizar

pelo meu trabalho. Não é isso. O coaching dentro do ambiente cristão, eu acho que mais confunde do que necessariamente ajuda. O papel da igreja, fundamentalmente, é ajudar as pessoas a desenvolver a espiritualidade. Se o pastor é coach e usa a técnica do coaching para fazer melhores mensagens, sermões e tal (...) [Ou] Quando ele vai atender as pessoas ele usa isso, mas dentro do papel do pastor, ótimo. Agora, quando mistura, já bagunça. Porque aí a pessoa vai exigir do pastor que ele, por exemplo, desenvolva ela como pessoa. Não, esse não é o papel do pastor e nem da igreja.

Ione Camelo, em entrevista concedida ao autor em 03/10/23.

A coach e mentora de mulheres demarca as funções de desenvolvimento da espiritualidade e de desenvolvimento pessoal em dois registros distintos – o primeiro deles remetendo à igreja e à figura do pastor, e o segundo ao coaching e ao trabalho do coach. No prosseguimento de nossa conversa, ela menciona ter passado por situações em que essas fronteiras não eram interpretadas com a devida nitidez, o que a incomodava. Há pouco tempo, como manifestação dessa indistinção, uma pessoa a teria indagado por que sua *bio* do Instagram não contava com uma descrição de que ela se tratava de uma coach cristã. Ione respondeu que o seu trabalho era só o seu trabalho, e que este não deveria se misturar à sua crença religiosa, sob risco de deixar de ser coaching e se tornar religião. Com efeito, Ione dizia não ter a intenção de evangelizar pelo trabalho como coach, ou de tornar o coaching um caminho para a religião. A rejeição da “mistura” entre funções que devem ser mantidas separadas foi marca constante de suas expressões. Isto posto, Ione afirmou não ver problema na aproximação entre um pastor e o coaching, com a condição de que essa associação ocorresse “dentro do papel do pastor”. Mas, afinal, no que consistiria o “papel do pastor” para Ione, e o que isso diria sobre o religioso?

Recordemo-nos de que, nos casos abordados anteriormente, as referências religiosas aparecem imiscuídas nas práticas e concepções de coaching sob formas que não se confundem umas com as outras. Para Jonathan, o coaching é um instrumento utilizado para amadurecer a espiritualidade, gerir as emoções e fortalecer o campo energético *junto de* concepções e intervenções religiosas. Para Raúl, em outro sentido, o coaching se separa do religioso em sua reivindicação de cientificidade; mas, quase ironicamente, é nessa reivindicação que eles se reencontram, através da ideia de uma espiritualidade a ser transformada *na* mente humana. Para o pastor Alexandre Paz, por seu turno, aconselhar com a Bíblia e com o auxílio da metodologia de perguntas do coaching é um processo convergente com o despertar da consciência e da espiritualidade. Em todos os casos, padrões de coaching são incorporados por agentes religiosos e inseridos em ambientes institucionais, passando pela atribuição de sentidos locais à ideia de espiritualidade *através do* coaching e abrangendo, dessa forma: a) modos de regulação da imanência; b) produção e reivindicação de cientificidade; c) aprimoramento do desempenho pela transformação da mente; e d) aconselhamento bíblico-pastoral. Os três coaches advogam



para si a prerrogativa de falar sobre espiritualidade, de defini-la e de enquadrá-la sob o prisma de interpretações singulares. Já em Ione, percebemos uma negação da “mistura” que desloca a espiritualidade para um polo inacessível ao coach e acessível ao pastor. A igreja se torna, assim, o lugar próprio do desenvolvimento da espiritualidade, enquanto o coaching é concebido como o espaço adequado para o desenvolvimento pessoal. Não se trata de uma operação que é realizada em termos de uma análise do conteúdo do coaching – se ele é mais ou menos “antropocêntrico” ou “humanista” –, mas de um reconhecimento sobre quem possui autoridade para tratar de espiritualidade e sobre quem a possui para tratar de desenvolvimento pessoal.

Esse aspecto se torna mais evidente quando consideramos outros dois argumentos que Ione expõe. O primeiro é a sua defesa e reiteração do caráter funcional da diferenciação entre desenvolvimento espiritual e desenvolvimento pessoal; o que é feito, paradoxalmente, através de uma justaposição entre um polo e outro. Para chegar a um terreno de equilíbrio entre a diferenciação e a justaposição, demarcando a posição de seu trabalho (ou função) como coach, Ione recorre a um esquema conceitual onde a pessoa humana possui um “tripé” a ser cuidado:

Eu sempre chamo a atenção das pessoas para o fato de que nós temos um tripé para sustentar a vida: cuidar do corpo, cuidar da mente e cuidar do espírito. Então, ali [no coaching], eu estou cuidando da mente. Na Bíblia, coração é a mesma coisa que mente. Onde é que estão as nossas emoções? Na nossa mente, no nosso coração. Eu estou cuidando desse pedaço, dessa perna do tripé. E eu deixo isso claro. Isso vai refletir positivamente nas outras partes do tripé? Sim. Faço um convite para que ela [qualquer pessoa] desenvolva a espiritualidade? Sim. Para que ela cuide do corpo? Sim. Mas eu deixo claro onde é que tá o meu foco. Eu tô ali pra ajudar ela naquele processo [de desenvolvimento pessoal]. O desenvolvimento pessoal não é separado do desenvolvimento espiritual; quando uma pessoa se desenvolve pessoalmente, ela também se desenvolve espiritualmente. Mas o meu foco não é o desenvolvimento espiritual da pessoa. Isso é outro processo. Esse trabalho que eu desenvolvo no CVS, por exemplo... O CVS tem cursos gratuitos em diversas áreas. O objetivo-fim desse centro de influência é, sim, juntar pessoas, criar comunidades, criar grupos, criar relacionamentos. Depois desse processo, o objetivo-fim é evangelizar. É apresentar para as pessoas Cristo, o Evangelho, a Bíblia, a espiritualidade. Então o curso de violão é só o curso de violão, e o coaching é só o coaching.

Ione Camelo, em entrevista concedida ao autor em 03/10/23.

Dessa forma, como para relativizar a incomensurabilidade de um coaching que age sobre um tripé constituído por “corpo, mente e espírito”, Ione afirma que o desenvolvimento pessoal não é separado do desenvolvimento espiritual, mas que o primeiro é seu único foco. O desenvolvimento espiritual é atribuído a outro domínio, relativo ao “objetivo-fim” de espaços como o Centro de Vida Saudável. Nele são oferecidos outros cursos e atividades que, à maneira do coaching de Ione, têm um primeiro fim processualmente dissociado do desenvolvimento espiritual. É em uma etapa situada “depois desse processo” sem “misturas” que a espiritualidade

aparece em consonância com o estabelecimento de comunidades, grupos, relacionamentos, evangelização, Cristo, o Evangelho e a Bíblia. A coach não está negando, portanto, a dimensão da espiritualidade e a sua importância para a constituição humana, mas indicando que o trabalho com a espiritualidade não cabe à sua função. Na visão de Ione, ao desenvolver-se pessoalmente, um coachee também se desenvolve espiritualmente. Não há, entretanto, maiores comentários de sua parte sobre o que esse desenvolvimento espiritual comportaria, pois sua *expertise* está colocada no polo do desenvolvimento pessoal, sobre o qual Ione se sente autorizada a falar.

Note-se ainda que a função que a coach atribui a si e à sua profissão não é um marco de até onde o coaching pode ir em relação com a espiritualidade: ela reconhece que há casos em que a “mistura” prevalece e que as fronteiras que vê como importantes são invadidas, levando-a ao diagnóstico de que, em certos casos, “o coaching dentro do ambiente cristão mais confunde do que necessariamente ajuda”. Ela afirma, neste ponto, uma percepção semelhante à dos teólogos críticos à “Teologia do Coaching”, identificando em alguns espaços evangélicos, sobretudo “neopentecostais”, a presença de um indesejado “antropocentrismo” desarmônico com as bases da fé cristã. É interessante que, não obstante esta constatação, Ione também realize palestras e workshops nessas igrejas, onde alimenta vínculos que proporcionam, inclusive, a sua inserção em círculos como o que vimos retratado no convite para a participação no seminário “Rompendo o silêncio”. Isso ocorre porque, à diferença dos teólogos, Ione não correlaciona o “antropocentrismo” que reconhece em tais ambientes com o conteúdo do coaching *per se*, mas com uma “confusão” relativa às fronteiras entre o que remete e o que não remete à espiritualidade, e que coloca o ser humano no coração da fé e da vida da igreja. Esse equívoco seria às vezes cometido em relação às práticas de coaching, mas também na forma de conceber a pregação, a música, a teologia e quaisquer elementos religiosos envolvendo uma “mistura” com o que Ione reconhece como pertencente a um campo externo à espiritualidade.

O segundo argumento de Ione a favor da demarcação de fronteiras é precisamente a evitação da “confusão” que adviria dessas “misturas” entre o coaching e o religioso. Quase como um eco da situação de questionamento sobre a identificação cristã na *bio* do Instagram anteriormente aludida, Ione se vê confrontada por uma outra situação em que a indistinção entre exercício profissional e fé pessoal é a marca de um certo incômodo. Conforme suas palavras:

Tem outro ponto importante que é a preferência por profissionais cristãos. É comum isso no meio cristão. Por exemplo: ‘Ah, eu vou procurar um psicólogo que seja cristão, porque ele tem os mesmos princípios [que eu]. Eu vou buscar um coach que seja cristão, pelos mesmos princípios. Mas quando fica misturado, não funciona. Eu tenho amigas psicólogas, por exemplo, pelo menos [com] duas eu vivi uma experiência muito negativa. Eu atendi pessoas no âmbito do coaching e eu indiquei essas pessoas

pra fazerem terapia com essas duas colegas que são psicólogas. E lá no âmbito da terapia, elas misturavam o cristianismo [na terapia]. E aí a cliente voltou pra mim, me xingando. Eu falei: “Não, você tem razão, você tá certa”. Ou seja, você não está indo orar com a pessoa, você está indo fazer uma terapia. Então a preferência por pessoas que têm a mesma fé, os mesmos princípios, até aí eu acho que tá tudo bem. Mas ainda assim [é importante] preservar a diferença da função. Eu costumo brincar – é uma fala provocativa – com as pessoas que me procuram e que têm resistência a tratar suas questões emocionais. Eu pergunto assim: ‘Quando você quebra a perna, você vai orar pra Deus curar a sua perna, ou você vai imediatamente em um hospital, em um ortopedista, pra fazer um raio-x, colocar gesso, fazer uma cirurgia, o que for?’ ‘Ah, é claro que eu vou no médico!’ ‘Então! E com as suas pernas emocionais quebradas, você faz o quê?’ Separar bem qual é a função. É isso que tá confuso para as pessoas.

Ione Camelo, em entrevista concedida ao autor em 03/10/23.

O exemplo anedótico das “pernas emocionais quebradas” dá conta da maneira como Ione percebe a necessidade da demarcação de fronteiras entre a fé como atributo subjetivo e o exercício público de uma profissão – neste caso, da escolha pelo apoio de um profissional não baseada na fé – como expressão de uma vida secular, mais além da distinção funcional entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual. Um coach cristão não deveria, segundo Ione, definir-se indispensavelmente pela fé cristã, mas pelo fato de ser coach. Essa seria a sua função admitida em um registro profissional secular, tal qual a um médico ortopedista caberia tratar uma perna quebrada, independentemente se ele e o paciente fossem vinculados a uma fé ou outra. “O coaching dentro das igrejas criou muita confusão para os próprios coaches”, diz Ione, por causa da “mistura” de funções e – acrescenta-se aqui – da incomensurabilidade entre fé integral e vida secular. Uma das principais consequências da “confusão” acarretada pela não observância das fronteiras por Ione descritas teria sido, segundo ela, a perda de credibilidade e legitimidade do coaching fora e dentro das instituições religiosas. Ione dá um exemplo oriundo de sua própria experiência. Logo que começou a propor projetos de coaching na Igreja Adventista, após se formar em coaching, ela se deparou com uma série de desconfianças que não diziam respeito à sua pessoa, mas ao processo que buscava introduzir no ambiente religioso. O pastor de sua igreja foi reticente diante da proposta e afirmou que precisava conhecer a fundo o projeto para “saber se ele cabia nas diretrizes da igreja”. Na percepção de Ione, não se tratava de mero procedimento burocrático-administrativo, mas de uma suspeita relativa à autenticidade do coaching – e à autoridade para tratar de espiritualidade, reconhecida como poder da igreja e não do coaching. Pois essa resistência já teria ocorrido ao longo da história envolvendo a aproximação com outros saberes, práticas e ciências: “Na igreja, a psicologia [por exemplo] demorou muito a ganhar espaço. Não é uma coisa aberta. Os filtros são muito severos”.

### **3.5 – O coaching e suas fronteiras: um desafio ao conceito de religião**

A partir dos casos abordados neste capítulo, deparamo-nos com diferentes modos de inserção do coaching em ambientes eclesiais evangélicos. O primeiro exemplo apresentado é o de um treinamento realizado no espaço de uma igreja, a Casa LGF. O curso Inteligência Emocional foi anunciado pela Casa LGF como uma atividade orientada para o “amadurecimento da espiritualidade” e a “gestão das emoções” de seus membros, embora a inscrição fosse também aberta a pessoas externas à igreja. As sessões do curso assumiram uma forma híbrida entre treinamento de coaching e culto, com a presença de dinâmicas que puseram em evidência a centralidade de ideias como “energia” e “espiritualidade” e de processos como a “mensuração energética”. Ao pôr atenção sobre essas dinâmicas, observei que intervenções rituais como orações, louvores e testemunhos foram introduzidas no curso, aproximando-o de uma forma cültica e dinamizando, dessa forma, as relações entre imanência e transcendência. Essas intervenções estabeleceram um regime de regulação da imanência que visava à neutralização do “antropocentrismo” de concepções e forças imanentes pelo “cristocentrismo” de elementos que reforçavam o acesso privilegiado à transcendência por meio de mecanismos cülticos controlados pela igreja. Nesse contexto, espiritualidade e emoções se constituíram como dimensões a serem desenvolvidas e geridas em linha com aspectos rituais da religião.

Por seu turno, a certificação em Coaching Transformacional promovida pelo Instituto Mont’Serrat não explicitava um vínculo com objetivos eclesiais<sup>113</sup>. Realizada no âmbito de uma ONG vinculada à Igreja Batista Mont’Serrat por um coach que também era pastor da igreja, ela se afirmava baseada em um coaching científico dissociado de relações com a religião. A forma assumida não era a de uma atividade eclesial, mas a de um curso direcionado para a atuação profissional em coaching. Raúl, o ministrante da formação, manifestava críticas a um coaching de teor “emocionalista” e à sua presença em igrejas, contrapondo-o à cientificidade do Coaching Transformacional. Ele associava aquela primeira forma de coaching a um “antropocentrismo” que decorreria das “misturas” entre coaching e religião. Sem embargo, a certificação por ele conduzida revelaria um encontro de elementos religiosos em que as distinções entre coaching “emocionalista” e “científico” e a oposição às “misturas” entre coaching e religião não seriam abandonadas. Referências bíblico-cristãs foram abordadas durante as sessões e alimentaram definições de Raúl sobre o processo transformativo da mente e da espiritualidade pelo coaching. Além disso, a noção de linguagem generativa, com referente no poder das palavras para a

---

<sup>113</sup> A habitual aplicação da certificação a todos os pastores da IBMS não invalida essa conclusão, porquanto a formação, extensiva a qualquer pessoa, não tem o objetivo de propor um coaching específico para pastores. O processo formativo pelo qual estes passam é aquele aplicado às demais pessoas em todas as edições da certificação.

instauração de novas realidades, também foi apropriada pelo Coaching Transformacional. Pode-se supor que essa ideia, próxima da concepção de poder espiritual das palavras apregoada pela doutrina da Confissão Positiva, mantém algum tipo de relação com a religião e com um coaching “emocionalista”. Mas Raúl nega e contorna essa vinculação ao estabelecer um lugar simultaneamente científico e religioso para a linguagem generativa e as referências bíblico-cristãs. Sob essa configuração, o poder de transformação da mente e da espiritualidade, articulado com o poder generativo das palavras, concerne a Deus e não aos homens. Portanto, o suporte científico atribuído por Raúl ao Coaching Transformacional, em conexão com elementos religiosos, é capaz de evitar uma associação com os efeitos do “antropocentrismo”.

Um modo diverso de apropriação do coaching por um pastor é o que se evidencia no ministério de Alexandre Paz, líder e fundador da Nexos Church. Ao contrário de Raúl, ele não ministra cursos ou formações de coaching em um nível institucional, mas o utiliza como ferramenta de auxílio às demandas que encontra no trabalho pastoral em sua igreja. A formação em coaching que Alexandre obteve a partir da Febracis e do Método CIS de Paulo Vieira o capacita a inserir metodologias de coaching em dinâmicas como o aconselhamento bíblico. É nesse contexto que o pastor Alexandre compreende a maiêutica, ou a arte de fazer perguntas, como uma forma de produzir reflexões e ações mais eficazes em seus aconselhados, “ativando” a sua espiritualidade. O líder religioso concebe Jesus como um precursor do método da maiêutica e como um mestre na tarefa de “despertar a consciência” e “ativar a espiritualidade” das pessoas, visualizando uma continuidade entre a maiêutica presente no ministério de Jesus e no coaching. Entretanto, o pastor tem a preocupação de destacar que não transforma as práticas e o processo de coaching em religião em seu trabalho pastoral, destinando à Bíblia um lugar primordial na “tomada de consciência” e na “ativação” da espiritualidade dos fiéis. Não obstante faça efetivamente parte de suas atividades religiosas, o coaching é tomado pelo pastor como um instrumento subordinado a uma transformação que somente a “Palavra” pode operar nos indivíduos. O aconselhamento bíblico-pastoral de Alexandre Paz conecta coaching e Bíblia por meio de regimes distintos de poder e autoridade, dando sempre à Bíblia preeminência.

O quarto caso considerado é o de Ione Camelo, que atua na inserção de processos de coaching em dinâmicas eclesiais de diversas denominações evangélicas e de organizações religiosas como o Centro de Vida Saudável (CVS), além de impulsionar a inclusão do tema do desenvolvimento pessoal, por meio do coaching, em um debate público sobre violência contra

as mulheres e sobre a promoção da saúde mental dos operadores de segurança pública<sup>114</sup>. Ainda quando as práticas de Ione se configuram em palestras e dinâmicas realizadas em igrejas e organizações religiosas, o coaching é reivindicado por ela como um processo de desenvolvimento pessoal que não se volta para questões religiosas/espirituais. Ione se sente autorizada a falar unicamente de desenvolvimento pessoal, atribuindo a responsabilidade para tratar de espiritualidade aos pastores e líderes religiosos. Dessa perspectiva, a coach também manifesta preocupações com as “misturas” entre coaching e religião, ecoando algo presente no Coaching Transformacional de Raúl. Ela não se debruça sobre juízos a respeito do conteúdo do coaching em si, avaliando se ele seria mais “cristocêntrico” ou mais “antropocêntrico”, mas sobre uma demarcação de fronteiras entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual que parte de distinções funcionais. Aos coaches e ao coaching, caberia a função profissional do desenvolvimento pessoal; aos pastores e à igreja, a função religiosa do desenvolvimento espiritual. É mister sublinhar a existência de limitações etnográficas decorrentes do fato de que não produzi uma observação das atividades conduzidas por Ione<sup>115</sup>. Isto posto, não é possível afirmar se a espiritualidade é de todo excluída de suas práticas, ou se a espiritualidade nelas se articula com noções e práticas que se coadunam com sua negação.

Em todos os casos exemplificados, e não apenas no de Ione Camelo, vemos distinções funcionais sendo produzidas e levadas em consideração, ainda quando as fronteiras entre as funções do coaching são borradas por noções como espiritualidade, coaching científico e transformação. A esse propósito, cabem algumas considerações sobre o material de que dispomos. Atendo-me por ora à noção de espiritualidade, cuja circulação é mais abrangente que as demais concepções encontradas em campo. A espiritualidade e seus modos de “desenvolvimento”, “transformação” e “ativação” é concebida pelos coaches em diálogo com preocupações mais ou menos marcadas sobre “cristocentrismo” e “antropocentrismo” e seus efeitos sobre a vida religiosa. Para Ione, a preocupação se estabelece com base nas fronteiras que demarcam os limites entre religião e coaching a partir das relações deste com o desenvolvimento pessoal e daquela com o desenvolvimento espiritual. Ambos os contextos são indicadores do quanto os sentidos sobre o coaching gravitam nas direções da justaposição e do afastamento com o espiritual e com o religioso, ora recusando concepções e práticas mais

---

<sup>114</sup> Relativamente à sua inserção nesse debate, Ione se aproxima dos modos de incidência do coaching no espaço público que abordo na segunda parte desta tese, especificamente nos capítulos 5 e 6. É preciso salientar, todavia, que Ione não mantém qualquer relação com o Método CIS de Paulo Vieira, ao contrário do pastor Alexandre Paz.

<sup>115</sup> Recordo que os projetos liderados por Ione em igrejas e em outros ambientes são voltados para mulheres, e que o acesso e participação nos processos de coaching desenvolvidos nesses espaços são restritos ao público feminino.

imanentes, ora dialogando e se transformando com elas. Em Ione, a espiritualidade é convergente com a religião em um grau que não permite o seu descolamento das funções da igreja e dos líderes religiosos, excluindo o desenvolvimento pessoal do mesmo plano que o desenvolvimento espiritual; em Jonathan, Raúl e Alexandre, a espiritualidade é tema a ser tratado pelo coaching. Nesses casos, todavia, as fronteiras do coaching se estabelecem assentadas em outros parâmetros e incorporando a espiritualidade de formas diferenciadas. A espiritualidade é regulada na projeção de sua imanência na Casa LGF; é alvo de uma assimilação científica no Instituto Mont’Serrat; e é acoplada metodologicamente à Bíblia na Nexos Church. Em que pese existam estratégias que buscam dimensionar a espiritualidade e o coaching sob enquadramentos menos “antropocêntricos” nesses âmbitos, espiritualidade e coaching constituem as práticas religiosas que são neles configuradas. Se uma associação controlada da espiritualidade com o coaching não é problemática para os coaches – a não ser para Ione –, o que dizer da relação do coaching com a religião? Considerar-se-ia o coaching como parte da religião, posto que se encontra conectado com a espiritualidade e com intervenções rituais, com a transformação da mente e com o aconselhamento bíblico-pastoral?

Decerto chegaríamos a essa conclusão se nos lembrássemos da dinâmica de “abraço à nossa criança” estimulada com o auxílio sonoro de uma música gospel, da articulação da transformação da mente com as atitudes bíblico-morais do que é “verdadeiro”, “respeitável”, “justo”, “puro”, “amável” e de “boa fama” ou da afirmação de que o “método das perguntas” compunha o ministério de Jesus e teria sido continuado pelo coaching. Reduziríamos, assim, o nosso empreendimento analítico a uma constatação da incidência do coaching sobre a religião, algo operado de maneira semelhante, em outro plano, pelos críticos à “Teologia do Coaching”. Ao adotar esse ângulo de vista, perderíamos a percepção do entrecruzamento de campos que faz com que o coaching componha processos religiosos prescindindo de uma depuração em termos de suas lógicas e localizações de origem. Retomemos o exemplo extraído de Crapanzano (2000) para ilustrar essa situação. As reverberações de uma razão literalista na apropriação que o pastor Alexandre Paz faz do coaching são evidentes. O coaching é posto em uma posição de subalternidade em relação à Bíblia, protegendo as disposições religiosas assumidas de sentidos que porventura divirjam da autoridade da Palavra. Assim como a psicologia, a psiquiatria, a psicanálise e outros saberes psi não são rejeitados pelos literalistas simplesmente por serem enquadradas como seculares, mas pelo seu potencial de subversão da verdade sagrada revelada, a relação do coaching com a religião só se apresenta problemática em reconfigurações que nela ocorrem tendo o coaching como elemento de uma integração “antropocêntrica” com o sagrado. Ao invés de reconhecer o coaching como religião ou como “contaminação” da religião,

portanto, devemos estar atentos a como o cruzamento de práticas e concepções situadas em múltiplos campos mobiliza entendimentos sobre dimensões como a espiritualidade, complexificando o olhar sobre fenômenos que se situam à margem ou nas fronteiras da religião.



**PARTE II**

**CRISTIANISMO NÃO RELIGIOSO: FRONTEIRAS SECULARES**

## Capítulo IV

### O método da abundância

*Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.*

Jesus Cristo, Evangelho de João 10.10b

*Tudo o que não é abundância [na sua vida] é disfunção. E toda disfunção deve e merece ser tratada.*

Paulo Vieira

Em conjunto, as epígrafes deste capítulo formam o bordão do Método CIS (Coaching Integral Sistêmico), treinamento de coaching e inteligência emocional criado pelo escritor, administrador de empresas e coach Paulo Vieira. Autor de *best-sellers* que figuram entre os mais vendidos da literatura de autoajuda nacional desde a segunda metade da década de 2010<sup>116</sup>, Vieira tem construído uma imagem pública relacionada com os livros que escreve e com os seminários, cursos e treinamentos que realiza em auditórios e centros de conferência de todo o país, atraindo elevado contingente de participantes. Os princípios e técnicas do Método CIS são aplicados nos eventos que contam com a participação direta de Vieira e nas sessões conduzidas pelos coaches formados e certificados pela instituição da qual ele é fundador: a Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (Febracis). Essa referência institucional central para a formação em coaching sob a proposta de Paulo Vieira também funciona como uma rede de franquias estabelecida na maioria dos estados brasileiros e em outros três países: Estados Unidos, Portugal e Angola. Seu modelo de organização se estrutura a partir de uma sede em Fortaleza, no Ceará, e de cerca de 40 núcleos/unidades franqueadas, unidas sob a mesma pessoa jurídica e localizadas em grandes e médias cidades. À Febracis estão ligados os direitos

---

<sup>116</sup> Conforme atestam índices da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e de meios de comunicação nacionais. Os livros de Paulo Vieira são comumente agrupados ao lado de outros títulos e autores do gênero de autoajuda (o que inclui outros coaches) e da literatura de não ficção. Ver, por exemplo, as seguintes listas de vendagem: Exame. “Os livros mais vendidos em 2018”. Disponível em: <https://exame.com/casual/os-livros-mais-vendidos-em-2018/>. Gazeta do Povo. “Lucas Neto, ‘F\*deu Geral’: quais foram os livros mais vendidos do Brasil em 2019”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/cultura/lucas-neto-fdeu-geral-quais-foram-os-livros-mais-vendidos-do-brasil-em-2019/>. Uma lista mais detalhada, contendo uma classificação geral por data, pode ser consultada em: PublishNews. “Lista Nielsen-PublishNews”. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/nielsen/2/2021/9/12/0/0>. Acesso a todos os links: 27 jan. 2022.

intelectuais e a marca comercial do Método CIS, o que gera uma consequente vinculação a ela dos coaches que adotam, propagandeiam e praticam o Coaching Integral Sistemico.

De maneira emblemática, o bordão supracitado reflete o objetivo régio do Método CIS: a produção de abundância em todas as áreas da vida humana por meio de um aprimoramento da performance pessoal. A ideia de abundância preconizada por Paulo Vieira está ancorada em dois fundamentos que as frases do bordão transparecem. Por um lado, a vinculação a uma expressão de Jesus Cristo, enunciada no contexto de uma parábola<sup>117</sup>, expõe um movimento frequentemente realizado pelo coach em seus livros, vídeos, episódios de podcasts, palestras, entrevistas, cursos e treinamentos. Menções a versículos e passagens bíblicas são um mote corriqueiro no coaching de Paulo Vieira, o que o aproxima de uma das principais características de um coaching de corte cristão: a explicitação de referenciais bíblico-cristãos na estruturação de práticas e discursos em torno do coaching. Não se trata apenas de ilustrações baseadas em frases sapienciais, ainda que tenham origem ou estejam envolvidas em usos bíblico-religiosos, mas de peças importantes para a composição de uma metodologia de coaching específica.

Por outro lado, há um movimento que se encontra articulado na frase sobre abundância pronunciada por Paulo Vieira, onde se evidencia uma percepção que alia uma interpretação religiosa a um embasamento que reivindica cientificidade aos modos de ação e aos resultados gerados pelo Método CIS na vida dos indivíduos. A abundância, entendida sob essa perspectiva como resultado de um processo bem-sucedido de intervenção sistemática sobre emoções e comportamentos, é posta em contraposição à disfunção, que “deve” e “merece” ser alvo de tratamento. Como veremos mais adiante, ao nos debruçarmos sobre os significados de ambas as categorias, os modos de tratamento da disfunção e de produção da abundância estão fortemente calcados sobre conhecimentos, técnicas e formulações que encontram guarida em referenciais teóricos tomados de empréstimo da neurologia, da psicologia positiva, da física quântica, da gestão empresarial, da comunicação social e de diversas outras ciências e saberes.

Ao longo deste capítulo, procurarei descrever por que caminhos essa dupla e simultânea relação do Coaching Integral Sistemico com referenciais religiosos e científicos é operada discursivamente, enfatizando os modos como Paulo Vieira desenvolve seu método e o apresenta ao público. Descrever e enfatizar os elementos estruturantes do Método CIS será um passo importante para situar sua presença nesta tese e para analisar, nos próximos capítulos, as articulações que o coaching de Paulo Vieira tem empreendido na cena pública brasileira com referências cristãs, em uma relação tramada com agentes político-religiosos, instituições de

---

<sup>117</sup> Trecho registrado no Evangelho de João, capítulo 10.

segurança pública e a questão da violência. O Método CIS não somente espelha o caminho sistemático pensado por Vieira para a produção de abundância, como também se constitui na base teórica e prática de processos de coaching liderados por milhares de profissionais de desenvolvimento pessoal ligados à Febracis no Brasil e no exterior. Isso evidencia, em parte, a centralidade dos procedimentos metodológicos para a escola de Paulo Vieira, embora existam dimensões no processo de coaching – e na sua extensão a situações e públicos variados – que não são cobertas por uma ênfase voltada exclusivamente sobre este aspecto. É o caso, por exemplo, da crescente presença de atividades e atores associados ao coaching em igrejas evangélicas no Brasil, em espaços que apresentam singularidades se comparados com aqueles onde o exercício do Coaching Integral Sistemático se realiza como parte indissociável de uma formação profissional – haja vista o credenciamento e o treinamento de coaches pela Febracis.

Diversas são as formas pelas quais se poderia levar a cabo uma etnografia do Método CIS, desde uma aproximação com as ideias de Paulo Vieira por meio da leitura de seus livros até uma incursão nos cursos e treinamentos ministrados presencialmente ou à distância pelo coach na Febracis. Levando em conta as limitações à presença física em espaços com grande afluência de pessoas, impostas pela emergência e continuidade da pandemia de Covid-19 nos anos coincidentes com a primeira fase de minha pesquisa de doutorado, fiz uma escolha pela primeira das duas opções. Recorro, assim, a uma análise detalhada dos sete capítulos do livro *O poder da ação: faça sua vida ideal sair do papel* (Vieira, 2015), uma das obras mais vendidas e disseminadas de Paulo Vieira no mercado editorial. A escolha por este livro específico diz respeito a uma característica que lhe é distintiva em relação ao conjunto da literatura produzida pelo autor. Trata-se de uma espécie de manual prático, ou de um compilado dos princípios, conceitos, técnicas e ferramentas que compõem o Método CIS. Esboçarei um percurso que seguirá a ordem sequencial dos capítulos do livro, pondo atenção sobre os modos de composição dessa metodologia e sobre os elementos estruturantes que indicam sua associação com uma ética do empreendedorismo de si ancorada em uma comunicação entre pressupostos religiosos e um *corpus* de conhecimentos científicos heterodoxo. Antes de incursionar pelos capítulos do livro, porém, abordarei aspectos da carreira e da vida de Paulo Vieira, tornando visível a singularidade de sua posição no universo do coaching e no mundo evangélico, e apontarei para o Método CIS como uma elaboração que pode ser compreendida em termos de sua origem e incidência cristã, sem, no entanto, reduzi-lo a uma identificação com a religião.

#### **4.1 – Paulo Vieira: do fracasso ao sucesso**



Figura 4.1 – Paulo Vieira em uma de suas conferências. Fonte: Blog Global Mentoring Group. Disponível em: <https://globalmentoringgroup.com/a-trajetoria-de-paulo-vieira/> Acesso em: 28 jan. 2022.

Nascido em Fortaleza, CE, em 30 de agosto de 1967, Paulo Vieira passou a maior parte de sua infância e adolescência no Rio de Janeiro, cidade para onde se mudou com a família quando tinha um ano de idade. Embora sejam raras as informações públicas sobre os trinta primeiros anos de sua vida, é possível constatar uma história de derrocada e superação pessoal que marca sua trajetória e cuja origem se dá em eventos ocorridos nesse período<sup>118</sup>. O relato se constitui como um todo coerente dotado das características de uma “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1986). Filho de pai empresário, Vieira viu os negócios de sua família ruírem quando chegou à altura dos 17 anos, revés que o levou a um retorno inesperado para o Ceará em busca de sobrevivência econômica e reconstrução pessoal. Nos anos seguintes, por mais de uma década, ele passaria por uma série de dificuldades, como o fracasso de seu primeiro casamento e o surgimento de uma situação de carestia que o obrigou a morar de favor em casa de parentes e a ter uma vida de privações. Configurou-se, assim, uma espécie de hecatombe financeira e emocional que o acometeria até a marca dos 30 anos de idade. Nessa fase, dois acontecimentos gerariam nova reviravolta em sua vida. O primeiro deles foi um acidente automobilístico, no qual Vieira se envolveu e, não obstante, saiu ileso e pôde salvar duas amigas que com ele se encontravam presas a um veículo quase em chamas; o segundo foi a leitura de um livro do psiquiatra e escritor de autoajuda Roberto Shinyashiki, intitulado *Sem medo de vencer* (Shinyashiki, 1993). No período que coincide com a ocorrência desses dois eventos, Vieira trabalhava como revendedor de produtos domésticos e de uso pessoal, como roupas, cosméticos

---

<sup>118</sup> As informações sobre a fase de juventude de Paulo Vieira referidas neste e nos parágrafos subsequentes podem ser encontradas em um texto biográfico escrito por ocasião da entrega da Medalha Boticário Ferreira ao coach pela Câmara Municipal de Fortaleza, em 2019. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/2019/06/10/camara-concede-a-medalha-boticario-ferreira-a-paulo-vieira/>. Acesso em: 28 jan. 2022.

para cabelo e colchões, atividade que ocupava o seu tempo livre e gerava recursos financeiros parcos, empregados unicamente para a sua subsistência. Em maior parte, as horas de seus dias eram dedicadas aos compromissos com o curso de Administração de Empresas da Universidade Federal do Ceará, que ele frequentou – sem, no entanto, haver indícios de que tenha concluído.

As experiências do acidente e da leitura legaram a Vieira a forte impressão de que o rumo de sua própria vida estava sendo perdido. Por mais que se esforçasse, não conseguia obter sucesso e felicidade, acumulando frustrações. A interpretação que produziu sobre sua condição era a de que os resultados que vinha alcançando eram consequência unicamente de suas ações e escolhas equivocadas. A força da reflexão realizada naquela conjuntura gerou uma mudança de comportamento que é contada por Paulo Vieira em uma narrativa de contornos épicos. Nos anos seguintes, influenciado principalmente pelo que leu no livro de Shinyashiki, uma rápida e intensa remodelação de atitudes teria sido por ele adotada diante de desafios pessoais variados, que iam do aprimoramento de habilidades profissionais ao desenvolvimento de relações afetivas consideradas de melhor qualidade, gerando um aprimoramento social, econômico e emocional. Sem mencionar as minúcias do processo que o teria levado a uma reconstrução de vida, para além da conscientização de uma responsabilidade sobre os próprios fracassos, Paulo Vieira relata ter tido um impulso para aprofundar seus estudos em período imediatamente seguinte às experiências que teve, matriculando-se em um curso de pós-graduação em Gestão de Pessoas. Ao tempo em que buscava aprimoramento profissional, ele abria também uma empresa de consultoria comercial, aplicando no mercado os conhecimentos que vinha adquirindo. Um ano depois, já estabilizado financeiramente e dotado de outro ânimo diante de seus desafios, Paulo Vieira ficaria noivo de sua atual esposa, Camila Saraiva, e adquiriria uma casa e um carro próprios, iniciando, assim, uma nova etapa de prosperidade em sua vida.

Em meio a esse cenário de superação e “virada” ocorreria o primeiro encontro de Paulo Vieira com o coaching, em meados de 1998. Durante a atuação como empresário na área de consultoria, ele seria tomado pela percepção de que sua vocação não consistia em ajudar empresas, mas em ajudar pessoas. Foi então que procurou frequentar um curso de coaching em São Paulo e, já formado, começou a trabalhar com sessões individuais, cobrando à hora por atendimentos personalizados. Esses atendimentos se voltaram, em um primeiro momento, a clientes que se encontravam ligados ao mundo empresarial. Mais uma vez, não há informações públicas ou depoimentos registrados que especifiquem como foi possível que os negócios de Vieira florescessem nesse curto período de tempo. Afere-se, no entanto, que no mesmo ano em que começou a atuar como coach, o empresário fundou o Instituto Paulo Vieira, organização

anterior da Febracis<sup>119</sup>, dando início a um processo de institucionalização da metodologia que posteriormente nomearia Coaching Integral Sistêmico, com o registro da marca “Método CIS”. A institucionalização do coaching de Paulo Vieira se consolidaria ao longo da década de 2000, com a expansão da realização de cursos envolvendo o Método CIS em todo o país e a formação da Febracis no ano de 2009. Data dessa época a publicação do primeiro livro escrito por Vieira, sob o título *Eu, líder eficaz* (Vieira, 2008). Nos anos 2010 o número de publicações se multiplicou e alcançou um público amplificado através da parceria entre Paulo Vieira e a Editora Gente, um dos maiores selos do Brasil nas linhas editoriais de autoajuda, educação e gestão de negócios. Dentre os títulos do coach que vêm obtendo grande índice de vendas nos últimos anos, pode-se citar, entre outros, *Fator de enriquecimento* (Vieira, 2016), *Poder e alta performance* (Vieira, 2017), *O poder da autorresponsabilidade* (Vieira, 2018) e *Criação de riqueza* (Vieira, 2019), além do já mencionado *O poder da ação*, focalizado neste capítulo.

Com efeito, a linha da trajetória biográfica de Paulo Vieira perpassa nós que estão longe de se reduzir ao mercado editorial de autoajuda, à Febracis ou a elementos clarividentes em torno da construção de sua figura pública. Aqui destaco um outro ponto, ainda no contexto da construção da carreira de Paulo Vieira e de sua narrativa de transformação pessoal, que se vincula com a religião e que atribui uma especificidade ao lugar que ela ocupa em sua biografia. Membro da Comunidade Videira<sup>120</sup> de Fortaleza, o coach tem transitado por diferentes denominações evangélicas nos últimos anos, realizando palestras, ministrando treinamentos e pregando em cultos. Algumas dessas igrejas possuem visibilidade considerável no meio evangélico, como a Lagoinha Church, liderada pelo pastor e cantor André Valadão, e a Igreja Batista da Atitude, no Rio de Janeiro, presidida pelo pastor Josué Valandro Jr. e frequentada pela ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e família<sup>121</sup>. Paulo Vieira também tem circulado por

---

<sup>119</sup> Assim como no link abaixo, há várias referências em matérias de jornais e portais eletrônicos que apontam para a origem da Febracis e do Instituto Paulo Vieira, corroborando datas e associações que se encontram presentes no site da Febracis e em outros lugares, eletrônicos ou não, onde as iniciativas institucionais do coaching de Paulo Vieira são noticiadas. Ver: Terra. 26 de janeiro de 2017. “Pela primeira vez, Rio recebe o maior treinamento de inteligência emocional da América Latina”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/pela-primeira-vez-rio-recebe-o-maior-treinamento-de-inteligencia-emocional-da-america-latina.da24e53500c29988630b0ead434efaa38fapvww6.html>. Acesso em 29 jan. 2022.

<sup>120</sup> Conferir o site da Comunidade Videira, que expõe o perfil de seus pastores na seção “A Igreja”. CCVideira: Uma Igreja, uma Casa. Disponível em: <https://ccvideira.com.br/>. Acesso em: 29 jan. 2022. Não foram encontrados dados sobre a trajetória religiosa de Paulo Vieira em período anterior à sua participação na Comunidade Videira.

<sup>121</sup> Matéria do site evangélico Pleno News sobre a presença de Paulo Vieira na Igreja Batista da Atitude: <https://pleno.news/fe/igreja-batista-atitude-recebe-o-master-coach-paulo-vieira.html>. Vídeo da pregação de Paulo Vieira na Lagoinha Church Orlando, publicado no canal Lagoinha USA no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=AI6IPn8PWeg>. Acesso a ambos os links: 29 jan. 2022.

espaços associados à convivência interdenominacional, como a Conferência Global, organizada pela igreja Comunidade das Nações<sup>122</sup>, que em 2019 reuniu milhares de fiéis, lideranças do mundo evangélico e autoridades políticas em Brasília, incluindo o governador do Distrito Federal, diversos ministros de Estado e o presidente da República à época. Presença ainda mais orgânica talvez seja a do coach no quadro docente da Florida Christian University (FCU), a já aludida instituição educacional mantida por grupos evangélicos estadunidenses com sede em Orlando, na Flórida. Nessa instituição, especializada em coaching e em cursos voltados à vida ministerial em igrejas, Paulo Vieira também obteve formação em cursos de Coaching, Administração de Empresas e Marketing em nível de bacharelado, mestrado e doutorado<sup>123</sup>.

Na seção introdutória desta tese, tive a oportunidade de fazer referência ao papel que uma controvérsia em torno da Florida Christian University desempenhou tanto para a origem quanto para o desenho adotado por essa pesquisa. Cabe aqui fazer novamente menção à FCU, no intuito de ilustrar como se dá a amplitude da relação de Paulo Vieira com o meio evangélico, dentro e fora do Brasil. O que se evidencia é que a própria constituição original do Coaching Integral Sistêmico está ancorada em uma institucionalidade religiosa, tendo sido o Método CIS desenvolvido nos estudos de Paulo Vieira na FCU e sendo atualmente ensinado nela pelo coach. Parte da circulação do Método CIS também ocorre tendo como base as igrejas, por meio de coaches formados pela Febracis, como exemplifica a atuação do pastor e coach Alexandre Paz abordada no capítulo três. A influência de Vieira em círculos evangélicos está relacionada com as redes que constrói dentro desse universo religioso, como membro de igreja frequentemente chamado para contribuir em atividades fora dos limites de sua denominação, e com a visibilidade pública de sua figura, vinculada à prática de um coaching voltado às massas e aos produtos de divulgação do Coaching Integral Sistêmico. Livros, cursos e materiais audiovisuais concernentes ao Método CIS circulam sem necessariamente ter conexão com redes religiosas, embora também nelas possam se encontrar e ter incidência. É possível, portanto, supor que ambos os tipos de influência – religiosa e pública – sejam mutuamente comunicantes e contribuam para a difusão do nome e do trabalho de Vieira no interior do meio evangélico.

---

<sup>122</sup> Esta é a mesma igreja a que pertencem Filipe Firmino e Helen Klein, coaches fundadores da Universidade Coaching Cristão (UCC), instituição abordada no escopo dos dados e análises desenvolvidos no capítulo 1.

<sup>123</sup> Há uma parceria firmada entre a Florida Christian University e a Febracis, celebrada de ambos os lados em diversas situações. A apresentação do livro *O poder da ação*, por exemplo, foi escrita por Anthony Portigliatti, presidente e chanceler da instituição estadunidense, que menciona serem as ferramentas apresentadas no livro um resultado direto dos estudos de Paulo Vieira no seu doutorado em Coaching concluído pela FCU. Cabe ressaltar que os cursos da FCU não são reconhecidos pelo Ministério da Educação do Brasil. Os dados sobre a formação acadêmica de Vieira podem ser conferidos em menções feitas em seus livros e em seu currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1298414240635456>. Acesso em: 05 fev. 2022.



Antes de iniciar o empreendimento analítico dedicado aos sete capítulos de *O poder da ação*, destaco um aspecto que é de marcada importância para considerarmos o lugar de Paulo Vieira na prática de um coaching relacionado com o cristianismo. Em entrevista concedida ao portal evangélico Gospel Prime na Conferência Global 2019, Vieira comentou sobre o trabalho como coach e a vivência da fé cristã, identificando sua atuação profissional com um ministério que desenvolve integralmente em todos os lugares: “As pessoas me perguntam como é que eu, como cristão, me conecto a este mundo do coaching. Veja bem, para mim tudo é ministério. Minha família, meus filhos, parentes, pai, mãe, irmão, meu trabalho, minha empresa, minha profissão é [são] um ministério”<sup>124</sup>. Essa afirmação, dirigida a um público evangélico, dificilmente seria reproduzida em outras situações nas quais estivesse envolvida a produção de uma imagem pública do coach. Não obstante Vieira entenda seu trabalho em termos de uma vinculação com a ideia de ministério, em nenhum momento se pode constatar sua defesa de um coaching religioso ou de um coaching voltado exclusivamente para religiosos. Pelo contrário: os discursos de Vieira enfatizam que o Coaching Integral Sistêmico se dirige a qualquer pessoa, independente de vinculação religiosa, visando à produção e à incorporação do que ele chama de um “estilo de vida abundante”. Por outro lado, é interessante o que Paulo Vieira diz em um dos episódios de seu podcast: ao dialogar por mais de uma hora com o pastor André Fernandes, líder da Lagoinha Church em Miami, nos Estados Unidos, o coach menciona algumas razões que fazem daquele um episódio especial. “Especial” é um termo que se encontra presente no título do episódio. Além de falar sobre a importância que as pregações do pastor têm tido sobre sua vida, Vieira faz a ressalva de que coaching e religião são “coisas diferentes” e alerta para a real possibilidade de que sua conversa com o pastor no podcast seja interpretada erroneamente por muitas pessoas como proselitismo religioso, razão pela qual ele diz sempre evitar falar sobre religião, vivendo o cristianismo e dando testemunho de fé por meio de seu exemplo de vida<sup>125</sup>.

Vê-se, portanto, que a presença do coaching enquanto parte fundamental do ministério de Paulo Vieira não assume, sob condições públicas, uma conotação religiosa. Neste ponto, retomo uma elucidação já apresentada em outros momentos desta tese: quando faço alusão a um coaching situado *em relação com* o cristianismo, neste e em outros capítulos, não me refiro à existência de um movimento organizado, coerente e uniforme, nem tampouco a um coaching

---

<sup>124</sup> O Verbo. “No meu trabalho eu também imito a Cristo”, afirma o master coach Paulo Vieira. Disponível: <https://overbo.news/no-meu-trabalho-eu-tambem-imito-a-cristo-afirma-o-master-coach-paulo-vieira/>. Acesso em: 29 jan. 2022.

<sup>125</sup> PVCast Especial com o Pr. André Fernandes, episódio datado de 13 de julho de 2021, disponível no canal de Paulo Vieira na plataforma Spotify.

cristão/religioso/evangélico ou direcionado exclusivamente a preferências e usos religiosos, mas a processos, metodologias e concepções de coaching que se articulam com referenciais associados ao “religioso” – neste caso, especificamente cristãos – e que possuem um determinado grau de inserção em ambientes eclesiais mais ou menos institucionalizados.

## **4.2 – O poder da ação**

Os capítulos do livro *O poder da ação* são organizados por Paulo Vieira a partir dos princípios basilares do Método CIS, os quais lhes são homônimos: 1) Acorde; 2) Aja; 3) Autorresponsabilize-se; 4) Foque; 5) Comunique-se; 6) Questione e 7) Creia. O coach esboça o objetivo do livro logo em sua introdução: divulgar os recursos “de poder” por meio dos quais qualquer pessoa pode “alcançar seu melhor e maior potencial” e “ser mais, fazer mais e ter mais” (Vieira, 2015, p. 15), contribuindo assim para a otimização da performance em todas as áreas da vida e para o alcance de um estilo de vida abundante. A seguir, vejamos como o Método CIS é definido por seu idealizador, em uma análise mais contida dos sete capítulos da obra.

### **4.2.1 – Acordando para uma vida abundante**

A metáfora do sono e da vigília é um artifício que Paulo Vieira utiliza para classificar dois tipos de pessoas: as que dormem e as que acordam para o sucesso. De que maneira alguém pode acordar do sono do fracasso e entrar na vigília do sucesso, alcançando resultados de excelência em todos os aspectos da vida? Em consequência de sua história de transformação pessoal e do estado de prosperidade que dela decorre, assim como da experiência de mais de vinte anos como coach, Paulo Vieira se habilita a tratar do assunto neste ponto do livro como um *expert* que a um só tempo estuda e vive o método da abundância. Ele se propõe a ensinar os passos do caminho que, idealmente, qualquer pessoa poderia trilhar para desfrutar de uma vida de abundância como a dele. Para tanto, põe à disposição do público as ferramentas e conhecimentos que o levaram ao desenvolvimento do Método CIS, marca registrada de seu ministério pessoal e de sua escola de coaching. No primeiro capítulo de *O poder da ação*, denominado “Acorde”, Vieira delinea aquele que considera ser o primeiro passo para a obtenção do sucesso. Em quase vinte páginas repletas de perguntas e desafios, ele explica o que entende pelo conceito de abundância e evidencia os contornos do que a ela se opõe: a disfunção.

Esses questionamentos servem tanto para estimular a reflexividade do leitor, algo que se busca fazer em diversos trechos e capítulos do livro, como para indicar como o Método CIS

funciona na prática, em cursos e treinamentos ministrados por Vieira e por coaches ligados à Febracis<sup>126</sup>. Os procedimentos metodológicos atinentes ao coaching, quaisquer que sejam a modalidade ou a concepção postas em prática, iniciam pelo estabelecimento de uma aproximação entre o coach e o coachee (cliente, treinando) voltada ao diagnóstico de desafios e ao estabelecimento de metas a serem atingidas. Antes de mais nada, pergunta-se ao sujeito do processo de coaching quais são seus desejos, sonhos e objetivos particulares. A partir das respostas fornecidas pelo coachee, o coach desenvolve um plano de ação para orientá-lo em direção aos passos seguintes do processo. Goldsmith, Lyons e Freas (2003) indicam que a obtenção de resultados só é bem-sucedida quando existe sinceridade e disposição por parte do coachee em produzir respostas que estejam de acordo com a sua real situação. Um coach, portanto, nunca age por dedução, mas de acordo com o que é formulado conscientemente por seu coachee. O lançamento de perguntas não tem outro objetivo senão estimular o coachee a pensar nos desafios de seu presente e nos desejos que projeta para seu futuro. “Qual tem sido sua atitude diante da vida?”, “Como você tem se colocado diante das oportunidades?” e “Você aceita os desafios ou se esconde deles?” são exemplos desse tipo de questionamento primário.

Na aplicação do Método CIS a sessões individualizadas, esse estímulo à autoavaliação se mantém inalterado, ensejando perguntas destinadas aos coachees como parte inicial de um processo cuja adaptação depende do diagnóstico e do planejamento de cada caso em particular. Na descrição que é feita da metodologia em *O poder da ação*, entretanto, um acréscimo é realizado para facilitar a interação com aqueles leitores que não dialogam diretamente com um coach, como em um processo de coaching individualizado, mas tão-somente com o livro. Para não excluir os leitores dessa dinâmica de autoavaliação, Paulo Vieira disponibiliza uma série de exercícios escritos que devem ser feitos ao longo da leitura do capítulo, como o preenchimento de lacunas e questionários dispostos entre os parágrafos. Os leitores se deparam, assim, com um livro que os convida a registrar sobre suas páginas, em relatos mais ou menos detalhados, percepções sobre níveis de autonomia e ação em contextos como família e profissão; a atribuir uma nota, em escala de zero a dez, ao modo como se veem e se sentem no

---

<sup>126</sup> Se, por um lado, o livro visa proporcionar aos leitores um preâmbulo dos princípios do Coaching Integral Sistêmico, como se depreende de sua introdução: “Trago neste livro sete princípios, recheados de conceitos, técnicas e ferramentas aplicáveis, que vão ajudá-lo a alcançar seu melhor e maior potencial” (p. 15), por outro, o objetivo de levar o leitor a procurar os cursos e treinamentos do Método CIS se torna evidente com os convites feitos ao longo dos capítulos para a experimentação prática da metodologia. O primeiro desses convites é encontrado logo na primeira página, quando, ao adquirir o livro, o leitor se depara com um folheto contendo três cupons de desconto para frequentar os cursos oferecidos pela Febracis a um preço mais acessível. Uma outra observação deve ser feita quanto à forma como Vieira percebe seu leitorado e a ele se dirige: ainda que o coach estabeleça um público indistinto como alvo de sua metodologia – não só religioso, como já frisamos –, este público é suposto pelo tipo de técnicas e procedimentos propostos pelo Método CIS e expressos consequentemente pelo livro, conforme veremos mais adiante.

comando – ou fora dele – do “barco da vida”; e a fazer uma marcação em “x” sobre alternativas que dizem respeito a se considerarem protagonistas ou coadjuvantes de suas próprias histórias.

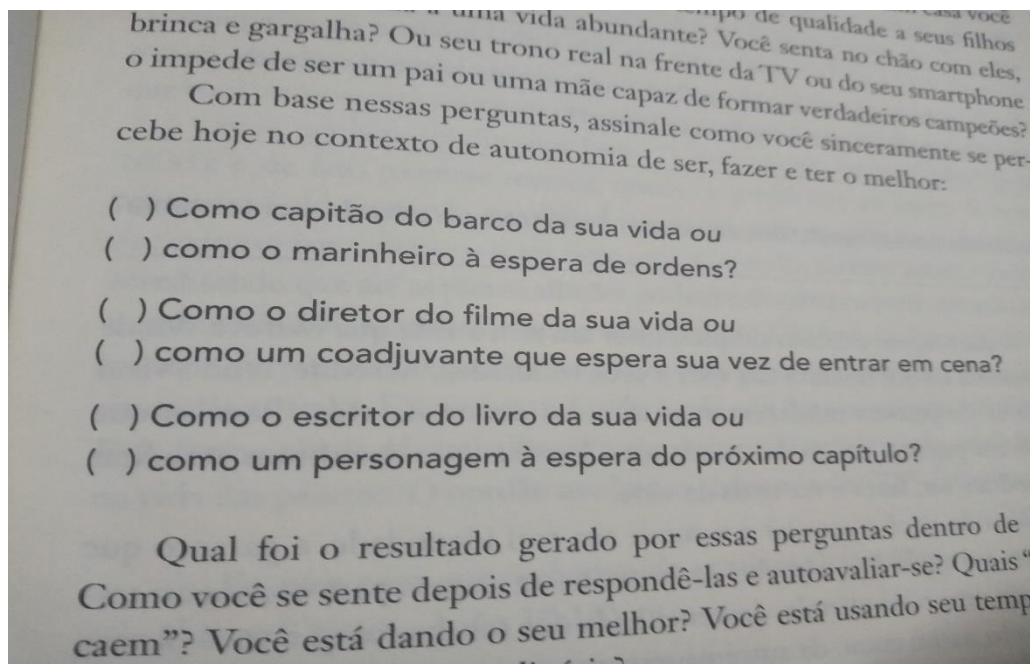


Figura 4.2 – Autoavaliação em formato objetivo. Fonte: Vieira, 2015, p. 23. Reprodução do autor.

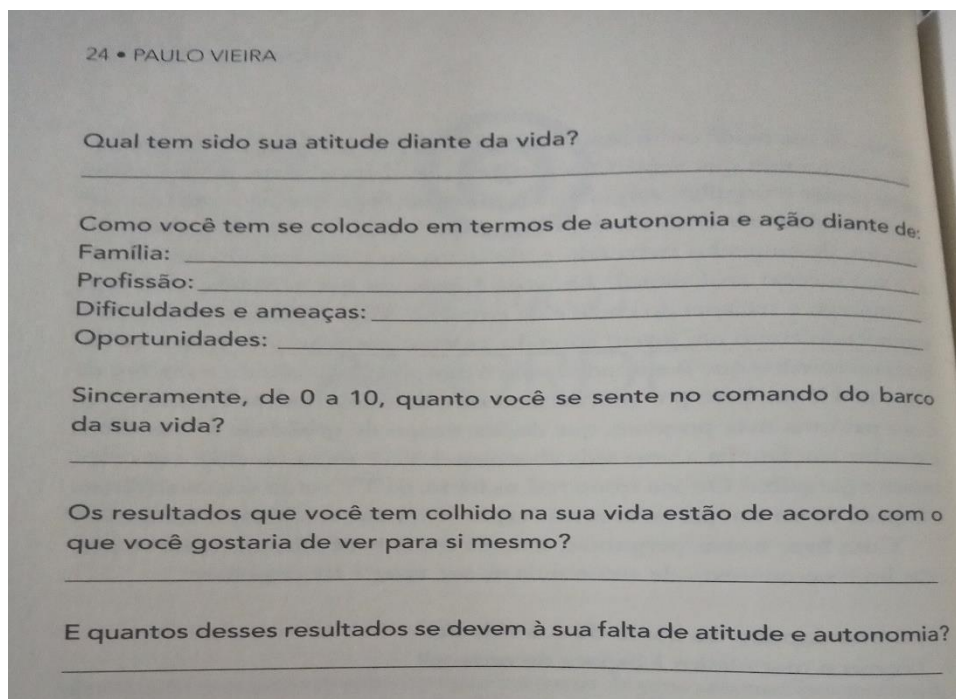


Figura 4.3 – Autoavaliação em formato de respostas abertas. Vieira, 2015, p. 24. Reprodução do autor.

As respostas à autoavaliação devem levar, pois, os leitores ao enquadramento em uma de duas situações típicas. A primeira é anunciada pelo versículo bíblico relativo à abundância

anteriormente mencionado, cujo conteúdo compõe uma das frases do bordão do Método CIS. Vieira diz acreditar na veracidade literal dessa passagem e, sem titubear, identifica as palavras de Jesus – “Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância” – como uma comprovação de que o ser humano foi criado por Deus para “ter e viver o melhor deste mundo aqui e agora” (p. 25). Parte-se de um princípio religioso, ou seja, da criação divina em uma narrativa cristã, e de uma interpretação literal dessa passagem bíblica, para fundamentar o destino natural da humanidade como a abundância total e irrestrita neste mundo. Esse é um dos enquadramentos possíveis nos quais uma pessoa pode portanto se situar, ao se autoavaliar e entender que está desenvolvendo, de fato, uma vida abundante. Por outro lado, se a percepção for de constantes revezes, aflições e infelicidade, uma vida poderá ser considerada disfuncional, porque desviante do propósito maior – e divino – de abundância no qual deve estar inserida. Vieira pondera que o Método CIS, “na sua base teórica, filosófica, ferramental e prática, busca em seus processos produzir abundância em todas as áreas, [trabalhando] para eliminar ou diminuir qualquer disfunção na vida das pessoas” (p. 25). Parafraseando novamente Cristo, o coach admite que todas as pessoas apresentam disfunções em maior ou menor grau (pois “No mundo tereis aflições<sup>127</sup>”), o que independe de classe social, raça ou gênero. Mas aponta para o postulado de que é a permanência em um padrão de disfunção, com o conseqüente afastamento de uma vida abundante ocasionado pelo enraizamento da condição disfuncional, que gera uma situação em que o indivíduo não consegue “acordar” para a abundância que lhe é destinada naturalmente.

Dessa maneira, para Paulo Vieira a disfunção é o único tipo de enquadramento em que é possível se localizar quando não se vive uma vida abundante. As características disfuncionais são explicitadas nas próximas páginas, com o auxílio de uma anedota popular que Vieira afirma ter sido contada a ele por Anthony Portigliatti, presidente da FCU. Trata-se da história de um homem que se encontrava pescando em um pequeno barco. Ao pegar com seu anzol um peixe enorme, ele o analisa e o devolve ao rio. Logo em seguida, pesca outro peixe, ainda maior, mas também o devolve. O terceiro peixe capturado é uma pequena tilápia, que o homem fica feliz de encontrar e põe em seu cesto. Ao ser indagado por outro pescador sobre a atitude aparentemente incompreensível de escolher o peixe pequeno ao invés dos grandes, o homem responde: “Sabe o que é? Lá em casa a frigideira é bem pequenininha e não cabem nela esses peixões”. A anedota ilustra o que para Vieira significa disfunção: uma situação de relativa e inconsciente incapacidade para o crescimento, para o desenvolvimento de potencialidades ou para a obtenção de resultados vitoriosos que se origina em uma atitude individual de pouca

---

<sup>127</sup> Palavras de Jesus Cristo registradas no capítulo 16, versículo 33, do Evangelho de João.

ambição frente à vida. Dirigindo-se ao leitor em um tom de proximidade e, ao mesmo tempo, de desafio contra o sono da disfunção, o coach enfatiza mais uma vez o destino natural de toda a humanidade: “Nem eu nem você estamos aqui para ter uma vida mediana” (p. 26).

Não obstante, ter uma vida de abundância não significaria, ainda, possuir as condições para suprir qualquer falta, o que poderíamos sugerir que se configuraria como algo tanto melhor que uma “vida mediana”. Para Vieira, não se trata de uma questão meramente relacionada à falta. De acordo com suas palavras, reiteradas na sequência do texto, “o desejo de não faltar não significa ter abundância” (p. 27). Em um sentido material, a vida abundante nasce do desejo e das ações voltadas para ter algo de sobra, como condições financeiras suficientes para “pagar as contas, viver bem e ainda ajudar o próximo”, conforme o exemplo que o próprio Vieira dá. Há um ímpeto de crescimento que se coloca evidente em torno dessa concepção e que se aplica à vida do ser humano como um todo. A capacidade para o sucesso deve ser simultaneamente material e emocional para que possa ser considerada abundância plena. As próximas páginas do capítulo “Acorde” apontam para essa dimensão integral do ser humano que o Método CIS procura abordar, produzindo a abundância e tratando a disfunção não apenas no âmbito da prosperidade material. Exemplo claro desse movimento é o cenário traçado em algumas linhas para descrever uma família ideal, reunida em um tempo diário saudável e de qualidade, sem que seja necessário abandonar compromissos com o trabalho e outras preocupações materiais incontornáveis. Ao adotar um estilo de vida abundante, seria possível ao pai ou à mãe de família ter uma rotina complexa e aproveitar sem maiores dificuldades a vida ao lado do filho e do cônjuge, evitando desgastes emocionais, por meio de ferramentas que o Método CIS apresenta.

Tais ferramentas também seriam adequadas para lidar com certos estímulos que indivíduos e famílias receberiam cotidianamente através do contato com uma determinada “mídia tradicional”. Paulo Vieira especifica, como parte dessa mídia, produtos televisivos como novelas, jornais e filmes, associando-os diretamente a “valores negativos” e inibidores do crescimento pessoal. A tônica dessa programação giraria em torno de temas como “morte, dor, medo, perda, traição, tristeza, mentira, vingança, ódio, violência, cobiça, inveja, inversão de valores” (p. 29). Sua interpretação é a de que conteúdos midiáticos eivados desses valores seriam carregados de forte apelo emocional e “alta precisão cognitiva”. Uma vez absorvidos, eles atingiriam profundamente o cérebro humano nos seus dois hemisférios: o esquerdo (cognitivo) e o direito (emocional). A repetição incessante desses estímulos sobre o cérebro seria capaz de fazer com que uma pessoa passasse imperceptivelmente a acreditar “que tudo isso [esse conjunto de ‘valores negativos’] de fato é real, aceitável e, por fim, normal” (p. 30).

Devemos aqui destacar dois pontos importantes para em seguida continuarmos com a análise dos demais capítulos de *O poder da ação*. Em primeiro lugar, o tratamento que Vieira dá aos “valores negativos” que correlaciona com os estímulos projetados sobre o cérebro parece estar relacionado com uma concepção de ordem moral que se condensa na última palavra da lista que menciona: “inversão de valores”. A associação de uma “inversão de valores” incorporada cerebralmente com um não questionamento de sua “normalidade” indica que o coach parte de uma perspectiva pré-estabelecida sobre quais valores morais sejam socialmente aceitáveis e quais não sejam. A lista de “valores negativos”, aliás, se afina com uma série de atributos considerados como pecados na moralidade cristã. É possível constatar ainda, no âmbito de sua concepção de disfunção, uma separação entre dois estados morais que refletem, de uma forma ou de outra, as ideias cristãs de pecado e perfeição. Disfunção e abundância são tomados, no entanto, como estilos de vida – um disfuncional e o outro abundante. Um segundo ponto que precisamos sublinhar é o fato de que Vieira, nessa passagem do livro, se utiliza de uma primeira justificativa científica para seus postulados. As informações que veicula sobre a influência de estímulos cerebrais na incorporação automática de valores são creditadas logo nos parágrafos seguintes a novas descobertas feitas pela neurociência, em que pese nenhum trabalho científico ou autor/a seja mencionado a este propósito. Em diversos outros momentos neste capítulo da tese, retornaremos a essa apropriação de justificativas científicas pelo Método CIS.

#### ***4.2.2 – Agindo para construir um realismo profético***

*Até quando tu dormirás, ó preguiçoso? Quando te levantares do sono, a pobreza te atacará como um bandido, e a necessidade te atacará como um homem armado.*

Provérbios de Salomão, 6.9-11

O trecho inicial do segundo capítulo de *O poder da ação* nos coloca diante de mais uma passagem bíblica, destacada como ponto de partida para um exercício que Paulo Vieira define como uma Representação Metafórica Interna (RMI). A figura jocosa do preguiçoso, explorada nos conselhos do rei e sábio Salomão, antecede uma provocação do coach para que o leitor deduza a definição de RMI por meio da identificação de uma figura histórica que teria feito uso corriqueiro dessas representações: “[Você] conhece algum personagem da história que, com suas histórias e parábolas, contadas há milhares de anos, mudou o mundo em que nós vivemos hoje?” (p. 40). Sua referência imediata é Jesus Cristo, de quem toma de empréstimo

uma parábola retomada nas páginas seguintes. Do início ao fim do capítulo, novamente se fazem presentes referências bíblico-religiosas, agora em uma vinculação direta com a ideia de RMI. Vieira utiliza o conceito para se referir à função desempenhada por metáforas, bíblicas ou não, sob toda e qualquer situação de comunicação. Torna-se possível, por meio desse mecanismo, que uma pessoa construa uma compreensão sobre o mundo externo a partir de uma mirada sobre suas próprias circunstâncias vividas. A operação de metáforas enquanto RMI's caracteriza um dos aspectos do Método CIS, haja vista a sua tradução de provérbios populares, passagens bíblicas, informações sobre acontecimentos de conhecimento geral e anedotas do dia a dia para uma chave relativa ao desenvolvimento pessoal e à produção de abundância na vida.

A RMI que ocupa o espaço central do capítulo é um tanto peculiar, e sua produção é derivada dos efeitos da imaginação de um complemento de desenho que Paulo Vieira estimula o leitor a inscrever sobre uma das páginas do livro. Um tonel de madeira, que se encontra desenhado pela metade, aguarda que seus derradeiros contornos sejam delineados à medida que características e informações são comunicadas pelo locutor do texto aos leitores. O coach pede que se vislumbre mentalmente um barril cheio, transbordando uma substância fétida, pastosa e pegajosa, de cheiro horrível e atrativa para moscas e insetos que sobre ela voam e pousam. Ao desenhar esses detalhes sobre a página, os leitores devem projetar no interior do barril a imagem de uma pessoa querida, com os braços apoiados em sua beirada, ouvindo gritarem de fora: “Saia daí! Isso está lhe fazendo muito mal!” E, em meio às admoestações para a saída, conferir que a pessoa permanece impávida, sem forças e nem vontade para sair da situação deplorável. A metáfora é um instrumento que Vieira considera eficaz para apontar para o modo de vida adotado por pessoas que não conseguem deixar vícios e comportamentos nocivos, permanecendo presas a um “barril” de infelicidade que, dentre outras coisas, pode estar repleto de excesso de “álcool, destruição financeira ou infidelidade conjugal”, conforme exemplos que são citados em seguida à explanação da RMI, atribuindo-lhe aplicabilidade cotidiana.

Mesmo diante de apelos e advertências dirigidos com constância, a falta de reação de certas pessoas a situações destrutivas como as acima ilustradas seria um desdobramento comum de casos acompanhados de perto por Vieira ao longo de seus vinte anos de carreira como coach. Daí seu entendimento de que não seria suficiente apenas para o sujeito do processo de coaching saber o que fazer; seria preciso, ainda, tomar atitudes para promover uma saída da “zona de conforto” e estimular a criação de novos hábitos que substituíssem os antigos, de caráter destrutivo. A permanência na “zona de conforto” é descrita em termos da “combinação de várias mentiras paralisantes” (p. 43) que um indivíduo conta para si, ou seja, das estratégias de convencimento que ele cria sobre a inevitabilidade de sua situação ou sobre os benefícios que



obtéem, ainda que sejam hipotéticos ou potenciais, a partir de seu modo de proceder. Só seria possível “acordar” este indivíduo disfuncional, para usar uma concepção que aparece antes no livro, por meio de uma ação intencional e consciente direcionada a metas, objetivos e desejos – o que poderia ser facilitado pelo processo de coaching – que o pusesse em condições de definir um caminho para a construção de seu futuro. É exatamente no auxílio para essa conscientização do indivíduo que interviria o coaching. Os desvios do caminho em direção à abundância são tomados por Paulo Vieira como “historinhas” que o indivíduo, autoenganado e inconsciente, conta para si mesmo. O coach elucida que essas historinhas são “estruturas linguísticas, verbais e mentais que validam, explicam e justificam nossos fracassos, nossas falhas e nossos insucessos”, constituindo “uma maneira às vezes sutil e outras vezes explícita de não nos responsabilizarmos por resultados, ações e comportamentos que não deram certo em nossa vida” (p. 45). Isso acontece, de acordo com Vieira, em casos como o de alguém que é demitido do trabalho por frequentes atrasos e, em defesa própria, argumenta que isso só aconteceu porque o trânsito é demasiadamente lento; ou quando um adolescente é expulso do colégio por infringir regras, mas justifica-se dizendo que, se há algo de errado, a culpa é da escola e não dele.

A curto e a médio prazos, a reafirmação de “historinhas” teria como consequência a destruição da autorresponsabilidade do indivíduo, impedindo o desenvolvimento de sua autonomia; promoveria também uma comunicação de padrões cerebrais disfuncionais pela constante enunciação de versões falseadas da realidade, alimentando um processo que sedimentaria no cérebro uma realidade inconscienciosa. Depois de ter sido identificado com um centro de moldagem de valores morais por estímulos externos, o cérebro aparece novamente no discurso de Paulo Vieira revestido de uma plasticidade comunicacional que o determina como um *locus* de produção da verdade em nível individual: “O cérebro não escolhe no que acreditar; assim, o que você mais comunicar, mais verdadeiro será” (p. 45). A solução apresentada pelo Método CIS para o problema imposto pelas “historinhas” passaria, então, por comunicar ao cérebro “histórias realistas”, eliminando o falseamento inconsciente da realidade ocasionado por desculpas para o insucesso. Há de se frisar, no entanto, que essas “histórias” consistem em versões produzidas em um determinado regime de realismo da condição individual, permeado pelo ideal de abundância que o Coaching Integral Sistêmico persegue.

No bojo desse regime, não importam tanto as condições materiais presentes que envolvem uma determinada situação, como o volume de dinheiro disponível para investimentos na melhoria da performance pessoal neste ou naquele aspecto, quanto o desejo imperioso e a força de vontade autêntica tidos como necessários para a sua realização. Tudo depende, pois, do impulso individual para a ação e dos caminhos conscientes pelos quais se chega aos

procedimentos corretos para o alcance do sucesso, fazendo jus à frase célebre de Paulo Vieira: “Tem poder quem age e mais poder ainda quem age certo”. A pressuposição da ação correta passa pela criação do que se poderia chamar de um “realismo profético” que é antídoto ao engodo das “historinhas”. Um acento religioso é dado a esse realismo, na medida em que a ideia de profecia é articulada por Paulo Vieira a partir de uma nova RMI de base bíblica. A parábola dos talentos, descrita no capítulo 25 do Evangelho de Mateus, é transcrita integralmente para fazer referência ao modo como se deve agir na construção de “histórias realistas” de abundância. Nela, um homem de muitas posses se ausenta do país e chama seus três servos, encarregando-os de cuidarem de seus talentos – unidade de medida de peso utilizada na Antiguidade – durante a viagem. Um servo recebe cinco talentos e os negocia, ganhando outros cinco; outro recebe dois e ganha de igual forma dois; mas o terceiro recebe apenas um, cava um buraco e o esconde na terra. Por essa razão, é repreendido por seu senhor por ter sido preguiçoso e não ter entregado o talento aos banqueiros, a fim de que recebesse o retorno com juros.

Com a aplicação dessa RMI bíblica, Paulo Vieira indica que todas as pessoas possuem habilidades e atributos pessoais, os quais, em sua interpretação, são recebidos diretamente de Deus e se destinam à felicidade humana. Mas ele alerta também para o fato de que o seu desenvolvimento depende de uma disposição individual para a adequação a comportamentos vitoriosos e para o alinhamento com um estilo de vida abundante. Há aí uma responsabilidade que só pode ser assumida pelo indivíduo, e que deve ser estimulada ao longo do processo de coaching, segundo a concepção do Método CIS. Essa disposição para a abundância deve ser gerada através da criação de “profecias autorrealizáveis” (p. 50) que substituam uma postura inconsciente de “contação de historinhas” por uma atitude de decretação antecipada do sucesso, onde seja possível ao indivíduo afirmar (ou profetizar) sobre si mesmo histórias que reflitam um determinado estado de vida desejado. Se o desejo for de obtenção de uma vida saudável, por exemplo, o que não é pelo coach diferenciado de emagrecimento e boa alimentação, o indivíduo deve repetir para si mesmo com uma certa frequência que é “forte, saudável e magro”, até que isso se transforme em realidade: “Sou forte, saudável e magro. Eu me alimento com excelência e como o melhor, na hora certa e o suficiente para estar saudável e disposto” (p. 51).

#### ***4.2.3 – Autorresponsabilizando-se como indivíduo***

*Você é o único responsável pela vida que tem levado  
(...) Por mais doloroso que seja, foi você que levou  
sua vida ao ponto em que está hoje. Sendo assim, só  
você poderá mudar essa circunstância.*

Paulo Vieira

A noção de autorresponsabilidade se encontra no cerne das técnicas desenvolvidas pelo Coaching Integral Sistêmico. O terceiro princípio da metodologia, comentado depois do despertar para a abundância e da ação para a construção de um realismo profético, é o reconhecimento de que nenhum acontecimento ocorre por coincidência, de que não há fatalidades do destino e de que ninguém pode se considerar vítima das circunstâncias da vida. Paulo Vieira define a autorresponsabilidade como “a capacidade racional e emocional de trazer para si toda a responsabilidade por tudo o que acontece [em sua] vida, por mais inexplicável que seja, [e] por mais que pareça estar fora [do seu] controle” (p. 65). A citação de uma frase do apóstolo Paulo, em sua carta aos Gálatas, capítulo 6, versículo 7 – “Não te enganes: de Deus não se zomba; o que tens semeado, isto também colherás” – é reafirmada para advertir que uma pessoa não pode permanecer contando para si “historinhas” repetitivas sobre seus resultados de fracasso e tampouco pode culpar o azar, o destino ou Deus pelas coisas ruins que lhe acontecem. Afinal de contas, como a primeira parte do versículo dá a alertar, “de Deus não se zomba”.

Descrevendo sua concepção de autorresponsabilidade em linha com a ideia de livre-arbítrio, Paulo Vieira questiona provocativamente o leitor que acredita na possibilidade de determinação da vida por uma sucessão de acasos ou pelo destino. Poderia haver, para essas pessoas, um responsável por eventuais frutos colhidos, fossem eles bons ou maus? Em seguida, ele aponta para uma alternativa divinamente localizada, sugerindo a probabilidade quase natural e automática da crença de seu público em uma divindade específica: “Se é Deus que está no controle de sua vida, lembre-se de que desde o Éden Ele deu o livre-arbítrio ao ser humano” (p. 65). A concepção judaico-cristã da queda humana decorrente do pecado original é articulada por Vieira em uma associação espaço-temporal do livre-arbítrio com a história bíblica da Criação, para justificar que a responsabilidade pelo destino humano, mesmo quando envolta em uma relação com o sagrado que atribua ao sobrenatural uma prerrogativa de intervenções sobre o curso dos acontecimentos terrenos, não foge à alçada incontornável da autorresponsabilidade individual. A abrangência desse princípio na vida de um indivíduo leva ao efeito de que toda a operação do Coaching Integral Sistêmico depende da autenticidade do processo de autorresponsabilização como condição *sine qua non* para o seu funcionamento.

De fato, como discorre Vieira, as bases científicas do Método CIS confirmam a centralidade da autorresponsabilidade para a obtenção de performances de excelência em diversas atividades e áreas da vida humana. Ainda assim, segundo o coach, somente um

pequeno número de pessoas conseguiria corresponder a um nível de autorresponsabilidade de tal maneira que produzisse mudanças efetivas sobre si e seu entorno, como revelaria uma pesquisa realizada pelo psicólogo Daniel Goleman, expoente da Psicologia Positiva nos Estados Unidos, junto de Annie McKee e Richard Boyatzis, com apresentação no livro *O poder da inteligência emocional* (Goleman, McKee & Boyatzis, 2018). Esse contingente representaria cerca de 2% do total de uma amostra que, no entanto, não é evidenciada pelo coach, enquanto outros 13% de pessoas apenas acompanhariam as mudanças, ocasionalmente contribuindo para o seu acontecimento, e os restantes 85% da “massa mundial” sequer perceberiam a necessidade de mudanças, assumindo uma postura passiva diante da vida, não entendendo seu papel no tocante à autorresponsabilidade e não fazendo nada para modificar sua situação. Entre a minoria autorresponsável, Paulo Vieira lista líderes e personalidades que teriam construído uma “vida extraordinária” (p. 71), como é o caso de Nelson Mandela. O retrato de Mandela é traçado a partir de um conjunto de virtudes pessoais desenvolvidas individualmente por ele ao longo da luta contra o *apartheid* na África do Sul. Entre elas estariam a perseverança e o domínio de si, forjados em situações adversas como os grilhões da prisão e a opressão racista. Como uma pessoa que teria exercido a autorresponsabilidade, Mandela responderia ao seu cativo com uma postura proativa e positiva, demonstrando-a através de frases como “Meu corpo eles podem ter prendido, mas a minha mente sou eu que controlo” ou “Posso responsabilizá-los pelas suas atitudes, porém eu sou o único responsável pelos meus sentimentos” (p. 71).

Na perspectiva de Paulo Vieira e de seu Coaching Integral Sistêmico, a postura autorresponsável está correlacionada tanto com a superação de situações adversas quanto com o desenvolvimento da felicidade e de uma condição permanente de realização pessoal. O teórico estadunidense da Psicologia Positiva Martin Seligman é citado por sua defesa, no livro *Aprenda a ser otimista* (Seligman, 2005), do princípio de que “quanto mais [uma] pessoa se sente responsável pela vida que tem levado, mais realizada e plena ela é” (p. 95). A autorresponsabilidade, portanto, incidiria não somente sobre as disposições individuais tomadas como fundamentais para a construção de um bem-estar material, mas também sobre uma dimensão subjetiva associada a emoções positivas. Outra cientista, desta vez uma neuroanatomista, é evocada por Vieira para defender a tese de que o processo de autorresponsabilização acarretado pelo Método CIS incide sobre essas duas instâncias – uma racional e outra emocional – através de estímulos cerebrais. Os estudos de Jill Bolte Taylor, sobretudo os compilados em seu livro *A cientista que curou seu próprio cérebro* (Taylor, 2008), demonstrariam que o hemisfério cerebral esquerdo seria o lado responsável pela lógica, pela memória, pela sistematização e pela reflexão, compreendendo nossas habilidades para planejar,

criar e compreender, assim como para tomar decisões racionais que nos fariam crescer pelo compromisso com a consciência e a autorresponsabilidade. Por outro lado, o hemisfério cerebral direito seria classificado como o lugar das emoções, dos sentimentos, da inconsciência e da intuição, e isso o definiria como o repositório da inteligência emocional, tema central à agenda de pesquisa abordada pela Psicologia Positiva. Paulo Vieira defende que “próspero e vitorioso é o ser humano que consegue integrar essas duas áreas do cérebro” (p. 73), produzindo resultados materiais e emocionais de excelência em um processo integral de desenvolvimento.

O Método CIS é descrito como uma ferramenta disponível ao público para a realização dessa tarefa. Seus dois pressupostos principais indicam que não há distinção sobre quem esteja apto ou não a se submeter ao processo de Coaching Integral Sistêmico. De acordo com o primeiro postulado, “todos temos os recursos de que necessitamos para prosperar e ser felizes” e, com o segundo, “se alguém pôde, você também pode [alcança o sucesso e a felicidade]”. Esses recursos seriam inerentes a todos os indivíduos, independentemente de sua relação com o coaching, mas precisariam ser ativados por meio de um processo que lhes despertasse para a consciência de suas potencialidades e para a autorresponsabilidade. Vieira delinea seis leis que o Método CIS propõe para contribuir com a busca dessa condição: 1) Não criticar as pessoas; 2) Não reclamar das circunstâncias; 3) Não buscar culpados; 4) Não se fazer de vítima; 5) Não justificar seus erros; e 6) Não julgar as pessoas. Estipula-se, assim, o princípio geral da noção de autorresponsabilidade, qual seja: a presunção de que não existem determinações pelo acaso, pela sorte ou pelo destino, mas unicamente posturas e ações individuais e suas consequências.

O terceiro capítulo de *O poder da ação* se encerra com um termo de compromisso que o leitor tem a opção de assinar, manifestando seu desejo de ser autorresponsável, e com uma nova menção feita pelo coach a Jesus Cristo, reforçando a presença de referentes religiosos em sua descrição dos princípios do Método CIS. De acordo com Vieira, Cristo é sua grande inspiração, por ter sido completamente autorresponsável e por ter cumprido as leis da autorresponsabilidade. Percebemos aqui uma situação comum: a qualificação de Jesus por coaches e escritores de autoajuda como um exemplo extraordinário de inteligência emocional. Best-sellers têm sido publicados especificamente sob essa proposta, como *Jesus coach*<sup>128</sup> (Jones, 2005), *O homem mais inteligente da história* (Cury, 2016) e *Jesus, o maior psicólogo que já existiu* (Baker, 2002). De certa maneira, Paulo Vieira dá continuidade a esse movimento e o exalta, destacando que “o maior de todos os líderes, o maior de todos os empreendedores, o mestre dos mestres” possui “o Poder Verdadeiro” e “quer nos ensinar [a vencer]” (p. 98).

---

<sup>128</sup> Trata-se este de um dos livros presentes na bibliografia da disciplina “Espiritualidade e liderança”, ministrada pelo professor e ex-reitor Marcelo Recktenvald na UFFS, conforme controvérsia ilustrada na introdução desta tese.

#### 4.2.4 – Ajustando a estrutura foco-temporal

Uma pessoa, comumente, pode possuir uma infinidade de sonhos e nutrir o desejo de realizá-los um a um. Como vimos, o ideal do Coaching Integral Sistêmico busca valorizar a produção de abundância em todas as áreas da vida e, portanto, age no sentido de estimular o desenvolvimento de habilidades que contribuam para a felicidade e o bem-estar do ser humano de maneira integral, justapondo a importância de condicionantes materiais e emocionais para o alcance deste fim. No capítulo quarto de *O poder da ação*, Paulo Vieira traz ao conhecimento de seus leitores o princípio do foco múltiplo, ferramenta forjada no âmbito do Método CIS para auxiliar os sujeitos do processo de coaching na seleção dos procedimentos mais importantes e pertinentes a serem colocados em prática no dia a dia, com vistas a promover resultados positivos rápidos e eficazes. Foco é definido pelo coach como “a capacidade de aproveitar as condições naturais disponíveis a qualquer um e produzir poder e gerar mudanças ao concentrar-se em um único ponto (...) [É, portanto], a capacidade humana de concentrar suas energias em um único ponto com força suficiente para produzir mudança e realizações rápidas” (p. 102).

A necessidade de foco é imposta pela existência de “distrações” que desviam as pessoas de seu processo de desenvolvimento. Vieira alude à informação de que um dos fatores que distinguem as pessoas de sucesso das pessoas fracassadas é a capacidade que as primeiras têm de realizar atividades e projetos com eficácia, no tempo certo e com a qualidade máxima. Se todos dispõem de 24 horas por dia, 7 dias por semana e 12 meses por ano, pergunta ele, “por que pessoas com o mesmo nível intelectual, cognitivo e potencial produzem resultados tão diferentes na vida?” (p. 104). A resposta passa por um nivelamento generalizado das condições e competências que todas as pessoas possuiriam igualmente. Suas diferenças se dariam somente no plano da ação individual – ou da falta dela, em decorrência de uma série de influências negativas que as afastariam da produtividade. Um quadro de “fatores de distração” é elencado por Vieira, com a citação de uma relação de potenciais causas para o fracasso. Pede-se ao leitor que marque, ao lado de cada palavra, uma nota de zero a dez para a importância alta ou baixa desses comportamentos em sua vida, gerando um instrumento de avaliação pessoal e de identificação de hábitos que supostamente atravancariam o seu desenvolvimento. A lista de comportamentos é variada e abarca de vícios em drogas, redes sociais, jogos na internet e pornografia até possíveis distorções em relacionamentos interpessoais, como “falar da vida de outras pessoas”, ser “superprotetor” em relação aos filhos ou cultivar “amizades que não agregam”. Chama a atenção a presença de condutas que não são relacionadas negativamente

pelo coach em um primeiro momento – ele as chama de “comportamentos ingênuos” –, mas que mais adiante serão qualificadas como corresponsáveis pelo fracasso, por levarem as pessoas a dedicarem atenção exagerada sobre um único aspecto. É o caso de praticar esportes e hobbies, assistir filmes e vídeos ou dedicar-se à igreja. Poderíamos sugerir que este último ponto está associado com uma retórica e um público religiosos, mas, ainda assim, teríamos que admitir que ele se encontra indistinto em meio aos demais comportamentos elencados no quadro.

Algumas dinâmicas são apresentadas na sequência para solucionar o dilema da distração, esteja ela relacionada a comportamentos nocivos e viciosos ou a hábitos “ingênuos” porque exagerados. A primeira é a construção da “tabela dos pilares”, que consiste em uma tabela simples dividida entre as colunas “Pilar”, “O que é mais importante nesta área”, “Distração” e “O que fazer para eliminar a distração”. Como de costume, o leitor é chamado a preencher no livro a tabela. As distrações devem ser destacadas a partir de comportamentos como aqueles presentes no quadro de fatores de distração. Soluções devem ser pensadas livremente, passando pela possibilidade sempre presente e estimulada de abandonar o comportamento. Os pilares são onze áreas da vida, sobre as quais se deverá produzir reflexão: “espiritual”, “parentes”, “conjugal”, “filhos”, “social”, “saúde”, “servir”, “intelectual”, “financeiro”, “profissional” e “emocional”. Em propósito semelhante, outra tabela é proposta mais adiante, mas com uma finalidade bastante distinta do diagnóstico. Trata-se da “Agenda da Vida Extraordinária”, dividida em colunas que correspondem aos dias da semana. De segunda a domingo, o período entre as 07h e as 23h deve ser preenchido com ações a serem repetidas semana após semana, de forma que sejam seguidas rigorosamente e criem o que Vieira chama de uma “rotina de excelência”. A sugestão de uma tabela ideal é dada pelo próprio coach. Encontramos nela uma sequência de afazeres diários que começa por ir à academia ou correr de manhã cedo, passa por trabalhar durante o horário comercial, dedicar um tempo à família e aos amigos no almoço e atender pessoas carentes no final da tarde, chegando, finalmente, à leitura da Bíblia e de livros de estudo concernentes à área profissional no final da noite. Em um exemplo exposto na sequência, Vieira fala sobre a Agenda da Vida Extraordinária de Carlos, um de seus coachees. Carlos teria incluído em seu plano de agenda, além das sugestões dadas pelo coach, outros pontos considerados importantes, como a oração diária ao acordar e dormir.

Não é vão lembrar que as técnicas, procedimentos e dinâmicas ensinadas no livro *O poder da ação* são a base do Método CIS aplicado também em cursos e treinamentos presenciais e online por Paulo Vieira, assim como por milhares de coaches ligados à Febracis. Nesse sentido, gostaria de destacar a relativa naturalidade com que exercícios de devoção, tais como a leitura da Bíblia e a realização de orações, são incluídos na Agenda da Vida Extraordinária,

sem esquecer da menção à dedicação à igreja que é feita no quadro de fatores de distração. A sustentação para essa presença, no âmbito do Método CIS, é a preocupação com a produção de abundância sobre a integralidade do ser humano, o que enseja, conseqüentemente, intervenções sobre uma dimensão espiritual, primeiro pilar da tabela onde são identificadas formas de lidar com as distrações e superá-las. A produção de foco almejada pelo Método CIS leva em consideração o princípio da integração das diversas dimensões da vida do ser humano em um processo unificado, o que sugere a incorporação da espiritualidade como alvo. Trata-se, nesse contexto, de um foco múltiplo, porque direcionado a vários objetivos viáveis, mas com uma organização de procedimentos destinada a evitar a sua dispersão e a produzir a sua eficácia.

De acordo com Vieira, existem três tipos de foco que, sistematicamente, constituem o foco múltiplo: o visionário, o comportamental e o consistente. O foco visionário corresponde a uma visão de futuro clara o suficiente para que metas sejam consideradas duradouras e tangíveis; o foco comportamental é a capacidade de concentrar energia emocional sobre uma meta através do comportamento, do pensamento e do sentimento; e o foco consistente é o que se determina pela capacidade que um indivíduo tem de articular competentemente os dois tipos de foco anteriores. As fronteiras entre os diferentes focos, como se percebe, são tênues. Elas podem ser diluídas quando se observa o que o coach denomina “estrutura foco-temporal”, ou seja, a sua correlação com modelos de ação ancorados em três perspectivas relativas à passagem do tempo. O primeiro modelo seria o de depressão, estimulado por um apego excessivo ao passado que fortaleceria memórias tristes e de fracasso e impediria a construção de um foco visionário, direcionado ao futuro. O segundo modelo, de ansiedade, seria aquele posto em prática por pessoas de foco comportamental “deficitário”, cujas distrações com o passado ou com a projeção de um futuro lhes renderiam dificuldades para promover realizações no presente. E, finalmente, o modelo de sucesso corresponderia a um foco consistente. As pessoas de sucesso ajustariam seu foco de acordo com esse modelo, dedicando 65% de seu tempo para as ações do presente, 25% para as projeções do futuro e apenas 10% para as reminiscências do passado. Uma rápida referência à física quântica serviria a Vieira como argumento validador do princípio do foco múltiplo: de acordo com sua livre interpretação desse pressuposto, a realidade seria menos o que nos cerca e mais o que criamos a partir de uma certa estrutura temporal maleável. Ao invés de um lugar estático, o futuro seria definido como a projeção da imaginação do que pode vir a acontecer, ou como um resultado de nossa autorresponsabilidade.

#### ***4.2.5 – Comunicando padrões linguísticos vitoriosos***



Ao abordarmos o segundo postulado do Método CIS, demonstramos como a criação de um realismo profético, por meio da enunciação de profecias autorrealizáveis, é um caminho estimulado para o percurso individual em direção à abundância. O ajustamento da estrutura foco-temporal em benefício do modelo de sucesso, que equivale ao foco consistente, também age sobre a criação desse futuro vitorioso no presente ao produzi-lo pela imaginação. Mas há ainda um terceiro aspecto relacionado com a busca sistemática pela vida abundante ensinada por Paulo Vieira: a comunicação. O quinto capítulo de *O poder da ação* é o maior do livro, e sua extensão não é fortuita. Nele são abordados conceitos e técnicas desenvolvidos com o propósito de demonstrar como o “motor da comunicação” – a linguagem – funciona como um eixo articulador para o sucesso ou para o fracasso. Vieira concebe a linguagem como “o meio pelo qual exprimimos nossas ideias, nossos sentimentos [e] nossas vontades a nós mesmos e a outras pessoas” (p. 141). Se por estes termos sua concepção é a mais ampla possível, encontramos logo em seguida uma definição do objetivo da inserção da linguagem como tema central para o Método CIS: ensinar [o leitor, o coachee] “a se comunicar para fora e para as outras pessoas neurologicamente”, por meio de uma “linguagem neurológica” que faça com que “você possa ter uma comunicação efetiva com você mesmo e com sua mente” (p. 142).

A expressão “linguagem neurológica”, que não se repete outra vez no livro, revela a presença de um pleonasma neste ponto da narrativa do coach. Pois a sua perspectiva sobre comunicação, de antemão, já pressupõe um caráter neurológico indissociável da linguagem, conforme se torna evidente nos comentários dedicados a um conjunto de referências científicas que servem de suporte à argumentação em tela. Paulo Vieira sugere que, depois de um interesse incipiente nas décadas de 1970 e 1980, pesquisas sobre a eficácia das palavras ditas e ouvidas sobre a construção da realidade teriam se intensificado na década de 1990, através da Programação Neurolinguística (PNL) e do trabalho de alguns de seus principais propositores, como John Grinder e Richard Bandler. Seus estudos teriam atestado a máxima de que “a palavra estrutura a realidade”, enfatizando o poder da linguagem sobre o estabelecimento da ordem social como um todo. Nos anos 2000, experimentos nas áreas de neuropsiquiatria, psicologia e física quântica teriam contribuído para o aprofundamento dessa conclusão em diferentes direções. No âmbito da física quântica, por exemplo, o coach alude aos ensaios do austríaco Fritjof Capra, que abordariam extensamente a conexão sistêmica da realidade com o que é falado, pensado e sentido pelos indivíduos, e aos experimentos realizados pelo fotógrafo e escritor Masaru Emoto, da Universidade de Yokohama, que mostrariam que as emoções

produzidas pelas palavras teriam o poder de alterar até mesmo a estrutura molecular da água<sup>129</sup>. Essas teorias todas, associadas a campos do saber heterodoxos, emergentes sobretudo a partir do final do século XX, se fazem presentes como um *corpus* de conhecimento científico a que Paulo Vieira recorre para o embasamento dos conceitos e procedimentos do Método CIS.

Em complemento às explanações teóricas, o coach pondera que religiões milenares, como o budismo, o hinduísmo e o judaísmo, têm sido unânimes há séculos em ratificar o poder transcendente das palavras que os estudos científicos referidos só recentemente destacariam. Por meio do relato bíblico da Criação, registrado no primeiro capítulo do livro do Gênesis, Vieira convida o leitor a refletir sobre a instituição divina do mundo pela palavra. Deus teria criado o céu e a terra, a luz, as águas, o ser humano, os animais e todas as demais coisas e seres por meio da linguagem, somente dizendo “haja!”. A narrativa judaico-cristã baseada na Bíblia é mais uma vez acionada em um movimento circular relacionado com referências científicas, onde há reciprocidade de interação e validação. Argumentos religiosos e científicos agem em colaboração mútua, harmonizando-se em uma narrativa onde seu apelo é universal. Assim, pouco importa se o leitor é cristão, budista ou ateu, ou se os experimentos de física quântica referidos lhe parecem plausíveis: o que se coloca em questão, com um leitorado indistinto, é uma narrativa pública sobre o Método CIS onde as marcas que possam identificar ambas as articulações com certo tipo de religiosidade ou certo tipo de cientificidade são apagadas.

Tamanha é a amplitude do poder da linguagem, que, em consequência disso, nada pode escapar de sua influência. A estruturação da realidade, tanto da presente quanto da imaginada – a qual, não obstante, é tornada presente na ação da criação –, é tida como um determinante para os resultados bons ou ruins, fracassados ou vitoriosos, que uma pessoa pode alcançar pelo processo de coaching. Por essa razão, o Método CIS orienta os coachees no sentido da formação de “estilos linguísticos” que constituam “a representação verbal da identidade do indivíduo” (p. 153). A identidade incorporada durante o processo deve ser condizente com o ideal de um estilo de vida abundante, razão pela qual o estilo linguístico pretendido para o desenvolvimento é chamado por Vieira de “perfeita linguagem”. Esse padrão é considerado a junção de uma

---

<sup>129</sup> A informação de que Masaru Emoto (1943-2014) foi um fotógrafo e escritor é um acréscimo que faço aos detalhes fornecidos pelo livro de Vieira. Nele, Emoto é referido simplesmente como “doutor”. Cabe mencionar que as conclusões de Emoto e de outros cientistas citados por Paulo Vieira não foram validadas pela comunidade científica internacional, sendo tratadas por ela como pseudociência. Destaco que o objetivo deste trabalho, obviamente, não é desqualificar os conceitos do Método CIS de Paulo Vieira ou a credibilidade das pesquisas por ele citadas, mas apenas descrevê-las. Para uma interessante matéria que elenca Emoto entre os agentes de uma suposta pseudociência que exerceria influência sobre o movimento antivacina contemporâneo, ver: La Croix. “Antivax, ésotérisme et pyramide mystérieuse: Novak Djokovic, adepte des pseudosciences”. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Sport/Antivax-esoterisme-pyramide-mysterieuse-Novak-Djokovic-adepte-pseudosciences-2022-01-12-1201194466>. Acesso em: 08 fev. 2022.

comunicação verbal e uma comunicação não verbal que produzam conjuntamente abundância. Enquanto palavras faladas são o exemplo mais corriqueiro de comunicação verbal, a comunicação não verbal é representada por aspectos menos diretos, como a postura corporal.

Evidencio duas técnicas propostas pelo Método CIS para aprimorar a comunicação verbal e a comunicação não verbal, respectivamente, e desenvolver a linguagem prescrita para a obtenção de abundância. A primeira delas é a neuroassociação, dinâmica que encontramos citada por autores de autoajuda já nos anos 1970 (Schmidt, 1978), e que, portanto, não se trata de uma inovação do Método CIS. Paulo Vieira a recomenda da seguinte maneira (p. 151):

Agora vamos aplicar uma técnica chamada neuroassociação, que busca fazer com que o cérebro associe palavras negativas ao desprazer. É como dar um reforço negativo a cada comportamento linguístico negativo, até que a parte racional do cérebro impeça a parte emocional de causar-lhe mais desconforto ao proferir inadvertidamente palavras de limitação. O método é bastante simples: com um elástico no pulso, repita verbalmente os seus cinco piores padrões linguísticos e, a cada vez que você falar o padrão negativo, você deve esticar bem o elástico e soltar, de modo que sinta uma dor fina e intensa, porém inofensiva. Em um caderno, escreva cada novo e produtivo padrão linguístico pelo menos 50 vezes. Até que seu cérebro por estímulos repetitivos substitua o padrão antigo pelo novo padrão linguístico. Então, se você tiver se dedicado e desenvolvido os 10 padrões produtivos, terá pela frente um superexercício. Serão 500 linhas de reprogramação de crenças. É importante que a cada vez que você escreva um padrão o diga em voz alta pelo menos 4 vezes. E não se preocupe em acabar esse exercício em um dia ou em uma semana, o importante é que você dedique foco e atenção e vá até o fim.

Em seu modo de aplicação e em sua concepção, a técnica de neuroassociação está em harmonia com um princípio básico estruturante. Tal princípio é descrito com maiores detalhes em um episódio do canal de podcast de Paulo Vieira em uma plataforma de streaming, no qual o coach explica para que serve e como deve ser feita essa dinâmica. De acordo com ele, toda vez que pensamentos negativos ocupam a mente, que palavras de limitação são proferidas e que emoções e comportamentos nocivos se manifestam, é possível recorrer à neuroassociação para uma autodisciplina “eficaz e transformadora”. Em suas palavras, “não é mutilação, não é sadismo, não é masoquismo: é um processo onde eu informo ao meu cérebro que esse comportamento [nocivo] gera um leve ardor”<sup>130</sup>. O coach exemplifica o processo da neuroassociação com contextos de aplicação: “Quer emagrecer e comeu mais um doce? A cada garfada, vai lá, puxa a pulseira e solta. Está se sentindo preguiçoso ou com angústia? Vai lá, puxa e solta”. É assim que uma educação de processos neuroquímicos é realizada através da dor, fazendo com que o cérebro opere instantaneamente uma distinção entre o que é produtivo

---

<sup>130</sup> Canal de Paulo Vieira no Spotify. FebracisCast #27 – Como curar vícios emocionais e comportamentais. Episódio de 25 de julho de 2016

e o que é limitante. Vieira dá ênfase ao fato de que, embora aja por meio da comunicação não verbal – da produção de dor –, a neuroassociação gera resultados principalmente em um nível verbal, pois é recorrendo a ela imediatamente depois de tudo o que se diga de ruim ou negativo que é possível desenvolver novos padrões linguísticos positivos verbais com maior eficácia.

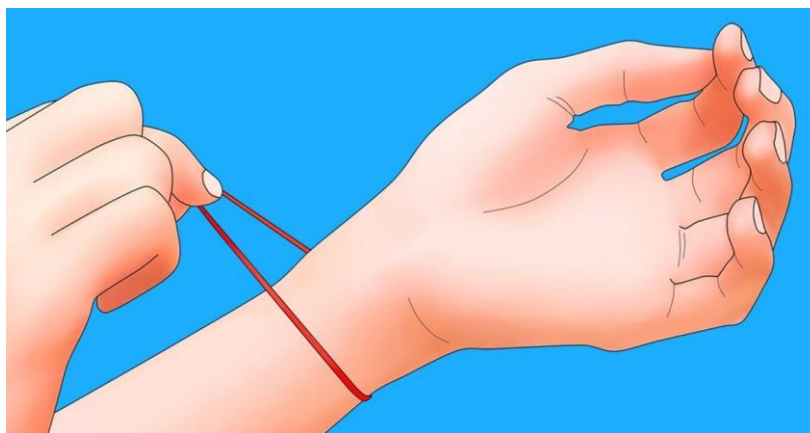


Figura 4.4 – Representação da técnica de neuroassociação. Fonte: Site Incrível.club. Disponível em: <https://incrivel.club/inspiracao-psicologia/8-metodos-usados-por-psicologos-para-controlar-o-estresse-388660/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

A visualização dessa dinâmica também nos põe em contato com um aspecto que reflete os já referidos estudos de Jill Taylor sobre hemisférios cerebrais. Recomendando a técnica de neuroassociação, Paulo Vieira comenta sobre uma diferenciação entre uma parte e outra do cérebro humano. Enquanto uma das partes é tomada como “racional”, a outra é caracterizada como sendo “emocional”. O coach apregoa que os estímulos que acompanham a dor devem ser mantidos “até que a parte racional do cérebro impeça a parte emocional de causar mais desconforto [relativo à continuidade dos comportamentos nocivos]”. Em diversos outros lugares da obra *O poder da ação*, Paulo Vieira associa a “parte racional” do cérebro ao “consciente”, enquanto a “parte emocional” é referida como algo que corresponde ao “inconsciente”. É interessante como uma conceptualização idêntica acerca da interconexão entre “partes” do cérebro que traduzem os domínios do “consciente” e do “inconsciente” é encontrada em outros/as autores/as da literatura de autoajuda, como demonstra Salem (1992) em um texto pioneiro sobre o fenômeno de popularização desse gênero literário. Esses/as autores/as de autoajuda argumentam sobre a existência de funções específicas de cada uma das partes do cérebro, sendo que a “emocional” remeteria ao descontrole, à confusão, à criação de vícios e à formação de distúrbios, ao passo que a “racional” seria governada por princípios e ações situadas no âmbito do consciente. Por intermédio de intervenções conscientes, verbais e

não verbais, seria possível reprogramar disposições inconscientes através do aparato da parte “racional” do cérebro, a qual incidiria diretamente sobre o funcionamento do inconsciente.

A segunda técnica recomendada pelo Método CIS que considero relevante mencionar é a da produção de moléculas de emoção (MDE's) por meio de correções na postura corporal. Paulo Vieira apresenta um desenho em que uma pessoa se encontra com seu corpo representado em cinco posições diferentes, num gradiente que vai de uma postura mais encurvada a uma mais ereta. Argumentando que o encurvamento do corpo comunica ao seu entorno emoções negativas, decorrentes de estados de espírito como tristeza, abatimento e adoecimento, o coach faz um chamado ao experimento. O convite é para que cada leitor se dirija a um lugar silencioso e adote cada uma das cinco posturas corporais por dois minutos sem perder a concentração, totalizando dez minutos. Deve haver coerência, nesse período, entre a comunicação facial e a comunicação corporal. A postura encurvada precisa simular tristeza e a ereta deve ser acompanhada de um sorriso, à maneira como uma pessoa manifestaria suas emoções se estivesse verdadeiramente vivendo a condição simulada. Ao retornar à leitura, deve-se fazer anotações sobre os resultados percebidos em pensamentos e sentimentos durante a simulação de cada postura. Para comunicar uma “postura de poder” que gere resultados positivos por meio de uma comunicação não verbal através do corpo, recomenda-se a repetição constante da técnica, até que o corpo se acostume com o novo padrão e possa reproduzi-lo naturalmente.

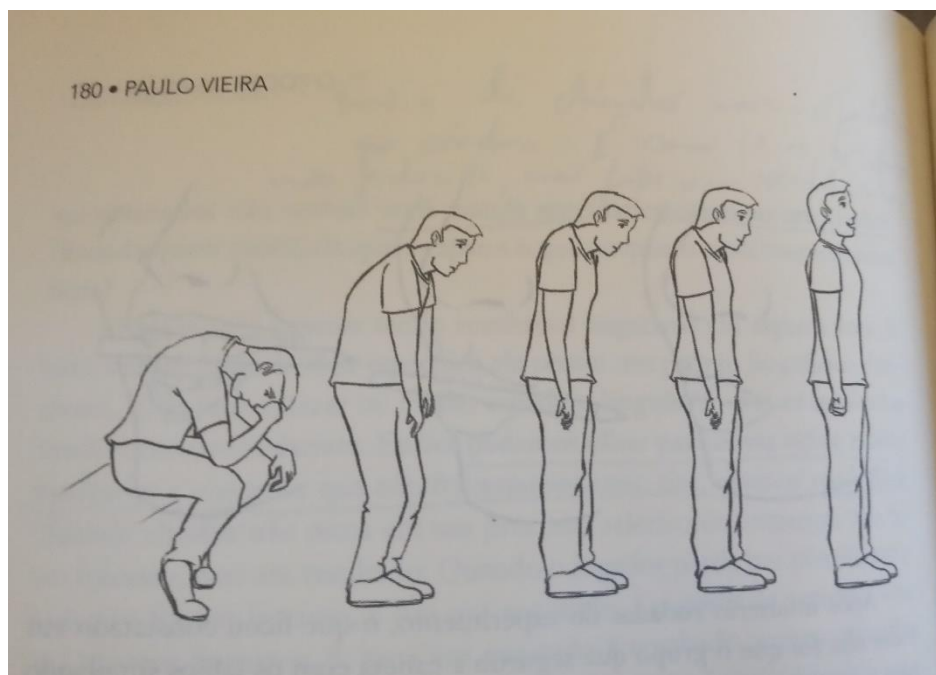


Figura 4.5 – Variação de posturas corporais. Fonte: Vieira, 2015, p. 180. Reprodução do autor.

A correlação entre postura corporal e padrões linguísticos é tornada viável com a elucidação do conceito de “moléculas de emoção”, que Vieira define como “um composto químico” ou “uma combinação de compostos químicos específicos”. Esses compostos, também chamados de “neuropeptídios ou MDE’s, são cadeias de aminoácidos proteicos fabricados no hipotálamo” (p. 184-185) que teriam sua produção efetivada a cada comunicação não verbal, fosse esta percebida ou não pelo indivíduo consciente. Pessoas com postura corporal cabisbaixa apresentariam um padrão de MDE’s substancialmente diferente de pessoas com postura corporal ativa, feliz e sorridente, decorrendo disso um padrão comunicacional. Na continuidade de sua explanação, o coach justapõe a ideia de moléculas de emoção à noção de hormônios, associando a produção de MDE’s pelo cérebro de uma pessoa com um padrão comunicacional negativo à geração constante de hormônios como adrenalina e cortisol, responsáveis por sentimentos como raiva e estresse. Para Paulo Vieira, as pessoas com um tal padrão comunicacional refletido na postura corporal seriam menos capazes de produzir serotonina, o “hormônio da felicidade”, e endorfina, o “hormônio do prazer”, uma vez que “o organismo sempre produzirá o correspondente químico ao comportamento comunicado” (p. 185)<sup>131</sup>.

A teorização de Paulo Vieira em torno das MDE’s parte de referências feitas aos estudos da psicóloga Amy Cuddy, da Universidade de Harvard, sobre “posturas de poder”. Tais posturas teriam eficácia comprovada mediante a mensuração de aumentos e quedas nos percentuais de hormônios presentes em corpos submetidos a experimentos. No argumento de Vieira, Amy Cuddy teria demonstrado que a postura “Mulher Maravilha” – ombros abertos, cabeça apontando para o horizonte, mãos na cintura e pernas entreabertas – elevaria o nível de testosterona em 20% e diminuiria o nível de cortisol, o “hormônio do estresse”, em aproximadamente 15%. Como consequência dos processos neuroquímicos desencadeados por essa “postura de poder”, produzir-se-ia uma maior sensação de controle e domínio e seria eliminado ou diminuído o acúmulo de estresse, comprovando-se a eficácia de uma comunicação não verbal positiva para a incorporação de um estilo de vida vitorioso. É nos termos de uma incorporação, efetivamente, que técnicas de correção da postura corporal são estimuladas para contribuir com a tarefa de produção de abundância. Esse ponto pode ser melhor enfatizado se levarmos em conta a importância do corpo não como mero repositório de técnicas de correção da postura, mas como um corpo que se constrói – com seus neurônios e efeitos – juntamente a essas técnicas. Quando o cérebro e os hormônios são comandados por intervenções estratégicas

---

<sup>131</sup> Para uma discussão sobre a importância e o papel dos hormônios em intervenções visando à produção de subjetividades e a transformações corporais por meio do implante hormonal e da promoção de hormônios específicos, como a ocitocina, ver, respectivamente, Rohden (2018) e Rohden e Alzuguir (2016).

sobre o corpo, está-se diante de “biologias flexíveis” (Jordan-Young & Karkazis, 2019) que situam a pessoa como um organismo coordenado e atravessado por comandos. Em treinamentos coletivos, esses comandos podem passar pela recitação em alta voz de mantras como o que Paulo Vieira costuma dirigir, dobrando os joelhos, olhando para cima, batendo a palma das mãos no corpo e gritando: “Emoção se aloja na carne! Emoção se aloja na carne!” (p. 191).

#### 4.2.6 – *Questionando os limites do sucesso*

No capítulo seis de *O poder da ação*, o excesso de certezas e a falta de espaço para o questionamento são dois fatores caracterizados por Paulo Vieira como impulsionadores de uma mentalidade limitante e inibidora do sucesso. A história de percalços que marcaria treze anos da vida do coach, entre 17 e 30 anos de idade, é reatualizada nesse trecho como um panorama testemunhal dos efeitos deletérios de sua antiga postura passiva diante da vida. A ausência de questionamentos sobre uma condição de insucesso teria levado Vieira a uma estagnação pessoal que só teria sido resolvida pelo impacto das experiências do acidente que sofreu e da leitura do livro de Shinyashiki que teve a oportunidade de realizar no final daquele período. A narrativa, neste ponto de *O poder da ação*, deixa claro que a constante lembrança e valorização dos dois episódios de vida têm mais a ver com a produção de *insights* do coach sobre sua condição existencial do que com os termos dos acontecimentos propriamente ditos. As definições sobre o processo de produção de *insights* e as orientações para a substituição de uma postura passiva por uma postura questionadora são o foco do sexto princípio de orientação do Método CIS.

Para dar início ao processo primário de questionamento sobre as razões do insucesso neste ou naquele aspecto da vida, em linhas gerais, os procedimentos indicados giram em torno do desenvolvimento da autorresponsabilidade, ordenado pelas concepções relativas ao terceiro princípio do Método CIS. O objetivo de Vieira é enfatizar, na descrição do princípio do questionamento, a maneira como se pode qualificar as perguntas, ou seja, multiplicá-las e modelá-las de uma forma tal que as respostas reflitam uma confiança antecipada sobre as condições para conseguir resultados de êxito, restando apenas estabelecer um questionamento sobre quais passos seguir para que se alcance determinada meta. Sob esse prisma, exemplos de perguntas qualificadas seriam: “qual é o próximo passo?”, “como atingiremos nossas metas?”, “de que recursos precisamos para chegar lá?”, entre outras. Enquanto pessoas que “habitam o topo da pirâmide da maturidade emocional” (p. 207) formulariam perguntas dessa natureza, indivíduos na base da pirâmide nem sequer questionariam, e outras pessoas, localizadas em um

patamar intermediário, teriam o hábito de propor questionamentos de dúvida e pouca qualidade, como “por que isso aconteceu comigo?” ou “será que eu vou conseguir realizar esse sonho?”

Na sequência dessas perguntas, a pirâmide da maturidade emocional é representada com um quarto estrato, correspondente às pessoas “superquestionadoras”, capazes de fazer Perguntas Poderosas de Sabedoria (PPS’s). A cada camada distinta – pessoas que não questionam, que questionam mal, que questionam bem ou que superquestionam – está ligada uma indicação do nível de sucesso obtido. Os resultados de pessoas superquestionadoras estão colocados acima do sucesso, em uma categoria acrescida do adjetivo “extraordinário”. A excelência da qualidade de suas perguntas é tomada como uma consequência de seu estilo de vida abundante. Pessoas superquestionadoras são definidas por Vieira como “verdadeiros super-humanos” que “sabem questionar a si mesmos a ponto de descobrir seus propósitos e seus porquês. Eles descobrem seus valores pessoais e sua missão de vida, que estão por trás do que pensam, sentem e fazem” (p. 208). A capacidade de qualificar perguntas é associada ao fato de essas pessoas possuírem uma “firmeza” em “valores, propósito e missão de vida”, constituindo um importante postulado abordado pelo sétimo e último princípio do Método CIS.

#### ***4.2.7 – Crendo e reprogramando crenças***

*Se você aprendeu a ser pobre, você pode aprender a ser rico – pensar como rico, sentir como o rico se sente e fazer dinheiro como as pessoas ricas.*

Paulo Vieira

Para o Coaching Integral Sistêmico, sentir-se alguém equivale a ser alguém. Como vimos, as barreiras entre a realidade vivida e a realidade imaginada não possuem validade dentro do regime de realismo profético trabalhado pelo Método CIS. Projetar o sucesso sobre o presente é uma condição inequívoca para vivê-lo sob uma estrutura foco-temporal ajustada, onde o tempo é manipulável e as intervenções sobre a realidade são indistintas de sua criação. Diante da flexibilidade dessa realidade, o que pode ser permanente? Em seu sexto princípio, o Método CIS propõe o desenvolvimento da capacidade de questionamento, em um estado de sucesso que enseja a configuração de valores, propósitos e missões de vida. Esse estado requer a manutenção de um estilo de vida abundante que pressupõe a sedimentação de certos hábitos e condutas condizentes com a excelência dos resultados almejados. Como se supera, então, a aparente contradição entre a disponibilidade universal do sucesso e o seu usual alcance por



poucas pessoas, dotadas de autorresponsabilidade individual, altamente questionadoras e capazes de comunicar padrões linguísticos vitoriosos? Indiretamente, Paulo Vieira responde a essas questões estabelecendo um princípio metodológico básico que evoca o argumento de que tudo, afinal, depende das crenças fortalecedoras ou limitantes construídas por uma pessoa.

O fator explicativo para o sucesso de algumas pessoas e do insucesso de outras passa, para Vieira, por uma flexibilidade que reside exatamente nesse âmbito. Postula-se que a determinação de comportamentos e atitudes está calcada em crenças que os indivíduos produzem e cultivam ao longo de sua vida sobre competências, qualidades, características, limites e possibilidades inerentes à percepção que nutrem sobre quem foram, quem são e quem poderão vir a ser no mundo, em relação consigo mesmos e com a sociedade como um todo. O processo de constituição de crenças tem início na infância e perdura por todo o ciclo vital, acompanhando o indivíduo em sua modelação sempre inacabada e passível de sofrer intervenções. A ideia de crença, assim delineada, se correlaciona em alguma medida com a noção de identidade. Dois pontos são lançados por Vieira para dimensionar o que crenças são – e também o que não são –, retomando as bases de uma narrativa anterior. A explicação não busca reduzir crença a identidade, como se depreende de suas palavras (p. 218-220):

Quando me refiro à crença não quero dizer credo religioso, e sim uma programação mental em forma de circuitos neurais (...) Através desses circuitos ou redes neurais, o cérebro é capaz de produzir respostas para cada estímulo externo ou interno, e também produz os comportamentos e a atitude com os quais o indivíduo vai encarar a vida (...) Meu objetivo com este livro é produzir estímulos emocionais e cognitivos suficientes para haver novas sinapses neurais, ou seja, uma nova e diferente maneira de conectar os neurônios.

Tão logo se sublinha a diferença entre crença e credo religioso, afastando uma possível vinculação com uma suposta raiz religiosa do termo, a construção de crenças é situada em um plano cerebral, neurológico ou neuronal, retomando formulações orientadas pelo diálogo entre o Método CIS e as neurociências. Produzir comportamentos implicaria, na visão de Vieira, em submeter os “circuitos neurais”, responsáveis por toda e qualquer ação humana, ao quadro de uma “programação mental”, visando ao estabelecimento de sinapses que levariam o sujeito a desenvolver disposições para o bem-estar, o sucesso, a prosperidade e a felicidade individual. As falhas desse processo de programação, ou mesmo a sua ausência, apontariam para a possibilidade do erro ou do fracasso. À propriedade modelável dos circuitos neurais Paulo Vieira denomina “plasticidade neural”, referindo-se a um conceito que teria sido cunhado pela

neurobióloga Elenice Ferrari<sup>132</sup>. Arquitetando constante e ininterruptamente novas sinapses, o cérebro humano seria capaz de organizar os neurônios de acordo com programações mentais que configurariam nossas crenças e, por consequência, determinariam a forma como interpretamos a nós mesmos, espelhando condições para o alcance do sucesso e da abundância.

Efetivamente, ao processo global de reconfiguração das programações mentais por meio de estímulos à plasticidade neural, Paulo Vieira confere a designação “reprogramação de crenças”. Trata-se do objetivo principal do processo de Coaching Integral Sistêmico e de todas as técnicas e dinâmicas do Método CIS. Há, pois, uma convergência dos conceitos apresentados em torno de uma única meta: a produção de abundância e a eliminação de comportamentos disfuncionais. O procedimento indicado para tanto é a reprogramação de crenças, cuja existência é voltada à supressão de crenças limitantes – as quais impedem o crescimento de uma pessoa, em todos os sentidos – e à criação de crenças fortalecedoras – que, pelo movimento contrário, o favorecem. É-nos dada por Vieira uma tipologia de três tipos de crenças: as “crenças de identidade” seriam mais profundas, inauguradas e cristalizadas desde a infância a partir de uma situação em que o indivíduo incorpora uma percepção sobre quem ele é; as “de capacidade”, em relação “ao saber e ao poder fazer”, e as “de merecimento”, “sobre ter e merecer ter”, dependeriam de desenvolvimentos ulteriores e, portanto, seriam mais “acessíveis” à modificação. Uma vez que todas dependem, indistintamente, de conexões neuronais e hormonais, poder-se-ia perguntar em que sentido os processos neuroquímicos gerados por ocasião da consolidação de crenças de identidade seriam mais resistentes que os concernentes às demais crenças. Vieira também propõe uma explicação para este fenômeno, aludindo à especificidade das crianças e a estudos realizados pelos médicos Vince Felitti, Bob Anda e Nadine Burke, nos Estados Unidos, desde o final dos anos 1990<sup>133</sup>. As chamadas “Experiências

---

<sup>132</sup> Elenice Ferrari foi professora do Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde coordenou o Laboratório de Sistemas Neurais e Comportamento (LABSNeC). Os estudos desenvolvidos pela neurobióloga, de acordo com seu currículo Lattes, “têm como uma das considerações básicas o conhecimento de que as interações organismo-ambiente caracterizam experiências individuais que mudam não apenas a topografia, a frequência e a função de padrões de respostas do organismo ao ambiente, mas também o funcionamento do sistema nervoso, com modificações estruturais e funcionais que caracterizam a plasticidade do sistema nervoso”. Para um resumo da produção acadêmica de Ferrari, com a indicação dessa descrição, ver: Biblioteca Virtual da FAPESP. “Elenice Aparecida de Moraes Ferrari”. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/33834/elenice-aparecida-de-moraes-ferrari/>. A propósito dos estudos de Ferrari sobre a plasticidade neural, conferir: Jornal da Unicamp. “Desvendando a plasticidade neural”. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/setembro2007/ju371pag04.html](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2007/ju371pag04.html). Acesso a ambos os links: 30 dez. 2023.

<sup>133</sup> Paulo Vieira refere que esses estudos foram realizados a partir de 1998 por uma equipe multidisciplinar e com uma amostra de mais de 17 mil pessoas, “quase todas da classe média e com boas condições financeiras (p. 237), gerando 57 publicações científicas até 2011. Não há menção direta a artigos, capítulos ou livros que condensem

Adversas na Infância” (Adverse Childhood Experiences, ou ACE’s), caracterizadas por abuso sexual, assédio moral, negligência de cuidado, violência doméstica, entre outros aspectos, gerariam traumas que se estenderiam da infância à vida adulta, criando “moléculas de emoção” que “não apenas adulteram e prejudicam [num *continuum* relativo à idade] o cérebro do adulto, como também alteram o sistema imunológico, o sistema hormonal e a estrutura do DNA” (p. 239). Destaca Paulo Vieira que a resiliência de tais efeitos se deveria à evidência científica de que até os 12 anos de idade a plasticidade neural seria mais farta e fácil de acontecer e que, por esta razão, o processo de coaching voltado para crianças seria altamente recomendado.

### 4.3 – A construção do *self* vitorioso em um cristianismo não religioso

Ao longo deste quarto capítulo, procurei descrever os princípios do Método CIS em conformidade com a sequência da exposição feita por Paulo Vieira em seu best-seller *O poder da ação*. Estabeleci relações entre os postulados dessa metodologia e um conjunto amplo de referenciais, originados de um diálogo travado pelo coach com aportes bíblico-religiosos e com um *corpus* de conhecimentos apresentado como científico. Enquanto este último se fundamenta em contribuições extraídas das neurociências, da psicologia positiva e da física quântica, ensejando a mobilização de teorias que atestariam a validade das concepções e procedimentos do método, o primeiro toma forma pela citação de versículos e parábolas da Bíblia, em uma operação que poderíamos identificar com aspectos como a biografia do coach, sua circulação no meio evangélico ou mesmo a consolidação de um projeto de coaching de inspiração cristã.

Um aspecto, no entanto, se impõe como um limite a essa interpretação: conforme vimos, as formas de apresentação pública do coaching de Paulo Vieira evitam uma associação religiosa, visando escapar à rotulação proselitista e destinando-se a um público indiferenciado; ao mesmo tempo, a presença de elementos bíblico-cristãos enquanto peças importantes na composição do Método CIS indica a viabilidade de um repertório de base religiosa para o delineamento de uma proposta de coaching que foge a essa classificação. Estou atento a este ponto, portanto, mesmo quando me refiro ao Coaching Integral Sistêmico como uma concepção associada a ou em relação com o cristianismo. A análise das formas de estruturação do Método CIS aponta para um coaching aderente a um repertório cristão não religioso. A etnografia sobre a inserção do Método CIS em igrejas, prisões e políticas públicas de segurança demonstra, em outras partes desta tese, como o coaching de Paulo Vieira é concebido e praticado com base

---

os resultados das pesquisas do grupo. Nadine Burke Harris é descrita por Vieira como pediatra e fundadora e CEO do Center for Youth Wellness (Centro de Bem-Estar da Juventude), em San Francisco, Califórnia.

nessa configuração. Nos diversos espaços em que o Coaching Integral Sistemico se faz presente e que esta pesquisa acompanhou, como ainda se verificará mais adiante, sua delimitação como uma metodologia de coaching religiosa ou secular não tem uma operacionalidade sociológica. Ao invés disso, as referências cristãs e científicas, bíblicas e psicológicas e/ou teológicas e econômicas incorporadas pelo Método CIS trazem sobre essa metodologia – e também sobre outras formas de coaching em relação com o cristianismo, como os capítulos primeiro e terceiro desta tese já destacaram – a característica peculiar de se situar no entremeio dessa díade.

Em *O poder da ação*, referências cristãs se fazem presentes na explanação sobre as leis da autorresponsabilidade, ensejando recomendações derivadas de passagens bíblicas como, por exemplo, não falar do “cisco nos olhos dos outros”, porque “isso nos impede de ver a trave nos nossos olhos” (p. 81), “não se lamentar e lamuriar como fazem alguns” que “foram destruídos pelas mãos do anjo destruidor” (p. 82) ou não tentar justificar os próprios erros em função dos erros dos outros, como “no Jardim do Éden”, “onde todos os problemas da raça humana começaram” (p. 87). Este último caso, relativo à quinta lei da autorresponsabilidade, é considerado detalhadamente em vários parágrafos seguidos, onde Vieira conta o relato bíblico do pecado original e reconhece Adão como a primeira pessoa que teria negado seus erros e fugido deles. A narrativa é religiosa, embora esteja inserida em um livro dirigido a um público mais amplo. Sua vinculação à ideia de autorresponsabilidade traz consequências interessantes no tocante à conclusão a que Vieira chega nas linhas seguintes: “Não existem erros, apenas resultados” (p. 88). O desvio de Adão é, assim, interpretado como um resultado disfuncional e não como um pecado segundo os parâmetros da teologia cristã, em vínculo com a conduta moral. Relembremos que uma parte importante das críticas à “Teologia do Coaching”, expostas no capítulo 2, incide exatamente sobre esse ponto. Ao afirmar a noção de autorresponsabilidade como um valor dissociado do “cristocentrismo” e atrelado ao “humanismo”, os “teólogos do coaching” desvirtuariam a doutrina sobre o pecado e sobre a natureza pecaminosa do homem.

O acionamento de referenciais cristãos por Paulo Vieira, no entanto, não está vinculado a preocupações teológicas, senão à composição de conceitos e ferramentas de coaching que bebem da fonte do cristianismo como origem, mas prescindem de uma identificação religiosa. Lembremos o primeiro capítulo da tese e a explanação que é feita da assimilação de conceitos e noções cristãs pelas práticas e discursos de alguns coaches associados ao “empreendedorismo de palco”, como Pablo Marçal e Tiago Brunet. Marçal elabora ações de seus treinamentos de coaching e elaborações de sua agenda política do “governalismo” com base no cristianismo como um estilo de vida, sem se definir como religioso. Mais categórico do que qualquer outro coach, ele afirma mesmo que “cristianismo não é religião, é *lifestyle*”; já Brunet, que é pastor,

não deixa de lado sua identificação religiosa, mas busca em referências bíblicas os subsídios de “princípios milenares” que servem para os propósitos do coaching. A Bíblia é por ele acionada em sentidos que se confundem entre o que corresponderia à religião e o que seria atinente ao desenvolvimento pessoal. Em igrejas, vemos outros processos de assimilação ocorrerem, com conseqüências semelhantes para o coaching em um registro cristão não religioso. O coaching de Ione Camelo e a formação em Coaching Transformacional do Instituto Mont’Serrat são concebidos como processos profissionais e acadêmicos que têm por objetivos exclusivos o desenvolvimento pessoal e o ensino de um coaching científico, respectivamente. Apesar disso, eles visibilizam, em suas articulações com a ideia de espiritualidade, um afastamento da noção de religião e uma concomitante aproximação com referências cristãs que não é contemplada adequadamente pelo recurso à ideia de coaching religioso. Em diversas formas, o coaching dialoga com o cristianismo sem que com isso se afirme como um coaching religioso.

O cristianismo não religioso do coaching de Paulo Vieira, descrito nesses termos, também nos serve como um estímulo a considerar a importância de outras dimensões, como a classificação e a circulação de livros escritos por coaches cristãos. Os agentes do mercado editorial costumam conferir às obras de Paulo Vieira um lugar entre a literatura de autoajuda e de não ficção, sem cogitar que elementos bíblico-cristãos relativos ao conteúdo de seus livros ou à sua trajetória biográfica sejam suficientes para a inserção de seu nome nas prateleiras de literatura religiosa. Sugiro que esse efeito tenha a ver justamente com as condições de possibilidade de um coaching cristão não religioso. Como argumentam Semán e Rizo (2013), o consumo de literatura de autoajuda se apresenta integrado geralmente com uma certa sensibilidade religiosa ou espiritual de leitores e de autores, o que faz com que se torne difícil, ou mesmo improdutivo, demarcar as linhas de separação entre religião e literatura. Do ponto de vista da inserção de literaturas religiosas no mercado editorial, é importante considerar a diversidade de estratégias adotadas por grupos e autores, bem como as transformações a que elas são submetidas no contato com o leitorado (Lewgoy, 2004). Paulo Vieira e outros coaches cristãos têm encontrado na escrita de livros de autoajuda uma ferramenta central para a disseminação de suas ideias, o que nos leva a ponderar que a classificação não religiosa seja promotora de um êxito que se evidencia, por um lado, pela continuidade e pela expansão do investimento no trabalho editorial e, por outro lado, pelo alcance de um público mais ampliado.

Em sua ligação com o gênero literário de autoajuda, tema que nas Ciências Sociais tem recebido a atenção de estudos sob a perspectiva de subdisciplinas como a Antropologia da Ciência e a Sociologia das Emoções (Santana, 2014; Gaiad, 2019), a consolidação de uma literatura em torno das produções de coaches cristãos corre o risco, não obstante, de ser tomada

enquanto um mero desdobramento da segmentação e das estratégias comerciais do mercado editorial. Nesse caminho, conquanto fossem definidos simplesmente como coaches autores de autoajuda, Paulo Vieira e outros coaches-escritores vinculados ao cristianismo seriam despojados da especificidade bíblico-cristã de suas obras, as quais possuem consequências que vão além da literatura e incidem sobre práticas de desenvolvimento pessoal realizadas no âmbito da vida privada dos indivíduos e da vida coletiva das instituições religiosas. Este aspecto, que interessa sobretudo às Ciências Sociais da Religião, deve ser ressaltado e merece receber o investimento de estudos que retomem projetos e temas de pesquisa voltados a perceber como é produzida cotidianamente a “psicologização” da religião ou da religiosidade (Viotti, 2014), por meio de instrumentos, ferramentas, técnicas e metodologias que têm como objetivo intervir sobre as subjetividades e promover resultados a partir da conduta dos sujeitos.

Com suporte em referentes bíblico-religiosos e científicos, o Método CIS se constitui como um processo de desenvolvimento pessoal que visa aprimorar o desempenho dos indivíduos, definindo-os como *selfs* autônomos, repletos de sonhos e de vontade, plenamente capazes de reflexão e ação, dotados de uma biografia singular e livres para construir um futuro vitorioso, desde que seus comportamentos e atitudes representem um estilo de vida abundante. Produz-se, em torno dessa visão sobre uma interioridade individual governável, uma série de procedimentos relativos: 1) ao despertar para o sucesso, 2) à criação de um realismo profético, 3) ao desenvolvimento da autorresponsabilidade, 4) ao ajustamento da estrutura focotemporal, 5) à comunicação de padrões linguísticos vitoriosos, 6) à formulação de perguntas qualificadas e 7) à reprogramação de crenças. Esses procedimentos orientam uma “ética do empreendedorismo” (Rose, 2011) que supostamente pode ser desenvolvida com sucesso por qualquer pessoa, e que parte do autogoverno do *self*. Tornar-se um empreendedor de si mesmo, desenvolvendo capacidades e maximizando o desempenho em todas as áreas da vida, é um imperativo que se coloca diante de quem ocupa um lugar como coachee ou leitor de Paulo Vieira. Não há, efetivamente, uma terceira alternativa: ou se produz o sucesso, ou o fracasso.

Os princípios do Método CIS elaborados por Paulo Vieira correspondem a elementos que podem ser associados mais ou menos diretamente às variantes ou repertórios (Fath, 2024) da Teologia da Prosperidade. Não por outra razão, as críticas à “Teologia do Coaching” insistem na aproximação do coaching com esse modelo teológico. Os mecanismos de criação de um realismo profético e de comunicação de padrões linguísticos vitoriosos, por exemplo, são operacionalizados de maneira similar ao que ocorre com a doutrina da Confissão Positiva na Teologia da Prosperidade. É o poder das palavras e das declarações que move o destino no sentido almejado pelo indivíduo. Mas o realismo profético e os padrões linguísticos vitoriosos

são descritos no Método CIS como procedimentos relativos a técnicas científicas de coaching. Eles não dependem da mobilização da figura divina, embora as referências bíblico-cristãs sejam fundamentais para que Paulo Vieira descreva os princípios de sua metodologia. Qualquer pessoa, de qualquer religião ou sem uma crença religiosa, é chamada a pôr em prática as técnicas ensinadas no livro e nos treinamentos do coach. O alcance de resultados, todavia, é ligado unicamente à iniciativa do indivíduo, ou à sua capacidade de aprimorar o próprio desempenho da maneira correta. Na Teologia da Prosperidade, o fiel depende da resposta divina ao sacrifício que realiza para obter a bênção desejada. Vejamos o que ocorre também com os princípios do desenvolvimento da autorresponsabilidade e da formulação de perguntas qualificadas. Em ambos os casos, Cristo é tomado como um modelo paradigmático, seja de inteligência emocional e de autorresponsabilidade, ou de formulação eficaz de perguntas, e as referências bíblico-cristãs são acionadas como um suporte para ilustrar esse modelo. A despeito disso, Cristo não é tomado como uma condição para a eficácia técnica do coaching. O Método CIS é descrito como um processo amparado em princípios operacionalizados por uma lógica científica, ancorada na estrutura emocional humana e sem pressuposições de ordem teológica.

Destaco, outrossim, um outro ponto interessante. O Método CIS não atua na promoção de uma ética do empreendedorismo de si por meio da simples inculcação intelectual de um ideal de abundância. Para Paulo Vieira, um indivíduo não deve apenas compreender os motivos de seu insucesso, convencendo-se da disfunção que lhe afasta da abundância; ele deve também se apropriar de exercícios práticos que o ajudem a criar disposições para a ação. É sobre o corpo, e mais especificamente sobre o cérebro, que essas novas disposições devem ser alimentadas e sedimentadas, viabilizando a abundância. Conforme abordamos, técnicas e procedimentos de intervenção sobre o corpo são efetivados com o objetivo de criar sinapses neurais que estabeleçam programações mentais estimuladoras de crenças fortalecedoras e supressoras de crenças limitantes. A produção ou a diminuição de hormônios, resultante dessas sinapses neurais, faz com que o corpo se comporte de determinadas maneiras, modelando o estilo de vida de uma pessoa. Os pressupostos neurocientíficos em torno da produção do sucesso, reveladores de um “cerebralismo” (Azize, 2010; Duarte, 2018) explorado por Paulo Vieira, mostram conexões entre cérebro, neurônios, sinapses neurais, programações mentais, moléculas de emoção e crenças que, em sua complexidade, nos levam a uma “leitura biocultural das emoções” (Pussetti, 2015). Nesse registro, afastamo-nos de determinismos conceituais que não nos permitem perceber as passagens entre a construção de um *self* vitorioso – pelo poder da ação, estabelecido na mente com o auxílio do coaching – e a construção do sucesso no corpo.

## Capítulo V

### **O Método CIS como política pública de segurança: articulações político-institucionais**

Para além de sua circulação no meio religioso, os treinamentos pelo Método CIS têm sido implementados como política pública em instituições prisionais e em corporações de segurança pública brasileiras. Nesses espaços, a metodologia de coaching de Paulo Vieira é associada a um projeto de ressocialização/reinserção social dos detentos e a um instrumento de promoção da saúde mental de profissionais/operadores de segurança, tais como policiais, bombeiros e peritos criminais. Neste quinto capítulo, abordarei como atores políticos, judiciais, militares, religiosos e do coaching conduzem articulações político-institucionais para a inserção do Método CIS nas corporações de segurança pública. Realizarei, em alguns momentos, um cotejo da presença dos treinamentos em corporações de segurança e em prisões, por conta de uma ênfase dada à descrição das articulações que aproximam esses espaços em discursos, argumentos e informações compartilhados sobre essa política pública. Dedicarei, no entanto, o sexto capítulo da tese à etnografia do Método CIS em prisões. O que colocarei em tela, nas páginas seguintes, são as formas pelas quais o Coaching Integral Sistêmico é projetado na esfera pública como um instrumento voltado para a resolução de problemas concernentes ao tema e à área de segurança. Observarei como essa projeção é realizada pela mobilização de referenciais a um só tempo religiosos e seculares, e enfatizarei de que forma a institucionalização do Método CIS ocorre em diferentes corporações de segurança pública estaduais, sob condições distintas.

As políticas de segurança abrangem um leque variado de instituições e mecanismos de segurança pública e justiça criminal. A produção de normas e procedimentos jurídicos, a atuação das forças policiais e a gestão do sistema penal são alguns dos âmbitos sobre os quais elas incidem. No âmbito desta tese, estou comprometido com um enquadramento da política pública em torno do Método CIS sob os termos de uma *política pública de segurança*, e não de uma *política de segurança pública*. De acordo com a definição técnica de Filocre (2009, p. 148), “política de segurança pública é expressão referente às atividades tipicamente policiais (...), ao passo que política pública de segurança engloba as diversas ações, governamentais ou não governamentais, que sofrem ou causam impacto no problema da criminalidade e da violência”. Nessa perspectiva, portanto, abordo o Método CIS como um projeto em processo de institucionalização como política pública para o tratamento de questões relativas à segurança pública, sem possuir as características de um mecanismo de ação policial. Os objetivos do Método CIS, como veremos, tangenciam a qualidade de vida, a saúde mental e o desempenho



profissional dos operadores de segurança, não incidindo sobre investigações, procedimentos e aparatos de natureza penal ou criminológica. A partir disso, dialogo com questões exploradas pelas Ciências Sociais, e não pelas Ciências Policiais ou pelo Direito Penal e Criminal. As Ciências Sociais brasileiras têm voltado vigorosamente sua atenção para a temática das políticas públicas de segurança nas últimas décadas, com a consolidação de estudos e pesquisas que contribuem para a compreensão dos modos de “administração de conflitos em uma sociedade marcada por altas taxas de violência e por déficits importantes de cidadania” (Miranda & Azevedo, 2015, p. 10). Os mecanismos de ação estatal ganham uma certa proeminência nessa discussão. No escopo das análises produzidas sobre políticas públicas em sentido lato, a Ciência Política e a Sociologia têm constituído agendas consistentes para o tratamento do tema desde os anos 2000<sup>134</sup>, enquanto na Antropologia a questão tem tomado um rumo mais lateral.

A despeito dessa diferença, Souza Lima e Castro (2015, p. 35) destacam que os instrumentais analíticos e metodológicos da Antropologia permitem observar com acuidade “políticas governamentais” que extrapolam a ingerência do Estado, ao focalizar “planos, ações e tecnologias de governo formuladas não só desde organizações administrativas de Estados nacionais, mas também a partir de diferentes modalidades de organizações que estão fora desse âmbito [e] exercem funções de governo”. A Antropologia, dessa forma, pode oferecer uma contribuição relevante para o estudo e a avaliação de políticas públicas – incluindo-se aí as políticas relativas à área de segurança pública – que envolvem práticas de cooperação do Estado com ONG’s, empresas privadas, entidades da sociedade civil e instituições religiosas, entre outras organizações não estatais, no bojo das quais ações securitárias são produzidas como “governamentalidade”, ou governo das condutas (Foucault, 2008b). Para além das políticas elaboradas e operacionalizadas diretamente pelo Estado e suas instituições, amplia-se, assim, a compreensão para mecanismos, práticas e processos que tencionam organizar a conduta de indivíduos e de grupos – crianças, jovens, fiéis, comunidades, famílias, doentes, presos, dependentes químicos, etc. – por meio de projetos que, por sua finalidade e alcance, se configuram como políticas de governo das populações. Põe-se em evidência, nesses casos, articulações que passam à margem e/ou em contato com a burocracia estatal, para além de estruturas institucionais diretamente vinculadas aos sistemas de poder elaborados pelo Estado.

Nesse domínio, um tema proeminente da pesquisa antropológica tem sido a análise das relações entre religião e violência, com ênfase nas formas de violência urbana. Destacam-se, na produção acadêmica brasileira, trabalhos sobre processos de “pacificação” em favelas (Birman,

---

<sup>134</sup> Conferir, a esse propósito, o dossiê “Agenda de pesquisas em políticas públicas”, em Arretche, 2003.

2012a), sobre a intolerância religiosa suscitada pelos “traficantes evangélicos” (Vital da Cunha, 2014; 2016), sobre a conversão de “ex-bandidos” ao pentecostalismo (Teixeira, 2009) e sobre o governo das populações das periferias (Machado, 2013; 2023), entre outros assuntos correlatos. No âmbito internacional, a violência e as dinâmicas de conflitualidade têm sido aproximadas da religião tanto em abordagens teóricas mais gerais (Gaudin, 2002; Portier, 2018) como em enfoques específicos voltados para temas como o terrorismo (Juergensmeyer, 2017), o autoritarismo político (Tartakowsky & Zawadzki, 2017) e os crimes e escândalos de violência sexual (Béraud, 2021). Essas relações frequentemente incidem sobre o registro da ação estatal, mas não se restringem a ele. A formulação de políticas e de reivindicações na esfera pública é atravessada por instâncias e atores múltiplos, dentre os quais se encontram aqueles identificados como religiosos. Conforme diversos/as autores têm demonstrado, na esteira de preocupações teóricas e horizontes empíricos os mais variados, o acionamento de argumentações e referências associadas ao religioso segue cumprindo papel importante na conformação contemporânea do público, reposicionando expectativas e perspectivas sobre processos como a secularização (Casanova, 1994; Habermas, 2006; Portier, Baubérot & Willaime, 2019; Taylor, 2010).

A laicidade, em suas múltiplas configurações, também é um plano sobre o qual essas relações incidem. Tal arranjo político, que abrange os aparatos do Estado em alguma forma de separação com a religião, emerge em diversas sociedades como um foco de disputas e tensões em torno da regulação do religioso e de sua expressão na esfera pública. As elaborações sobre laicidade reunidas em Giumbelli e Camurça (2024), resultantes de pesquisas que a situam como um conceito estendido a dinâmicas da sociedade civil que englobam agentes de diversas naturezas – incluindo os religiosos –, servem-me como um caminho para refletir sobre como o cristianismo não religioso de certas formas de coaching interpela processos sociais como a institucionalização da política pública de segurança constituída em torno do Método CIS em prisões e corporações de segurança no Brasil. Considerando, com aqueles estudos, que as definições de laicidade estabelecem os contornos do pluralismo religioso, indicarei nos últimos dois capítulos desta tese que a “religião” posta em evidência pelos regimes de laicidade como um domínio separado, em graus variados, das dinâmicas estatais, não corresponde exatamente à noção de um cristianismo não religioso. Esse descompasso, ademais, tem implicações para o pluralismo e a liberdade religiosas constituídos em uma esfera pública democrática. Segundo Habermas (2013, p. 15-16), “a liberdade religiosa tem como contrapartida uma pacificação do pluralismo das visões de mundo” que evite com que “a religião seja excluída da esfera pública e a sociedade secular seja privada de importantes recursos para a criação de sentido”. Reconhece-se, portanto, em Habermas e em outros/as autores/as aqui referenciados/as, que a

diversidade das configurações da esfera pública contemporânea exige, como condição para a salvaguarda de um pluralismo religioso democrático, que a religião seja dimensionada como uma possibilidade, dentre outras, de expressão das vozes presentes na sociedade civil. Mas o que acontece com as definições sobre laicidade e sobre o pluralismo religioso na esfera pública quando, não obstante, o religioso escapa à sua apreensão como religião em certas situações?

Neste capítulo, demonstrarei como o dimensionamento do religioso em meio a práticas e concepções cristãs não religiosas como o Método CIS se relaciona com determinadas reconfigurações do religioso e do secular. O coaching de Paulo Vieira se afirma publicamente a partir de referências cristãs, mas escapa às condições de uma prática religiosa – ao menos do modo como a podemos definir seguindo um enquadramento teórico mais estrito. Nesse intuito, busco compreender os elementos constituintes da argumentação em torno do Método CIS como uma política pública de segurança eficaz, entendendo-os como centrais aos processos de articulação e institucionalização do Método CIS em corporações de segurança. Iniciarei a incursão no tema por meio de uma descrição da sessão solene realizada em homenagem a Paulo Vieira e à sua empresa de coaching, a Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (Febracis), em junho de 2022 na Câmara dos Deputados<sup>135</sup>. Naquela cerimônia, os resultados da inserção do Método CIS em prisões e em corporações de segurança foram apresentados publicamente como prova da eficácia do coaching de Paulo Vieira enquanto política pública de segurança e como evidência do compromisso do coach e da Febracis com o tema da segurança pública. A aplicação do Método CIS a essa área leva, inclusive, à sua extensão a outros domínios sociais, processo que buscarei destacar nas conclusões do capítulo. Ao enfatizar os discursos protagonizados pelos atores envolvidos na sessão solene, enfocarei o acionamento de referências bíblicas e cristãs e sua operacionalização em meio a noções como “missão”, “propósito” e “transformação”. Esse procedimento visibilizará como o Método CIS articula o religioso e o secular nas tarefas de ressocialização dos presos e de fortalecimento da saúde mental dos operadores de segurança pública. Em seguida, construirei um panorama da institucionalização – e dos canais de institucionalização – do Método CIS em corporações de segurança de diferentes estados brasileiros, pondo atenção às origens do projeto e às especificidades contingenciais que fazem com que as articulações político-institucionais em torno do Método CIS como política pública de segurança sejam mais ou menos bem-sucedidas.

---

<sup>135</sup> Essa descrição incorpora a adaptação de um texto apresentado no evento “Laicidades em transformação: elaborações a partir do Brasil e da França”, realizado em março de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), e publicado posteriormente como capítulo em Aguiar (2024).

## 5.1 – Um ato de publicização do Método CIS como política de segurança

Brasília, quarta-feira, 29 de junho de 2022. O proponente da sessão solene do dia, deputado Heitor Freire (União-CE), inicia os trabalhos seguindo os trâmites regulares da presidência de uma reunião da Câmara dos Deputados: sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro, o parlamentar declara a cerimônia aberta, requerendo que os convidados especiais se façam presentes à mesa. Tomam seus assentos, um a um, o deputado Nereu Crispim (PSD-RS), o deputado Capitão Derrite (PL-SP), o coach e presidente da Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (Febracis), Paulo Vieira, e o Juiz de Direito Deomar Alexandre de Pinho Barroso, do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJPA). Como parte dos procedimentos iniciais, o Hino Nacional é entoado pelo Coro Vozes Ebenézer, da Igreja Batista Ebenézer, de Taguatinga/DF. O coral fora convidado pela vice-presidente da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) no Congresso Nacional, deputada Carla Dickson (União-RN), para dar conta da musicalidade da cerimônia. Em seguida, um vídeo institucional da Febracis é reproduzido nos telões do plenário, apresentando o Método CIS como uma metodologia inserida em um amplo contexto histórico de evolução da prática de coaching pelo mundo.<sup>136</sup>



Figura 5.1 – Início da sessão solene na Câmara dos Deputados, com entonação do Hino Nacional. Da esquerda para a direita: Paulo Vieira, Deputado Capitão Derrite, Deputado Heitor Freire,

<sup>136</sup> Conferir a íntegra da sessão: TV Câmara no YouTube. “Plenário - Homenagem aos profissionais de Coaching no Brasil – 29/06/2022”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X8avzGvMAGY&t>. Acesso em: 11 out. 2023. Tomei contato com a ocorrência da sessão a partir de sua divulgação nas redes sociais de Paulo Vieira.

Deputado Nereu Crispim e Juiz Deomar Barroso. Fonte: YouTube. Câmara dos Deputados. “Plenário – Homenagem aos profissionais de coaching no Brasil – 29/06/2022”.

A expressão universalizante que dá nome à sessão – “Homenagem aos Profissionais de Coaching no Brasil” – indica uma extensão indistinta do tributo ao conjunto de coaches do país. Mas a solenidade se constituiu, na prática, como uma homenagem especificamente direcionada à Febracis e à metodologia de coaching de Paulo Vieira. Apontam para isso a centralidade da presença de Vieira e de coaches vinculados à sua instituição no evento, ocupando todo o espaço da plateia, a ausência de outras representações do coaching nacional e o teor particularista dos discursos enunciados na tribuna, através da menção a cursos da Febracis frequentados pelos deputados oradores. É importante sublinhar que a única exceção a esta singularidade se fez evidente logo no primeiro discurso pronunciado na ocasião. No texto enviado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, e lido em sua ausência pelo deputado Heitor Freire, destaca-se o reconhecimento do crescimento da demanda por serviços de desenvolvimento pessoal e da expansão do número de profissionais em coaching no Brasil e no mundo todo. O presidente do Legislativo cita a existência de projetos de lei em tramitação na Casa que levantam a questão da conveniência da regulamentação estatal da profissão, e assume ser de competência própria da Câmara dos Deputados a tarefa de “testemunhar essas transformações e, quando necessário, regulá-las de forma mais proveitosa à sociedade”.

Um dos projetos de lei propostos neste sentido é de autoria do deputado Nereu Crispim, um dos parlamentares convidados a ocupar um lugar à mesa na sessão.<sup>137</sup> Em seu discurso, Crispim menciona ter aprofundado conhecimentos sobre a prática de coaching a partir de sua participação em uma audiência pública no Senado Federal, em setembro de 2019, durante a qual se discutiu uma sugestão legislativa de autoria popular que visava criminalizar o exercício do coaching.<sup>138</sup> Diversas ideias legislativas protocoladas no Senado Federal correm na mesma direção de acusação ao coaching e de solicitação de criminalização de sua prática por “abuso de poder” e “charlatanismo”. Ao mesmo tempo, são abundantes as iniciativas que

---

<sup>137</sup> Nereu Crispim é advogado e especialista em Gestão Ambiental. Elegeu-se deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) em 2018. Em 2022, candidatou-se à reeleição pelo Partido Social Democrático (PSD), sem sucesso.

<sup>138</sup> O projeto de lei do deputado Nereu Crispim é o PL nº 3550/2019. A ele estão apensados os PL's nº 3553/2019, nº 3581/2019 e nº 3970/2019, que tratam do mesmo tema. Paulo Vieira participou da audiência pública no Senado, apresentando seus argumentos contrários à criminalização do coaching. A sugestão legislativa SUG nº 26/2019 propõe a tipificação da prática como crime por associá-la à ideia de “charlatanismo”. A proposta segue em tramitação na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, tendo recebido em 2020 parecer desfavorável de seu relator, senador Paulo Paim (PT-RS). A audiência pública pode ser conferida na íntegra através do seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=e9pfQpCGsdw>. Acesso em: 10 fev. 2023.

pleiteiam junto ao Legislativo um reconhecimento estatal do coaching como serviço de desenvolvimento pessoal e prática profissional regularizada. É de autoria do próprio Nereu Crispim o projeto de lei nº 3989/2021, que visava instituir oficialmente o dia 06 de maio como o Dia Nacional do Profissional de Coaching.<sup>139</sup> Outras sugestões legislativas existentes pedem ações como a regularização da profissão de coach, a inclusão do coaching no currículo escolar de Ensino Médio e a criação de um Conselho Federal de Coaching<sup>140</sup>. Entre tais detrações e defesas, o tom adotado pelos pronunciamentos dos deputados Arthur Lira e Nereu Crispim é o de reconhecimento do coaching como um tópico relevante a ser considerado no debate público.

A reunião proposta pelo deputado Heitor Freire não foi a primeira e a única a ocorrer com o objetivo de apresentar publicamente o coaching como um tema importante a ser pautado pelo Legislativo. Em 14 de novembro de 2018, realizou-se no plenário da Câmara uma sessão solene semelhante à de 2022, reunindo diferentes instituições do coaching brasileiro<sup>141</sup>. Entre elas se encontrava a Febracis, representada na ocasião por seus diretores em Brasília, a Indústria do Conhecimento, empresa de treinamentos empresariais, educacionais e de coaching com sede em Brasília, responsável pela vinda ao Brasil do coach norte-americano Tony Robbins em 2018 e 2019<sup>142</sup>, e o Instituto Mentis, fundado pelo psiquiatra e autor de *best-sellers* de autoajuda Augusto Cury. Paulo Vieira havia sido convidado para a cerimônia, mas não pôde comparecer por problemas logísticos decorrentes de um atraso de voo. A sessão foi proposta pelo então deputado Professor Pacco (Podemos-DF), também coach, que a presidiu. Estiveram presentes ainda – e discursaram na sessão – coaches de instituições menores, como Márcio Micheli, criador do Método EVO e da EVOCoaching, e Áurea Barbosa, que desenvolve desde 1996 um

---

<sup>139</sup> O PL foi devolvido em 2022 ao autor pela Mesa Diretora da Câmara dos Deputados, sob o argumento de que seu protocolo não contemplava o artigo 4º da Lei Ordinária nº 12.345/2010. No âmbito dessa regra, requer-se que todo projeto de lei que propõe o estabelecimento de data comemorativa deve ser necessariamente “acompanhado de comprovação da realização de consultas e/ou audiências públicas a amplos setores da população”.

<sup>140</sup> Para encontrar o conjunto dessas sugestões legislativas no portal e-Cidadania, basta inserir a palavra-chave “coaching” na caixa de buscas. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania>. Acesso em: 12 out. 2023.

<sup>141</sup> Para acesso à referida sessão, conferir o vídeo a ela correspondente no canal da Câmara do Deputados no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxPnt-3NMvw>. Acesso em: 17 out. 2023.

<sup>142</sup> Recordo que Tony Robbins, mencionado no capítulo 3 como mentor de uma certificação de que participou Jonathan, responsável pelo curso “Inteligência Emocional” na Casa LGF, é um famoso coach estadunidense. Para mais informações sobre a Indústria do Conhecimento, empresa criada em 2007, ver o site da instituição. Disponível em: <https://industriadoconhecimento.com.br/>. A propósito do Instituto Mentis, não foram localizadas informações específicas, o que sugere uma mudança de nomenclatura. Augusto Cury mantém diversos projetos em torno da aplicação e do ensino de sua Teoria da Inteligência Multifocal. Uma lista desses projetos pode ser encontrada em seu site. Disponível em: <https://augustocuryinstitucional.com.br/projetos/>. Acesso a ambos os links: 11 jan. 2024.

trabalho de “apadrinhamento de crianças carentes” pelo Instituto Formiguinhas do Bem.<sup>143</sup> No plano político, marcaram presença o deputado Hildo Rocha (MDB-MA), representando a bancada de seu partido, a ex-secretária de Segurança Pública do Distrito Federal, Márcia de Alencar Araújo (PSB), a presidente do Podemos Mulher no Distrito Federal, Regina Lacerda, e o deputado distrital Ezequias Pereira (PSC-DF), também apresentado como pastor e coach formado pela metodologia de Márcio Micheli. Destacou-se, além disso, o comparecimento do Promotor de Justiça do Distrito Federal Inácio Neves Filho, descrito como cliente da Febracis.

Os discursos da sessão de 2018 enfatizaram a defesa da regularização da profissão de coach no Brasil, expuseram resultados considerados pelos oradores como positivos da aplicação do coaching em organizações de ação social como o Instituto Formiguinhas do Bem e denunciaram, além disso, a “discriminação” social que seria sofrida recorrentemente pelos coaches por conta do exercício não regularizado de suas funções. Nas palavras do deputado Professor Pacco, coaches que realizam um “trabalho sério” sofrem ataques da parte de “pessoas que não conhecem o coaching ou [que] tiveram experiências ruins com profissionais que não são sérios”. O deputado, que é professor de cursos preparatórios para concursos, reafirmou a legitimidade científica do coaching, mencionando que este processo de desenvolvimento pessoal é um componente curricular adotado em cursos de universidades de outros países e “está presente [como conteúdo cobrado] em provas de concursos públicos”. A constatação dos benefícios do coaching para diferentes ações no espaço público, incluindo aquelas relativas aos propósitos específicos da administração pública, também é feita por Luiz Paulo Machado, um dos diretores da Febracis em Brasília a quem coube a incumbência de representar Paulo Vieira na solenidade. Em seu discurso, Machado destaca que o Método CIS já teria “impactado”, à altura dos meses finais de 2018, o trabalho de mais de 80 instituições sociais somente no Distrito Federal. Essa contribuição incluiria a presença do Método CIS nos tratamentos para a dependência química realizados na Comunidade Terapêutica Força e Vida<sup>144</sup> e o oferecimento

---

<sup>143</sup> Márcio Micheli reside em Brasília e realiza os treinamentos do Método EVO – em sua definição, baseado em “coaching, medicina, neurociência, psicologia positiva e social, antropologia e física quântica” – em todo o Brasil. EVOCoaching. Disponível em: <https://evo.marciomicheli.com.br/>. Não há significado publicizado por Micheli para a sigla “EVO”. Em relação à instituição de Áurea Barbosa, não houve menção ao seu nome no discurso da coach, mas pude identificá-lo em busca posterior. O Instituto Formiguinhas do Bem também é sediado em Brasília e tem como objetivo “apadrinhar crianças carentes, promover sua nutrição, ajudar a mantê-las na escola e promover oficinas sociocriativas para meninas, principalmente vítimas de gravidez precoce”. Ver perfil no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/formiguinhasdobembsb>. Acesso a ambos os links em: 11 jan. 2024.

<sup>144</sup> Localizada na área rural de Brazilândia/DF, a Comunidade Terapêutica Força e Vida acolhe indivíduos em situação de dependência química, oferecendo-lhes um tratamento de 9 meses baseado na “disciplina e no desenvolvimento de trabalhos lobo-terapêuticos, com o objetivo de manter a mente e o corpo ocupados”. Nesse tratamento, há atendimento psicológico uma vez por semana, aplicação de “12 passos” para a superação dos vícios e processo de Coaching Integral Sistêmico durante e após o tratamento. De acordo com a definição da missão da instituição presente em seu perfil oficial no Facebook, “acreditamos [como instituição] que os 12 passos são



gratuito do treinamento a operadores de segurança pública distritais, levando-o a uma constatação que convergia, poucos dias após a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República, com uma ideia de transformação nacional que guardaria relação com a providência divina e com o crescimento da influência social do coaching: “Eu creio que a transformação que estamos vivendo no Brasil passa primeiramente por Deus e também pelo coaching”<sup>145</sup>.

Vê-se, portanto, como a mobilização pela busca do reconhecimento da atividade profissional em coaching abrange iniciativas anteriores. Mas, se é verdade que essa mobilização extrapola a atuação da Febracis, também é fato que essa instituição tem se constituído como importante voz para expressar os interesses do coaching na esfera pública. Sob esse ângulo, o particularismo da homenagem a Paulo Vieira e à Febracis ganha maior amplitude, ecoando reivindicações do coaching inseridas em um escopo mais abrangente. Mas ainda é preciso compreender de que maneira esse processo de legitimação se manifesta. Desloquemos o olhar, pois, para a principal linha de argumentação mobilizada pelos ocupantes da tribuna durante a sessão solene de 2022, a fim de tornar públicos os benefícios do coaching para a sociedade. O quadro de referência são as ações elaboradas pela Febracis junto a públicos específicos e em projetos colaborativos com o Estado, incidindo sobre instituições da área de segurança pública e sobre temas como a prevenção da violência, a reinserção social de detentos do sistema prisional e o combate ao suicídio e adoecimento psíquico dos operadores de segurança pública.

---

indispensáveis, acompanhados de palestras, orientações e ensinamentos com princípios cristãos (sem forçar um credo religioso), procurando mudar a forma de pensamentos que a pessoa tem sobre si mesmo, sobre a família e a sociedade”. Disponível em: <https://www.facebook.com/forcaevidadependentesquimicos>. Acesso em: 11 jan. 2024.

<sup>145</sup> Outros aspectos foram citados na sessão como benefícios sociais do coaching, mas em projeções futuras de sua extensão a outros âmbitos. Exemplo disso é a sua inclusão como conteúdo no currículo escolar. A esse respeito, vale mencionar que o deputado Professor Pacco é autor do PL nº 10.839/18, que inclui a disciplina de Inteligência Emocional no currículo escolar do Ensino Médio em escolas públicas e privadas do país. O projeto foi pensado ao PL nº 4.744/2012, que insere novas disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Um projeto de lei de mesmo teor, mas em âmbito estadual, é o PL nº 93/23, apresentado à Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) pela deputada estadual Leticia Aguiar (PP). A matéria tramitou em regime de urgência e foi aprovada pelo Legislativo paulista em setembro de 2023, sendo vetada integralmente no mês seguinte pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos). Os argumentos do veto incidiram sobre a competência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) para a inclusão de novas disciplinas no currículo escolar, sobre o impacto orçamentário-financeiro para a contratação de professores para a nova disciplina – no projeto aprovado pela ALERGS, profissionais necessariamente formados no curso de Psicologia e cadastrados no Conselho Regional de Psicologia (CRP) – e sobre a já existência de “inteligência emocional” como habilidade a ser desenvolvida pelos alunos no âmbito da disciplina de “Projeto de Vida”. Para o andamento da proposição de Professor Pacco, ver: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2183919>. Para a proposição de Leticia Aguiar, que voltou à ordem do dia na ALESP após o veto do governador, conferir: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000485169&tipo=1&ano=2023>. Acesso a ambos os links em: 11 jan. 2024.



Foi o deputado Capitão Derrite, oficial licenciado da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo<sup>146</sup>, quem primeiro citou o projeto de inserção do Método CIS nas instituições de segurança pública como exemplo de sucesso e eficácia do Coaching Integral Sistêmico, sublinhando que os treinamentos oferecidos pela Febracis em diversos estados brasileiros para operadores de segurança – o que inclui policiais civis, militares, penais e rodoviários, assim como bombeiros civis e militares, entre outros – têm contribuído para restabelecer a saúde mental e salvar a vida de profissionais que, expostos ao estresse cotidiano de suas funções, convivem com pensamentos suicidas, problemas de relacionamento interpessoal e transtornos de ordem psicológica/psiquiátrica. O parlamentar comentou que sua relação com o coaching surgiu a partir de uma amizade estabelecida por ele com um coach da Febracis quando já era deputado e morava em Brasília. A conclusão de diversos cursos de formação da Febracis credencia Capitão Derrite como coach, profissão que não exerce por se dedicar integralmente à política. A explanação do deputado esteve voltada, sobretudo, ao papel que o Método CIS cumpre junto à melhoria da saúde mental dos profissionais de forças de segurança, seus “irmãos de farda”, contribuindo para a resolução de um problema social relevante. Também foi por ele mencionada a gratuidade da oferta dos treinamentos para esse público. Geralmente valores para a participação individual no Método CIS costumam variar entre 3 mil e 10 mil reais<sup>147</sup>. O parlamentar citou haver ainda outras duas categorias de pessoas que, ao lado dos profissionais de segurança pública, são isentas de qualquer pagamento pelo Método CIS. Tratam-se dos adictos (dependentes químicos) e dos detentos do sistema prisional.

Depois do deputado Capitão Derrite, o próximo convidado a se pronunciar na tribuna enfatizou com precisão os resultados do trabalho de articulação para atender ao público dos detentos. O juiz titular da Vara de Execuções Penais da Região Metropolitana de Belém/PA, Deomar Barroso, ocupa posição-chave na promoção e expansão do Método CIS no interior do sistema prisional, não só no Pará como ainda em outros estados brasileiros. Sua história de engajamento com ações voltadas para a ressocialização/reinserção social de detentos remonta ao período em que, oriundo de Minas Gerais, assumiu uma vaga no Judiciário paraense. Desde 2003, o juiz lidera e desenvolve um projeto denominado “Conquistando a liberdade”, que

---

<sup>146</sup> Guilherme Muraro Derrite foi escolhido no final de 2022 pelo governador eleito de São Paulo, Tarcísio de Freitas, como secretário estadual de Segurança Pública. Ele passou a ocupar a pasta em 1º de janeiro de 2023.

<sup>147</sup> Os valores foram aferidos pelo autor em busca no site do Método CIS. Há variabilidade de acordo com promoções e edições do treinamento, além de modalidades de participação (bronze, black, diamond). As modalidades mais avançadas dão acesso a kits de produtos da Febracis e a serviços como *lounge* privado com alimentação e atendimento por garçom. Em janeiro de 2024, a inscrição no treinamento apresentava valores entre 3 mil e 12 mil reais. Conferir atualizações em: <https://go.metodocis.com/1/cis/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

consiste em duas estratégias básicas: no aproveitamento da mão-de-obra carcerária para a realização de pequenas reformas em escolas, praças e postos de saúde, entre outros espaços e instituições públicas – o que, segundo o próprio juiz, é uma ação bastante corriqueira em vários lugares do Brasil; e na atuação regular dos detentos como palestrantes em escolas, através de uma dinâmica testemunhal que expõe aos alunos as formas pelas quais as consequências e sofrimentos da vida no crime se processam em suas trajetórias individuais e em suas emoções. Este segundo aspecto é considerado pelo magistrado como o “pulo do gato” do projeto, por sua capacidade de engendrar um mecanismo de prevenção da violência e por estimular no preso uma reelaboração emocional de sua condição. Há outras ações nas quais o juiz se empenha diretamente como representante do Tribunal de Justiça do Pará e da Vara de Execuções Penais de Belém, dentre as quais se pode citar a Associação Polo Produtivo Pará – Fábrica Esperança e o Programa Escrevendo e Reescrevendo Nossa História (PERNOH), ambos voltados para a (re)qualificação profissional e para a (re)inserção da pessoa presa no mercado de trabalho<sup>148</sup>.

O ativismo do juiz Barroso na causa da ressocialização dos detentos, portanto, vem de longa data e abrange outros projetos. Mas a sua aproximação com o coaching surge nos últimos anos, pela via do contato pessoal com um agente de alto escalão do sistema penitenciário brasileiro. Ao apresentar em Belém o projeto “Conquistando a liberdade” a Sandro Abel de Sousa Barradas, então diretor de Políticas Penitenciárias do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN)<sup>149</sup>, conta o juiz ter sido aconselhado pelo mesmo a conhecer o trabalho da Febracis e a ler o livro *O poder da ação*, best-seller de Paulo Vieira. Influenciado pela leitura, ele procura mais informações, pede a Sandro Abel que o ponha em contato com Paulo Vieira e descobre que o coach já havia começado a desenvolver anteriormente um projeto para o treinamento de presos pelo Método CIS no Ceará. No final da década de 2000, quando a Febracis se encontrava ainda em fase de estruturação enquanto instituição<sup>150</sup>, Paulo Vieira ministrou presencialmente o Método CIS em casas penais cearenses, em um projeto-piloto que contou com a colaboração da Polícia Militar do Ceará e do hoje Tenente-Coronel (então Major)

---

<sup>148</sup> Não sendo o foco primordial desta tese, indico que o “Conquistando a liberdade” e outros projetos dos quais o juiz participa são abordados com maior abundância de detalhes na entrevista por ele concedida a Paulo Vieira no canal PVCast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYOCI4m-sgE>. Acesso em: 10 fev. 2023.

<sup>149</sup> Sob o governo Lula, no início de 2023, o DEPEN foi renomeado para Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN), permanecendo como estrutura subordinada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. Já na nova configuração do órgão, Sandro Abel de Sousa Barradas foi nomeado diretor de Inteligência Penitenciária.

<sup>150</sup> Vale lembrar que a Febracis foi fundada sob esta nomenclatura e com a forma de uma federação de franquias aderentes ao Coaching Integral Sistêmico em 2009. Paulo Vieira, entretanto, iniciou sua trajetória como coach no ano de 1998. À época, sua escola de formação se chamava Instituto Paulo Vieira, nome hoje atribuído à ONG mantida pelo coach em Maracanaú (CE), cujo atendimento se volta a jovens e crianças em situação de pobreza.

Bernardo Aguiar, atual Coordenador de Defesa Social da Secretaria Estadual de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Ceará. Esse elemento da trajetória de Paulo Vieira, constantemente lembrado em suas falas públicas, impulsionou o desejo do juiz de expandir as ações de reinserção social no sistema penal paraense utilizando o coaching como instrumento.

A oportunidade ideal para a expansão do Método CIS no sistema prisional, de acordo com o magistrado, surgiu com a emergência da pandemia de Covid-19 nos meses iniciais de 2020, quando uma ampla gama de dinâmicas presenciais foi transposta emergencialmente para o ambiente virtual. No tocante ao trabalho com o sistema penal – e neste ponto o juiz solicita que “ponham amor” em suas palavras, interpretando-as bem –, a pandemia teria sido “extraordinária”. O motivo é que as iniciativas de treinamento de detentos, antes requerendo a estruturação de uma logística de transporte e custódia dos presos até o local de aplicação presencial do Método CIS, durante todo o período de treinamento – em geral, cerca de 12 horas seguidas por dia, ao longo de 4 dias – se tornou contornável com o fato de que o Método CIS passou a ser realizado temporariamente online em todos os lugares. Sob essa forma, processou-se então uma rápida expansão da presença do treinamento em presídios, tendo como parâmetro as experiências pioneiras dos estados do Ceará e do Pará. O juiz Barroso cita alguns números de pessoas alcançadas pela aplicação da metodologia nos sistemas penais dessas duas unidades federativas até junho de 2022, data da sessão. Na primeira delas, somente na edição nº 226 do Método CIS, a mais recente realizada até então, um total de 2048 presos teria frequentado o treinamento de inteligência emocional de Paulo Vieira; na segunda, das 49 casas penais estaduais existentes, 48 já teriam contado com o treinamento, atingindo mais de 2000 detentos.

Uma menção importante feita pelo juiz é a que indica que, na única casa penal paraense em que o Método CIS ainda não havia se feito presente, um motim ocorreu. Provavelmente a referência seja à rebelião do presídio de Altamira, deflagrada em julho de 2019, que deixou mais de 50 mortos e chocou a opinião pública, sendo amplamente noticiada pela mídia nacional<sup>151</sup>. O evento, no entanto, antecede temporalmente a expansão do Método CIS no sistema prisional do estado. A alusão ao Método CIS como estratégia de prevenção e combate ao problema da rebelião não é singular da exposição do juiz. Um levantamento que realizei em sites de notícias identificou que, em pelo menos outros dois contextos marcados pela incidência de rebeliões, o Método CIS foi mobilizado como estratégia de pacificação: na Penitenciária de

---

<sup>151</sup> Ver: UOL. Rebelião deixa 58 mortos em presídio do Pará; governo vê guerra de facções. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/07/29/rebeliao-deixa-52-mortos-em-presidio-de-altamira-pa.htm>. Acesso em: 11 fev. 2023.

Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, que em 2017 foi cenário da maior rebelião da história do sistema penitenciário potiguar; e em instituições prisionais de Roraima, estado que em 2018 passou por uma onda de rebeliões que levaram, inclusive, ao decreto de uma intervenção federal e à destituição da então governadora Suely Campos (PP)<sup>152</sup>. A importância do Método CIS para a promoção da paz no sistema penitenciário foi posteriormente reconhecida pela nova gestão em Roraima, através de declarações do governador Antonio Denarium (PP) e do secretário de Justiça e Cidadania, André Fernandes. Ambos indicam o papel que o juiz Deomar Barroso cumpriu nas articulações que viabilizaram a inserção dos treinamentos nas prisões do estado<sup>153</sup>.

Vê-se, assim, como em alguns casos o Método CIS tem sido tratado não somente como estratégia de reinserção social ou ressocialização orientada pontualmente para os detentos, mas também como política de combate à violência em uma de suas faces mais extremadas: a rebelião prisional, cujos efeitos o Estado encontra dificuldades para mitigar. Em outro contexto, o do sistema prisional do Rio de Janeiro, também temos um exemplo de uma intervenção externa acionada pela estrutura estatal para auxiliar no combate à violência interna nos presídios. Entre o final da década de 1990 e os anos iniciais da década de 2000, os governos de Anthony Garotinho (1999-2002) e Rosinha Garotinho (2003-2006) conclamaram o pastor Marcos Pereira, cuja carreira se estruturava em torno de ações voltadas aos detentos nos presídios, para ser um mediador em rebeliões no sistema prisional. Esse pastor, que se notabilizou pela filmagem e edição de suas ações no cárcere e pela fundação de sua igreja própria, a Assembleia de Deus dos Últimos Dias (Adud), foi proibido de acessar o sistema prisional fluminense em 2004, sob suspeita de ligação com o tráfico de drogas e com facções criminosas (Machado, 2014). Apesar da proibição e da posterior prisão a que foi submetido, em 2013, o pastor concebe a si mesmo como detentor de “práticas religiosas que não só ajudariam o Estado a lidar com as populações marginais, mas também a corrigir suas falhas: ele [o pastor] busca agir onde o Estado se mostraria incapaz de impor sua ordem” (Birman & Machado, 2012, p. 58). Os modos como são desenhadas as estratégias de cooperação com o Estado, face à suposta ineficiência deste para lidar com populações carcerárias e rebeliões, aproximam a inserção do

---

<sup>152</sup> Para o caso do RN, conferir a matéria: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/05/01/presos-da-penitenciaria-de-alcauz-participam-de-treinamento-de-inteligencia-emocional-com-coach-paulo-vieira.ghtml>. Para o caso de RR, conferir esta outra: <https://roraimaemfoco.com/sistema-prisional-metodo-trabalha-a-inteligencia-emocional-de-reeducandos-de-roraima/>. Acesso a ambos os links em: 11 fev. 2023.

<sup>153</sup> Essas informações estão presentes na matéria indicada na nota anterior. A atuação do juiz Deomar Barroso também é detalhada em um texto escrito por uma advogada roraimense em seu blog. Disponível em: <http://www.dolanepatricia.com.br/pt/blog-da-dolane/formacao-em-inteligencia-emocionalmetodo-cis-parte-ii>. Acesso em: 11 fev. 2023.

Método CIS nas prisões e o ministério do pastor Marcos Pereira no ambiente penitenciário. Além disso, como veremos em seguida, um repertório religioso não está de todo ausente dos argumentos e articulações em torno da institucionalização do Método CIS no sistema prisional.

## **5.2 – Crescer, contribuir e transformar: o religioso em evidência?**

A cooperação entre o coaching de Paulo Vieira e o Estado coloca em cena, portanto, uma questão premente: a atuação de agentes políticos e judiciais voltada à sua concretização, em articulação com argumentos que podem ser associados ao religioso. Importa destacar que uma série de referências e testemunhos ligados a um repertório cristão esteve vinculada com as presenças e discursos de diferentes atores na sessão solene em “Homenagem aos profissionais de coaching no Brasil”. O projeto de inserção do Método CIS nas prisões e nas corporações de segurança pública não foi identificado com uma religião; as formas de sua apresentação, entretanto, apontam para como ele foi legitimado em termos que remetem a significações atreladas ao cristianismo. De acordo com Giumbelli (2013, p. 56), observar as relações do religioso com os aparatos estatais envolve atentar também para “dispositivos e práticas nem sempre formais” que nos levam para além das insuficiências de uma “apreciação genérica e panorâmica das configurações do campo religioso”. Ou seja: não se deve desprezar, no âmbito analítico, a incidência de ações de grupos religiosos que se organizam diferencialmente de igrejas e denominações, e de instituições religiosas que atuam no espaço público seguindo padrões de publicização de demandas presumivelmente mais reconhecíveis como religiosos do que outros. Não obstante se constituísse como homenagem à Febracis e a Paulo Vieira, a sessão congregou atores religiosos e reivindicações políticas expressas em uma linguagem religiosa.

Dos ocupantes da tribuna, todos/as, à exceção do deputado Nereu Crispim, enfatizaram argumentos religiosos em seus discursos, seja para celebrar o Método CIS enquanto instrumento de ação divina revelado e legado a Paulo Vieira, seja para assinalar um processo de transformação vivenciado ou testemunhado no acompanhamento da experiência de outras pessoas – notadamente, detentos e profissionais da área de segurança – com os treinamentos pela metodologia. A vinculação religiosa dos atores envolvidos com a sessão foi mais explícita em alguns casos, como no do já mencionado Coro Vozes Ebenézer, grupo musical de uma igreja batista cujo convite para participação na solenidade surgiu da vice-presidente da Frente Parlamentar Evangélica, Carla Dickson. A deputada também recebeu a oportunidade de discursar na tribuna. Além do coral e de deputados com vinculação religiosa, diversos pastores e lideranças evangélicas acompanharam a sessão da plateia, tendo sido saudados principalmente

pelos deputados Capitão Derrite e Heitor Freire. Citou-se também duas vezes à tribuna a presença de um representante do bispo JB Carvalho, fundador da Comunidade das Nações. Essa igreja, com sede em Brasília, possui uma escola de formação de líderes denominada Academia das Nações, onde são fornecidos cursos teológicos, de comunicação, de negócios e de coaching voltados ao público interno da denominação<sup>154</sup>. A igreja do bispo JB Carvalho é reconhecida no meio evangélico pela organização da Conferência Global, que reúne anualmente milhares de fiéis, pregadores, bandas e cantores gospel e autoridades políticas em Brasília. Na edição de 2019, fizeram-se presentes no evento o governador do DF, ministros de Estado e o então presidente da República, Jair Bolsonaro, além do próprio Paulo Vieira<sup>155</sup>. O coach, inclusive, foi recebido em 2022 em um episódio do JBCast, podcast do bispo JB Carvalho, ocasião em que o coach referiu ao pastor como seu “mentor”, em um sentido religioso e não do coaching<sup>156</sup>.

Para além dos vínculos explicitados, a menção a referências bíblicas foi abundante na sessão. O deputado Heitor Freire foi quem mais se destacou neste aspecto, citando versículos bíblicos em duas ocasiões e encaminhando o encerramento da sessão com as seguintes palavras:

Muito obrigado pela presença de vocês. Eu acho que todos que escutaram [os discursos] sentiram o Espírito Santo, sentiram a presença de Deus. Estar hoje sentado na cadeira que um dia Ulysses Guimarães sentou, quando aprovou aqui uma nova Constituinte, e presidir esta sessão sem medo de honrar a Deus e de exaltar o nome daquele que toda língua confessará e que todo joelho se dobrará que Jesus Cristo é o Senhor, é uma honra. E eu acredito que mudou a história dessa nação. Esse dia mudará os cursos dessa nação. Jesus Cristo é o Senhor e falo sem ter medo de dizer isso.

Deputado Heitor Freire (União-CE), na sessão solene em “Homenagem aos profissionais de coaching no Brasil”, em 29/06/22.

A retórica voltada a um público cristão é admitida ainda mais diretamente no discurso de Camila Saraiva, esposa de Paulo Vieira. Ao assumir a tribuna, ela dirige suas palavras a prestar uma homenagem ao coach, destacando primeiramente a forma como o Método CIS tem surgido enquanto “ferramenta de cura” na sua própria vida e na vida de milhares de pessoas há vários anos. Antes de falar sobre como a metodologia “alinha, fortalece e sara emoções”, uma

<sup>154</sup> Quatro módulos compõem a formação da Academia das Nações, cada qual contendo cursos específicos em “religião”, “desenvolvimento pessoal”, “negócios” e “comunicação”. É possível frequentá-los presencialmente ou à distância. Conferir em: <https://www.esferaacademy.com.br/academia-das-nacoes/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

<sup>155</sup> O ex-presidente Jair Bolsonaro participou de todas as edições da Conferência Global realizadas durante seu mandato. Conferir, a propósito da edição de 2019: <https://www.comunidadedasnacoes.com.br/centro-de-convencoes-em-brasilia-recebe-nona-edicao-da-conferencia-global-2019/>. Sobre a participação de Paulo Vieira na mesma edição do evento, ver: <https://www.obuxixogospel.com.br/2019/07/29/paulo-vieira-relaciona-o-coach-com-o-mundo-cristao/>. Acesso a ambos os links: 14 fev. 2023.

<sup>156</sup> A Jornada da Liderança - Paulo Vieira - JBCast - #05. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ViPRa2pZmk>. Acesso em: 14 fev. 2023.

definição prévia do ser humano é evocada por ela: “Lembrando – que bom que aqui é uma plenária de pessoas cristãs – que nós somos seres espirituais. Nós temos uma alma e nós temos um corpo. E na hora que eu não cuido de qualquer uma dessas áreas, eu não vivo a plenitude do que eu nasci para viver”. A expressão condicional intercalada em meio à frase indica que a definição de Camila Saraiva se assenta sobre os parâmetros deduzidos do que uma “plenária de pessoas cristãs” pensa sobre “seres espirituais”. Suas referências ao religioso incluem ainda a atribuição da criação do Método CIS por Paulo Vieira a um propósito divino: “O Paulo é um escolhido de Deus nesse mundo (...) para fazer mais do que todo mundo costuma fazer”.

O presidente e fundador da Febracis foi o último chamado à tribuna para fazer o seu discurso. Em duas situações o coach ratifica a ideia de que o Método CIS é originado de um plano divino em sua vida: quando admite que, “apesar de [o método] ter muita ciência, não é natural”, atribuindo a Deus o seu sucesso; e quando fala de sua responsabilidade ao ter em mãos uma ferramenta que “impacta vidas” e que gerará “cobrança” da parte de Deus se não for usada como uma forma de “crescer e contribuir”. Essa expressão, acionada diversas vezes na sessão por Paulo Vieira, pelos deputados Heitor Freire, Capitão Derrite e Carla Dickson e pelo juiz Deomar Barroso, corresponde à noção, presente no Coaching Integral Sistêmico, de que é preciso integrar o crescimento individual – financeiro, emocional, espiritual – com uma contribuição em larga medida “com o próximo”, o que enseja uma ideia de responsabilidade social erigida sob inspiração religiosa. É nesse sentido, pois, que Paulo Vieira afirma exigir dos coaches da Febracis a consciência do “crescer e contribuir”, sem a qual ninguém, segundo ele, pode se considerar um coach integral sistêmico – ainda que seja formado por essa instituição.

A participação de Paulo Vieira e de outros atores na sessão solene na Câmara dos Deputados ainda destaca e publiciza o Método CIS como uma política pública eficiente, sobretudo no que diz respeito à sua relevância para o tratamento de temas de interesse público. Essa posição é referida principalmente quanto à presença do Método CIS em instituições de segurança pública, mas se espalha para outras possibilidades de aplicação da metodologia para o aprimoramento da gestão e da administração pública. Ao reforçar os resultados animadores das experiências com o Método CIS no âmbito estatal securitário, Vieira endossa a empolgação do juiz Deomar Barroso e do deputado Heitor Freire, que citam a possibilidade de expansão dos treinamentos para outros domínios gerenciados pelo Poder Público, como escolas, hospitais e instituições políticas. O coach faz uso do exemplo da cidade de Balneário Camboriú/SC, cujo prefeito e todo o seu secretariado teriam sido treinados pelo Método CIS, e credita o estatuto



de “Dubai brasileira” alcançado por aquela cidade à “transformação” acarretada pelo método<sup>157</sup>. Além disso, a explanação de Paulo Vieira focaliza o papel assumido pela Febracis na oferta de ações sociais situadas para além dos treinamentos. Ele faz referência à atuação do Instituto Paulo Vieira (IPV), localizado em Maracanaú/CE – “uma cidade machucada, a mais violenta do Ceará” –, no atendimento a mais de 2.000 crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica, oferecendo-lhes gratuitamente aulas de esportes, reforço escolar e coaching. As ações promovidas pela Febracis, da aplicação do Método CIS ao treinamento de detentos e operadores de segurança pública à atuação do IPV, são vinculadas por Paulo Vieira à filosofia prática do “crescer e contribuir”. A expansão do Método CIS para outras instâncias do Estado, portanto, é defendida através de uma concepção universalista que o situa como uma forma de aprimoramento eficiente dos serviços públicos pelo treinamento da inteligência emocional.

O mote do “crescer e contribuir” aparece também nas falas dos deputados como uma filosofia vinculada a um propósito de “transformação” que se projeta sobre a sociedade, gerando efeitos benéficos diversos. Heitor Freire destaca que o Método CIS tem levado tanto coaches quanto coachees (alunos, treinandos) a uma *metanoia*<sup>158</sup>, possibilitando que encontrem um “propósito” e um “caminho para a felicidade” na vida e servindo, assim, para “combater o crime e o adoecimento mental presentes na sociedade”; Carla Dickson, por sua vez, dá o testemunho de alguém que passou da “raiva de Deus” por conta de um insucesso eleitoral a um sentimento de comunhão mais forte na fé e a um engajamento com o coaching, a ponto de se colocar à disposição para “defender a carreira e a profissionalização do coach” na Câmara Federal<sup>159</sup>; e Nereu Crispim enfatiza o efeito de transformação do Método CIS na vida de pessoas que têm sido estimuladas a terem maior autoestima, sem, no entanto, associar o método ao religioso.

A presença da noção de “transformação” nos discursos do deputado Capitão Derrite e do juiz Deomar Barroso também merece considerações. Ao contrário dos outros oradores da sessão, todos evangélicos e ligados a denominações variadas, ambos se definem como católicos. Para o Capitão Derrite, o Método CIS se constitui como parte fundamental de seu processo de “reconexão com Deus”. O parlamentar afirma ter nascido em uma família católica, ter feito

---

<sup>157</sup> Em 2021, ainda no tocante à incidência do Método CIS sobre a gestão pública, uma controvérsia envolveu o treinamento de servidores da prefeitura de Teresópolis/RJ e o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais daquela cidade. Conferir em: <https://netdiario.com.br/noticias/sindicato-cobra-posicao-da-camara-quanto-a-curso-de-coaching-para-secretarios/> Acesso em: 15 fev. 2023.

<sup>158</sup> Palavra do grego antigo, presente no Novo Testamento da Bíblia, que significa “mudança de pensamento” e “arrependimento”. O bispo JB Carvalho, anteriormente referido, possui um livro com esta palavra como título.

<sup>159</sup> No início de seu contato com o coaching, a deputada conta que entrou em uma unidade da Febracis em Natal, depois de conhecer outra unidade em Fortaleza. Convidada a fazer um curso, ela se deparou com uma sessão onde era reproduzida uma música da cantora gospel Aline Barros, vindo a acreditar que se tratava de uma igreja.



primeira comunhão, crisma e se casado na igreja por tradição, sem se sentir “conectado com Deus” de verdade. Até que, através do Método CIS, ele conhece aquela que define como “a maior transformação” de sua vida e passa, a partir daí, a ter como “maior orgulho” de sua vida rezar de mãos dadas com sua esposa e seus filhos todas as noites, reaproximando-se da religião. O Método CIS também teria cumprido papel decisivo na sua opção de seguir a carreira política, entendida como uma “missão” que Deus lhe atribuiu para ajudar a “transformar o país”. Vemos aqui como o testemunho do deputado assume um tom de transformação pessoal cujas matrizes incluem o reforço do compromisso religioso. Mas, longe de ser tão-somente religioso, o testemunho não se limita a uma esfera ou a um domínio exclusivo. A narrativa se articula de diferentes maneiras nas suas dimensões informativa e performativa, compondo um estatuto religioso e secular a um só tempo (Dullo, 2016), pois a “transformação” religiosa do deputado é unida à incorporação de um projeto e de uma carreira política que ele passa a desenvolver.

Relativamente ao que expõe o juiz Deomar Barroso, o testemunho se encaminha para outra direção, de cunho menos pessoal. O foco do discurso do magistrado é a demonstração dos resultados do Método CIS em sua aplicação como política pública de segurança nas prisões. O testemunho se estrutura como uma narrativa sobre a experiência de transformação vivida pelos presos a partir de seu contato com os treinamentos, enfatizando como o coaching “impacta” as suas vidas no cárcere e os leva a projetar a transformação para a nova vida que terão “ressocializados”. Nas palavras do juiz, a evidência maior da transformação não é expressa em fórmulas como “eu transformei a minha vida”, mas em atitudes que se baseiam no “eu quero impactar outras vidas”. Essa transformação, portanto, é operada por meio da aderência ao ideal do “crescer e contribuir”, que faz com que os detentos treinados cumpram suas penas e saiam das instituições prisionais “transformados”, sem cometer novos delitos e “contribuindo para a sociedade”. Percebe-se aqui, dessa maneira, como o testemunho assume as feições seculares da ressocialização, sem deixar, no entanto, o seu aspecto religioso de lado. Como afirma o juiz:

A gente quer transformar. A gente quer crescer e contribuir. A gente quer seguir os passos de Jesus. Você [dirigindo-se a Paulo Vieira] acredita e vê no encarcerado Cristo. Paulo [Vieira] vê no encarcerado Jesus. Jesus esteve preso, foi preso pela Justiça. Jesus foi torturado, foi condenado, foi morto. E o Paulo vê isso, vê no irmão encarcerado Jesus e oferta para ele uma segunda chance. A coisa mais importante dentro de um presídio, senhores, não é prender. É ressocializar. Hoje o preso tá lá, *contido*. Mas amanhã tá na rua, então tá *contigo*. Se você não transformar a vida dele, ele vai voltar para o delito. A gente tem que impactar essas vidas. [grifos meus]

Juiz Deomar Barroso, na sessão solene em “Homenagem aos profissionais de coaching no Brasil”, em 29/06/22.

Na passagem da condição de um preso *contido* para a realidade de um preso *contigo*, vemos a transformação pessoal dos detentos assumindo os contornos de um assunto de interesse público. A transformação de vida dos que amanhã estarão “na rua” é, para o juiz Deomar Barroso, um alvo que pode ser alcançado com eficácia pelo Método CIS. Esse objetivo é o da ressocialização, ou o da passagem do detento para uma condição em que não volte a cometer delitos uma vez seja desencarcerado; mas é também o de uma transformação que só pode ser operada nos termos de uma filosofia do “crescer e contribuir” que tem como referente o exemplo de Jesus Cristo. “A gente quer seguir os passos de Jesus” através do projeto, afirma Deomar Barroso. O magistrado reconhece em Paulo Vieira alguém que “vê no encarcerado Jesus”, que também esteve preso, foi torturado, condenado e morto, e que está disposto a dar a ele [o preso] uma “segunda chance” através de seus treinamentos com potencial transformativo. As referências bíblico-cristãs não são tomadas nos discursos do juiz e dos deputados como um fundamento dos princípios do Método CIS, como ocorre na descrição que o próprio Paulo Vieira faz de sua metodologia no livro *O poder da ação*, enfatizado no capítulo 4 desta tese. O que ocorre, ao invés disso, é a criação de uma argumentação em torno da eficácia do Método CIS a partir de seus efeitos de “transformação” na vida dos indivíduos. Essa “transformação”, conquanto articulada com o religioso, é descrita como o objetivo secular da ressocialização, tema de interesse público que pauta as políticas da administração pública em torno do combate à violência, do gerenciamento do sistema penal e da diminuição da reincidência criminal.

### **5.3 – “Coaching pela Paz”: o Método CIS nas corporações de segurança pública**

O discurso do juiz Barroso na sessão solene nos ajuda ainda a compreender alguns dos impasses encontrados na expansão do projeto de institucionalização do Método CIS no sistema prisional. De acordo com o juiz, apesar da gratuidade e da facilidade no aproveitamento da infraestrutura que já se encontra disponível na maioria dos presídios (internet, salas e auditórios, equipamentos de imagem e de som), ou seja, da não geração de ônus para o Estado e da não necessidade de investimentos financeiros por parte da Febracis, os treinamentos ainda encontram barreiras para se viabilizar em alguns estados e unidades penitenciárias, “seja porque o secretário de assuntos penitenciários não conhece [o método], seja porque o diretor [do presídio] não conhece, seja por preconceito, seja por qualquer motivo”. A constatação do problema leva o juiz a um lamento e a uma solicitação de ajuda do Poder Legislativo, chegando praticamente ao ponto da sugestão de uma lei de apoio ao projeto: “Fazer o bem é muito difícil. Então nós precisamos do apoio da Câmara [dos Deputados] para que isso [o projeto] entre

dentro do sistema penal”. A despeito dessas dificuldades, nas circunstâncias em que a parceria com o Estado tem sido bem-sucedida, o treinamento de detentos pode se coadunar com ações voltadas a outros públicos, com foco direcionado para questões atinentes à área de segurança e ao problema da violência – mas com particularidades consideráveis. Vejamos agora como o projeto tem tomado forma mais ou menos institucionalizada em corporações de segurança pública de todo o Brasil, como polícias, corpos de bombeiros e órgãos de perícias criminais.

Caso emblemático da presença do Método CIS em corporações de segurança pública é o do estado do Ceará, onde uma parceria entre a Febracis e a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS/CE) existe há mais de dez anos. Trata-se do projeto “Coaching pela Paz”, destinado ao treinamento de policiais, bombeiros e operadores de segurança pública em geral, compondo parte do quadro de ações da Febracis apontadas pelo deputado Capitão Derrite em seu discurso na sessão na Câmara dos Deputados. Segundo o coordenador de Defesa Social da SSPDS, tenente-coronel Bernardo Aguiar Caetano, o programa tem por objetivo “melhorar a performance pessoal e profissional de operadores de segurança pública e conselheiros comunitários de Defesa Social”<sup>160</sup>. No âmbito da Coordenação de Defesa Social (CODES) da secretaria, que chefia, o tenente-coronel Aguiar Caetano é o responsável por liderar ações de “fortalecimento dos laços de cooperação entre as comunidades e os órgãos responsáveis pela segurança pública (...), inserindo-os em um conjunto de iniciativas relacionadas ao movimento da segurança participativa, com o propósito de estabelecer parcerias proativas entre povo e polícia”.<sup>161</sup> É nesse contexto, como parte da proposta norteadora de uma “segurança participativa e cidadã”, que o oficial da PMCE tem se empenhado pessoalmente, há vários anos, para que agentes civis e militares e conselheiros comunitários participem gratuitamente dos treinamentos ofertados pela Febracis, com o objetivo de promover a saúde mental e prevenir doenças psíquicas a que esses agentes estão submetidos cotidianamente em suas funções<sup>162</sup>.

---

<sup>160</sup> As palavras do tenente-coronel Aguiar podem ser encontradas no site da SSPDS, através do seguinte endereço: <https://www.sspds.ce.gov.br/2020/07/16/sspds-e-febracis-abrem-inscricoes-direcionadas-a-profissionais-da-seguranca-para-o-curso-metodo-cis-em-casa/>. Ver também a reportagem sobre o projeto “Coaching pela Paz” veiculada em 25/04/2013 pelo perfil oficial da Febracis no Facebook: <https://www.facebook.com/febraciscoaching/videos/633406326675048/>. Acesso aos links em: 10 fev. 2023.

<sup>161</sup> As competências da CODES são elencadas em página específica no site da SSPDS/CE. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2018/01/01/coordenadoria-de-defesa-social-codes/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

<sup>162</sup> A associação do Método CIS com os propósitos de uma “segurança participativa e cidadã” – perspectiva política à qual a SSPDS adere – é endossada institucionalmente pela secretaria e pode ser conferida no Anexo I, que reproduz uma justificativa do projeto “Coaching pela Paz” presente no despacho nº 04/2019 da CODES/SSPDS.

Embora tenha ganhado impulso a partir de 2013, com a realização de palestras conduzidas pelo próprio Paulo Vieira em espaços da SSPDS, o projeto teve seu ponto de partida em treinamentos realizados pelo coach em instituições prisionais do Ceará, com o auxílio do tenente-coronel Aguiar Caetano e de uma equipe integrada entre a Polícia Militar (PMCE) e o sistema penitenciário estadual, sob a responsabilidade da então Secretaria de Justiça e Cidadania, renomeada em 2018 como Secretaria de Administração Penitenciária (SAP). Uma das militares presentes nas articulações para a realização dos treinamentos era a tenente-coronel Keydna Carneiro, que se tornaria coordenadora da Força Nacional de Segurança (FNS) em 2020<sup>163</sup>. Os primeiros treinamentos ocorreram ainda no final da década de 2000 e receberam o apoio extrainstitucional desses agentes, em um momento em que Bernardo Aguiar Caetano ocupava o posto de major na PMCE, Keydna Carneiro era capitã da corporação, a Febracis se consolidava enquanto instituição e Paulo Vieira ainda residia em Fortaleza, sua cidade natal. Em entrevista concedida em maio de 2023 a esta pesquisa<sup>164</sup>, o tenente-coronel Aguiar Caetano relata que esse período inicial de atividades contou com a mediação crucial de sua equipe, desenvolvendo-se posteriormente como uma prática institucionalizada no sistema prisional. Paulo Vieira se envolveria com afinco na tarefa de levar o coaching ao ambiente da prisão, inclusive apoiando financeiramente egressos em seu retorno à liberdade – sem contrapartidas e nem divulgação –, e ampliando seus treinamentos para agentes do sistema penitenciário:

Ele [Paulo Vieira] ia e voltava comigo, com a minha equipe. E aí os presos passaram por todo esse ciclo. A coronel Keydna também participou. É difícil relatar todas as coisas que nós vivemos lá dentro. Experiências muito ricas, de fato. Depois disso, ele [Paulo Vieira] passou ainda um tempo cuidando daqueles que conseguiram sair do sistema [prisional]. O Paulo deu apoio, inclusive financeiro, pra alguns desses presos, sem fazer propagação, sem fazer divulgação. [Depois] A coronel Keydna foi chamada para uma coordenadoria dentro do sistema prisional, tratando de outras demandas. E o Paulo continuou dando apoio. Eu me lembro que o Paulo participou de treinamentos, na época, na Secretaria de Justiça e Cidadania, que cuidava do sistema penitenciário. Hoje nós temos uma secretaria própria, de Administração Penitenciária. Na época era uma secretaria que fazia outras coisas também. E nesse processo de conclusão, digamos assim, da etapa de apoio, o Paulo se comprometeu a capacitar pessoas do sistema penitenciário aqui do estado do Ceará. Ele deu cinco cursos completos, de tudo que a empresa [Febracis] tinha, para alguns egressos e para pessoas indicadas pela secretaria que cuidava do sistema penitenciário. Foram processos [de coaching] completos, com o cuidado de dizer: ‘olha, eu não vou poder acompanhar sempre, mas eu quero capacitar pessoas, e essas pessoas vão dar continuidade [ao projeto]’.

---

<sup>163</sup> O Povo. “Primeira mulher a ocupar cargo de coordenadora na Força Nacional é cearense; conheça perfil de Keydna”. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2020/03/07/1---mulher-a-ocupar-cargo-de-coordenadora-na-forca-nacional-e-cearense.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

<sup>164</sup> Agradeço ao tenente-coronel Aguiar Caetano pela gentileza da entrevista e pela disponibilização do acesso a planilhas, listas, despachos e outros documentos relativos à institucionalização do Método CIS na SSPDS. Alguns desses dados são sistematizados e descritos nesta seção, como complemento às informações que ponho em relevo.

Tenente-coronel Aguiar Caetano, em entrevista concedida ao autor em 04/05/23.

Dos primeiros treinamentos até o presente momento, de acordo com o tenente-coronel, mudanças significativas ocorreriam. O crescimento da popularidade de Paulo Vieira e a diversificação das suas ocupações envolvendo a Febracis fizeram com que ele interrompesse, temporariamente, o envolvimento pessoal com os treinamentos efetivados no sistema prisional. Mais tarde, com a pandemia de Covid-19, o Método CIS ganharia outro fôlego e passaria a ser retransmitido unicamente em formato remoto nas prisões, como já evidenciara o juiz Deomar Barroso em seu discurso na Câmara dos Deputados, expandindo-se para além dos limites que antes encontrava em sua inserção no sistema prisional do Ceará e, pontualmente, de outros estados. No decurso desse tempo, as corporações de segurança pública ganhariam a atenção de Paulo Vieira, em um processo de institucionalização do Coaching Integral Sistêmico que seria apoiado e capitaneado pela SSPDS, novamente com a liderança do tenente-coronel Aguiar Caetano. Em 2013, Paulo Vieira realizou uma série de palestras junto aos operadores de segurança pública, em sua maioria policiais militares, com o apoio da CODES. Em seguida, estabeleceu-se uma dinâmica em que cada operador, ou um pequeno grupo formado por até quatro pessoas, era acompanhado em oito sessões individualizadas por um coach vinculado à Febracis. Naquele ano, mais de 40 agentes da SSPDS concluíram seus processos de coaching.



Figura 5.2 – Paulo Vieira palestra para policiais militares do Ceará, em 2013. Fonte: Arquivo pessoal do tenente-coronel Bernardo Aguiar Caetano. Foto cedida ao autor para publicação na tese.

Nos anos seguintes, a oferta de treinamentos pela Febracis seguiu ocorrendo na SSPDS, seja por meio de processos de coaching e palestras realizadas no âmbito institucional,

seja através da disponibilização de vagas gratuitas para a participação dos operadores de segurança pública no Método CIS. Segundo o tenente-coronel Aguiar Caetano, Paulo Vieira participou eventualmente de seminários de formação promovidos pela CODES. Nesse ínterim, uma iniciativa com características singulares, efetivada em 2018 através de uma parceria da CODES/SSPDS com a Febracis, merece destaque e alguns comentários. Um curso de formação em Coaching Integral Sistêmico voltado exclusivamente para gestores da área de segurança pública do estado do Ceará foi realizado na sede da Febracis, em Fortaleza. Novamente não houve qualquer tipo de cobrança pecuniária. O curso teve duração total de 268 horas e foi desenvolvido em dois módulos entre os meses de junho e julho. Cada módulo tinha um formato de imersão de quatro dias, à maneira do que ocorre com o treinamento do Método CIS. A atividade era facultativa e foi direcionada a oficiais e gestores das instituições, sendo divulgada pela Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social e obtendo 96 inscritos e 83 concluintes. A tabela 5.1 mostra a disposição de operadores por instituição, o número de operadores concluintes da formação e a porcentagem de aproveitamento das inscrições por instituição.

Tabela 5.1 – Operadores inscritos e concluintes na formação em Coaching Integral Sistêmico para gestores de segurança pública, em 2018. Fonte: Dados internos oficiais da CODES/SSPDS disponibilizados ao autor.

<b>INSTITUIÇÃO DOS OPERADORES</b>	<b>NÚMERO DE OPERADORES INSCRITOS</b>	<b>NÚMERO DE OPERADORES CONCLUINTES</b>	<b>PORCENTAGEM DE APROVEITAMENTO DAS INSCRIÇÕES</b>
SSPDS	3	1	33%
PMCE	52	44	84,6%
CBMCE	15	14	93,3%
PEFOCE	7	6	85,7%
TJCE	3	3	100%
PCCE	16	15	93,7%
<b>TOTAL</b>	<b>96</b>	<b>83</b>	<b>86,4%</b>

Note-se que o percentual de aproveitamento das inscrições no curso tem peso relativo, pois esse índice está associado à variabilidade do número de operadores inscritos por instituição/corporação. Houve grande discrepância de uma instituição/corporação a outra. A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), parceira da Febracis na oferta da formação, teve apenas três inscritos. Da corporação com o maior número de inscritos, a Polícia Militar (PMCE), oito inscritos não concluíram a formação. Essa lacuna não afeta tanto a

porcentagem de aproveitamento da instituição quanto a única ausência de operadores do Corpo de Bombeiros Militar (CBMCE), da Perícia Forense (PEFOCE) e da Polícia Civil (PCCE). De forma paralela, a conclusão do curso por todos os três inscritos da Assistência Militar do Tribunal de Justiça (TJCE) não indica vantagem considerável em números absolutos e relativos. O que importa, do ponto de vista qualitativo, é que as inconclusões foram mais significativas nos casos em que houve menor número de inscritos e em que as ausências foram de servidores ou operadores de segurança pública com posição mais elevada na hierarquia. Dentre os inscritos da SSPDS, por exemplo, encontravam-se listados o secretário e o secretário-adjunto da pasta, representando os postos mais altos da secretaria; todavia, apenas a terceira inscrita, uma servidora da CODES, compareceu à formação. Nos demais órgãos, as ausências foram, em sua maioria, de diretores, comandantes e coordenadores. As faltas da Polícia Militar foram de oficiais de batalhões de choque e forças especiais, grupamentos de elite da corporação. O esvaziamento do curso com relação a gestores que ocupavam posição elevada nas hierarquias institucionais denota, portanto, um certo desprestígio da formação por parte dessas autoridades.

Quanto ao conteúdo ministrado, destacam-se, no informativo do curso distribuído aos operadores e instituições de segurança (ver anexo II), módulos de *mindfulness*, descrito como uma “técnica com respaldo científico, que tem ajudado executivos a ter mais foco e produtividade nas organizações”, e de neurociência, propagandeada como o espaço “onde você irá aprender sobre o funcionamento do cérebro e como potencializá-lo para obter os melhores resultados”. A apropriação da neurociência pelo Coaching Integral Sistêmico, que se dá de forma mais abrangente no âmbito da metodologia de Paulo Vieira, é aqui acompanhada do *mindfulness*, prática de meditação que tem sido deslocada de tradições espirituais originárias e incorporada por protocolos científicos da psicologia e da psiquiatria (Carvalho & Paccillo, 2024). Um certo efeito de *merchandising* também é produzido com a informação de que há a possibilidade de que o curso ultrapasse a carga horária de 268 horas oferecida gratuitamente e alcance 472 horas com a aquisição de mais horas complementares na Febracis, de acordo com o desejo do aluno/formando. Os objetivos declarados quanto à formação são os seguintes: preparação para o mercado de coaching; produção de um novo estilo de vida; desenvolvimento de potencialidades; e simulação de sessões de coaching. O curso é descrito como voltado para a capacitação dos concluintes a atuarem com sessões e palestras de coaching, na perspectiva do Coaching Integral Sistêmico, e a ter “mais segurança e habilidade [na] realização de projetos, maior tranquilidade em momentos desafiadores, além de [proporcionar o] fortalecimento da capacidade de gestão”. Menciona-se ainda haver a atribuição de duas certificações para os

concluintes: uma nacional, da Febracis, e outra internacional, emitida pela Florida Christian University (FCU), instituição onde Paulo Vieira estudou e é professor nos Estados Unidos.

É mister sublinhar que, no âmbito institucional da SSPDS, o Método CIS e o projeto “Coaching pela Paz” são tratados como instrumentos voltados para o “cuidado com a saúde mental” dos operadores de segurança.<sup>165</sup> Esse é o argumento que perpassa todas as justificações feitas do projeto pelos seus agentes, desde a sessão solene na Câmara dos Deputados até articulações para a expansão do Método CIS em corporações de segurança de estados que ainda não contam com os treinamentos institucionalizados. O tenente-coronel Aguiar Caetano é coautor de um artigo (Oliveira, Rosa & Caetano, 2017) da área de Ciências Policiais em que a implementação do Método CIS na Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) é avaliada. A institucionalização do Método CIS como política pública de segurança é defendida pelos autores através de uma ênfase na potencialidade da metodologia de Paulo Vieira para fortalecer uma saúde mental que é posta em risco no cotidiano de trabalho dos operadores de segurança. Tomando como “*case*” de sucesso a experiência do projeto no Ceará, Oliveira, Rosa e Caetano realizam um trabalho de campo na PMDF com vistas a identificar os principais problemas enfrentados no desempenho profissional da corporação. Eles chegam à conclusão de que fatores psicológicos como depressão, ansiedade e síndromes com origem psíquica, assim como desfechos como o suicídio, são decorrentes principalmente das condições emocionais extenuantes a que os policiais são submetidos todos os dias, prejudicando sua qualidade de vida e suas atividades. Ao considerar a necessidade de cuidar da saúde mental dos policiais, eles afirmam que o Método CIS pode atuar como uma “ferramenta de suporte no resgate destas potencialidades ofuscadas pelo adoecimento ou pelo esgotamento destes profissionais” (p. 1).

As parcerias da Febracis com outros estados brasileiros para o treinamento de agentes de segurança pública também foram consideradas em um levantamento que realizei a partir de informações do tenente-coronel Aguiar Caetano e de fontes dispersas na internet. Foi possível constatar graus mais avançados de institucionalização dos treinamentos em estados como Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, Mato Grosso do Sul e São Paulo, além do Distrito Federal. Neste último, a ação do Instituto de Desenvolvimento do Policial Militar (IDPM), criado em 2018 por um sargento formado em coaching pela Febracis, parece assumir alguma relevância<sup>166</sup>. Em

---

<sup>165</sup> Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará. “SSPDS inicia inscrições para nova edição do curso ‘Método CIS em Casa’ até 18 de outubro”. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2021/09/20/sspds-inicia-inscricoes-para-nova-edicao-do-curso-metodo-cis-em-casa-ate-18-de-outubro/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

<sup>166</sup> Estabeleci contato telefônico, por aplicativo de mensagens e por redes sociais, com o sargento responsável pelo IDPM. Infelizmente, por razões desconhecidas, todas as tratativas para agendar uma entrevista foram infrutíferas.



Rondônia, Mato Grosso do Sul e São Paulo, o projeto mantém a denominação original “Coaching pela Paz”. Cabem considerações específicas sobre os dois últimos: no estado sul-mato-grossense, o treinamento é oferecido desde 2021 à Guarda Civil Metropolitana de Campo Grande, através de uma parceria com a Secretaria Especial de Segurança e Defesa Social (SESDES) do município; já no estado paulista, o foco tem sido o treinamento de agentes da Guarda Municipal de Campinas. A primeira e única turma do projeto foi formada em 2019 por cinco oficiais da corporação e pelo então secretário de Segurança Pública do município, Luiz Augusto Baggio. Em comentário feito à época a uma reportagem do jornal *Correio Popular*, o secretário declarou que a importância da oferta do Método CIS aos operadores de segurança do município advinha de sua capacidade de garantir o preparo emocional destes para a “construção de reação a uma situação dada, que pode ser uma tragédia”. Suas referências mais imediatas eram os ataques por tiroteio à Catedral Metropolitana de Campinas e à Escola Estadual Raul Brasil, de Suzano/SP, que ocorreram entre o final de 2018 e o início de 2019 e desafiaram as forças de segurança e o Poder Público local<sup>167</sup>. Após contato com a Secretaria de Segurança Pública de Campinas, fui informado de que o projeto não teve continuidade depois de 2019.

No âmbito do estado de São Paulo, a despeito da chegada do deputado Capitão Derrite à chefia da pasta de Secretaria de Segurança Pública em 2023, foi-me possível constatar apenas uma ação envolvendo diálogos entre a Febracis e instituições de segurança pública paulistas. Trata-se de uma reunião realizada em maio, no Quartel do Comando Geral da Polícia Militar, em que Paulo Vieira e o coach Flávio de Araújo, diretor da unidade da Febracis de Santo André/SP, foram recebidos pelo comandante-geral da corporação, coronel Cássio Araújo de Freitas (ver figura 5.3). Na ocasião, que foi divulgada apenas pelos *stories* do perfil público de Paulo Vieira no Instagram, não tendo repercussão nas mídias oficiais da Polícia Militar ou da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, o coach apresentou ao chefe da corporação os resultados da implementação dos treinamentos pelo Método CIS em corporações de segurança de outros estados brasileiros. Esses resultados foram descritos em termos dos benefícios do Coaching Integral Sistêmico para a saúde mental e emocional de policiais, bombeiros e outros profissionais diariamente expostos aos riscos do adoecimento psíquico próprios de seus ofícios. Uma das cenas da reunião gravadas e transmitidas no Instagram de Paulo Vieira mostrava o

---

<sup>167</sup> Fontes das informações relativas ao DF: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/01/4903797-presidiarios-recebem-treinamento-de-inteligencia-emocional-para-recuperacao.html>, ao PI: <http://www.pm.pi.gov.br/noticia.php?id=7210>, ao RJ: <https://veja.abril.com.br/brasil/policiais-do-rio-recebem-coaching-de-inteligencia-emocional/>, a RO: <https://pm.ro.gov.br/?p=27440>, ao MS: <https://www.diariodigital.com.br/geral/inteligencia-emocional-vira-ferramenta-para-ajudar-na-seguranca-publica> e a SP: <https://correio.rac.com.br/campinasermc/gm-de-campinas-participa-do-coaching-pela-paz-1.599002>. Acesso a todos os links: 13 fev. 2023.

coach apresentando ao coronel uma matéria do jornal *Folha de São Paulo* que evidenciava dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022. O índice mais enfatizado era o aumento de 55% no número de suicídios de policiais (civis e militares) no Brasil entre 2020 e 2021. A pesquisa, conduzida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, não contava com os dados de quatro estados, o que, como lembrava a matéria, poderia indicar subnotificação.<sup>168</sup> Não houve, após a reunião, desdobramentos que viessem a público sobre parcerias da Febracis com a Polícia Militar ou com outras corporações de segurança pública do estado de São Paulo.

No plano nacional, as articulações em torno do Método CIS ganharam novo episódio com a realização de uma reunião, no final de novembro de 2023, entre Paulo Vieira, o juiz Deomar Barroso e André Mendonça, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), em Brasília. Uma vez mais, a divulgação da ação foi modesta, não passando pelos canais de comunicação do STF ou por qualquer mídia impressa ou digital. Não se tem notícias de pronunciamentos do ministro sobre o assunto. Os únicos registros do evento podem ser encontrados nas redes sociais do coach e do juiz. Em uma publicação destinada a comentar o encontro, Paulo Vieira externaliza que o foco da reunião foi seu “sonho” com “um Brasil melhor”, com “ver uma sociedade mais desenvolvida intelectualmente” e com “ver a educação chegando nos 4 cantos do Brasil”, o que é ilustrado por um comentário sobre a inserção do Método CIS no sistema prisional e sobre a eficácia da metodologia para diminuir índices de reincidência criminal.<sup>169</sup> O juiz Deomar Barroso, por sua vez, publica em seu perfil a mesma foto que Paulo Vieira (ver figura 5.4), enfatizando que a conversa com o ministro abordou os benefícios do Método CIS para a ressocialização dos detentos e os demais projetos sociais liderados pelo magistrado no Pará.<sup>170</sup> As reuniões com o comandante-geral da PM de São Paulo e com o ministro do STF se constituíram, portanto, como espaços de articulação político-institucional do Método CIS como política pública de segurança, ainda que não implicassem, em um primeiro momento, em efeitos imediatos, em divulgação oficial ou em compromissos públicos assumidos entre os agentes.

---

<sup>168</sup> Folha de S. Paulo. “Suicídio de policiais cresce 55% em um ano no Brasil”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/suicidio-de-policiais-cresce-55-em-um-ano-no-brasil.shtml>. Acesso em: 13 jan. 2024.

<sup>169</sup> Para a publicação de Paulo Vieira: <https://www.instagram.com/p/C0SI01jOnhf/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

<sup>170</sup> Para a publicação de Deomar Barroso: <https://www.instagram.com/p/C0ZK-czORn9/>. Acesso em: 13 jan. 2024.



Figura 5.3 – Paulo Vieira e o comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Cássio Araújo de Freitas, em reunião realizada em 09/05/2023. Fonte: Perfil oficial de Paulo Vieira no Instagram.



Figura 5.4 – Paulo Vieira (à esquerda) e o Juiz Deomar Barroso (à direita) se reúnem com o Ministro André Mendonça (ao centro) no STF, em 29/11/2023. Fonte: Perfil oficial de Paulo Vieira no Instagram.

#### 5.4 – Os treinamentos e os seus canais de institucionalização

Nos diferentes estados da federação em que está presente como política pública voltada para a promoção da saúde mental de profissionais de corporações de segurança, o Método CIS apresenta variados canais de institucionalização. Se em determinados casos, como no do Ceará, pode-se constatar um diálogo do coaching de Paulo Vieira com a questão da violência que se expande de uma entrada no sistema prisional para uma posterior institucionalização em corporações de segurança, em outros estados essa relação não necessariamente tem se construído da mesma forma. Há contextos em que a presença do Método CIS é marcadamente recente, ou em que os treinamentos chegam ao conhecimento das autoridades de segurança pública por caminhos diversos daquele que foi percorrido pela experiência original do Ceará. O próprio tenente-coronel Aguiar Caetano indica a existência dessa diversidade e a explica em termos do processo histórico de expansão do projeto “Coaching pela Paz” para outros estados:

Quando a Febracis começou a expandir os seus braços para outros estados, muitos policiais começaram a observar e a fazer o relato de como surgiu esse processo [dos treinamentos nas corporações], da nossa amizade, da nossa parceria aqui no Ceará – a matriz da Febracis era aqui. E os policiais começaram a perguntar: ‘Puxa, por que é que a gente não traz isso pro nosso estado?’ E aí entra o apoio do [setor] pedagógico [da Febracis] do Ceará. Houve um determinado período em que o setor pedagógico pediu para [a SSPDS] conectar policiais. Então eu recebi esse desafio de auxiliar no recrutamento de colegas. E se a gente fosse formalizar isso por termos de cooperação, com a parte burocrática, estado por estado, via secretarias de segurança pública, seria muito complexo. O senhor imagina. Com todas as ressalvas que existem, às vezes, em relação a questionamentos políticos. Então nós resolvemos fazer uma articulação mais informal. Nós tivemos o apoio muito grande da associação de militares evangélicos à época, porque existem muitas semelhanças do que a Febracis trabalha com princípios valorizados pela Bíblia, pela cristandade. De modo que os policiais que estão na caminhada cristã se identificam muito com alguns dos processos [de coaching da Febracis]. Em São Paulo me conectei com o [major] Daibert. O Daibert me deu o contato de pessoas pela associação nacional de [militares] evangélicos, e através dessas pessoas nós fomos formando um grupo. Isso um pouquinho antes da pandemia. E esse grupo de policiais que foi formado inicialmente, quase todos evangélicos, passou a fazer a divulgação [dos treinamentos pelo Método CIS] com os colegas.

Tenente-coronel Aguiar Caetano, em entrevista concedida ao autor em 04/05/23.

De acordo com o oficial, o impulso inicial para a articulação do projeto em outros estados brasileiros partiu do setor pedagógico da Febracis em Fortaleza, que procurou a SSPDS para “conectar policiais” a partir da experiência bem-sucedida no Ceará. O tenente-coronel Aguiar Caetano foi o agente encarregado de levar a tarefa adiante, logo notando que a institucionalização do projeto encontraria entraves de ordem burocrática e, eventualmente, política nas secretarias de segurança públicas estaduais. A solução adotada foi, então, a de expandir os treinamentos por meio de uma articulação informal, estabelecida com o auxílio de uma associação nacional de militares evangélicos<sup>171</sup>. O apoio dos policiais dessa associação, segundo Aguiar Caetano, estaria ligado à sua identificação com os treinamentos da Febracis, que “trabalha com princípios valorizados pela Bíblia, pela cristandade”. Os contatos de agentes-chave fornecidos através dessa associação, mobilizada por militares como o major Alexandre Daibert, da Polícia Militar de São Paulo, fizeram com que o tenente-coronel Aguiar Caetano e a equipe da CODES/SSPDS se munissem de eventuais parceiros na propagação do projeto

---

<sup>171</sup> Há diferentes associações de militares evangélicos atuantes no Brasil, muitas das quais de abrangência estadual. A referência do tenente-coronel Aguiar Caetano em nossa entrevista não precisou o nome completo da associação, indicando apenas se tratar de uma organização de abrangência nacional. Não me foi possível identificar a existência de uma “Associação Nacional de Militares Evangélicos” exatamente sob essa nomenclatura. Logo a seguir nos depararemos com mais uma referência feita a uma associação de militares evangélicos, dessa vez pelo major Daibert, mencionado pelo tenente-coronel. Alguns exemplos de organizações que congregam militares evangélicos no Brasil: União de Militares Cristãos Evangélicos do Brasil (UMCEB): <https://umceb.com.br/site/>; Aliança Evangélica Pró-Capelanias Militar e de Segurança Pública do Brasil (ACMEB): <http://acmeb.org.br/>; União de Militares Evangélicos da Marinha (UMEM): <http://www.umem.org.br/inicio/>. Acesso a todos os links: 15 jan. 2024.

“Coaching pela Paz” para corporações de segurança pública de todo o Brasil. De fato, toda uma mobilização extrainstitucional seria levada a cabo em período concomitante à emergência da pandemia de Covid-19, tendo o oficial da PMCE como articulador-geral. Os militares do grupo formado a partir da associação de militares evangélicos atuaram como articuladores informais do projeto nos estados, divulgando os treinamentos no interior de suas corporações. As intenções de participação de operadores de segurança eram comunicadas à Febracis, que, por sua vez, repassava vagas gratuitas aos profissionais nos treinamentos realizados em suas sedes.

No contexto do Ceará, um episódio ocorrido entre os anos de 2021 e 2022 alteraria a dinâmica de institucionalização das atividades envolvendo o projeto “Coaching pela Paz” na SSPDS. Chamado para palestrar em um treinamento de “potencialização da oratória” idealizado pela secretaria, Paulo Vieira teria emitido opiniões políticas que foram lidas por uma operadora de segurança pública presente ao evento como indevidas. A agente de segurança em questão levou uma denúncia de politização da atividade a público, gerando, de acordo com o tenente-coronel Aguiar Caetano, um “mal-estar” no interior da SSPDS, subordinada a uma gestão estadual comandada pelo partido opositor do líder político mencionado positivamente por Paulo Vieira no contexto da palestra. A partir dessa tensão, o projeto “Coaching pela Paz” foi suspenso temporariamente pela secretaria, sem ter tido novos desenvolvimentos desde então. O tenente-coronel menciona que aguarda o “distensionamento” da polêmica e da polarização política nacional para retomar as atividades do projeto na SSPDS, aprimorando as modalidades de palestras, treinamentos e formações em coaching para gestores de segurança pública.

Vale dizer, além disso, que a expansão do projeto “Coaching pela Paz” – nomenclatura nem sempre assumida em todos os estados – encontra barreiras e resistências, ou compromissos e facilidades, a depender de situações específicas que envolvem as corporações de segurança e os sistemas de segurança pública de cada estado. A seguir, analisaremos como quatro casos de institucionalização do coaching de Paulo Vieira em corporações de segurança pública jogam luz sobre os processos de assimilação dos treinamentos como política pública de segurança, a partir das especificidades que conformam os seus canais de institucionalização. Em face das características assumidas pelos treinamentos oferecidos a operadores de segurança – efetivados no ambiente físico das unidades da Febracis, durante o Método CIS global, concomitante ao Método CIS presencial de Paulo Vieira – não realizei observações *in loco* dos treinamentos, mas entrevistas com os agentes informais de articulação do “Coaching pela Paz” em três unidades federativas, conforme lista disponibilizada pelo tenente-coronel Aguiar Caetano.<sup>172</sup>

---

<sup>172</sup> A lista continha os nomes e contatos de todos os 27 articuladores informais componentes do projeto “Coaching pela Paz”. O grupo foi formado, como aqui reitero, após uma mobilização da associação de militares evangélicos.



### ***5.4.1 – Psicologia e coaching concorrentes – PMESP***

O primeiro cenário que destaco, a propósito dos canais variados de institucionalização do Método CIS e do projeto “Coaching pela Paz” nas corporações de segurança, é o do estado de São Paulo, já antes mencionado como um ambiente onde as relações institucionais com o coaching de Paulo Vieira não se fazem evidentes para além de iniciativas pontuais, como a empreendida pela Guarda Municipal de Campinas. Ao quadro da Polícia Militar de São Paulo (PMESP) está ligado o major Alexandre Daibert, mencionado pelo tenente-coronel Aguiar Caetano como um agente-chave no processo de interlocução com a associação de militares evangélicos. Em entrevista concedida em julho de 2023, o oficial da PMESP comentou sobre sua relação com o coaching de Paulo Vieira e sobre a oferta dos treinamentos baseados nessa metodologia aos operadores de segurança pública paulistas. O major acompanha o trabalho de Paulo Vieira desde 2018, tendo se tornado, desde então, um entusiasta do Método CIS e do coaching de uma forma geral. Sua afinidade com o Coaching Integral Sistêmico o levou, inclusive, a realizar cursos de coaching e programação neurolinguística (PNL) no Instituto Brasileiro de Coaching (IBC), na Sociedade Brasileira de Coaching (SBCoaching) e em outras instituições do coaching nacional, além de concluir duas pós-graduações pela Faculdade Metropolitana de Ribeirão Preto – uma em Coaching e outra em Programação Neurolinguística.

Apesar da identificação com o Método CIS e do contato com o tenente-coronel Aguiar Caetano, o major não se reconhece como um articulador oficial do projeto “Coaching pela Paz” na PMESP ou no estado de São Paulo. Ele indica que os treinamentos pelo Método CIS não são uma prática institucionalizada pela corporação de que faz parte ou pela secretaria de segurança pública de seu estado, e também reitera o fato de que não fala como um agente que representa essas instituições. Daibert menciona, inclusive, haver uma tendência de resistência à institucionalização de práticas de coaching por parte do alto escalão da PMESP. Dos 63 coronéis, oficiais que ocupam os postos mais altos na hierarquia da corporação, ele conhece apenas dois que são entusiastas do Método CIS e de sua aplicação no contexto policial. Essa resistência, de acordo com ele, se deve a desconfianças quanto a supostas “vantagens” que os promotores do Método CIS receberiam com os treinamentos – o que para ele não faz sentido, tendo em vista a gratuidade dos mesmos. Daibert lamenta a ausência de ações institucionais para a promoção de um projeto voltado para a saúde mental do policial militar, e indica os

---

Os agentes selecionados são policiais militares e bombeiros provenientes de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Distrito Federal, por razões que serão descritas nas subseções correspondentes à análise de cada um dos casos.

modos de sua ação individual na propagação extrainstitucional do projeto. O major mantém um grupo de WhatsApp com mais de 820 policiais, onde divulga os cursos e treinamentos da Febracis. Quando há vagas para a participação dos operadores de segurança no Método CIS em todo o estado de São Paulo, ele as divulga e as distribui para os policiais militares interessados em um trabalho que realiza voluntariamente, sem ter apoio ou oposição por parte da corporação.

Uma oportunidade de promover o coaching institucionalmente ocorreu quando o major trabalhava como capitão na Escola de Educação Física da PMESP e era responsável pelo setor de ensino. Naquele contexto, Daibert implementou a matéria “Filosofia e Coaching Esportivo” no percurso formativo dos policiais, incluindo o coaching como componente curricular. Depois de um ano, o oficial foi transferido da Escola de Educação Física e a matéria foi retirada do currículo. Segundo discorre, seu atual “maior sonho” é que haja a inclusão de três matérias nos cursos de formação de soldados, sargentos e oficiais da Polícia Militar: 1) “Desenvolvimento Humano” ou “Autoconhecimento”, com conteúdos de coaching, programação neurolinguística, hipnoterapia e inteligência emocional; 2) “Administração Financeira”; e 3) “Relacionamento Conjugal e Interpessoal”. Esta última disciplina concerniria ao tratamento de um problema considerado por Daibert como de “extrema relevância” na vida dos policiais, por lhes causar sofrimento psíquico e sérias consequências: as separações conjugais litigiosas que, não raro, resultam em crimes violentos e suicídios. Nesse ponto, o major faz referência às conclusões de uma tese de doutorado de um tenente-coronel da PMESP, que atesta que 55% dos casos de suicídio de policiais militares de São Paulo entre 2010 e 2020 ocorreram após episódios de desentendimento conjugal. Conforme o major, o autor da referida tese é um dos chefes do Centro de Atenção Psicológica e Social (CAPS) da Polícia Militar de São Paulo, responsável pela gestão das políticas de cuidado da saúde mental e emocional no seio da corporação.

Alexandre Daibert menciona ter convidado diversas vezes o referido tenente-coronel, que é psicólogo de formação, a conhecer os treinamentos de Paulo Vieira e o projeto “Coaching pela Paz”. No entanto, ele refere que seu colega de corporação é “totalmente refratário ao coaching e ao Método CIS”, tendo sempre rejeitado os seus convites. O major atribui a resistência do chefe do CAPS a uma reivindicação de exclusividade, por parte da psicologia, da “competência institucional de cuidar da saúde emocional”, e elabora uma crítica ao “caráter reativo” das ações promovidas pelo órgão. Segundo ele, o Método CIS seria proveitoso para o policial militar por “trabalhar o preventivo” ao invés do “reativo” e “despertar e expandir a consciência para uma mudança de comportamento”, incorporando a perspectiva de um desenvolvimento integral inspirado em um “verdadeiro olhar holístico sobre o ser humano”:



Como os profissionais de psicologia, na sua formação, assumem esse papel de serem os detentores da competência institucional de cuidar da saúde emocional, da saúde psicológica dos policiais, eles não querem perder esse espaço. Mesmo enfrentando o desafio dessa pandemia de suicídios que existe. (...) Na minha opinião, eles [os psicólogos] não fazem nada em caráter preventivo. Tudo o que eles fazem é em caráter reativo. E eu vejo o quanto o Método CIS é benéfico para a nossa profissão por trabalhar o preventivo, por despertar e expandir a nossa consciência para uma mudança de comportamento como seres humanos, como profissionais, na área da saúde física, na saúde familiar, na saúde financeira, entre outras áreas. É um verdadeiro olhar holístico sobre o ser humano.

Major Alexandre Daibert, em entrevista concedida ao autor em 21/07/23.

É seguindo essa linha de raciocínio e argumentação, portanto, que o major Daibert tem tentado convencer a hierarquia da Polícia Militar sobre a necessidade de valorizar as ações e os pressupostos do projeto “Coaching pela Paz”. Daibert considera o Método CIS benéfico para a saúde mental dos policiais por conta da aplicação de um “olhar holístico” sobre o ser humano que a situa no campo da prevenção, e não da reação, ao adoecimento psíquico. Os treinamentos de Paulo Vieira, na opinião do major, dão atenção à “saúde física, familiar e financeira, entre outras áreas” consideradas complementares entre si e componentes de uma saúde humana integral. Nesse sentido, a saúde mental não estaria dissociada de outras formas de saúde importantes para a prevenção de transtornos e distúrbios psíquicos e para o combate a resultados como a violência e o suicídio. O oficial dá testemunho de sua própria história de vida e da influência positiva do coaching sobre a sua saúde para ilustrar esse ponto. Daibert relata ser oriundo de uma família “totalmente desestruturada”, marcada pelo suicídio da mãe quando tinha 15 anos de idade e pela ausência de uma relação saudável com o pai “a vida toda”. Diante das dificuldades enfrentadas, o major encontrou no coaching uma força a mais para persistir em sua vida e carreira e se sensibilizar com colegas em situação de sofrimento e adoecimento psíquico: “É um tema que me mobiliza muito, e que faz com que, a cada policial que comete suicídio, eu sinta na pele”. O major expressa esse sentimento em um texto que escreveu e que compartilha há cinco anos em grupos de WhatsApp e em interlocuções pessoais. O texto me foi transmitido na íntegra, tendo o major manifestado o desejo de que o mesmo fosse publicado:

Cabe apontar que pesquisas recentes têm demonstrado que a atividade policial está entre as profissões mais estressantes do mundo. A convivência diária com o perigo, a proximidade da morte e da dor e o envolvimento com misérias e crises humanas das mais variadas afetam a estrutura emocional do profissional de segurança pública, o qual, não obstante, precisa mostrar-se forte e manter o equilíbrio a fim de bem desempenhar sua missão. Somado a essa realidade, o policial, como qualquer outro ser humano, ainda precisa administrar seus próprios conflitos pessoais, relacionais e profissionais, não podendo, contudo, permitir que eles interfiram em seu controle emocional e em seus valores éticos e morais, os quais são indispensáveis para o bom exercício profissional e que poderiam, quando afetados, trazer riscos à sua própria vida, à de seus companheiros ou até mesmo à do cidadão que depende dele para sua

segurança. Superar esse cenário de violência e manter o equilíbrio durante todo o tempo é uma tarefa muito árdua. Essa exposição constante a toda espécie de miséria humana muitas vezes o torna embrutecido, desconfiado, insensível e menos propenso a falar de seus conflitos pessoais, profissionais e dificuldades mais íntimas. Normalmente ele sofre sozinho e evita, a todo custo, buscar qualquer tipo de ajuda, pois lhe parece um paradoxo ter que, em determinados momentos, ser ou parecer tão forte e em outros expor suas fragilidades e fraquezas. Alimenta o pensamento de que pedir conselhos, revelar os sentimentos ou solicitar ajuda para alguém é algo que contraria frontalmente a expectativa do consciente coletivo do super-homem que precisa estar sempre pronto para ajudar as pessoas, independente das circunstâncias.

Diante das resistências ao coaching e ao Método CIS encontradas na estrutura de apoio psicológico da PMESP, Daibert cogitou um outro caminho possível para a institucionalização do projeto na corporação: o trabalho de capelania nela realizado. De acordo com o oficial, não há na PMESP uma estrutura oficial de capelania, sendo a assistência religiosa desenvolvida de forma voluntária por militares ligados à Associação dos Policiais Militares Evangélicos do Estado de São Paulo (Associação PM's de Cristo).<sup>173</sup> O major relata que conseguiu com que o presidente da associação, um coronel já na reserva, comparecesse a um treinamento de Paulo Vieira. Ele ponderou que, pela proximidade de agentes evangélicos com o Método CIS, pensava que o coronel poderia “comprar essa ideia” e incorporar as ações do projeto “Coaching pela Paz” no trabalho desenvolvido pela capelania. No entanto, o presidente da Associação PM's de Cristo também apresentou resistências, as quais foram inicialmente lidas pelo major como um receio de haver nos treinamentos pelo Método CIS “propagandas comerciais” – a despeito de sua gratuidade. Posteriormente, Daibert elaboraria a opinião de que a recusa do coronel se deveria mais à sua posição de não interferência sobre um assunto reconhecido como de domínio do CAPS do que a uma objeção pessoal ao coaching. Defrontado com mais uma resistência, o major compreende, finalmente, que a falta de um espaço de apoio institucional ao projeto “Coaching pela Paz” na PMESP é decorrente da dificuldade de modificar as relações de poder elaboradas no interior da corporação, as quais dão preeminência à psicologia institucionalizada na formulação de políticas e ações relativas à promoção da saúde mental dos policiais militares.

#### ***5.4.2 – Coaching e currículo formativo – CBMRS***

Em outro cenário estadual, os caminhos de institucionalização dos treinamentos pelo Método CIS seguem a estratégia esboçada por major Daibert na Escola de Educação Física da

---

<sup>173</sup> Segundo a definição presente em seu site, a associação é “formada por policiais de diversas denominações que, em parceria com a comunidade cristã, colaboradores e voluntários, de forma abnegada, pela fé, atuam a favor da valorização da figura humana do PM”. Disponível em: <https://www.pmsdecristo.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PMESP. O Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul (CBMRS) tem como um de seus coronéis Maurício Ferro Corrêa, que até dezembro de 2023 ocupava o posto de tenente-coronel e diretor da Academia de Bombeiros Militar (ABM) da corporação. Embora seu nome não constasse na lista original de articuladores do Método CIS elaborada pelo grupo formado em torno do tenente-coronel Aguiar Caetano e da associação de militares evangélicos, Corrêa atua hoje como o principal divulgador do projeto no Rio Grande do Sul. Ao contatar a major indicada na lista, com a finalidade de avançar com as interlocuções da pesquisa em corporações de segurança gaúchas<sup>174</sup>, fui informado pela oficial de que o coronel Corrêa assumira a função extrainstitucional de articulação que antes lhe coubera. Reuni-me com ele em julho de 2023, quando compareci à sede da ABM, no Quartel do Comando-Geral do CBMRS em Porto Alegre.

O coronel discorreu, em nossa conversação, sobre sua carreira e sobre como veio a conhecer o Método CIS. Corrêa foi policial militar na Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS) por 12 anos, vindo a se tornar bombeiro militar após um concurso realizado em 2010. Seu trajeto foi comparado ao de um outro militar, o deputado e secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo Guilherme Derrite, amigo pessoal de Corrêa, que também foi policial militar e se tornou depois bombeiro. O coronel relata que a vida como policial, embora fosse seu sonho de infância, contou com episódios que abalaram profundamente suas convicções pessoais. No atendimento a uma ocorrência de estupro contra uma criança de um ano, por exemplo, ele deixou de acreditar em Deus, retomando a crença depois de vários anos, quando, já bombeiro, realizaria o treinamento do Método CIS de Paulo Vieira e nele teria contato com uma experiência “impactante”. O oficial, que se define como católico, foi convidado para participar do Método CIS por um irmão que reside em Brasília e é evangélico. Ele a princípio manifestava resistências e “nutria preconceitos” contra o coaching, mas, mesmo assim, resolveu comparecer ao treinamento na Febracis. Os resultados, segundo ele, foram imediatos. Corrêa afirma ter mudado de opinião sobre o coaching após os primeiros 30 minutos de treinamento, retomando sua crença em Deus e no cristianismo como consequência de uma experiência de “transformação” pessoal vivida a partir do evento. Ele reconhece que esse processo estaria ligado mais a uma intervenção divina operada por meio do treinamento de Paulo Vieira do que propriamente ao coaching: “a força do Método CIS é ser 60% Bíblia + 40% coaching e ciência”.

Corrêa pondera que a exposição diária dos profissionais de segurança pública a perigos de vida, a traumas psicológicos e choques emocionais ao longo de toda a carreira profissional

---

<sup>174</sup> Além do CBMRS, contatei a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que respondeu, por meio da mensagem nº 1466/EMBM-PM3/2023, não contar com os treinamentos pelo Método CIS no âmbito de suas atividades.

requer que os mesmos tenham sua fé na vida e na profissão que exercem “reciclada”, de forma a evitar o adoecimento psíquico e consequências como o suicídio. Na visão do coronel, experiências como a que o Método CIS proporciona oferecem uma oportunidade de profunda “transformação” que se projeta sobre a vida pessoal e profissional dos operadores de segurança pública. Essa “transformação” não é descrita pelo oficial em termos de uma adesão religiosa, mas com ela se conecta no seu próprio testemunho, relativo à retomada da fé cristã a partir da participação no Método CIS, e nos exemplos de outras iniciativas extrainstitucionais presentes no CBMRS, as quais contribuem, na perspectiva do coronel, para propósitos semelhantes de “transformação” na vida dos bombeiros militares. Esses exemplos convergem em torno da assistência religiosa prestada no seio da corporação por grupos cristãos de variadas origens, desde batistas até testemunhas de Jeová. Como não há no CBMRS uma estrutura oficial de capelania, tais grupos não são apoiados ou vetados pela corporação em seu trabalho informal de assistência religiosa. Um grupo citado pelo coronel com ações neste sentido é a Universal nas Forças Policiais (UFP)<sup>175</sup>, projeto mantido pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Segundo Corrêa, bombeiros ligados à UFP realizam com frequência breves cultos e reuniões dedicadas a cantos, orações e à leitura da Bíblia, nos horários de intervalo e folga do trabalho. Para ele, esses encontros de exercício da fé colaboram para evitar que a “sobrecarga emocional” da função que os bombeiros desempenham comprometa suas vidas pessoais e profissionais.

De acordo com o coronel, a despeito do acesso gratuito ofertado aos bombeiros a um instrumento de “transformação” como o Método CIS, o treinamento ainda não se encontra oficialmente institucionalizado no CBMRS. À maneira do que ocorre na PMESP, a participação dos bombeiros depende de uma divulgação informal das vagas ofertadas pela Febracis, feita a partir de grupos de WhatsApp e comunicados distribuídos de maneira extrainstitucional pelo

---

<sup>175</sup> A UFP, coordenada nacionalmente pelo major capelão da Polícia Militar do Maranhão, pastor Roni Negreiros, foi instituída em 2018 e tem como objetivo “atender membros das forças de segurança do país, por meio de palestras preventivas sobre corrupção, ética, drogas, estrutura familiar, casamento e educação dos filhos. Também são promovidos cultos e atendimentos pastorais”. Conferir o artigo “Você já conhece o trabalho do UFP?” no site da IURD. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/voce-ja-conhece-o-trabalho-do-ufp/>. A UFP tem recebido tanto homenagens político-institucionais por seu trabalho como acusações de “doutrinação” e “infiltração” nas polícias advindas da imprensa. Ver: R7. “Programa de assistência a forças policiais da IURD é homenageado na ALMG”. Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-no-ar/videos/programa-de-assistencia-a-forcas-policiais-da-iurd-e-homenageado-na-almg-12052023-1>; Câmara Municipal de Bauru. “Projeto UFP Universal nas Forças Policiais recebe Moção de Aplauso”. Disponível em: <https://www.bauru.sp.leg.br/imprensa/noticias/projeto-ufp-universal-nas-forcas-policiais-recebe-mocao-de-aplauso/>; Intercept Brasil. “Fardados e consagrados: como a Igreja Universal está doutrinando as forças policiais do Brasil – e os governos fingem que não veem”. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/05/29/como-a-igreja-universal-esta-doutrinando-as-forcas-policiais-do-brasil-e-os-governos-fingem-que-nao-veem/>; UOL. “Universal usa 20 mil pastores e obreiros para doutrinar polícias do Brasil”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/06/29/universal-usa-20-mil-pastores-e-obreiros-para-doutrinar-policias-do-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso a todos os links: 16 jan. 2024.

coronel aos praças e oficiais da corporação. Os bombeiros que manifestam interesse têm seus nomes levados à Febracis e recebem gratuidade para a participação nos treinamentos pelo Método CIS realizados em formato global pela franquia da empresa em Porto Alegre. Além disso, o coronel refere que uma forma de institucionalização do Coaching Integral Sistêmico em vias de estabelecimento no CBMRS é a introdução de técnicas e conceitos oriundos do Método CIS na disciplina de “Gestão de Pessoas”, incluída na grade curricular dos cursos de soldados e do oficialato e ministrada pelo próprio coronel na Academia de Bombeiros Militar (ABM) da corporação. Até dezembro de 2023, como mencionado anteriormente, Corrêa era diretor da ABM, setor responsável pelo ensino e pela formação dos bombeiros militares no Rio Grande do Sul. Além da disciplina, o coronel projeta um curso a ser desenvolvido em 2024 na ABM, nos moldes de uma especialização, em parceria com uma universidade a ser escolhida. O curso trataria de temas como coaching, inteligência emocional e desenvolvimento pessoal.

#### ***5.4.3 – Desenvolvimento humano e saúde mental – CBMDF***

A área de ensino também tem sido o canal de institucionalização preconizado no Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), onde o tenente-coronel Raphael de Souza, comandante do 34º Grupamento da corporação, é o articulador da distribuição dos treinamentos aos bombeiros militares. Esse trabalho de articulação se desenvolve informalmente, a partir da iniciativa individual do oficial, como ocorre nos casos da PMESP e do CBMRS. O nome do tenente-coronel Souza estava inserido na lista de articuladores estaduais do projeto “Coaching pela Paz” distribuída pelo tenente-coronel Aguiar Caetano. À época da mobilização fomentada pela associação de militares evangélicos e pela SSPDS/CE, Souza ocupava o posto de major na corporação de que faz parte. Sua nomeação como tenente-coronel foi efetivada em junho de 2023. Antes de entrar nos detalhes do processo de institucionalização do Método CIS no CBMDF a partir das informações coletadas em uma entrevista realizada com o tenente-coronel Souza em julho de 2023, é preciso mencionar uma situação específica que distingue a institucionalização do Método CIS nas corporações de segurança do Distrito Federal da que ocorre em outras unidades federativas brasileiras: no DF, a inserção dos treinamentos no Corpo de Bombeiros e na Polícia Militar segue caminhos independentes, tanto em estratégias adotadas como em relações institucionais mantidas e objetivos de formação estabelecidos pelos oficiais militares. Nesta subseção, deter-me-ei ao caso dos bombeiros, e na próxima subseção tratarei do caso da Polícia Militar, em uma abordagem que contemplará ainda outras dimensões.

Ao abordar os processos que ocorrem no CBMDF em relação ao Método CIS, o tenente-coronel Souza destaca a existência de ressalvas do efetivo e da instituição em torno da oferta gratuita dos treinamentos de inteligência emocional de Paulo Vieira, o que seria, em sua visão, consequência de um hábito de desconfiança desenvolvido pelos operadores de segurança pública. Os profissionais envolvidos com a garantia da segurança da população seriam “desconfiados” em relação a tudo – e quanto mais ao recebimento de “bolsas” sem contrapartida – em decorrência de seu contato com “o que tem de pior na face da Terra em relação ao ser humano”, com a “maldade” humana e com “violências extremas”. As “bolsas” referidas pelo tenente-coronel são as vagas gratuitas recebidas da Febracis e repassadas aos operadores de segurança. O oficial entende que o hábito da desconfiança deve ser “trabalhado”, porque “deixa a pessoa num estado de estresse, eleva a pessoa a um certo nível de ansiedade” e a prejudica:

O operador de segurança pública é um indivíduo que tem contato com o que tem de pior na face da Terra em relação ao ser humano. Ele vê a maldade do ser humano, ele tem contato com isso, com violências extremas. Isso tanto o policial militar quanto o bombeiro, o policial civil, o perito, o policial penal. Isso faz parte da rotina dele. E por conhecer bastante esse pior lado, as piores versões do ser humano, ele acaba se tornando um indivíduo desconfiado. E [isso] é uma coisa que tem que ser trabalhada. Não é bom que a gente tenha esse grau elevado de desconfiança. Isso deixa a pessoa num estado de estresse, eleva a pessoa a um certo nível de ansiedade. Então, pelo fato de ser desconfiado, quando o cara recebe uma bolsa, ele já imagina: ‘deve ser ruim’. Então é uma coisa que a gente teve que trabalhar, que demonstrar [aos operadores de segurança] que é uma questão de generosidade que envolve até uma questão pessoal do Paulo Vieira e da empresa dele [Febracis] em relação à responsabilidade social.

Tenente-coronel Souza, em entrevista concedida ao autor em 06/07/23.

Para Souza, a inserção do Método CIS nas corporações de segurança pública se justifica a partir do trabalho que é feito com eficácia – e gratuidade – pelo treinamento quanto a questões emocionais dos indivíduos, combatendo as condições de estresse, ansiedade e adoecimento psíquico que desembocam para o hábito da desconfiança e outras atitudes prejudiciais ao desempenho profissional dos operadores de segurança pública. Mas o tenente-coronel admite não se referir ao Método CIS como treinamento/metodologia de coaching ou de inteligência emocional no interior da corporação, para não correr o risco de uma “estigmatização”. Ao invés de usar termos como coaching e inteligência emocional, ele prefere falar do Método CIS como um processo de “desenvolvimento humano e alta performance”. Isso é feito justamente para evitar uma associação exemplificada em termos de uma relação vista como “estigmatizada” entre o tema da inteligência emocional e o trabalho de certos psicólogos:

A gente fala aqui [no CBMDF] que [o Método CIS] é um treinamento de desenvolvimento humano e alta performance. Por quê? Porque existem objeções em relação a esse termo – inteligência emocional. Existem objeções em relação ao psicólogo. Por quê? Porque são estigmatizados de que [a psicologia] não funciona. Isso por conta de maus profissionais que, de repente, o indivíduo precisa do tratamento e o psicólogo, em vez de aplicar todas as técnicas e perícias para resolver o problema, fica ali dez, vinte, trinta anos com sessões com o indivíduo. Então a psicologia, em si, é estigmatizada. Quando você fala em inteligência emocional, tem esse *link* com o psicólogo. Quando você fala em inteligência emocional também parece que é uma coisa voltada para os sentimentos, [para] uma sensibilidade exacerbada. Então aqui nós trabalhamos com desenvolvimento humano e alta performance.

Tenente-coronel Souza, em entrevista concedida ao autor em 06/07/23.

Segundo o tenente-coronel, há uma visão corrente entre os operadores de segurança de que determinados profissionais da psicologia retêm indivíduos em tratamento por um tempo muito extenso, sendo a psicologia estigmatizada como uma ciência ou um processo que “não funciona”. Processos de “desenvolvimento humano e alta performance”, por sua vez, teriam ação mais rápida e eficaz do que os tratamentos psicológicos. Na formulação que Souza expressa, inteligência emocional é tema relativo aos psicólogos, enquanto desenvolvimento humano é processo que se situa fora do domínio da psicologia. O oficial menciona que o tema do desenvolvimento humano não se vincula à área de saúde mental, mas ao âmbito do ensino e do “aprimoramento da performance”. Quanto aos processos de tratamento e acompanhamento associados na corporação à área de saúde mental, Souza afirma já ter ouvido do efetivo opiniões “estigmatizadas”, tais como “isso aí é pra quem é viciado em bebida, pra quem tem depressão, pra quem tem diagnóstico psiquiátrico”. O estigma também se estenderia à relação que em outra corporação, a Polícia Militar, é estabelecida com o setor de assistência religiosa. O tenente-coronel entende que o modo de institucionalização de treinamentos de inteligência emocional naquela corporação, ao ocorrer por meio da estrutura da capelania, também é estigmatizado pelos operadores de segurança pública, os quais muitas vezes dizem: “isso aí é coisa de igreja”.

Como alternativa, Souza projeta a institucionalização do Método CIS no CBMDF através do setor de ensino da corporação, definindo o treinamento como um processo de “desenvolvimento humano e alta performance”. Esse processo, no entanto, ainda está em curso. O tenente-coronel já realizou tratativas no interior da corporação para a análise do tema, mas, em decorrência da mudança do antigo gestor da área de ensino para outro setor, o projeto ainda não deslanchou. O oficial entende que esse caminho encontraria menos objeções e estigmatizações, por se dissociar de questões e estruturas relativas à saúde mental. O estado atual da inserção do Método CIS no CBMDF é caracterizado pela oferta de 10 a 20 vagas para bombeiros militares pela franquia da Febracis em Brasília, em toda edição do treinamento. Também têm sido realizadas reuniões antes e depois de cada edição, para que os bombeiros

deem um *feedback* de seu aproveitamento do treinamento e de suas perspectivas sobre o mesmo. O tenente-coronel sublinha ainda um entrave considerável ao projeto que é consequência direta de sua atual não institucionalização: como os treinamentos são realizados em parte durante o horário de expediente do efetivo, negociações difíceis de remanejamento de horários têm de ser constantemente realizadas entre os militares e seus superiores. Esse problema seria resolvido se houvesse o apoio formal da corporação ao projeto, em um acordo firmado com a Febracis: “O ideal é que mais à frente a gente tenha um acordo de cooperação com a Febracis nesse sentido”.

#### **5.4.4 – Inteligência emocional e capelania – PMDF**

Na Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), treinamentos de coaching e inteligência emocional se encontram institucionalizados para além do Método CIS, mas com origem e inspiração na metodologia de Paulo Vieira. Na corporação, esses treinamentos se conectam com o Serviço de Assistência Religiosa (SAR), ou capelania, formado por um capelão evangélico e por um capelão católico concursados. O SAR atende militares da ativa, da reserva, reformados, dependentes e servidores civis da PMDF, nessa ordem de prioridade<sup>176</sup>. O capelão-chefe é o tenente-coronel Gisleno Gomes de Faria Alves, que também é pastor batista, psicólogo e capelão evangélico na instituição. Faria Alves é graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília, além de secretário da Aliança Pró-Capelania Militar Evangélica do Brasil (ACMEB). O oficial possui também diversas formações em Coaching, Hipnoterapia e Programação Neurolinguística (PNL), as quais o aproximariam, ao longo dos anos, de metodologias e treinamentos que têm por foco o desenvolvimento da inteligência emocional. Por abertura do tenente-coronel, o Método CIS tem sido divulgado aos policiais militares do DF nos moldes do que ocorre no CBMDF, embora a participação dos operadores da corporação no treinamento de Paulo Vieira seja hoje menor do que no passado. O motivo é que um curso/treinamento de inteligência emocional próprio foi criado por Faria Alves e pela equipe da capelania, no formato de uma imersão semelhante à do Método CIS, mas “menor, mais concisa e mais focada nos policiais”:

A gente tem alguns parceiros [policiais] que são mais ligados à Febracis. Então eles estão sempre disponibilizando vagas no Método CIS. Mas a gente criou um curso nosso aqui, uma imersão voltada para policiais, para a realidade dos policiais. A gente tem ministrado a nossa [imersão], com a nossa equipe. (...) É uma imersão de inteligência emocional, tipo o Método CIS, [mas] menor, mais concisa e mais focada

---

<sup>176</sup> Polícia Militar do Distrito Federal. “Capelania Militar da PMDF”. Disponível em: <http://servicos.pm.df.gov.br/index.php/para-policiais/97-capelania>. Acesso em: 17 jan. 2024.



nos policiais. E isso tem sido bem aceito dentro da corporação, tá sendo bem desenvolvido. Já é uma medida institucional. Então a gente não manda mais muitos [policiais] para o Método CIS, não. Já enviamos antes, mas agora a gente tem algumas metodologias próprias que a gente acredita que suprem mais a nossa necessidade.

Tenente-coronel Faria Alves, em entrevista concedida ao autor em 05/07/23.

O treinamento assume o nome de “Transformação: Inteligência Emocional Prática” e é fundamentado, segundo divulgação realizada pelo site da PMDF, em “princípios judaico-cristãos, [reunindo] práticas como meditação de relaxamento e oração, com ferramentas de desenvolvimento de inteligência emocional oriundas do coaching”.<sup>177</sup> O objetivo da formação, de acordo com a mesma fonte, é a “promoção do autoconhecimento, a reprogramação de crenças limitantes, a ressignificação de traumas, o treinamento para autogestão de estados emocionais, dentre outras coisas, com o intuito de melhorar a qualidade de vida, desenvolver e reforçar a capacidade de enfrentamento de crises e obstáculos, bem como prevenir o suicídio, a violência doméstica, a dependência química e o endividamento”. A imersão é realizada em três períodos consecutivos, entre a noite de sexta-feira e a tarde de sábado, envolve “confrontação racional e vivência de estados emocionais intensos” e não tem periodicidade definida. Uma de suas edições, em outubro de 2021, ocorreu nas dependências da igreja Comunidade das Nações, em Brasília. Os instrutores do treinamento são o próprio tenente-coronel Gisleno Gomes de Faria Alves e Everlúcio Campelo, 2º tenente administrativo e integrante da equipe do SAR.

Os cursos de formação de soldados e de oficiais da PMDF contam com o treinamento entre suas atividades obrigatórias. No curso de soldados, que tem duração de oito meses, ele é inserido em uma disciplina curricular denominada “Relações interpessoais”, no bojo da qual também são realizados uma introdução sobre a importância do desenvolvimento da inteligência emocional e um seminário de quatro horas abordando o tema da prevenção ao suicídio. O treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática” trabalha, segundo o tenente-coronel Faria Alves, a “transição de estados emocionais” e a “ressignificação e significação do curso” pelos policiais militares, sendo assim definido: “Geralmente o treinamento ocorre do meio para o fim [do curso], para eles [os policiais] darem um significado para o ‘ser policial’ na vida deles”. No Curso de Formação de Oficiais (CFO), de três anos, faz-se o treinamento no segundo e no terceiro anos, com projeção de realização futura também no primeiro ano de curso.

---

<sup>177</sup> Polícia Militar do Distrito Federal. “Vagas limitadas para o curso ‘Transformação: Inteligência Emocional Prática’”. Disponível em: <https://www.pmdf.df.gov.br/index.php/institucionais/33171-vagas-limitadas-para-o-curso-transformacao-inteligencia-emocional-pratica>. Acesso em: 17 jan. 2024.



Figura 5.5 – Cadetes da 25ª Turma do Curso de Formação de Oficiais e soldados do 10º Curso de Formação de Praças concluintes do treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática”.  
Fonte: Frederico Nicurgo Oliveira/Reprodução/Site da Polícia Militar do Distrito Federal.

Nas atividades desenvolvidas pela capelania, há a possibilidade do atendimento pessoal, individualizado, aos policiais militares pela equipe do SAR. O tenente-coronel Faria Alves explicita que o apoio prestado pela capelania se estende do início ao fim da carreira do policial militar e está associado a diretrizes e objetivos institucionais da corporação, como a promoção da qualidade de vida dos profissionais e a prevenção ao suicídio. Esses objetivos estariam vinculados diretamente aos quatro “pilares” do trabalho da capelania: 1) a assistência espiritual, 2) a assistência religiosa, 3) a educação moral e 4) o desenvolvimento emocional.<sup>178</sup> O capelão-chefe pondera que um dos focos do trabalho da capelania, portanto, não é o coaching, mas a inteligência emocional, que corresponde a um desses objetivos, diretrizes ou “pilares”:

A gente não usa coaching, propriamente. A gente tem uma equipe de inteligência emocional. Começou com a influência do Paulo Vieira, com o Método CIS. Nós fomos com uma equipe pra lá [treinamento presencial pelo Método CIS], pra conhecer

<sup>178</sup> As quatro diretrizes são mencionadas no site da PMDF. Transcrevo-as aqui, por sua relevância para o entendimento da forma como o treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática” e as demais ações da capelania relativas à inteligência emocional são concebidas: “[A atividade da capelania] consiste na prestação de assistência religiosa, assistência espiritual e promoção de educação moral do efetivo. A assistência religiosa compreende o exercício de cultos, a celebração de ofícios, ordenanças, sacramentos e outros atos religiosos, de caráter confessional, em benefício dos integrantes da Instituição, conforme o credo professado pelo assistido. A assistência espiritual compreende o exercício de atividades de caráter religioso que transcendem os limites confessionais, direcionadas ao público geral com o objetivo de promover o desenvolvimento pessoal e institucional, elevar o moral individual e coletivo, bem como possibilitar um convívio fraternal e harmonioso nos ambientes profissional, familiar e comunitário. A educação moral objetiva o bem-estar do policial militar e de seus familiares e compreende as ações e atividades destinadas à formação, cultivo e fortalecimento de valores morais e éticos adotados pela Instituição. A Capelania promove a prática da fé e do relacionamento com Deus, como forma de desenvolvimento pessoal e Institucional. (...) Todos os serviços oferecidos pela Capelania são gratuitos”. Disponível em: <http://servicos.pm.df.gov.br/index.php/para-policiais/97-capelania>. Acesso em: 17 jan. 2024.

[a metodologia de Paulo Vieira]. Eu sou psicólogo também, além de teólogo e pastor. Então a gente foi pra conhecer, e eu vi muita coisa boa. Ele [Paulo Vieira] ofereceu uma formação de coaching para todos os policiais que estavam lá. Nós tivemos vários policiais que fizeram essa formação posterior. E, de lá, eu resolvi trazer pra capelania também essa ‘pegada’ de desenvolvimento emocional. Conseguimos regulamentar aqui. Uma das missões da capelania é o desenvolvimento emocional do efetivo, além da assistência religiosa, espiritual e educação moral. Nós temos quatro pilares no trabalho da capelania: *assistência espiritual, assistência religiosa, educação moral e desenvolvimento emocional*. A gente montou aqui uma trilha de capacitação para o nosso efetivo e para os voluntários que envolve também hipnose e programação neurolinguística. Então o que a gente faz é bem além do coaching. O coaching seria um passo inicial nisso. A PNL traz muitas ferramentas que a gente usa aqui, com muita eficiência, em casos de estresse, de fobias. E a hipnose é uma ferramenta importante também pra gente preparar a pessoa pra um estado mais criativo e pra ferramenta funcionar melhor. Juntamente com isso, a gente tem também a ‘pegada’ mais espiritual. Então a gente usa muito isso também. O nosso atendimento é bem integral, nesse sentido. A gente trabalha o emocional, a gente trabalha o espiritual e consegue dar uma ajuda bem mais qualificada para os nossos policiais.

Tenente-coronel Faria Alves, em entrevista concedida ao autor em 05/07/23.

O desenvolvimento espiritual dos policiais militares, portanto, é o foco perseguido por ações como o treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática”. Esse “pilar” da ação da capelania é complementado pela educação moral, pela assistência espiritual e pela assistência religiosa, que são organizadas em campos distintos. Segundo o tenente-coronel Faria Alves, apesar da capelania ser religiosa por natureza e da “pegada” espiritual ser explorada transversalmente em seus serviços, não se utiliza nos treinamentos de inteligência emocional do SAR uma “linguagem religiosa”, mas a “linguagem da administração pública”. Essa forma de linguagem, conforme o oficial explica, não exclui a espiritualidade, antes a incorpora e a reconhece como algo a ser mobilizado para um desenvolvimento humano e profissional eficaz: “A administração pública reconhece que a espiritualidade é um fator importante. Então eu mobilizo a espiritualidade dos policiais para desenvolvê-los como seres humanos e eles prestarem um serviço melhor”. Com efeito, o capelão-chefe dimensiona seu trabalho de mobilização da espiritualidade e de treinamento da inteligência emocional como uma potencialização do aprimoramento individual que se reflete nos resultados alcançados profissionalmente pelo policial militar: “O meu papel aqui é fazer o policial estar no máximo do seu potencial para bem servir à sociedade. Se ele está com depressão, ele não está no máximo do seu potencial. Se ele está tendo problema conjugal, ele não está no máximo do seu potencial”. Para Faria Alves, o preenchimento dessa lacuna de não atingimento do máximo potencial é o alvo das ações de todas as diretrizes do trabalho da capelania, as quais miram conjuntamente “um resultado institucional positivo” previamente definido pelo Programa de Valorização da

Vida (PVV), pelo Programa de Educação Moral do Efetivo (PEME) e por outras normativas institucionais que servem de fundamentação às atividades desenvolvidas pela capelania.<sup>179</sup>

Ainda nessa linha, o tenente-coronel menciona que a capelania disponibiliza gratuitamente ao efetivo os cursos da Universidade da Família (UDF)<sup>180</sup>, através de uma parceria mantida entre a instituição educativa e a corporação desde 2014. A UDF propõe cursos específicos para homens, mulheres, casais e para a vida financeira, entre outros aspectos vinculados à vida familiar e ao desenvolvimento pessoal. Segundo o capelão-chefe, os cursos são como “um tipo de coaching, de treinamento específico pra vida financeira [por exemplo]. A mesma coisa tem para casais, o curso ‘Aliança’”. Em sua definição, os cursos da UDF “saem do teórico” em um “movimento de sistematizar o conhecimento e de colocar [esse conhecimento] de uma forma prática, com o objetivo de atingir um resultado”, sendo “extremamente bem-sucedidos”, como o treinamento “Transformação: Inteligência Emocional Prática”, no propósito de integrar o desenvolvimento espiritual dos policiais militares ao seu desenvolvimento emocional. Para Faria Alves, essas ações se justificam sobretudo em termos da função que a capelania é chamada a cumprir no interior da PMDF: “O que está sendo pedido são metodologias que tragam resultado, pelo princípio da eficiência da administração pública e pelos estudos desenvolvidos na área de qualidade de vida. Hoje existe uma demanda das pessoas por coisas que tragam resultados. Então você pode chamar de qualquer nome: de coaching, de inteligência emocional, seja lá o que for. Estamos falando de ferramentas que trazem metodologias focadas em um aspecto específico [a inteligência emocional], para trazer um resultado específico [o desenvolvimento espiritual e emocional dos policiais militares]”.

## 5.5 – Uma política pública/ação social com vocação universalista

---

<sup>179</sup> Em contato com a PMDF, seguindo orientações do tenente-coronel Faria Alves, solicitei acesso às portarias internas que definem tais normativas. No entanto, não recebi retorno à solicitação até o momento da redação desta tese. Um programa de mesmo nome do PVV é desenvolvido pelo Exército brasileiro, que assim o define: “O programa tem como objetivo informar, orientar e priorizar o cuidado com a saúde mental, entendida como um aspecto vinculado ao bem-estar, à qualidade de vida, ao trabalhar bem e ao se relacionar bem com os outros. Destinado a militares, civis, ativos e inativos e a seus dependentes. O programa tem como prioridade a prevenção do suicídio”. Disponível em: <https://4rm.eb.mil.br/index.php/servico-de-assistencia-social-ssas-4/78-secao-do-servico-de-assistencia-social-ssas-4/571-programa-de-valorizacao-da-vida-pvv>. Acesso em: 17 jan. 2024.

<sup>180</sup> A Universidade da Família (UDF) é uma instituição que tem sede em Pompeia, SP, e é descrita em seu site como “uma organização cristã sem fins lucrativos”, criada em 1992, “com foco na educação familiar, oferecendo cursos e seminários que abordam, numa perspectiva bíblica, os mais diversos aspectos da vida familiar e do desenvolvimento pessoal”. Disponível em: <https://www.udf.org.br/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

Conforme descrevi neste capítulo, as articulações em torno da institucionalização do Método CIS como política pública de segurança no Brasil têm envolvido atores políticos, religiosos, judiciais, militares e do coaching dispostos sob múltiplos enquadramentos político-institucionais. O objetivo dessa descrição não foi desvelar as formas pelas quais tais atores incorporam individualmente o Método CIS como prática de desenvolvimento pessoal, mas focalizar como eles apresentam publicamente, através de repertórios compartilhados, o coaching de Paulo Vieira como uma prática voltada para o enfrentamento de desafios relativos à área de segurança pública. Em um primeiro momento, considerei os discursos e argumentos mobilizados na sessão solene que prestou homenagem a Paulo Vieira e à Febracis na Câmara dos Deputados. Parlamentares e o juiz Barroso foram unânimes no modo de louvação da inserção do Coaching Integral Sistêmico em prisões e em corporações de segurança pública, ao destacar os efeitos benéficos dos treinamentos para os propósitos da ressocialização dos detentos e da promoção da saúde mental de policiais, bombeiros e demais operadores de segurança pública. Em seguida, pude observar como a disseminação do Método CIS no âmbito das corporações de segurança pública percorre estratégias e canais de institucionalização diversos, afirmando-se sobre condições específicas de cada estado e estrutura institucional.

Foi possível perceber, no decorrer desses discursos públicos, a transversalidade de um argumento sobre o Método CIS que o concebe como um instrumento eficaz de “transformação” da vida dos indivíduos, capaz de contribuir para o enfrentamento de desafios de ordem pública como a reincidência criminal dos detentos e o adoecimento psíquico dos operadores de segurança, e de gerar, como consequência de sua aplicação, resultados correspondentes a objetivos institucionalmente traçados, como o desenvolvimento emocional e o aprimoramento da performance profissional de policiais e bombeiros. Seja como consequência da filosofia do “crescer e contribuir”, defendida por Paulo Vieira como um imperativo concernente à responsabilidade social da Febracis – força motriz para a oferta gratuita dos treinamentos em prisões e corporações de segurança, conforme discorrem o juiz Deomar Barroso e o deputado Capitão Derrite –, seja como um desdobramento de experiências “impactantes” surgidas no contato com Deus nos treinamentos – vide retomada da fé do coronel Maurício Terra Corrêa, do CBMRS – ou, ainda, como ferramenta de desenvolvimento emocional convergente de forma “prática” com uma espiritualidade mobilizada a partir de referências cristãs – pelos cursos e treinamentos oferecidos pela capelania da PMDF –, a “transformação” decorrente do Método CIS se afirma publicamente a partir de elaborações estratégicas de origem e ordem religiosas.

Produzir e publicizar uma política pública de segurança em torno do Método CIS envolve, como argumento, a sustentação de articulações político-institucionais que situam os

treinamentos de coaching de Paulo Vieira em uma posição intermediária entre prática religiosa e ação social voltada para fins de interesse público, ocupando um espaço simultaneamente religioso e secular. Destaco que a ideia de ação social que mobilizo comporta uma dimensão com características singulares, pois os processos de institucionalização do Método CIS em instituições securitárias não partem de igrejas, entidades ou organizações religiosas, e sim da articulação de atores – alguns deles assumidamente religiosos, outros não – que se utilizam de referenciais de ordem religiosa para argumentar sobre os benefícios da inserção do Coaching Integral Sistêmico em diferentes espaços e para efetivamente neles os inserir. Mas, se essa institucionalização incide sobre espaços relativos à segurança pública, como o material que apresento dá conta de perceber, ela se projeta ainda para outros planos da administração pública e do Estado, como a educação e a assistência social, assumindo uma certa vocação universalista. Conexões entre ações sociais e repertórios religiosos são engendradas em diferentes contextos da esfera pública brasileira, como atesta, por exemplo, o engajamento de policiais militares em projetos sociais de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) no Rio de Janeiro (Teixeira, 2015). Parece-me, outrossim, que a configuração do Método CIS como ação social de interesse público – sem prescindir da relevância dos elementos de ordem religiosa que a acompanham e baseiam a defesa de sua institucionalização – é precisamente o aspecto que operacionaliza a sua publicização, tanto nos discursos pronunciados na sessão solene da Câmara dos Deputados quanto na definição de estratégias para a sua inserção em corporações de segurança pública.

As ações sociais religiosas, em sua variabilidade histórica, correspondem a modos distintos de presença pública das religiões e de constituição de religiões públicas. Podemos sugerir, como exemplo a este respeito, que o trabalho religioso no atendimento a demandas de caridade e assistência à população, remontando a longa data, tenha sido formulado como ação social por meio de um processo diverso daquele que fundamenta, hodiernamente, a ampliação da cooperação de grupos religiosos com instâncias do Estado e organizações da sociedade civil para a elaboração de políticas públicas. No primeiro caso, trata-se de dinâmica que antecede a instituição do pluralismo religioso no país e que, ancorada na herança colonial católica, se reflete na posição privilegiada originalmente concedida pelo Estado a instituições católicas operantes sobretudo nos campos da saúde e da educação<sup>181</sup>; no segundo, deparamo-nos com

---

<sup>181</sup> Para uma melhor percepção do papel ocupado pelo catolicismo na formulação e na oferta de ações sociais no Brasil, conferir Miceli (1988) e os comentários presentes em Oro (2011). O trabalho de Giumbelli (1997) demonstra como as ações sociais do espiritismo, articuladas com a cura pela homeopatia e com a noção de caridade, contribuíram para seu processo de legitimação social como religião. Já Montero (2006) oferece uma interpretação da constituição do pluralismo religioso no Brasil, partindo da ideia de que determinados “códigos” católicos, como o da “caridade”, teriam se tornado plausíveis para expressar demandas no espaço público em nome do bem comum e da religião, contrariamente aos “códigos” das religiões mediúnicas, associados à “feitiçaria” e à não religião.

uma configuração marcada por uma pluralização de atores religiosos na cena pública, não obstante o quadro de referências da ação social religiosa permaneça majoritariamente cristão. Tomam destaque, agora, frentes de ação coordenadas por evangélicos<sup>182</sup>. O que importa ressaltar, a partir desse contraste, é que a incidência religiosa sobre temas de interesse público e ação do Estado, como a assistência social, a segurança pública, a cultura, o meio ambiente, a saúde, a educação, entre vários outros – efetivada exatamente por meio das chamadas “ações sociais” – abrange possibilidades atreladas a condições históricas de publicização das religiões.

Em sua seminal obra *Public Religions in the Modern World* (1994), o sociólogo José Casanova advoga a posição de que uma “religião pública” pode ser assim definida à medida que age como força mobilizadora da sociedade civil atuante na esfera pública e com incidência sobre o aparato do Estado e o sistema político. Não obstante esses padrões de atuação e incidência sejam amplamente variáveis, é sob o registro da publicização que se inscrevem iniciativas contemporâneas de ação social que partem de agentes e repertórios religiosos, sejam elas caracterizadas conforme o modelo “assistencialista” ou orientadas por/para uma “educação para a cidadania” (Novaes, 1998). Para Joanildo Burity (2007), a conjuntura do campo religioso brasileiro e o surgimento de condições sociopolíticas que reconfiguram as dinâmicas do Estado a partir dos anos 1990 apontam para um redimensionamento do papel assumido pelas religiões no âmbito das ações sociais – ocorre sua habilitação, nesse contexto, como parceiras do Estado para a democratização e a execução de políticas públicas, através da ideia de uma “sociedade civil proativa” em que as religiões seriam dotadas de “um ‘capital moral’ que lhes confere credibilidade e respeito por parte das populações alcançadas pelas políticas governamentais” (p. 26). Sob essas condições, a estruturação de projetos sociais ganha maior relevância, ao lado de parcerias e estratégias de participação no debate público que atores religiosos de diferentes denominações desenvolvem junto a estruturas governamentais e não governamentais<sup>183</sup>.

Dessa forma, sustento que a política pública de segurança baseada nos treinamentos pelo Método CIS e institucionalizada em determinadas prisões e corporações de segurança brasileiras é concebida em termos simultaneamente religiosos e seculares, a partir de sua formação como ação social sustentada por agentes e repertórios religiosos na esfera pública. Noções como “transformação”, “desenvolvimento emocional” e “espiritualidade”, em suas

---

<sup>182</sup> A tese de doutorado de Flávio Conrado (2006) aborda extensamente as modalidades de atuação evangélica no espaço público, em diferentes dimensões da sociedade civil, enfatizando o período posterior à década de 1980.

<sup>183</sup> As etnografias de Decker Neto (2015) e Scheliga (2016) acompanham desdobramentos desse processo, focalizando a incidência religiosa na formulação de políticas públicas. Denise Goulart (2018), por sua vez, aborda as parcerias de uma organização missionária com o Estado, em uma abordagem comparativa entre Brasil e França.

articulações, nos permitem visualizar como os treinamentos são pensados enquanto política pública de segurança com vocação universalista para ser inserida em outros âmbitos da administração pública e do Estado. A argumentação mobilizada para sua institucionalização parte de enunciações feitas em termos da utilidade da metodologia de coaching de Paulo Vieira como um processo eficaz de desenvolvimento da inteligência emocional, passível de ser aplicado a temas não restritos a questões relativas à área de segurança pública. Além disso, a gratuidade dos treinamentos é um ponto importante mobilizado nas articulações político-institucionais do projeto. Estas últimas trazem a filosofia do “crescer e contribuir” para o cerne da constituição do Método CIS como ação social, reiterando a disponibilidade do coaching de Paulo Vieira para atender a temas de interesse público tratados pelo Estado de forma voluntária. Se concordamos com o diagnóstico de Paula Montero (2009, p. 15) de que “a gramática da ‘caridade’ se mantém viva como princípio de legitimação das ações públicas” no Brasil, devemos atentar para as formas como novas modalidades de ação social que partem de atores religiosos e são por eles sustentadas na esfera pública se constituem e se desenvolvem, prescindindo de instituições e denominações religiosas. As articulações em torno da institucionalização do Método CIS como política pública de segurança envolvem leigos e pastores, civis e militares, católicos e evangélicos em um movimento que não é coordenado por uma igreja ou organização religiosa, mas pelos entusiastas da metodologia de coaching criada por Paulo Vieira – e da “transformação” de vida que ela supostamente é capaz de operar.

## Capítulo VI



### **Coaching nas prisões: in/hipervisibilidade do religioso no sistema prisional**

A institucionalização do Método CIS em prisões comporta diferenças substanciais em relação aos processos de implementação que ocorrem em corporações de segurança pública. A começar pelo espaço de realização dos treinamentos: para o público dos detentos, eles são realizados no interior das unidades prisionais, ao contrário do que ocorre com os operadores de segurança, contemplados com vagas para participar do Método CIS nas franquias da Febracis. Os detentos também não contam, nas penitenciárias, com o apoio de instrutores ou coaches, com a disponibilização de material didático e com dinâmicas participativas de coaching, concernentes apenas aos formatos de treinamento global – desenvolvido no espaço das unidades da empresa de Paulo Vieira – e presencial – em auditórios, com a participação pessoal do coach. Além disso, a institucionalização do Método CIS no sistema prisional não segue os moldes do que ocorre no projeto “Coaching pela Paz”, onde a maioria dos gestores e operadores de segurança pública articulam a presença dos treinamentos de forma extrainstitucional nas corporações de que fazem parte. Nas prisões, essa implementação passa necessariamente pelo crivo de uma formalização institucional que parte de dois polos responsáveis pela gestão de projetos de reinserção social/ressocialização no cárcere: o Poder Judiciário, por meio da Vara de Execuções Penais, e o Poder Executivo, através do aparato de gestão penitenciária do Estado. Nesses processos que se estabelecem no âmbito prisional, relações com repertórios religiosos também estão presentes, modulando sentidos para os treinamentos de coaching de Paulo Vieira.

A articulação com o religioso no sistema prisional é aqui considerada mais em termos das significações atribuídas ao treinamento por detentos e agentes da gestão penitenciária do que da enunciação dos benefícios do Método CIS para o tratamento de temas de interesse público, à diferença do que foi descrito no capítulo anterior. Ainda que esse aspecto enunciativo reapareça no âmbito da prisão sob o enquadramento do Método CIS como projeto de reinserção social voltado à ressocialização, importa-nos observar mais a relação desse argumento com os repertórios religiosos mobilizados pelos detentos do que o seu processo de publicização. Para levar a cabo essa tarefa, procuro dialogar com reflexões extraídas da produção acadêmica de inspiração socioantropológica acerca da influência da religião sobre o sistema penitenciário. O foco é colocado, pois, sobre as articulações do religioso na prisão. A esse respeito, é mister citar os artigos de Dias (2005; 2006) e Scheliga (2004; 2005) e a dissertação de mestrado de Bicca (2005), bem como os dossiês organizados por Bicca e Steil (2005) e Quiroga, Vital, Conrado e Cunha (2012), que se consolidaram como referências centrais desse campo de estudos. Pode-se constatar ainda, sob enfoques teóricos bastante variados, trabalhos voltados para a assistência

religiosa prestada regularmente no cárcere (Costa, 2018), para o papel da religião na reformulação de crenças dos detentos (Kronbauer, 2010), para transformações do campo religioso que reconfiguram essa forma de incidência religiosa (Silva Junior, 2017) ou para as relações mantidas entre religião e crime organizado (Corrêa, 2015; Grossi, 2022; Manso, 2023). Internacionalmente, as coletâneas dirigidas por Becci e Roy (2015), Beckford e Gilliat (2005) e Béraud, Galembert e Rostaing (2016), entre outras produções relevantes, se aproximam dos debates sobre secularismo e laicidade e dos dilemas sociais que orbitam em torno do pluralismo religioso, observando dinâmicas locais como a capelania e a conversão religiosa nas prisões.

Buscando adotar um olhar antropológico atento a práticas e negociações que ocorrem nas margens do Estado (Das & Poole, 2004), abordarei neste sexto capítulo uma articulação emergente entre “religião” e prisões no Brasil, evidenciando a estruturação, institucionalização e expansão do projeto de política pública de segurança baseado no Método CIS no sistema prisional. As aspas postas em “religião” têm sua razão de ser, uma vez que o projeto em questão não parte de igrejas e instituições religiosas e não é definido como religioso, embora opere em uma lógica que se articula com o “religioso” – com agentes e repertórios religiosos – para produzir seus efeitos. Trato da oferta sistemática de treinamentos de inteligência emocional baseados no Método CIS como projeto de reinserção social, ou ressocialização, no âmbito do sistema prisional. As questões que orientam minha abordagem são oriundas da literatura sobre religião, prisões e violência acima mencionada. Ocupo-me em perceber, por um lado, as configurações e os limites entre o religioso e o secular nas percepções e sentidos atribuídos à presença do Método CIS no sistema prisional, o que coloca em cena as “fronteiras da laicidade” e faz com que o foco conceitual da pesquisa recaia sobre os “mecanismos e dispositivos pelos quais aparatos estatais e outros agentes se relacionam com o ‘religioso’, tal como este é socialmente definido” (Giumbelli, 2012, p. 208). Por outro lado, ponho atenção sobre como é concebida a produção de subjetividades por um instrumento de “transformação” de vidas no cárcere, o que se articula com a dimensão da governamentalidade em uma conexão entre estrutura estatal, elementos atrelados ao religioso e agentes do coaching. Metodologicamente, recorro a um mapeamento da institucionalização do Método CIS no sistema prisional, a uma análise de discursos e argumentos em torno da eficácia e importância do Método CIS para instituições penitenciárias e detentos, e a uma etnografia realizada em uma prisão específica.

Nas próximas páginas, apresento os resultados de uma etnografia conduzida em uma unidade penal de Belém, capital do Pará, durante a edição de junho de 2023 do treinamento de detentos pelo Método CIS. O Pará é o estado brasileiro que mais tem obtido êxito na implementação do Método CIS como programa de ressocialização executado no sistema

prisional, servindo como modelo-piloto para a divulgação e expansão do projeto em outros estados brasileiros. Farei apontamentos sobre os canais de institucionalização do Método CIS no Pará e sobre sua operacionalização específica na unidade penal onde o trabalho de campo foi efetivado, além de enfatizar os sentidos atribuídos ao treinamento pelos agentes penitenciários e pelos detentos, colhendo depoimentos sobre suas trajetórias de vida e percepções sobre crime, cárcere, religião e transformação pessoal. Finalmente, como conclusão, proporei uma reflexão em torno da presença do Método CIS no sistema prisional e de sua relação com o religioso, indicando que o treinamento de Paulo Vieira é lido como um projeto secular de reinserção social/ressocialização pelas estruturas de gestão penitenciária e execução penal do Estado e como um instrumento de sentido e ação religiosa pelos internos. O Método CIS comportaria, assim, um religioso invisível para o Estado, mas hipervisível para os detentos.

### **6.1 – O Método CIS no sistema prisional paraense: um caso excepcional**

A inserção do Método CIS como projeto no sistema prisional difere de estado para estado, variando da oferta isolada de treinamentos em unidades penais específicas à adesão pelo sistema prisional como um todo – caso exclusivo, até o momento, do Pará. Na fase exploratória da pesquisa, realizei um levantamento inicial sobre a presença do Método CIS nos sistemas prisionais dos 26 estados brasileiros mais o Distrito Federal. Para além das experiências consolidadas do Ceará, do Pará e de Roraima e do já referido caso de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, foi possível constatar a aplicação do Método CIS nos sistemas prisionais de Rondônia, de São Paulo, do Rio Grande do Sul (junto a adolescentes infratores internos da FASE – Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) e de Mato Grosso do Sul (neste último, o treinamento no presídio de Ponta Porã foi a segunda experiência de treinamento online, depois de Alcaçuz/RN, e contou com o acompanhamento de Sandro Abel de Sousa Barradas<sup>184</sup>)<sup>185</sup>. A oferta, portanto, se mostra bastante dispersa, havendo uma maior concentração de treinamentos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Vale ressaltar que esses dados são resultantes de uma

---

<sup>184</sup> Trata-se do mesmo diretor da Secretaria Nacional de Políticas Penais (antigo DEPEN) aludido no capítulo anterior, a propósito de sua influência para o início do contato do juiz Deomar Barroso com o Método CIS.

<sup>185</sup> Para conferir os casos de RR: <https://www.jornalrondoniavip.com.br/noticia/geral/rondonia-recebe-o-maior-treinamento-de-inteligencia-emocional-do-mundo/porto-velho>, SP: <https://www.novomomento.com.br/inteligencia-emocional-nos-presidios-impacta-12-mil-detentos/>, RS: <https://fase.rs.gov.br/cipcs-participa-de-programa-de-inteligencia-emocional> e MS: <https://www.acritica.net/editorias/geral/no-presidio-de-ponta-pora-ressocializacao-tambem-e-incentivada-com-tec/458227/>. Acesso a todos os links: 13 fev. 2023.

busca por notícias veiculadas pela imprensa e na internet sobre a realização dos treinamentos. Efetivei ainda uma sondagem junto às secretarias estaduais de Segurança Pública ou de Administração Penitenciária, a depender da competência correspondente, obtendo sempre um dos seguintes resultados: 1) nenhum retorno dos órgãos aos pedidos de informação; 2) falta de respostas assertivas sobre a presença ou a ausência dos treinamentos no sistema prisional; 3) respostas negativas a essa presença, sem maiores esclarecimentos sobre as razões da ausência. A única exceção coube à Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Pará (SEAP), que informou a ocorrência do Método CIS na totalidade das casas penais mantidas pelo estado, sem fazer ressalva à unidade mencionada pelo juiz Barroso na sessão solene na Câmara dos Deputados<sup>186</sup> como o único estabelecimento prisional sem a presença do treinamento em 2022.

A dificuldade encontrada no acesso a informações através dos órgãos do Poder Executivo levou-me a ensaiar uma aproximação com outro canal viável de institucionalização do Método CIS no sistema prisional: o Poder Judiciário. No início de 2023, contatei a Vara de Execuções Penais de Belém, com o intuito de agendar uma entrevista com o juiz Barroso. Realizamos uma reunião por videoconferência ainda no mês de janeiro; destaco dois pontos que dela surgiram. Primeiramente, tive a oportunidade de conhecer com maiores detalhes na conversa a participação do juiz em projetos anteriormente mencionados, como o “Conquistando a liberdade” e o “Associação Polo Produtivo – Fábrica Esperança”, que compõem com o Método CIS um grupo de programas cujo objetivo principal, nas palavras de Barroso, é “contribuir para a ressocialização dos detentos”. A missão atribuída pelo Estado aos programas é clara: ajudar a ressocializar os presos. Os meios para atingir essa finalidade incluem, além do coaching, a oferta de cursos profissionalizantes, a realização de palestras, a disponibilização de vagas de trabalho para detentos do regime semiaberto e a participação em atividades religiosas. Sob a nomenclatura de “projetos de reinserção social”, esses programas são gerenciados “na ponta” por seus propositores: entidades filantrópicas, organizações da sociedade civil, grupos de voluntariado, empresas do setor privado (a exemplo da Febracis) e instituições religiosas.

Cada qual com sua particularidade, os projetos de reinserção social são independentes entre si e sua inclusão nas unidades penais se dá a partir da aprovação do Tribunal de Justiça do Estado do Pará ou da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária. Há a necessidade imperativa de que os programas passem pela análise preliminar e pela autorização formal dessas instâncias. A efetivação dos programas, no entanto, se complexifica nos modos nem sempre convergentes e comunicantes de sua condução pelo Executivo e pelo Judiciário. Aqui se destaca

---

<sup>186</sup> Refiro-me à sessão em “Homenagem aos profissionais do coaching no Brasil”, descrita no capítulo anterior.

um segundo ponto importante surgido da entrevista com o juiz. Não há, segundo ele, uma coordenação institucional entre o Judiciário e o Executivo que se volte exclusivamente para a estruturação e a execução de projetos de reinserção social, o que dificulta que instâncias estatais independentes entre si tenham consciência dos processos pelos quais um ou outro programa é avaliado e autorizado para adentrar o sistema prisional. Dessa forma, grande parte dos projetos depende da iniciativa pessoal do juiz da Vara de Execuções Penais – e de sua articulação com os grupos que os propõem – ou de um “canetaço” da secretaria responsável pela administração penitenciária para que possa se efetivar. Este é um fator identificado localmente, mas que se alinha com padrões de operação também presentes em outros estados. Há casos em que mesmo o crime organizado exerce influência sobre o que é autorizado para entrar no sistema prisional (Jesus Filho, 2017). No plano institucional, a gestão do aparato penitenciário e das políticas penais apresenta um caráter híbrido instituído pela Lei de Execução Penal (LEP), sendo competência de oito órgãos gestores: o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciário, o Juízo da Execução Penal, o Ministério Público, o Conselho Penitenciário, os Departamentos Penitenciários, o Patronato, o Conselho da Comunidade e a Defensoria Pública (Ribeiro, 2021). A coordenação desses órgãos, na prática, é insuficiente ou incerta.

## **6.2 – O Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC) e suas lógicas de operação**

De 1º a 4 de junho de 2023, participei dos treinamentos pelo Método CIS no Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC), unidade penal de lotação exclusivamente masculina localizada no bairro homônimo, em Belém<sup>187</sup>. O trâmite burocrático para a liberação do trabalho de campo foi longo. Depois do preenchimento de vários formulários, da emissão de declarações que atestavam meu vínculo como pesquisador na universidade, de assinaturas do orientador e do ajuntamento de documentos pessoais, a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP) do Pará realizou um “estudo de conduta social” que objetivava comprovar meu não envolvimento com o crime organizado e a capacidade de desenvolver as atividades de pesquisa em segurança. Após esta etapa, foi-me encaminhado um termo de compromisso que continha deveres a serem observados em campo e fora dele, como a garantia de privacidade dos dados

---

<sup>187</sup> No final de minha conversa com o juiz Barroso, fui convidado a conhecer a realização do Método CIS e de outros projetos de reinserção social nas unidades penais paraenses. De acordo com o magistrado, eu necessitaria da liberação de um despacho judicial para adentrar as instituições prisionais como pesquisador. Meus novos contatos com a Vara de Execuções Penais de Belém, no entanto, se mostraram infrutíferos. Recorri então à SEAP, que repassou à Escola de Administração Penitenciária (EAP) a tarefa de emitir uma autorização para a pesquisa.

dos detentos aos quais eu teria acesso, a utilização das informações de pesquisa somente para finalidades científicas e o compromisso de devolutiva dos resultados da pesquisa à SEAP<sup>188</sup>. A liberação definitiva para a realização do trabalho de campo só chegou à caixa de entrada de meu correio eletrônico em 31 de maio de 2023, algumas horas antes do embarque para Belém.

Na minha chegada ao CRC, era possível notar e admitir que a liberdade de que eu disporia para circular na prisão e executar os passos planejados para a pesquisa era limitada, exatamente por se tratar de uma “instituição total” (Goffman, 1987) em que o controle minucioso das atitudes e identificações, a necessidade de isolamento dos internos e a manutenção de um rigorismo securitário são preponderantes. Nesse cenário, não se presumia que o pesquisador tivesse autonomia para escolher o que fazer. Dessa forma, acordos tiveram de ser negociados para que eu tivesse acesso às dinâmicas que buscava acompanhar. Exemplo disso foi a permanência junto aos detentos nos treinamentos, algo que eu havia postulado desde a solicitação inicial à Escola de Administração Penitenciária. Quando fui recebido pelo coordenador de segurança da unidade penal, este me perguntou se eu tinha a intenção de conduzir entrevistas com os apenados e com mais algum funcionário da penitenciária. Respondi afirmativamente, acrescentando que ainda seria importante para meu trabalho permanecer no mesmo ambiente que os detentos durante o Método CIS, com a finalidade de colher impressões sobre as atividades realizadas. A contragosto, o coordenador de segurança consentiu e levou a solicitação ao diretor da prisão, que a deliberou positivamente. A condição posta, entretanto, era a de que eu participasse dos treinamentos apenas no turno da tarde, entre as 14h e as 18h. O argumento apresentado era de que os presos começariam a “ficar chatos” comigo, perguntando-me em demasia sobre minha vida pessoal, além do fato de que com o passar das horas eu não teria segurança para voltar à minha hospedagem. Outra condição imposta pela equipe administrativa do CRC era a de que eu não usasse meu telefone celular como meio de gravação das entrevistas, posto ser terminantemente proibido o uso de aparelhos de comunicação telefônica no interior da casa penal. Eu já havia sido alertado em relação a essa obrigação pelo juiz Deomar Barroso, quando dele recebi convite para acessar os treinamentos no sistema prisional. Preveni-me adquirindo e levando comigo um gravador antigo, sem acesso à internet.

Terminados os acordos, fui conduzido à sala da direção, onde seria recepcionado pelo psicólogo e pela técnica pedagógica da unidade. Ambos eram funcionários encarregados pelo gerenciamento do Método CIS e pelos projetos de reinserção social presentes no CRC.

---

<sup>188</sup> Termo de Compromisso de Pesquisa Acadêmica nº 07/2023, EAP/SEAP-PA.

Leandro<sup>189</sup>, o psicólogo, foi quem primeiro chegou à sala. Demandeí a ele quais eram os procedimentos levados em conta para a realização do Método CIS na unidade penal, que critérios eram utilizados para a seleção dos participantes e que visão ele possuía do projeto de inserção do Coaching Integral Sistêmico nas prisões. O psicólogo afirmou que as questões mais funcionais seriam respondidas pela técnica pedagógica, pois a ele cabia apenas o apoio ao projeto desde seu trabalho de supervisão das ações concernentes à saúde mental desenvolvidas na unidade. Além disso, era de sua responsabilidade o atendimento clínico junto aos apenados. Os aspectos mais sobressalientes nas respostas de Leandro, em um tom de representação institucional, foram a importância do Método CIS para a remição<sup>190</sup> de pena dos detentos e para a integração do sistema penitenciário com o Poder Judiciário. Seria importante, na visão do psicólogo, fortalecer os laços das prisões com o Judiciário, no intuito de fazer com que o sistema penal alcançasse maior eficiência. Este ponto foi levantado junto de um destaque para a atuação da VEP e do juiz Deomar Barroso, a quem Leandro atribuiu visita frequente ao CRC e um acompanhamento próximo dos projetos de reinserção social desenvolvidos em seu interior. O psicólogo frisou que várias edições do Método CIS já haviam ocorrido no CRC, e que ele e outros funcionários da casa penal já o haviam frequentado, seguindo sugestão do próprio juiz.

O psicólogo do CRC comentou que a conclusão do treinamento confirmou nele uma impressão prévia: a de que o coaching faz um uso inadequado de teorias e técnicas das ciências psicológicas, mesclando-as com a neurociência e com outras referências de “fontes duvidosas”. Enquanto profissional da psicologia, Leandro afirmou não concordar com pressupostos do coaching extraídos de “pseudociências”, embora reconheça de forma incisiva sua importância para o processo de ressocialização dos detentos. A afirmação pode parecer paradoxal, mas evidencia a força que a ideia de ressocialização tem para Leandro e para a gestão penitenciária. Esse reconhecimento por parte do psicólogo abrange dois níveis. O primeiro é a sua expressão de consciência de que o sistema penal conta com um pequeno número de projetos que dão atenção à reinserção social da pessoa presa. Segundo o psicólogo, é necessário ampliar ações e não as restringir, pois “mente vazia é oficina do diabo” e “tudo o que vier é bem-vindo”, no sentido de ocupar o tempo ocioso dos detentos e apresentar a eles “um caminho de vida correto”, por meio do qual seja possível empreender uma ressocialização bem-sucedida. O segundo nível em que a importância do Método CIS se coloca para Leandro é a identificação do fato de que

---

<sup>189</sup> Utilizo pseudônimos para me referir a todas as pessoas entrevistadas na casa penal. Dessa maneira, cumpro com um compromisso assumido formalmente com a SEAP, mas também com a ética de pesquisa antropológica.

<sup>190</sup> Pequena nota de teor gramatical: na linguagem jurídica, “remição” se escreve com cedilha; em outros casos, é possível encontrar a mesma palavra sendo grafada corretamente com dois “s”, caso de “remissão de pecados”.

cursos e atividades educativas formais podem contribuir legalmente para a remição de pena dos detentos, fazendo com que eles passem menos tempo dentro da prisão e sejam estimulados a participar de atividades “agregadoras” e não somente punitivas. O psicólogo se definiu como um “abolicionista penal” contrário à “política de encarceramento” que “gera mais problemas, ao invés de resolvê-los”. O Método CIS e outros projetos são tomados, de seu ponto de vista, como instrumentos válidos de auxílio à ressocialização, a despeito do conteúdo que veiculam.

Vejam os ainda como o Método CIS é operacionalizado com o objetivo da remição de pena preconizado por Leandro. A Lei de Execução Penal (nº 7.210/84), que rege os parâmetros do sistema penitenciário brasileiro, foi alterada em 2011 pela Lei nº 12.433. A nova legislação passou a prever a diminuição de um dia de pena a cada 12 horas que um detento frequenta um curso de cunho educacional formal, seja na educação básica ou no ensino profissionalizante<sup>191</sup>. O Método CIS é considerado pelo psicólogo uma formação apta a entrar no rol de atividades que trariam aos detentos essa possibilidade, embora isso dependa da categorização do projeto como educacional formal ou da aprovação de uma proposição legislativa que se encontra em fase de análise no Congresso Nacional. Está em tramitação o projeto de lei nº 4.725/2020, de autoria do Senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que amplia a remição de pena nos mesmos termos da lei vigente para a frequência dos detentos a cursos não formais, o que inclui formações de “desenvolvimento pessoal, devidamente certificadas”<sup>192</sup>. A justificativa do projeto original apresentado ao Senado menciona a experiência dos “cursos de inteligência emocional com a utilização do Método CIS (Coaching Integral Sistêmico)” inseridos no sistema prisional do Pará em parceria entre a SEAP e o Judiciário, “ministrados, com ótimos resultados (...), visando fortalecer ações direcionadas à reinserção social”. O projeto de lei foi aprovado em 2021 pelo Senado Federal, restando agora ser analisado pelas comissões especializadas e pelo plenário da Câmara dos Deputados. Caso o projeto se torne Lei, a frequência completa de um detento em uma edição do Método CIS (60h no total) poderia diminuir 5 dias de sua pena. É importante mencionar que, tanto no CRC como em outras prisões, um detento pode cursar mais de uma vez o Método CIS. Não há clareza, no entanto, sobre se as participações adicionais

---

<sup>191</sup> Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7210.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm). Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/lei/112433.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112433.htm). Acesso aos links: 14 out. 2023.

<sup>192</sup> Projeto de lei nº 4.725/2020. Documento do projeto original disponível em: [https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8894354&ts=1630419094343&disposition=inline&gl=1\\*15jiv0w\\*ga\\*MTk3MzA4MTc4OS4xNjk3MTYyMzM1\\*ga\\_CW3ZH25XMK\\*MTY5NzNzNjYzNC4zLjEuMTY5NzNzNjcwOC4wLjAuMA..](https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8894354&ts=1630419094343&disposition=inline&gl=1*15jiv0w*ga*MTk3MzA4MTc4OS4xNjk3MTYyMzM1*ga_CW3ZH25XMK*MTY5NzNzNjYzNC4zLjEuMTY5NzNzNjcwOC4wLjAuMA..) Acesso em: 14 out. 2023.



contariam cumulativamente para a remição de pena. Este aspecto estaria condicionado à aprovação da nova legislação e às novas diretrizes consequentes para a execução penal.

Em complemento às informações suscitadas por Leandro, a técnica pedagógica Karina expôs uma série de dados sobre as características do CRC e sobre os pormenores da realização do Método CIS na casa penal. Um dos dados mencionados por ela foi a capacidade de abrigo a 169 detentos na casa penal, embora se encontrassem nela cerca de 500 internos em junho de 2023. “Problema comum”, de acordo com Karina, dos presídios não só do Pará como do país inteiro. As preocupações da técnica pedagógica eram muito similares às do psicólogo, refletindo uma cultura de gestão penitenciária voltada para o objetivo de reduzir a “massa carcerária” por uma ressocialização incentivada por todos os meios, utilizando-se dos recursos cabíveis para o atingimento da meta, pouco importando sua origem. Esse é um entendimento compartilhado inclusive por membros do Judiciário, como o juiz Deomar Barroso, e por políticos e religiosos que celebraram na Câmara dos Deputados a efetividade do Método CIS como projeto de política pública de segurança. Mas a diferença reside em que os funcionários da casa penal não se demonstraram entusiastas do coaching, embora tenham frequentado o Método CIS e concordem com a relevância de sua presença no sistema prisional. Entre os gestores locais da política penitenciária está ausente a teia de significados em que se envolve a ideia de “transformação” conforme explicitada pelo juiz Barroso, a qual remete para uma noção de mudança de vida amparada no religioso e à identificação do Método CIS com propósitos divinos e sobrenaturais.

O que se impõe, em sentido diverso, é o dever de assistir os apenados com políticas de ressocialização que contribuam com o objetivo do desencarceramento, sem que haja um cuidado ou um planejamento maior com os termos em que essa ressocialização é concebida pela gestão penitenciária. Assim, repete-se em Karina a fórmula do “tudo é bem-vindo se for para a ressocialização” percebida em Leandro. Reproduzindo dessa maneira uma concepção esvaziada de prognósticos sobre o futuro “ressocializado” dos detentos, a burocracia estatal “abre as portas” do sistema prisional à influência de grupos propositores de projetos de reinserção social, independentemente de sua natureza, requisitando tão-somente que os seus programas e projetos, intervindo, “façam alguma coisa boa” pela população carcerária. A única preocupação sistemática que identifiquei em meu contato com os profissionais que administram as políticas de reinserção social na unidade penal, para além do quesito-alvo da ressocialização, é a inclusão da diversidade de gênero nas atividades desenvolvidas pelos projetos de reinserção social. Embora seja uma penitenciária masculina e não conte até o momento com a presença de

homens trans, Karina aponta que o CRC passou por uma mudança recente em seu perfil, relativa à recepção de detentos LGBTQIA+ em suas fileiras, obedecendo a uma diretriz da SEAP<sup>193</sup>.

Na composição das turmas do Método CIS e de outras atividades de ressocialização na casa penal, toma-se cuidado para que a representação da população LGBTQIA+ seja assegurada. Karina é a responsável direta pela organização das transmissões do Método CIS no CRC, bem como pela seleção dos presos participantes. Cabe a ela a elaboração de uma lista com os nomes dos detentos selecionados para participar de cada edição do treinamento. Debruçada sobre um universo de cinco centenas de pessoas, é sua tarefa escolher cerca de 20 detentos a cada três ou quatro meses<sup>194</sup> e inclui-los na lista de participantes, considerando a reserva de uma cota definida para os presos LGBTQIA+ e um único quesito universal: o “bom comportamento”. Os presos que participam do Método CIS são aqueles que, sob a visão da funcionária, “não dão trabalho” e “merecem receber a oportunidade de participar do curso”. A turma da edição nº 232<sup>195</sup> seria composta por 21 pessoas, devido à reduzida capacidade da sala da penitenciária onde o treinamento seria transmitido. A participação de cada detento seria anotada por Karina em seus prontuários pessoais, podendo servir, futuramente, ao propósito da remição de pena associado pelos funcionários da unidade penal ao objetivo da ressocialização. Foram selecionados para o treinamento que eu acompanharia, de acordo com a técnica pedagógica do CRC, “17 heterossexuais, 3 homossexuais e uma mulher trans”<sup>196</sup>.

### 6.3 – “Estive na prisão e foste me visitar”: o treinamento com os detentos

A passagem pelo detector de metais era uma última averiguação de segurança. Fui conduzido por Karina e por um policial penal a um auditório onde os 21 detentos participariam

---

<sup>193</sup> Ainda que a técnica pedagógica faça referência à sigla LGBTQIA+ (assim como o fazem os próprios internos não heterossexuais em sua autoidentificação, como se verá mais adiante), integram o CRC, deste grupo, apenas homens homossexuais e pessoas trans. A possibilidade de escolha destas últimas entre presídios masculinos e femininos é recente. Sua deliberação se deu a partir da medida cautelar à Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 527, assinada pelo Ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2021. Antes, pessoas trans, sobretudo mulheres trans, eram submetidas a cumprir pena exclusivamente em presídios masculinos. Ver: UOL, Congresso em Foco. “Detentas trans e travestis podem escolher entre presídio feminino ou masculino”. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/justica/stf-detentas-trans-e-travestis-podem-escolher-entre-presidio-feminino-ou-masculino/>. Acesso em: 14 out. 2023.

<sup>194</sup> Esta costuma ser a periodicidade de realização dos treinamentos pelo Método CIS. Ela depende da Febracis e da agenda pessoal de Paulo Vieira, estando fora do controle das unidades penais, da SEAP ou do Judiciário. Os treinamentos não são gravados, mas transmitidos ao vivo, no mesmo instante em que ocorrem presencialmente.

<sup>195</sup> O número era o da edição do Método CIS como um todo, e não somente do Método CIS aplicado no CRC.

<sup>196</sup> A classificação utilizada por Karina não faz distinção entre categorias de orientação sexual (homossexual e heterossexual) e de identidade (cis e trans).

do Método CIS. Tratava-se de uma pequena sala, equipada com 22 carteiras escolares – uma delas reservada para mim –, uma televisão de tamanho aproximado de 40 polegadas, um computador conectado a ela, um quadro branco e um ar-condicionado mantido à temperatura de 24°C. A técnica pedagógica me apresentou à turma, tocando brevemente no assunto de minha pesquisa. Os detentos, todos sem algemas e vestindo os uniformes da casa penal – camisetas amarelas com números pessoais de identificação, calções cinza e chinelos brancos –, me cumprimentaram em coro e me convidaram a ocupar a carteira vaga no fundo da sala. Na sequência, a técnica pedagógica e o policial penal nos deixaram, fazendo indicações de medidas de segurança e trancando a sala, não sem antes me fornecer uma máscara facial, recomendada como forma de prevenção à transmissão de Covid-19. Notei que apenas eu seria portador do item durante as atividades do treinamento. Seu uso se revelaria sufocante em um ambiente pequeno, lotado e com pouca ventilação. Mas a tarefa guardaria algo de verdadeiramente árduo para os detentos, pois a carga horária total do treinamento, definida pela Febracis, era de aproximadamente 60 horas distribuídas ao longo de quatro dias. Na quinta-feira, as atividades iniciariam às 14h, exatamente no horário em que adentrei a sala. Como em todas as prisões do Pará e de outros estados, o treinamento seria transmitido ao vivo desde a realização do Método CIS presencial, com Paulo Vieira, que àquela edição ocorria na cidade de Joinville/SC. Na sexta e no sábado, a imersão começaria por volta das 10h e se estenderia até meia-noite. No domingo, ela se prolongaria por toda a madrugada, terminando às 06h da manhã de segunda-feira.

Ao tomar meu assento, reparei em outras características da sala e no comportamento dos detentos. Os presos, em sua maioria negros e de meia idade, se mantinham em silêncio enquanto aguardavam o início da transmissão. As luzes permaneciam apagadas, o que se confirmou como regra em todas as tardes, à exceção dos intervalos realizados para lanche. As únicas fontes de iluminação provinham do monitor da televisão e da janela atrás de minha carteira, cuja abertura dava para o corredor. Por meio dela foi possível perceber que os policiais penais passavam de vez em quando, inspecionando se tudo se encontrava em ordem no interior da sala. No entanto, não havia da parte deles qualquer interferência sobre o que ocorria no treinamento. Na parede à minha esquerda, ocupava grande espaço uma frase assinada por Augusto Cury, psiquiatra e autor de *best-sellers* de autoajuda: “Procure a sabedoria e aprenda a escrever os capítulos mais importantes de sua história nos momentos mais difíceis de sua vida”. Na parede do lado oposto, o símbolo da SEAP se misturava à inscrição “Disciplina, respeito e reinserção social”, aparentemente um slogan adotado pela repartição do Estado. O auditório foi projetado para acolher as atividades dos projetos de reinserção social da casa penal.

Quando a transmissão começou, Paulo Vieira e sua esposa, Camila Saraiva, subiram ao palco em um centro de exposições. Logo surgiram, entre os detentos, comentários que exaltavam a inteligência de Paulo Vieira – conclusão pós-autoapresentação do coach, que se descrevia como PhD em Coaching pela Florida Christian University, nos Estados Unidos – e a beleza das mulheres presentes no evento, através da enunciação de “brincadeiras” de tom machista. As primeiras horas da atividade foram dedicadas a uma apresentação do Método CIS e de como o treinamento funcionaria<sup>197</sup>. À medida que o tempo avançava, notei que a atenção dos presos era desviada para aspectos secundários às palavras ditas por Paulo Vieira, Camila Saraiva e outros representantes da Febracis que subiam ao palco. Crescia a espontaneidade dos internos em conversar em voz alta sobre as características físicas das pessoas que apareciam na tela, em fazer chacota com o tom de voz dos palestrantes, em se provocar mutuamente por razões que só a convivência diária entre eles poderia trazer à compreensão, ou em comentar assuntos aleatórios. Havia momentos em que o burburinho era reprimido por detentos que pediam silêncio para se concentrar no que era dito. Minha presença na sala já não parecia constranger a turma ao silêncio, ao contrário do que havia ocorrido nos primeiros minutos.

Decorridas cerca de duas horas de transmissão, iniciaram-se as dinâmicas do treinamento. Paulo Vieira pediu que quem o estivesse assistindo na plateia ou pela transmissão olhasse para a pessoa imediatamente ao lado e perguntasse: “Num mundo onde tudo é possível, qual área você gostaria de mudar em sua vida”? Projetou-se na tela um conjunto de opções, categorizando as áreas “profissional”, “financeira”, “conjugal”, “familiar” e “emocional”. Os detentos, mesmo os que prezavam pela concentração pessoal no treinamento e se sentiam incomodados com os ruídos na sala, simplesmente não reagiram ao comando, deixando de participar da dinâmica. A pergunta foi sugerida novamente pelo coach a partir de outras formulações: “em um mundo onde tudo é possível”, “qual o grande objetivo a ser conquistado?” E, “nesse mundo, que problema você gostaria de eliminar da sua vida?” Paulo Vieira extraía de suas indagações coletivas lições sobre sucesso e fracasso e instava o público a repetir palavras de ordem que proferia, em meio a frases de efeito destacadas de seus ensinamentos. Nada disso, entretanto, funcionava com a turma que acompanhava o Método CIS no CRC. Como me seria possível aferir naquele momento e nos dias seguintes, os presos tinham certa dificuldade para se concentrar nas palestras e dinâmicas que compunham o treinamento. Recorria-se, então, a estratégias que pudessem amenizar o tédio no auditório. As recorrentes falhas de conexão à internet eram oportunas para que os detentos interrompessem a transmissão e colocassem para

---

<sup>197</sup> Para as origens, inspirações e pressupostos do Método CIS, retomar o quarto capítulo desta tese.

rodar filmes já baixados no computador da sala. Eles pediam minha licença para recorrer a essa ação, indicando que tinham autorização da penitenciária para assistir os filmes uma vez por turno, a fim de que não se cansassem. Findos os filmes, eles voltavam a assistir o Método CIS.

A impressão que tive, diante da constatação desses fatos, era a de que o treinamento não era efetivamente levado a sério. Além da falta de participação dos detentos nas dinâmicas, não havia contato dos funcionários da penitenciária com o evento. Karina não regressara, e aos policiais penais cabia apenas a vigilância tépida da sala. Eles não ingressavam nela por conta do barulho; apenas se houvesse um pedido expresso ou a ocorrência de um tumulto maior. Chamou a minha atenção o procedimento tomado quando dois detentos pediram a um policial penal para deixar a sala. Eles alegavam uma sensação crescente de sono e de desconforto com a escuridão, motivada pela medicação para insônia que tomavam. O policial penal os interrogou duas vezes sobre se tinham certeza do pedido que faziam, e lembrou-os de que, em razão da saída, não seria mais possível voltar ao treinamento. Era preciso, de acordo com as regras da penitenciária, frequentar a integralidade do Método CIS – ou seja, todas as 60 horas ao longo dos 4 dias – para obter a inscrição da atividade de ressocialização no prontuário. Os “retirantes”, já cientes da regra, consentiram e foram levados de volta às suas celas. A situação foi oportuna para que, logo depois disso, os detentos empreendessem um diálogo comigo. Eles manifestaram indignação com a rigidez das regras da instituição e contaram como era tarefa difícil, por vezes, conseguir até mesmo remédios para dor de cabeça. Se os pedidos eram ouvidos, as medicações levavam dias para chegar até a cela, quando os sintomas já não existiam mais. De acordo com eles, as solicitações de consulta médica também eram frequentemente negligenciadas. Falou-se muito de uma rotina de humilhações, em que os policiais penais impunham aos presos um padrão de conduta exagerado, mesmo para quem tinha bom comportamento. Insultos, mãos à cabeça em todos os deslocamentos, suspeitas infundadas, revistas corporais cujo objetivo não era a manutenção da segurança, mas sim a humilhação, e respostas em tom de sarcasmo eram alguns dos sinais que os detentos identificavam como marcas evidentes de abuso de poder<sup>198</sup>.

Percebendo que eu lamentava toda aquela situação, os detentos passaram a ter maior familiaridade com a minha presença e se sentiram à vontade para fazer perguntas. Todos se voltaram para o fundo da sala, esquecendo-se do treinamento que era transmitido na tela. As indagações iam desde as atividades turísticas que eu tivera em Belém – se eu já tinha provado açaí, tacacá e outras iguarias culinárias da região, e que lugares da cidade eu já havia visitado

---

<sup>198</sup> Importa mencionar que não tive a chance de observar a relação de presos com policiais penais e profissionais da gestão penitenciária fora da sala de treinamento. Dessa forma, atendo-me à versão dos detentos, sem cancelá-la como verossímil. O que é relevante é o encadeamento desse relato com um discurso sobre a vida no cárcere.

– à curiosidade com o Rio Grande do Sul. Havia também as dúvidas sobre se eu seria um enviado de Paulo Vieira e trabalharia para ele ou sobre se eu conheceria algum “PPL”<sup>199</sup> que teria “evoluído na vida” depois de participar do Método CIS. Expliquei minha função como antropólogo, os objetivos de minha pesquisa já aludidos por Karina e a maneira pela qual eu tinha chegado ao Pará e ao CRC, fazendo referência ao contato estabelecido com o juiz Deomar Barroso. Os detentos passaram então a elogiá-lo, compreendendo que eu fosse de algum modo ligado ao juiz ou que estivesse no treinamento a seu pedido. Alguns chegaram a solicitar que eu verificasse junto ao magistrado suas situações processuais, demandando transferências para outras prisões, revisões de pena e audiências, entre outras medidas administrativo-judiciais.

Depois disso, as conversas prosseguiram em outro ritmo. Procurei dosar a interlocução a fim de não atrapalhar o treinamento. Não obstante, sempre que havia a oportunidade de algum comentário a propósito do que se passava na transmissão, um ou outro interno trocava palavras comigo. O contato mais intenso foi estabelecido com Calixto<sup>200</sup>, de 44 anos, que aproveitou a menção de Paulo Vieira a um trecho bíblico (Tiago 1:2-3<sup>201</sup>) para destacar a importância da religião em sua vida no cárcere. De acordo com ele, a solidão e as provações encontradas na prisão eram uma oportunidade que tinha recebido para se aproximar de Deus. Reafirmando o conselho dirigido por Paulo a Tiago no versículo citado, ele dizia ter encontrado perseverança e alegria ao entender que a prisão lhe proporcionava “tempo para refletir” sobre o que fizera de errado e sobre como conduzira sua vida “no crime” no passado. Filho de pastores batistas, Calixto lamentava ter “se desviado do caminho” e celebrava o reencontro com Deus que tinha alcançado através da leitura da Bíblia e de livros doados à biblioteca da unidade penal por igrejas evangélicas. Sua vida teria sido ressignificada a partir do “tempo livre” de que dispunha para reatar seu “elo com Deus” e com a religião de seus pais na prisão. O detento manifestava gratidão, nesse sentido, pela oportunidade de ter sido preso antes que “morresse pelas mãos do crime” e por receber de Deus a missão de se tornar um “pai espiritual” para outros detentos no CRC. Seu autoproclamado “propósito” envolvia a pregação do Evangelho, a organização de cultos nas celas, o exercício da função de conselheiro de outros presos, a adoção de uma conduta exemplar e a persecução do objetivo de “fazer de tudo para crescer e ser uma pessoa melhor”.

---

<sup>199</sup> PPL: pessoa privada de liberdade. Os detentos se autoidentificavam frequentemente utilizando esse termo.

<sup>200</sup> Os pseudônimos atribuídos aos detentos são baseados em nomes pouco comuns. Tomo essa providência para diminuir o risco de os nomes fictícios coincidirem com os nomes reais dos internos, meus interlocutores ou não.

<sup>201</sup> “Meus irmãos, sintam-se felizes quando passarem por todo tipo de aflições. Pois vocês sabem que, quando a sua fé vence essas provações, ela produz perseverança”. O trecho veiculado no Método CIS e citado por Paulo Vieira era compatível com a versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Calixto externou seu sonho de cursar Teologia e de ser pastor e missionário ao sair da prisão, “ganhando almas para Jesus”. Ele também enfatizou sua percepção de que o Método CIS era um instrumento oferecido no cárcere a partir de um desígnio divino, sendo propício para contribuir com essa missão. Em suas palavras, “Deus colocou nas mãos do Paulo Vieira o Método CIS pra ajudar a gente a sair do lugar, a ser melhor, a cumprir o nosso propósito”.

Exaltando os conteúdos e as lições do treinamento, do qual já participava pela segunda vez, Calixto afirmava com veemência: “Eu tenho certeza que o Paulo Vieira é um homem enviado por Deus”. Sua convicção provinha das lições que ouvia do coach, embasadas, de acordo com o detento, em uma “sabedoria que vem de Deus”. Calixto disse que eu poderia comprovar essa impressão ao acompanhar as falas de Paulo Vieira. Fui lembrado disso por Calixto na sexta-feira, quando o coach fazia uma explicação sobre as “três vozes internas” que todo ser humano carregaria consigo, determinando suas emoções e, conseqüentemente, suas ações. A primeira voz, a “única boa”, seria a “voz da consciência sã”, caracterizada pela lucidez, equilíbrio e sabedoria. Essa voz nos ofereceria boas escolhas, nos faria agir com discernimento e nos levaria a viver com sabedoria. A segunda voz, relativa às “emoções negativas”, teria papel acusatório, diria que não somos capazes de vencer, nos puxaria “para baixo” e nos deixaria desanimados. Finalmente, a terceira voz, descrita como “espiritual destrutiva”, seria “a pior de todas”. Acessando as pessoas “pelo orgulho e pela mágoa”, ela seria compulsiva, destruidora, egoísta, odienta e nos levaria a pensamentos de fracasso que não partiriam de nós mesmos. Fazendo alusão ao Evangelho de João, capítulo 10, versículo 10, em que Jesus Cristo aponta para o diabo como o “ladrão” que veio para “roubar, matar e destruir”, Paulo Vieira explicava: “Essa voz, no último estágio, quer te levar à morte. Essa voz quer roubar, matar e destruir”.

Na opinião de Calixto, havia uma continuidade entre o Método CIS e os “ensinamentos bíblicos”, impressão reiterada pela constatação de que Paulo Vieira, em seu treinamento, “fala da Bíblia o tempo todo, mostra o caminho da Verdade”. Em duas ocasiões notei o interno repetindo versículos bíblicos que eram proferidos pelo coach. Calixto dizia com orgulho conservar em sua memória mais de 40 passagens da Bíblia decoradas. Para ele, esse era um elemento importante de sua missão como “pai espiritual” na prisão: era preciso estar preparado para instruir os demais detentos, pregar a Palavra e defender a fé cristã não só nos cultos realizados no pavilhão de sua cela, mas a qualquer momento. Indaguei-o sobre os cultos e sobre a presença das instituições religiosas no CRC, ao que Calixto respondeu ser este um ponto valorizado tanto pela “massa carcerária” quanto pelo sistema penitenciário. Segundo ele, a assistência religiosa provida na prisão advinha principalmente de igrejas evangélicas das mais variadas denominações. Uma delas desenvolvia um trabalho de maior destaque: a Igreja

Universal do Reino de Deus (IURD). Enquanto outras igrejas atendiam os presos com distribuição de folhetos, Bíblias e livros, orações nas celas, realização de cultos, doação de materiais de higiene pessoal e intermediação de contato dos detentos com suas famílias, a Universal fazia tudo isso e ainda fornecia gratuitamente à unidade penal materiais e insumos tecnológicos que seriam utilizados em atividades dos projetos de reinserção social, sendo incorporados ao patrimônio penitenciário. Calixto apontou para a televisão, para o ar-condicionado, para o quadro branco, para o sistema de som e para as cadeiras em que estávamos sentados. Quase todos os itens presentes na sala, de acordo com ele, eram fruto de doações feitas pela IURD, em uma relação que não foi mencionada pelos funcionários da unidade penal.

A ação organizada da Igreja Universal nas prisões remonta a mais de 30 anos e tem se consolidado por meio da Universal nos Presídios (UNP), projeto realizado por membros da igreja (muitos deles ex-detentos) em um trabalho de assistência social e de evangelização junto a internos do sistema prisional e seus familiares. Segundo informações da própria IURD em seu site, as ações do programa Universal nos Presídios beneficiaram mais de 498 mil detentos e jovens internos somente no ano de 2016, número referente a 80% da população carcerária do Brasil<sup>202</sup>. A influência da UNP e da IURD nas prisões tem se alastrado nos últimos anos, inclusive no exterior, com incidência em países como Portugal. Francesca Cerbini (2022) aponta para como o sistema prisional português é remodelado a partir dessa presença, que se adapta a inovações de gestão introduzidas na pandemia de Covid-19. No seio dessas mudanças, a IURD assume um papel de “poderoso ator envolvido na gestão da instituição prisional” em um “modelo ‘híbrido’ de gestão [oriundo] da prisão brasileira, em que a igreja cristã tem assumido um papel importante” (p. 170, tradução minha). No contexto brasileiro, as pesquisas que observam a incidência iurdiana no sistema prisional são numerosas e tocam em articulações específicas, como a convivência entre evangélicos e católicos no cárcere e as particularidades da operação das penitenciárias femininas. A propósito desses temas, vale destinar uma menção aos trabalhos da coletânea “Religiões e prisões”, anteriormente citada, destacando o capítulo de Lobo (2012), que averigua uma maioria evangélica vinculada à IURD e à Assembleia de Deus no contexto plural das prisões fluminenses, e o de Vargas (2012), que presencia na Penitenciária Feminina do Distrito Federal uma predominância de mulheres ligadas às mesmas igrejas.

Do que pude constatar em meus diálogos com os detentos, a IURD e outras igrejas evangélicas desempenhariam um papel importante na unidade penal em pelo menos cinco

---

<sup>202</sup> Por serem relativas a 2016, as informações estão bastante desatualizadas. Universal. “Universal transforma vidas dentro e fora dos presídios brasileiros”. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/universal-transforma-vidas-dentro-e-fora-dos-presidios-brasileiros/>. Acesso em: 19 out. 2023.



frentes: no atendimento cooperativo a demandas materiais dos internos; na interlocução com familiares e profissionais que prestam auxílio jurídico; na oferta de cursos profissionalizantes e projetos de reinserção social cuja proposição passa por organizações religiosas; na prestação de assistência religiosa propriamente dita (cultos, orações, aconselhamentos); e nas contribuições para a estrutura da penitenciária, com a doação de equipamentos que possibilitam a execução de atividades como os treinamentos pelo Método CIS. Para além dessas ações, a influência evangélica entre os detentos pôde ser também constatada em um momento singular do treinamento. O cenário de indiferença coletiva que se abatia na sala durante as dinâmicas estimuladas por Paulo Vieira haveria de mudar na tarde de sábado, com a introdução de uma música gospel na conclusão de uma palestra do coach. Aos ouvir os primeiros acordes, um dos detentos, sentado duas fileiras à minha frente, gritou repentinamente: “A mudança é nossa! A liberdade é nossa!” Logo na sequência, a canção “Yeshua”<sup>203</sup>, do cantor Fernandinho, foi entoada em uníssono por todos os detentos da sala, sem exceção. A letra e a melodia eram por todos eles conhecidas. Pude verificar, uma vez mais, que a presença de elementos bíblico-religiosos no Método CIS mobilizava sobremaneira a atenção dos detentos<sup>204</sup>. É difícil depreender se o conhecimento da música “Yeshua” estava mais relacionado com um vínculo anterior dos detentos com igrejas evangélicas, originado em suas famílias ou em algum ponto de suas trajetórias pessoais, ou com uma participação na religião surgida a partir do cárcere. É mais provável que ambas as hipóteses se confirmassem em alguns casos, como o de Calixto.

A despeito da unanimidade na vocalização da música, parecia haver uma divisão interna entre os presos a propósito da conciliação entre fé evangélica, ou participação religiosa, e determinados códigos morais associados à religião. No último dia de treinamento, durante a pausa para o lanche, um dos detentos assumiu o controle do computador e reproduziu o arquivo de uma música funk. Outro detento da turma, sentindo-se incomodado com o teor sexualizado da letra e com o volume do som, pediu que retirassem o que qualificou como “essa droga do demônio”, gerando desentendimento na sala. Alguns dos internos apoiaram a reivindicação, enquanto outros o xingaram, taxando a atitude como uma tentativa do preso de “se passar por santo”. É interessante observar como não havia uma incompatibilidade entre a escuta do funk “proibidão” e a expressão da fé pela música gospel para um grupo da sala, enquanto para outro isso se constituía um problema. Clementino, detento que articulava bem as palavras e parecia

---

<sup>203</sup> A letra conta com apenas uma estrofe, exaltando o encontro de Yeshua (Jesus, na raiz hebraica) com sua “noiva”, a igreja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZP0YSnxGBt8>. Acesso em: 07 nov. 2023.

<sup>204</sup> A operacionalização das técnicas e dinâmicas no Método CIS segue o que foi exposto no capítulo 4 desta tese.

exercer certa autoridade e liderança entre os presos, conseguiu acalmar os ânimos da turma e pediu apaziguamento em respeito à minha presença. Ele sugeriu que se deixasse tocar a música funk e que logo após se reproduzisse uma música gospel, agradando assim a ambos os públicos.

A solução foi acatada pelos detentos e elogiada por Felisberto, interno que conversou comigo durante a maior parte do intervalo. Oriundo do interior do Pará, ele contava estar preso há mais de 20 anos, tendo saído e retornado várias vezes ao presídio. Sua narrativa não era a de uma conversão ou reconversão completa e já realizada ao Evangelho, mas a de um processo em vias de acontecer. Felisberto era, em suas próprias palavras, um “descrente” que reconhecia que todas as alternativas de que dispunha tinham dado errado em sua vida, e que por isso estava disposto a recorrer à sua última “ficha”: Jesus e a igreja. Felisberto confessava não acreditar em muito do que era falado nos cultos, dos quais começara a participar na prisão. Além disso, tinha dificuldade em achar explicações para a razão da existência do mal e achava uma “bobagem” discussões “sobre o que é santo e o que não é” como a que presenciamos no intervalo. Não obstante, ele havia criado uma forte amizade com um ex-detento e pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular que lhe prestava auxílio no cárcere, e que para ele era um “anjo”. Felisberto via no exemplo de superação do pastor e na possibilidade de conversão a única saída ainda viável para sua vida, assumindo que poderia se batizar e fazer parte da igreja em breve.

Aproximando-se o horário-limite de minha presença no CRC, estipulado pela direção da unidade penal, os detentos, liderados por Clementino, pediram que eu redigisse um ofício de agradecimento às autoridades da penitenciária, da SEAP e do Judiciário pela oportunidade de realização daquela edição do Método CIS. Utilizei as folhas de meu caderno de anotações de campo para escrever, prometendo posteriormente passar o documento a limpo, digitalizá-lo e encaminhá-lo aos destinatários. Depois que li o documento em voz alta, todos os detentos o assinaram. Em nome da turma, Clementino dirigiu a mim um discurso de agradecimento, citando que, conforme a promessa de Cristo, eu seria abençoado por tê-los tratado como “seres humanos iguais”. Na paráfrase de uma passagem bíblica, ouvi de Clementino, sob o aplauso dos demais detentos, a enunciação de Cristo de que “estive na prisão e foste me visitar”.

#### **6.4 – “Jesus é a única coisa que funciona aqui”: depoimentos da vida no cárcere**

As entrevistas com os detentos estiveram condicionadas a escolhas que couberam à direção da casa penal. Depois de entrar em acordo com o diretor, a técnica pedagógica Karina conseguiu a liberação de uma entrevista por dia, com dois detentos por vez. Seriam, ao todo, oito detentos entrevistados, sendo os mesmos dispostos em quatro duplas. Os nomes seriam

escolhidos por critérios que não estavam a meu alcance. Karina asseguraria a representatividade do público LGBTQIA+, inserindo Alfredo, Agenor e Lindolfo, todos os detentos homossexuais presentes na turma, segundo sua classificação, entre os entrevistados. Uma outra regra de participação a ser observada, com a qual opinei e dei meu assentimento, era que um dos detentos escolhidos deveria estar frequentando o Método CIS pela primeira vez, enquanto o outro já teria realizado o treinamento no passado. Os demais internos, conforme fui descobrindo ao longo dos quatro dias, eram Calixto, Felisberto e Clementino, além de Cecílio e Demétrio. O *modus operandi* da seleção era simples: considerados os filtros de já ter/não ter participado do Método CIS e da cota de gênero, um policial penal era encarregado para fazer a seleção de dois detentos no auditório. Eu o acompanhava durante a escolha, mas esta cabia unicamente a ele. O agente penitenciário sempre perguntava à turma quem teria o desejo de participar da entrevista. Os detentos que primeiro levantavam a mão eram, sempre e invariavelmente, aqueles com os quais eu havia tido maior contato durante o treinamento. Realizada a escolha/indicação, éramos então encaminhados para uma sala separada, onde o policial penal enfim nos deixava a sós.

Na quinta-feira, a entrevista não seguiu esse padrão e foi realizada ao final da tarde, na sala da técnica pedagógica, reunindo os internos Cecílio e Alfredo. Estávamos acompanhados o tempo todo por Karina e outras duas funcionárias de seu setor, o que foi por mim percebido como uma curiosidade sobre o que eu pretendia explorar com as entrevistas. Não utilizei um roteiro estruturado de perguntas; apenas estimulei um diálogo sobre três pontos: a) a percepção sobre as atividades do Método CIS, atentando para a relação do treinamento com outros projetos de reinserção social e para as diferenças de perspectiva entre o detento que já havia participado e o detento que participava do treinamento pela primeira vez; b) as experiências de vida no cárcere; e c) as projeções de futuro que os internos refletiam sobre si mesmos, em comparação com suas condições biográficas do passado e do presente. Outras indagações foram surgindo no decorrer das conversas, observando-se a necessidade de adaptabilidade da dinâmica. No primeiro dia, os detentos conformaram muitas de suas respostas à presença das funcionárias do CRC no ambiente da entrevista. Cecílio, que participava pela segunda vez do treinamento, expressou sua gratidão “a Deus e ao Estado” pela oportunidade de acessar o Método CIS de forma gratuita, enfatizando que ficara sabendo por outros presos que o mesmo custava financeiramente caro “lá fora”. As menções a Deus e ao Estado se repetiram outras vezes. No primeiro caso, Cecílio fazia referência a um projeto de futuro em que alcançava estabilidade pessoal e profissional, mesmo após “desprezar a Deus” em sua vida. Cecílio disse ter perdido os sonhos de ter uma família e de ser técnico em Segurança do Trabalho com o envolvimento no crime, mas que estava disposto em seu coração a “reconstruir tudo”, tendo

dado o primeiro passo ao começar a participar de um grupo da Igreja Universal no cárcere. O Método CIS era assimilado como mais um aprendizado útil para a reconstrução desses sonhos, assim como a participação em atividades religiosas e em projetos e cursos oferecidos na casa penal. Cecílio relativizaria o caráter “terrível” do cárcere no senso comum, elogiando as oportunidades oferecidas pelo CRC e pelo Estado, que “está tentando organizar a nossa vida”:

Antes de ser preso eu nunca imaginei que dentro do cárcere teria escola, curso, alguma coisa pra fazer. Eu pensava que era só uma cadeia. E depois que eu vim passar a conviver dentro dela, eu fui ver que não é como muitos pensam lá fora. Muitas pessoas pensam lá fora que aqui dentro é algo terrível. Não é terrível. Aqui a gente estuda, aqui a gente faz leitura de livro, participa de Dia da Cultura, assistindo filme, fazendo resumo. Tem vários cursos pra fazer e o Estado está tentando organizar a nossa vida. Vai de nós querermos ou não. Depois que sai do portão pra fora, a decisão tá na nossa mão, se vai seguir pelo caminho certo ou se vai continuar no caminho errado.

Cecílio, segunda vez participando do Método CIS, em 01/06/2023.

Alfredo, neófito no treinamento, seguiu linha semelhante a Cecílio ao observar que “o Método CIS se torna chato para as pessoas que não têm sonho”. Ele destacou o papel do desenvolvimento da inteligência emocional na reconstrução de sonhos, frisando que Paulo Vieira “fala muita coisa sobre o emocional, sobre aprender a se controlar em certas coisas, aprender a falar no momento certo e a ficar calado”. O descontrole emocional teria sido o principal motivo que o levara ao “mundo do crime”, não obstante tenha crescido em uma “boa família” e tenha frequentado “os melhores colégios de Belém”. Seu principal sonho era ser advogado, o que não fazia mais parte dos planos atuais. Alfredo agora desejava cursar graduação em Gastronomia, montando o próprio negócio após a saída da prisão. Na busca desse objetivo, seria necessário aprender uma forma saudável de lidar com as emoções, “para não perder tudo de novo”. O interno considerava o Método CIS uma excelente oportunidade para “desenvolver uma boa estrutura emocional” após passar por traumas e decepções, logrando êxito nessa tarefa. Não obstante, Alfredo não mencionou elementos religiosos em sua trajetória biográfica, deixando também de associá-los à vida no cárcere e a projeções pessoais de futuro.

O segundo dia de entrevistas teve a novidade da sala exclusiva e da interação a sós com os detentos. Calixto e Agenor foram os escolhidos para a ocasião. Eu já conhecia a história de Calixto, contada a mim no auditório, e sabia o que incluía sua “missão” como “pai espiritual” dos detentos no CRC. Mas fui surpreendido com a nitidez das fronteiras entre o “psicológico” e o “espiritual” a partir das quais o detento descreveu a relação entre o Método CIS e seu trabalho de apoio religioso a outros internos da unidade penal. De acordo com Calixto, o treinamento de Paulo Vieira era útil na medida em que trabalhava “a mente das pessoas, o

psicológico”, mas não substituía a “Palavra de Deus, que trabalha o coração”. Perguntei a razão dessa diferenciação, uma vez que a mensagem apreendida por Paulo Vieira em suas lições de coaching parecia ser a mesma mensagem bíblica dos cultos e da assistência religiosa prestada na prisão. O “pai espiritual” respondeu que a Bíblia também serve para “despertar o psicológico” para novas atitudes e uma mudança de vida, e que por isso o treinamento possuía “enorme valor”, mas que a transformação só seria completa com o “convencimento do Espírito Santo nos corações”. Por mais que as lições de Paulo Vieira fossem úteis, que a Bíblia fosse a base dos ensinamentos do Método CIS e que o próprio coach fosse cristão, seus treinamentos não poderiam substituir o “trabalho do Espírito Santo”. Eis uma experiência interessante para perceber como referências bíblico-religiosas assumem sentidos diversos a depender do contexto em que são enunciadas, gravitando entre os polos do “psicológico” e do “espiritual” de acordo com as situações em que os atores estão inseridos. Para Calixto, o coaching de Paulo Vieira e a “missão” de “pai espiritual” não eram exatamente justapostos em seus sentidos, mas conviviam em um regime de crença onde as referências bíblico-religiosas eram valoradas a partir de diferentes funções exercidas pela Bíblia: haveria nela um lugar para o aprimoramento “psicológico” acionado pelo Método CIS; a “transformação” de um detento, entretanto, não se reduziria ao “psicológico”, dependendo de um “espiritual” que extrapolaria o treinamento de Paulo Vieira e encontraria correspondência em sua “missão” e no “trabalho do Espírito Santo”.

A conversa com Agenor me fez perceber uma outra passagem sutil em que os sentidos atribuídos à experiência religiosa no cárcere são cambiáveis, não compreendendo um processo de (re)formulação da identidade do detento compatível com noções fixas como “pertença religiosa” e “conversão”. Ao continuar o teor do diálogo iniciado com Calixto, Agenor disse não ser religioso e nunca ter feito parte de uma religião, mas afirmou participar de cultos na casa penal junto de outros detentos, com a finalidade de “aprender a ser uma pessoa melhor”. O detento associou a sua participação em atividades religiosas na prisão ao objetivo do aprimoramento pessoal, aspecto também destacado para elogiar as atividades e ensinamentos do Método CIS, do qual participava pela primeira vez. A frequência de Agenor aos cultos prescinde, no entanto, do intuito de cantar louvores a Deus, de aprender da Bíblia ou de se converter a uma doutrina ou denominação cristã. É possível, a partir desse caso, pensar em dois aspectos complementares. Por um lado, a possibilidade de uma participação, ou mesmo de uma adesão à religião, que não se confunde e não se reduz à ideia de pertença ou de conversão; e, por outro, a produção de uma ressignificação do religioso que é posta em efetivação sob a chave do aprimoramento pessoal, aproximando o Método CIS da assistência religiosa pela oferta, em ambos, da oportunidade aprender a “ser uma pessoa melhor”. A trajetória de Agenor no cárcere

compreende ainda uma particularidade: o fato de ser homossexual e “LGBT”, sigla utilizada como autoapresentação por ele e pelos demais detentos componentes do grupo LGBTQIA+ tanto na entrevista quanto na assinatura do ofício por mim elaborado no domingo. O interno relata que os “LGBT” têm ganhado espaço considerável na unidade penal, como resultado de uma política de inserção e valorização da população LGBTQIA+ no CRC, gerando uma disputa “velada” com os heterossexuais, que “têm perdido algumas oportunidades”. Agenor exemplifica a vantagem citando a bolsa que recebeu, por intermédio de um acordo entre a Vara de Execuções Penais e uma universidade, para cursar uma graduação EAD em Administração na prisão. Agenor atribui o recebimento da bolsa exclusivamente ao fato de ser “LGBT”, pois “o CRC e a pedagoga [Karina] procuravam alguém desse perfil para dar a oportunidade”.

O terceiro detento homossexual entrevistado, Lindolfo, contrasta com Agenor em seu modo e em seu histórico de relações com a religião – não só no cárcere, mas também fora dele –, tornando mais explícita a imagem de que o Método CIS é percebido por muitos detentos em contiguidade com o “religioso”. Para enfatizar esse contraste, passo à quarta dupla entrevistada, formada por Lindolfo e Demétrio, retornando posteriormente para a terceira. Lindolfo era um dos detentos mais jovens do treinamento, contando com apenas 22 anos de idade. Sua trajetória de vida incluía uma intensa participação nas fileiras da Igreja Universal do Reino de Deus, como membro e liderança da Força Jovem Universal, braço juvenil da denominação. Tendo “se afastado da presença de Deus” e cometido vários crimes nos últimos anos<sup>205</sup>, ele fora preso há alguns meses e ainda era “novato no cárcere”. A frequência ao Método CIS era sua primeira participação em atividades de ressocialização no CRC. Fazendo eco a elementos que eu já ouvira de Calixto, Lindolfo, no quarto dia de seu primeiro contato com o Método CIS, afirmava o entendimento de que o treinamento era a realização de um “plano de Deus” na vida de Paulo Vieira. O coach, segundo o interno, teria recebido um “dom” que o possibilitaria ser uma referência no que faz, além de se tornar uma “pessoa grande, famosa” com o auxílio divino. Essa percepção se expressa na aproximação de Paulo Vieira com a figura de um pastor, denotando uma familiaridade de Lindolfo com uma narrativa de prosperidade que alia intrinsecamente o “sucesso” material/pessoal/profissional ao “sucesso” espiritual, ou ao estabelecimento do “plano de Deus” por meio do componente psicológico. Em suas palavras:

Ele [Paulo Vieira] é igual a um pastor. [...] Ele tem um dom também. Esse cara não veio à toa na Terra. Deus já tinha esse plano na vida dele. A gente vê que ele é uma pessoa religiosa. Deus já tava com esse plano na vida dele. Até porque ele se tornou

---

<sup>205</sup> Quase sempre os detentos manifestavam lamento pelos crimes outrora cometidos. Esses crimes, no entanto, dificilmente eram especificados. Por razões éticas, não demandei quais eram os tipos de crime, as penas, etc.

uma pessoa grande, famosa. Como ele conseguiu? Ele não conseguiu sozinho aquilo, não. Ele soube tirar essa autoestima de dentro dele. E ele fala: ‘Se eu consegui, por que também tu não consegues?’

Lindolfo, primeira vez participando do Método CIS, em 04/06/2023.

Para Lindolfo, o crescimento pessoal e a concretização do “dom”, que se refletem ao mesmo tempo em um crescimento como coach e “pessoa grande, famosa” e como alguém que “não veio à toa na Terra”, só se realizariam mediante o que Paulo Vieira soube fazer em sua vida: “tirar a autoestima de dentro dele”. Ou seja: assume-se o pressuposto de que o sucesso e o crescimento partem de si, do interior do indivíduo, ou da capacidade de desenvolver a autoestima e as “crenças de sucesso”, refletindo alguns dos principais ensinamentos do Método CIS. Lindolfo incorpora essa perspectiva projetando a própria capacidade de crescimento, a qual dependeria unicamente de si. Ele repete o que havia sido dito pelo coach: “Se ele conseguiu, por que eu não vou conseguir?” E confere a esse processo uma igualdade de condições para todas as pessoas: “Todos nós somos iguais, temos um cérebro, uma mente, uma autoestima. Então o Paulo Vieira tá certo, tudo depende de mim. Se eu não quero mudar, é porque eu tô me vitimizando. Eu não quero [nesse caso] mudar. Mas Deus já me deu a oportunidade de sair da minha situação por minha própria conta. E eu vou sair”. A figura do coach, que foi equiparada por Lindolfo com a de um pastor, é comparada ainda com a de um psicólogo, mas em um nível onde uma noção de compreensão mais abrangente é concebida: “Esse cara é mais do que um psicólogo, ele fala o que tá acontecendo contigo, na tua vida”.

Na mesma entrevista, dialoguei com Demétrio, detento transferido de outra unidade penal para o CRC há apenas dois meses, passando do regime fechado para o semiaberto. Em um jeito lacônico de se expressar, Demétrio dizia que tinha resistido à ideia de participar do Método CIS pela primeira vez, depois de ter ouvido de alguns detentos que coaching era “coisa de falcatura” e “venda de curso”. Tendo “enfrentado o preconceito” inicial e frequentado o treinamento ainda na outra casa penal onde estivera preso, ele dizia agora se sentir “à vontade” com o Método CIS e com o “ponto de vista mudado” sobre vários aspectos de sua vida pessoal. Lindolfo aproveitou a oportunidade das palavras de Demétrio para dizer que Paulo Vieira era “julgado por acreditar nas pessoas”, assim como Jesus e o bispo Edir Macedo haviam sido pela mesma razão: “Eu acredito que, assim como Jesus era julgado por acreditar nas pessoas, tem pessoas que julgam esse cara. Edir Macedo também, ele é mal falado. Acho que são pessoas [as que julgam] que não conseguem enxergar a realidade”. Edir Macedo, líder da Igreja Universal, se mantém como uma referência para Lindolfo mesmo após seu abandono das atividades na denominação. No cárcere, Lindolfo estaria ensaiando uma reaproximação com a IURD, mas

afirmou, constrangido, ainda não estar “pronto” para retomar plenamente a vida de fé. Seria preciso “muito jejum e oração” para que isso viesse a ocorrer novamente. Ele estaria disposto, todavia, a “correr atrás do prejuízo” e a retomar o que perdera desde sua “queda no crime”.

A dialética entre perda e recuperação também foi a tônica da interlocução com Felisberto, com quem eu não ainda havia estabelecido contato até o momento da entrevista. O diálogo com o detento exposto na seção anterior ocorreria no intervalo do treinamento de sábado, ao passo que a entrevista foi realizada no início da tarde, logo após minha chegada ao CRC. Felisberto comentou os sofrimentos que vivera em decorrência do encarceramento, destacando o afastamento e a morte de familiares como os processos mais dolorosos pelos quais um detento pode passar. Preso desde 2002, ele tinha perdido pai, mãe e irmãos enquanto estivera no cárcere, e não pudera “aproveitar a vida com eles” e se despedir a tempo. Nesse período, também não tinha acompanhado o crescimento da única filha, que já estava com mais de 20 anos. A última experiência traumática vivida por Felisberto tinha sido o afastamento da esposa, há pouco mais de 6 meses. Ele conta que recebeu uma visita dela no CRC e a beijou, o que, segundo ele, não era permitido pelas regras da penitenciária. Como reprimenda, um policial penal quebrou o chip do celular de sua esposa, a fim de que ele não soubesse mais o seu contato. Mas os excessos não pararam por aí: a esposa de Felisberto não conseguiu voltar a ter permissão para visitá-lo. Desde esse episódio, eles nunca mais teriam se falado e nenhum profissional da penitenciária tinha notícias de sua esposa. Felisberto, que entrara no regime semiaberto, lamentava o fato de que poderia contatá-la se ao menos tivesse seu novo número de telefone.

O “fechamento de portas” da penitenciária, representado pelo excesso de regras e pela negação de direitos aos detentos, bem como pelos abusos cometidos, era encarado como algo irremediável por Felisberto. Sua perspectiva dos projetos de reinserção social oferecidos pelo sistema prisional era pessimista, ao contrário do que presenciei nas entrevistas com Alfredo, Cecílio e outros detentos. Ele dizia não ter nenhuma esperança em participar de cursos, programas e projetos de ressocialização, pois isso “nunca dava em nada”. Em sua ótica, os presos saíam da penitenciária para o regime semiaberto ou no cumprimento de pena e “voltavam piores”, pois encontravam um cenário adverso de preconceito e falta de oportunidades “lá fora”, onde, como no cárcere, “ninguém acredita verdadeiramente na gente”. Apesar de não ter certeza de sua crença em Deus, na Bíblia e de não entender “muito dessas coisas”, Felisberto via nas atividades religiosas que ocorriam na prisão, sobretudo as que eram conduzidas pelo pastor ex-detento da Igreja do Evangelho Quadrangular com quem estabelecera vínculo de amizade, uma derradeira oportunidade de “redenção”. Por meio da adesão religiosa ele vislumbrava uma solução, uma fonte para suas esperanças quase esgotadas. Com sua experiência de duas décadas



de encarceramento, Felisberto se “rendia aos fatos” e atestava: “Jesus é a única coisa que funciona aqui”. No cárcere, ele presenciara muitas histórias de mudança como a de seu amigo pastor, partindo do estímulo da participação nas igrejas, que “abrem as portas pra nós aqui dentro”. Era justamente nesse sentido que ele concebia o Método CIS: não como um projeto de reinserção social, mas como uma atividade “de igreja”, vendo Paulo Vieira como “um cara que fala de Deus e que ensina a gente a ser melhor pela Bíblia” mais do que como um coach.

O outro detento entrevistado de sábado, Clementino, também valorizou a presença das igrejas na unidade penal, referindo-se ao fato de que “elas sempre tiveram respeito dentro do presídio”. No entanto, uma correção e uma ressalva logo foram feitas: esse “respeito”, de acordo com o interno, provinha mais da parte dos detentos do que da parte dos policiais penais e do sistema penitenciário. Clementino ocupou todo o nosso diálogo explicando a importância da intervenção federal ocorrida no sistema prisional do Pará para o que vivenciávamos naquele momento<sup>206</sup>. De acordo com ele, “de 2019 para trás, o Estado não mandava nas cadeias, não tinha controle dos presídios”. As facções do crime organizado ditavam as regras, e era permitida, com o suborno dos antigos agentes penitenciários, a entrada de drogas, celulares e utensílios para lazer, entre outras “regalias”. Tudo isso teria mudado com a instituição do novo regime de controle das prisões, que começou pela imposição de uma “disciplina extremamente dura”: banhos de “pimenta” (gás lacrimogêneo), “desfiles” de presos nus nas galerias, retirada e destruição de objetos de uso pessoal, proibição de visitas, entre outras ações. Algumas dessas medidas, segundo Clementino, seguiriam ocorrendo, em uma flagrante e cotidiana violação dos direitos humanos na prisão. No contexto dos primeiros meses da intervenção, para causar intencionalmente um “choque emocional” nos detentos, até mesmo a assistência religiosa teria sido interrompida: “As igrejas também foram oprimidas. Não havia cultos, nem liberdade religiosa”. Uma outra marca dessa violação de direitos, em voga no cárcere desde antes da intervenção e após ela, seria a descrença generalizada na ressocialização e na mudança de vida dos detentos – o que seria contrastante, para Clementino, com os esforços de oferta de projetos

---

<sup>206</sup> Após uma série de rebeliões e mortes ocorridas no sistema prisional paraense, o então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, atendeu a um pedido do governador Helder Barbalho (MDB) e autorizou o envio de uma tropa de agentes penitenciários coordenada pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) para intervir no estado. Posteriormente, um relatório do Ministério dos Direitos Humanos alegou que a força-tarefa agiu ilegalmente, praticando maus-tratos e tortura aos detentos, acusação negada pelo DEPEN. Ver: Agência Brasil. “Força federal de intervenção em presídios chega ao Pará”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2019-07/forca-federal-de-intervencao-em-presidios-chega-ao-para> e G1. “Novo relatório conclui que Intervenção Penitenciária atuou de forma ilegal no Pará, após massacre em Altamira”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/11/07/novo-relatorio-conclui-que-intervencao-penitenciaria-atuou-de-forma-ilegal-no-para-apos-massacre-em-altamira.ghtml>. Acesso a ambos os links: 22 out. 2023. É importante mencionar que a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP) foi criada a partir da intervenção. Antes, a gestão do aparato penitenciário cabia à Secretaria de Segurança Pública.

de reinserção social como o Método CIS, evidenciando a “hipocrisia do sistema” – e a acusação, por parte de muitos policiais penais, de que os internos religiosos “se escondem atrás da Bíblia” para parecer “bonzinhos” e obter benefícios. Essa seria, na opinião de Clementino, a verdadeira percepção que os agentes do sistema penitenciário teriam do Método CIS. A “desconfiança” dos agentes penitenciários – e dos próprios detentos entre si – em relação à genuinidade da fé dos outros na prisão é um aspecto também observado por Eva Scheliga (2005) em sua etnografia de conversões no cárcere. Denota-se, nesses processos de produção da (des)legitimidade do “convertido” na prisão, uma tensão permanente entre os detentos e o sistema penitenciário.

### **6.5 – O religioso invisível e hipervisível no sistema prisional**

A inserção dos treinamentos pelo Método CIS no sistema prisional é modelada pela sua configuração como um projeto de reinserção social/ressocialização dos detentos. Os treinamentos de Paulo Vieira adentram o sistema prisional por iniciativa do aparato de execução penal do Judiciário ou da gestão penitenciária do Executivo, sendo ofertados gratuitamente e assumindo na prisão a forma de um programa institucional de ressocialização. Enquadrado como atividade penitenciária formal, o Método CIS também é acionado, em casos específicos, como mecanismo de controle de rebeliões, lembrando a reivindicação, por parte do Estado, da presença de ações religiosas no sistema prisional fluminense abordada por Birman (2012b). Os treinamentos pelo Método CIS se encontram atualmente institucionalizados de forma plena no estado do Pará, onde são realizados em todas as unidades penais, ao passo que iniciativas pontuais em outros estados sugerem processos de institucionalização do projeto em curso.

São relevantes para essa expansão e institucionalização o ativismo de Paulo Vieira, do juiz Deomar Barroso e de parlamentares entusiastas do Método CIS no Congresso Nacional, conforme destaquei na descrição da sessão solene em homenagem à Febracis e a Paulo Vieira realizada na Câmara dos Deputados em 2022. As articulações no Legislativo incluem a proposição de leis que amparam o coaching como prática profissional, estabelecendo sua regulamentação, inserem-no em instituições públicas como prisões e escolas e chancelam sua validade como política de segurança condizente com o objetivo estatal da ressocialização. Além disso, há a celebração pública do compromisso do coaching de Paulo Vieira com o tema da segurança pública, o que lhe confere uma legitimação social. O poder de “transformação” do Coaching Integral Sistêmico sobre a vida dos detentos é salientado pelo coach, por deputados e pelo juiz Deomar Barroso com o recurso abundante a referências bíblico-religiosas. Essas últimas são condensadas no ideal do “crescer e contribuir”, máxima que integra o

desenvolvimento pessoal preconizado pelo coaching com uma contribuição com o “próximo”, permitindo que sejam atribuídos, por agentes evangélicos e católicos presentes na sessão, sentidos de “propósito” e “missão” divinamente orientados a Paulo Vieira e ao Método CIS.

No entremeio dessas relações, também se pode verificar argumentos e sentidos que fazem o Método CIS se constituir como uma prática que obtém relativa facilidade para adentrar e se afirmar no sistema prisional do Pará. Procurei evidenciar como o trânsito do projeto entre diferentes atores recebe a contribuição decisiva de duas frentes combinadas de atribuição de sentido aos treinamentos: por um lado, um conjunto de percepções circulantes no interior do aparato de gestão penitenciária e entre a “massa carcerária”; e, por outro, a mobilização de referências bíblico-religiosas que fazem com que o treinamento seja operativo em seus propósitos de “transformação” de vida dos detentos e de projeção de futuros possíveis. Esses arranjos de sentido podem ser agrupados em linguagens, como as que Irene Becci (2015) sistematizou em seu trabalho junto a prisões da Suíça, da Itália e do Leste da Alemanha, classificando-as em religiosas, seculares e espirituais. Assumo que é heurísticamente viável inspirar-se em modelos e classificações como a adotada por Becci, desde que o olhar sobre essas passagens compreenda suas configurações híbridas e não se reduza a estabilizações conceituais. No âmbito das relações estatais com o projeto de inserção do Método CIS no sistema prisional, duas linguagens se sobressaem: no mais tópico, o da gestão penitenciária do CRC, urge a linguagem da ressocialização e do desencarceramento como um fundamento para a execução do projeto no interior da unidade penal. A noção de “transformação” dos detentos está presente nessas concepções, abrindo espaço para a aceitação do treinamento por parte dos funcionários, mas se encontra nelas dissociada de qualquer referência ao “religioso”. O efeito de “transformação” é mobilizado com base no “religioso” em um segundo plano ou linguagem, onde as articulações políticas do coaching se encontram com deputados federais e com o juiz Deomar Barroso, reivindicando voz no debate público sobre segurança, crime e violência. É importante assinalar que o juiz Barroso ocupa uma posição intermediária entre essas duas linguagens e níveis de atuação institucional: o magistrado se articula politicamente e também autoriza os projetos de reinserção social no sistema penal. A partir de seu discurso na sessão da Câmara dos Deputados, evidencia-se a concepção de “transformação” de detentos apresentada por ele como um híbrido entre a linguagem da ressocialização e a linguagem religiosa.

Em meu trabalho de campo no Centro de Recuperação do Coqueiro (CRC), em Belém, deparei-me com uma realidade em que o Método CIS era tomado como mais um dentre outros projetos de reinserção social pelos profissionais da gestão penitenciária. O psicólogo Leandro e a técnica pedagógica Karina apresentaram uma perspectiva que prezava pela “ressocialização

a todo custo” e pelo desencarceramento, sem haver uma preocupação maior com políticas de gestão penitenciária voltadas aos projetos de reinserção social ou com o conteúdo por eles veiculados. O critério básico admitido para a validação era que os projetos ensinassem um “caminho de vida correto”. Os profissionais frequentaram o Método CIS e pessoalmente não eram entusiastas dele – Leandro chegava mesmo a ter duras críticas ao coaching enquanto profissional da psicologia –, mas valorizavam seu poder de “transformação” dos detentos. Em uma instância acima na hierarquia da burocracia estatal, a SEAP e a VEP, órgãos de deliberação dos projetos de reinserção social, também não tinham preocupação com o conteúdo e a origem das ações, sendo apenas responsáveis pela sua autorização, sem que houvesse uma coordenação eficiente para a aplicação dos projetos nas prisões. Tal aspecto, em parte, é atenuado e pode ser questionado a partir do ativismo do juiz Barroso e de sua relação com linguagens religiosas nas articulações político-institucionais do projeto. Entre os detentos, as atividades de coaching do Método CIS não despertavam interesse e atenção em si, sendo as referências bíblico-religiosas que Paulo Vieira apresentava em seu treinamento os subsídios verdadeiramente operativos: os trechos bíblicos, os testemunhos de mudança de vida, a música gospel e a concretização do sucesso na biografia do coach através de “planos de Deus” eram elementos que recebiam maior destaque, ao lado da importância da religião e das igrejas no cárcere e na vida dos detentos.

Constatou-se, assim, um modo de prática do Método CIS no sistema prisional paraense que envolve significações distintas. Para vários detentos, o treinamento extrai sua legitimidade da “transformação” apregoada com um substrato religioso, do uso da Bíblia e da percepção de que Paulo Vieira é “um escolhido de Deus” para um “propósito” espiritual, o que é acoplado ao desejo amplamente compartilhado entre os internos de “fazer de tudo para ser uma pessoa melhor”. Para os profissionais do CRC, o projeto é concebido como uma ação com a finalidade secular da ressocialização, sem acentuar ou relevar os contornos religiosos da “transformação”, refletindo o alcance de objetivos estabelecidos no marco da gestão penitenciária estatal, como a remição de pena e o desencarceramento. As definições em torno do Método CIS variam, pois, de seu enquadramento como um projeto de reinserção social à expressão de uma oportunidade de mudança de vida proveniente de Deus. O projeto se realiza no CRC embaralhando as fronteiras entre o religioso e o secular e apagando as distinções entre elas, constituindo-se como uma prática localizada ao mesmo tempo dentro e fora das lógicas do Estado (Birman, 2012a).

Em certos casos, a assistência prestada por grupos e instituições religiosas no interior do sistema prisional pode se inserir em dinâmicas de tensão e concorrência do religioso com as estruturas de gestão penitenciária do Estado. Há aí o acionamento de noções e práticas que não raro entram em conflito com lógicas seculares. Concorre-se, assim, por formas legítimas de

condução do governo das populações carcerárias. Para Scheliga (2005, p. 65), não se trata propriamente de “diferentes ‘assistências’ oferecidas aos detentos, mas sim de diferentes grupos concorrendo entre si pela legitimidade de suprir [esse espaço]”. Ainda em outras circunstâncias, quando a laicidade do Estado é colocada em questão pela incidência religiosa no cárcere, a qual toma a “primazia da função de segurança da instituição [prisional]”, tem-se a interpretação de que o religioso tornaria a “instituição estatal menos laica e menos orientada, de fato, para o respeito dos direitos constitucionais” (Cerbini, op. cit., p. 160, tradução minha). Mas como ocorreria a definição desse “religioso” quando ele não é religioso em um sentido categórico? Ao propor esta indagação, não procuro afirmar que o Método CIS é religião ou prática religiosa, mas que o coaching pode se articular com práticas e discursos religiosos sem que com isso se transforme em religião – ao menos em um sentido que se tornaria problemático diante da laicidade do Estado ou que se oporia diametralmente ao secular. Além disso, no contexto abordado a partir dos treinamentos pelo Método CIS no CRC, parece funcionar melhor a ideia de colaboração e não de concorrência entre lógicas religiosas e lógicas seculares. Essa constatação se corrobora porque a introdução do Método CIS como projeto de reinserção social na casa penal não passa por tensões como as explicitadas na literatura sobre a religião no cárcere. Os rastros da “mistura” entre religioso e secular passam despercebidos. A diferença fundamental parece residir no “rótulo” com o qual o Método CIS é “embalado”: um projeto de reinserção social. A gestão penitenciária procura nesse léxico uma ressocialização que os detentos encontram em Deus, na Bíblia e no coaching de Paulo Vieira – ou naquilo que ele apresenta de “transformação” pelo religioso invisível. O Método CIS se consolida, pois, em uma lógica onde seu religioso pode ser invisível para o Estado e hipervisível para os detentos.

## Considerações finais

No espaço destas considerações finais, retomo algumas situações levantadas pela tese para concluir sobre possíveis contribuições oferecidas por este estudo a questões de pesquisa atinentes à antropologia/sociologia da religião. Faço isto a partir de duas possibilidades de discussão suscitadas: uma relativa ao tema do *empreendedorismo de si* (capítulos 1 a 4), em suas articulações econômico-psicológicas, e outra à *laicidade* (capítulos 5 e 6), correspondente às reconfigurações do (não)religioso em arranjos políticos de separação entre Estado e religião.

Conforme vimos, a presença de formas múltiplas de coaching no universo evangélico demandou um primeiro esforço de levantamento e sistematização de dados. O panorama esboçado permitiu apreender processos de construção de um *self* vitorioso estabelecidas por um coaching em diálogo com referências cristãs. Pôs-se ênfase em modalidades de coaching como a de Pablo Marçal, cujas concepções se servem de um repertório cristão não religioso, ou seja, se articulam com referenciais de um cristianismo que se desvincula da ideia de religião. O cristianismo concebido como *lifestyle* por Marçal se amplia para ações no espaço público – o que já adianta, no capítulo 1 da tese, temas trabalhados em outras fronteiras nos capítulos 5 e 6 –, incluindo o lançamento de uma pré-candidatura à Presidência da República e a proposição da agenda política do “governalismo” e reverberando, ainda, em reformulações da busca pela prosperidade em uma chave cristã. Indiquei que o cristianismo de Marçal é capaz de contornar controvérsias como as descritas por Dullo (2015) e Dullo e Quintanilha (2015), caracterizadas por objeções à ligação de candidatos com instituições e posições religiosas em contextos eleitorais. Ao postular um cristianismo não religioso, Marçal rompe fronteiras entre política e cristianismo através do coaching, redimensionando formas de participação políticas cristãs.

O ritual do “desbloqueio” da prosperidade e de autoexorcismo do insucesso realizado pelo coach também fratura linhas divisórias, visibilizando uma passagem entre técnica de coaching e dinâmica de culto que habita um espaço desatrelado da religião. Nesse caso, põe-se em relevo como a confluência/confusão entre o coaching de Marçal e práticas religiosas depende fundamentalmente do modo como religião e coaching são concebidos. Se as fronteiras desses domínios forem entendidas como porosas, a potencialização do desempenho contida pelo empreendedorismo de si promovido por coaches cristãos não deve ser descrita unicamente como relativa à ação do coaching, nem tampouco como de natureza intrinsecamente religiosa. Decerto a organização ritual das emoções levada a cabo por Marçal a partir de referências religiosas pode ser uma decorrência da ampliação dos repertórios da religião para contextos que prescindem de estruturas institucionais religiosas tradicionalmente definidas (Champion &

Hervieu-Léger, 1990). O ponto, ressaltado, é que a mobilização de um cristianismo não religioso pelo coaching de Pablo Marçal e por outros coaches cristãos brasileiros interpela e desafia a centralidade da noção de religião para o estudo de situações que colocam em jogo referenciais e identidades cristãs genéricas, seja no campo da política, seja no campo da própria religião.

A formação de controvérsias e críticas teológicas no meio evangélico em torno da assim chamada “Teologia do Coaching” e a ocorrência de treinamentos e formações em contextos eclesiais também colocam em cena as fronteiras da religião sob as articulações de um cristianismo não religioso. Apontei para a maneira como esses processos se relacionam, no cristianismo evangélico, com campos que não se detêm à religião. Os críticos à “Teologia do Coaching” concebem essa abordagem sob os termos de uma ética do empreendedorismo de si que incorpora, no seio da religião, uma perspectiva “antropocêntrica” da relação do humano com o divino e uma “psicologização” da fé pelos pressupostos de uma psicologia “humanista” e secular. Em vista dos argumentos evidenciados pelas críticas, propus um questionamento à ideia de uma invasão ou contaminação da teologia por modelos externos à religião, remetendo ao empreendedorismo de si como uma configuração que se estabelece pela interação complexa entre modelos teológicos, disposições econômicas e tecnologias psicológicas. Postulando que a religião não é uma substância encontrada em estado de “pureza”, sugeri que a “Teologia do Coaching” – como de resto o coaching, quando justaposto a efeitos religiosos – reflete uma formulação atrelada ao modo como as fronteiras da religião com outros campos são definidas.

O trabalho etnográfico realizado em igrejas e organizações evangélicas, por seu turno, permitiu analisar como o coaching se relaciona com tópicos como a espiritualidade, a transformação de si e o desenvolvimento pessoal. Esses parâmetros servem como pontos de demarcação de fronteiras que ora aproximam, ora distanciam coaching e religião. Enfatizei como essas fronteiras são mediadas por regimes de envolvimento e autoridade, inferindo que a presença do coaching no meio evangélico não preenche um espaço vazio e ausente de tensões. Nesses contextos, o coaching é configurado, em sua relação com o religioso, por meio de processos dinâmicos como: a) regulação de efeitos “antropocêntricos” associados à imanência; b) atribuição de cientificidade; c) dimensionamento com razão literalista na ação pastoral; e d) promoção de distinções funcionais entre desenvolvimento pessoal e desenvolvimento espiritual que dispõem coaching e espiritualidade em campos distintos. Esses processos, concluo, lançam luz sobre condições que delineiam a inserção do coaching no universo evangélico, visibilizando “posicionamentos nucleares e periféricos” (Mosqueira & Algranti, 2021) que condicionam a produção de liderança e autoridade no interior desse campo religioso. Tal aspecto relativiza a autonomia do coaching face a arranjos de poder pré-estabelecidos e marca limites à amplitude

da influência do coaching sobre a religião. Contrariadas expectativas iniciais de pesquisa, houve dificuldades para aferir práticas de coaching em dinâmicas eclesiais. Suponho que essa dificuldade esteja ancorada, em parte, na persistência de fronteiras que distanciam o coaching da religião, vinculando-o a concepções e efeitos considerados negativos e externos a ela. Isso não significa que o religioso não esteja em mutação, em diálogo com forças que impulsionam o coaching; mas que a autoridade de pastores enquanto atores religiosos, em práticas como o desenvolvimento espiritual e o aconselhamento bíblico, também caracterizadas como religiosas, é reafirmada. Diante desses atores e práticas, o coaching aparece como algo exógeno.

Constatou-se ocorrer um movimento inverso em espaços seculares, onde um coaching em diálogo com o cristianismo obtém relativa facilidade para transitar a) como metodologia científica voltada para o desenvolvimento humano e b) como projeto de política pública de segurança inserido em prisões e corporações de segurança. A segunda parte da tese foi dedicada às passagens do Método CIS de Paulo Vieira com a ciência, a política e a questão pública da violência, sem deixar de levar em conta a operatividade dos elementos de origem religiosa que o compõem. Demonstrei como o Método CIS é definido pelo seu criador como uma forma de coaching que possui raízes cristãs, mas que não se identifica com a ideia de religião. A descrição dos princípios do Método CIS apresentados por Vieira em seu livro *O poder da ação* tornou possível captar a produção de um vínculo entre neurociência, psicologia positiva e física quântica, entre outros saberes e ciências, e referências bíblico-cristãs. Essa combinação, como frisei, é fundamental para conceitos como autorresponsabilidade, abundância e disfunção e para processos e definições do Método CIS que se situam em um híbrido entre o coaching e a religião, no tocante a aspectos associados ao empreendedorismo de si, como a construção de realidades proféticas, a comunicação de padrões linguísticos vitoriosos e a reprogramação de crenças. Apesar da relação mantida com elaborações religiosas, o Método CIS não é concebido como uma forma de coaching cristão/religioso; é, antes, propagado pela literatura de Paulo Vieira e pelas ações de sua empresa, a Febracis, como um coaching secular e científico.

Esse ponto pode ser compreendido ainda pela observação da incidência do Método CIS em um debate sobre o tema da segurança e sobre os processos de gestão da violência. Sustentei que a política pública baseada nos treinamentos pelo Método CIS, inserida em prisões e corporações de segurança, é concebida nos termos simultaneamente religiosos e seculares de um projeto sustentado na esfera pública por atores cristãos e por um repertório cristão não religioso, correspondendo a objetivos institucionais como a reinserção social/ressocialização dos detentos e a promoção da saúde mental de profissionais de segurança, como policiais e bombeiros. Noções como “transformação”, “desenvolvimento emocional” e “espiritualidade”,



em suas articulações com o Método CIS, permitem visualizar como os treinamentos são mobilizados em conjunção com um cristianismo não religioso simbolicamente compartilhado entre o coaching, os detentos e os operadores de segurança. O coaching de Paulo Vieira se apresenta como disponível para atender temas de interesse público tratados pelo Estado, inclusive com vocação universalista para se inserir em outros âmbitos da administração pública e do Estado, como a educação. As articulações em torno de sua institucionalização em prisões e corporações de segurança envolvem leigos e pastores, civis e militares, católicos e evangélicos, em um movimento que não é coordenado por uma igreja ou organização religiosa, mas pelos entusiastas da metodologia de coaching criada por Paulo Vieira e da “transformação” de vida que ela supostamente é capaz de gerar em detentos e operadores de segurança pública.

No âmbito prisional, a etnografia realizada em uma penitenciária de Belém, no Pará, demonstrou como os treinamentos pelo Método CIS são assimilados por determinados detentos a partir da valorização da presença de referenciais bíblico-cristãos, ao passo que agentes da gestão penitenciária percebem os treinamentos como um projeto associado a objetivos seculares, sem que se constate sua vinculação com o religioso. Diante dessa característica e das dinâmicas de “transformação” de vida testemunhadas pelos internos, concluí que o Método CIS é tomado como um projeto secular de reinserção social/ressocialização pelo Estado e, ao mesmo tempo, como um instrumento de sentido religioso pelos detentos, destacando a complexidade das interações entre o religioso e o secular comportada pela institucionalização da política pública formulada em torno do Método CIS em prisões. Atentei também para o fato de que sua operatividade reside justamente na formatação do coaching a partir de um repertório cristão não religioso, configurando um religioso invisível para o Estado e hipervisível para os detentos.

Esses elementos nos levam a questionar o lugar de um cristianismo não religioso no contexto dos “entrelaçamentos religiosos e seculares” (Birman, 2019) da gestão da violência na esfera pública. Para além disso, cabe-nos indagar como, em arranjos políticos como a laicidade, os processos de regulação do religioso são definidos em relação com práticas e concepções que contornam e/ou negam seu enquadramento como religião. Há nessa dinâmica implicações importantes para as configurações dos regimes de laicidade e do pluralismo religioso. Se o contexto brasileiro contemporâneo tem sido marcado, de fato, por um “pluralismo cristão” (Souza, 2012), importa observar como repertórios como o cristianismo não religioso ultrapassam a noção de religião em sua circulação. Seria o conceito de religião capaz de apreender a influência e as implicações sociais de práticas e concepções cristãs não religiosas, sobretudo em sua relação com o espaço público? Os resultados desta tese indicam que, a

propósito do coaching, não<sup>207</sup>. Em prisões e em corporações de segurança pública, o Método CIS se articula com um cristianismo não religioso, sem que com isso se transforme em religião ou se torne problemático diante da laicidade do Estado. Não se constata, nesse caso específico, uma oposição entre religioso e secular capaz de gerar atritos como os que denunciam uma “contaminação” religiosa da política. A introdução do Método CIS como projeto de reinserção social no sistema prisional e como prática de promoção da saúde mental em corporações de segurança não passa por tensões como as explicitadas na literatura sobre a religião no cárcere, por exemplo, adequando-se melhor à ideia de colaboração, e não de concorrência, entre lógicas religiosas e seculares em instituições guiadas por princípios seculares. Os rastros da “mistura” entre religioso e secular passam despercebidos na prática de um coaching orientado por um repertório cristão não religioso. Policiais e bombeiros do oficialato, em corporações de segurança de diferentes estados, estabelecem o coaching como uma estratégia de treinamento e formação destinada a prevenir o suicídio e o adoecimento psíquico, recorrendo à ideia de “transformação” com base em um entendimento no qual o cristianismo não religioso não se dissocia de objetivos seculares. A gestão penitenciária, por sua vez, procura no léxico secular da ressocialização uma “transformação” que os detentos encontram em Deus, na Bíblia e no coaching de Paulo Vieira, a partir de um religioso hipervisível a eles, mas invisível ao Estado.

No conjunto das situações abordadas, esta tese enfatizou como o coaching se relaciona com linguagens, atores e instituições cristãs no Brasil. Na primeira parte, observou-se a incidência do coaching em igrejas e organizações evangélicas; na segunda, o foco foi direcionado à presença e institucionalização de uma metodologia de coaching específica, o Método CIS, como política pública em prisões e corporações de segurança. A relação entre coaching e cristianismo foi dimensionada como uma questão de pesquisa que não se restringiu a quadros conceituais delimitados à noção de religião. Enfatizou-se as circulações do coaching no universo evangélico e as suas articulações com outros campos, como a psicologia, a teologia, a economia, a ciência e a política. A partir de uma etnografia dedicada a observar essas relações, portanto, demonstrei como o coaching se associa, em espaços religiosos e seculares, a um repertório cristão não religioso que se constitui nas fronteiras da religião, desafiando debates sociais e pesquisas que se debruçam sobre as configurações do religioso na contemporaneidade.

---

<sup>207</sup> Toniol (2022) chega a um argumento semelhante em seu livro sobre espiritualidade, ao focar nos investimentos seculares e de cientistas que têm por base uma mobilização e uma circulação não religiosa dessa categoria.

### Referências bibliográficas

ABREU, Nayara dos Santos. “Magia” neopentecostal e “espírito” neoliberal. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

AGUIAR, Taylor Pedroso de. A “cultura” para o Reino: materialidades e sentidos da adoração em uma juventude evangélica em Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

\_\_\_\_\_. A educação da espiritualidade: coaching, cristianismo e regulação da imanência. *PLURA – Revista de Estudos de Religião*, v. 13, n. 1, p. 131-154, 2022.

\_\_\_\_\_. Coaching educacional: variações de uma metodologia em três trajetórias docentes. *Equatorial*, Natal, v. 8, n. 15, p. 01-20, jul./dez. 2021.

\_\_\_\_\_. Ressocializar pelo coaching: apontamentos sobre o religioso e o secular na institucionalização do Método CIS como política pública de segurança no Brasil. In: GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação*. Brasília: ABA Publicações, 2024. p. 357-378.

ALBERTI, Sonia. História da Psicologia no Brasil – origens nacionais. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (Orgs.). *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ, 1998. p. 140-145.

ALMEIDA, Ronaldo de. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ANDRADE, Daniel Pereira; CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. Brasil, neoliberalismo híbrido. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCAR*, v. 12, n. 3, p. 655-674, 2022.

ANTONIO, Gabriel Henrique Burnatelli de; LAHUERTA, Milton. O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 14, p. 57-82, mai./ago. 2014.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: EDUC; Ed. Unimarco, 1998.

ARRETCHE, Marta. Dossiê “Agenda de pesquisas em políticas públicas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 51, 2003.

AZIZE, Rogerio Lopes. O cérebro como órgão pessoal: uma antropologia de discursos neurocientíficos. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 563-574, nov. 2010.

BAKER, Mark W. *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.

BÁRTOVÁ, Zuzana. Personal development and religion in the workplace in Slovakia: from life meaning to religious selves. *Religion*, v. 54, n. 1, p. 108-125, 2024.

BECCI, Irene. Languages of change in prison: thoughts about the homologies between secular rehabilitation, religious conversion, and spiritual quest. In: \_\_\_\_\_; ROY, Olivier (Orgs.). *Religious diversity in European prisons: challenges and implications for rehabilitation*. Cham, Heidelberg, New York, Dordrecht, London: Springer, 2015. p. 159-176.

\_\_\_\_\_; ROY, Olivier (Orgs.). *Religious diversity in European prisons: challenges and implications for rehabilitation*. Cham, Heidelberg, New York, Dordrecht, London: Springer, 2015

BECKFORD, James A.; GILLIAT, Sophie (Orgs.). *Religion in prison: equal rites in a multi-faith society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BÉRAUD, Céline. *Le Catholicisme français à l'épreuve des scandales sexuels*. Paris : Le Seuil, 2021.

BÉRAUD, Céline; GALEMBERT, Claire de; ROSTAING, Corinne (Orgs.). *De la religion en prison*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016.

BERTANI, Silvia Mara Novaes Sousa. *Neopentecostalismo e empreendedorismo: prosperidade e mobilidade social. Uma “nova” classe média? Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. 294f.*

BICCA, Alessandro. *Os eleitos do cárcere: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. 198f.*

BICCA, Alessandro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). Dossiê “Religião e prisão”. *Debates do NER, Porto Alegre, ano 6, n. 8, 2005.*

BIRMAN, Patricia. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. *Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 209-226, 2012a.*

\_\_\_\_\_. Narrativas seculares e religiosas sobre a violência: as fronteiras do humano no governo dos pobres. *Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 111-134, jan./abr. 2019.*

\_\_\_\_\_. O poder da fé, o milagre do poder: mediadores evangélicos e deslocamento de fronteiras sociais. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 133-153, jan./jun. 2012b.*

BIRMAN, Patricia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 80, p. 55-69, out. 2012.*

BISPO, Raphael. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 111-139, mai./ago. 2019.*

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 62/63, p. 69-72, juin 1986.

BOWLER, Kate. Blessed: a history of the American prosperity gospel. New York: Oxford University Press, 2013.

BRINER, Bob. Os métodos de administração de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

BROWN, Wendy. Cidadania sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

BRUNET, Tiago. Especialista em pessoas: soluções bíblicas e inteligentes para lidar com todo tipo de gente. São Paulo: Planeta, 2020.

BURITY, Joaildo. Organizações religiosas e ações sociais: entre as políticas públicas e a sociedade civil. Revista Antropológicas, Recife, v. 18, n. 2, p. 7-48, 2007.

CAROZZI, María Julia. A Nova Era no Mercosul. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

CARSON, Donald Arthur. Soberania divina e responsabilidade humana: perspectivas bíblicas em tensão. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARVALHO, Emílio Nolasco de. O divã e o altar: cultura psicanalítica e movimento protestante no Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. 359f.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; PACCILLO, Giovanna. Nas trilhas da imanência: mindfulness, saúde mental e espiritualidade secular. In: GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação. Brasília: ABA Publicações, 2024. p. 405-430.

CARVALHO, Sarita dos Santos; CAMPOS, Breno Martins. Liturgia e *marketing* religioso: uma análise dos testemunhos no “Congresso para o Sucesso” iurdiano. PLURA – Revista de Estudos de Religião, v. 10, n. 1, p. 127-155, 2019.

CASANOVA, José. Public religions in the modern world. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CERBINI, Francesca. “Quando il servizio è gratis il prodotto sei tu”. Religioni imprenditoriali ed emergenza sanitaria nel carcere portoghese. EtnoAntropologia, v. 10, n. 1, p. 159-175, 2022.

CHAMPION, Françoise; HERVIEU-LÉGER, Danièle (Orgs.). De l'émotion en religion. Renouveaux et traditions. Paris: Bayard, 1990.

CHOMSKY, Noam. Syntactic structures. Haia: Mouton Publishers, 1957.

CONRADO, Flávio César. Religião e cultura cívica: um estudo sobre modalidades, contradições e complementaridades presentes nas ações sociais evangélicas no Brasil. Tese

(Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CORRÊA, Diogo Silva. Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre igreja e tráfico na Cidade de Deus. Tese (Doutorado em Sociologia) – Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015. 401f.

CORRÊA, Victor Silva; VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CRUZ, Marina de Almeida. Entrepreneurial orientation and religion: the Pastor as an entrepreneur. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 330-340, 2017.

CÔRTEZ, Mariana. A revolta dos bastardos: do pentecostalismo ao bolsonarismo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 34, n. 1, p. 1-24, e021025, 2021.

CORTEN, André. Simulacro e reversibilidade no discurso religioso “neopentecostal”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 7, p. 115-124, jan./jun. 2005.

COSTA, Bruno Moraes. Ressocialização mediada pela assistência religiosa: direito dos encarcerados no sistema penitenciário. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Vitória: Faculdade Unida de Vitória, 2018. 109f.

CRAPANZANO, Vincent. *Serving the word: literalism in America from the pulpit to the bench*. New York: The New Press, 2000.

CURY, Augusto. *O homem mais inteligente da história*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2016.

DAS, Veena; POOLE, Deborah (Orgs.). *Anthropology in the margins of the State*. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECKER NETO, Norberto. Afinidades no espaço público: interfaces entre religião e política pública de assistência social. In: TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, Emerson (Orgs.). *Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos*. Salvador: EDUFBA: ABA Publicações, 2015. p. 155-177.

DEGANI-CARNEIRO, Filipe. Psicólogos evangélicos: interseção entre religiosidade e atuação profissional em Psicologia no Brasil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. 136f.

DEGANI-CARNEIRO, Filipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora – Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 70-79, jan./jul. 2012.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambiguidade, estigma e poder. *Plural – Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 85-110, 2006.

\_\_\_\_\_. Evangélicos no cárcere: representação de um papel desacreditado. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 8, p. 39-55, jul./dez. 2005.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ciências humanas e neurociências: um confronto crítico a partir de um contexto educacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 33, n. 97, e339402, 2018.

\_\_\_\_\_. O culto do eu no templo da razão. In: \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre Pessoa e Modernidade. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 02-27, 1983.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GIUMBELLI, Emerson. As concepções cristã e moderna da Pessoa: paradoxos de uma continuidade. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n. 93, p. 77-111, 1995.

DULLO, Eduardo. Política secular e intolerância religiosa na disputa eleitoral. In: MONTERO, Paula (Org.). *Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo/Campinas: Terceiro Nome/Unicamp, 2015. p. 27-47.

\_\_\_\_\_. Testemunho: cristão e secular. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 85-106, 2016.

DULLO, Eduardo; QUINTANILHA, Rafael. A sensibilidade secular da política brasileira. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 173-198, jan./jun. 2015.

FARIA, Louise Scosz Pasteur de. O poder dos sonhos: uma etnografia de empresas startup no Brasil e no Reino Unido. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. 223f.

FATH, Sébastien. *Militants de la Bible: évangéliques et fondamentalistes du Sud des États-Unis*. Paris: Autrement, 2004.

\_\_\_\_\_. *Prospérité et Églises postcoloniales*. La Croix, Chronique, Paris, 13 janvier 2022.

\_\_\_\_\_. Teologias da prosperidade: perspectiva pós-colonial e tipologia. In: GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação*. Brasília: ABA Publicações, 2024. p. 455-489.

FIEL, Marcos. *Você é um projeto criado por Deus para dar certo*. São Paulo: Editora Gente, 2023.

FILOCRE, Lincoln D'Aquino. Classificações de políticas de segurança pública. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 146-158, 2009.

FLORES, Fernando. *Management and communication in the office of the future*. Tese (Doutorado em Computer Assisted Environments for Managers and Policy Makers) – Berkeley: University of California Berkeley, 1982.

FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 63-90, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

\_\_\_\_\_. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes; 2008b.

\_\_\_\_\_. Tecnologias de si. *Verve*, São Paulo, n. 6, p. 321-360, 2004 [1982].

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia) – Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

FUNES, María Eugenia. La integración entre la espiritualidad Nueva Era y el nuevo management en Argentina: afinidades y tensiones. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 191-208, jan./jul. 2016.

GABATZ, Celso. O neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade no Brasil: aspectos de uma identidade religiosa e social na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

GAIAD, Maraisa Gardinali. A sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Araraquara, SP: Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019.

GALLWAY, Timothy. *The inner game of tennis*. New York: Random House Publishing Group, 1974.

GARRARD-BURNETT, Virginia. A vida abundante: a teologia da prosperidade na América Latina. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 177-194, jul./dez. 2011.

GAUDIN, Philippe (Org.). *La violence. Ce qu'en disent les religions*. Paris: Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, 2002.

GRACINO JÚNIOR, Paulo. Surtos de aconselhamento e soluções biográficas: A Igreja Universal e a nova face do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. *Revista AntHropológicas*, Recife, ano 12, v. 19, n. 1, p. 43-66, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 87-119, 2001.

\_\_\_\_\_. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur César (Org.). *Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 283-304.

\_\_\_\_\_. Fronteiras da laicidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 205-208, 2012.

\_\_\_\_\_. O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.



\_\_\_\_\_. Para estudar a laicidade, procure o religioso. In: BÉLIVEAU, Verónica Giménez; GIUMBELLI, Emerson (Orgs.). *Religión, cultura y política en las sociedades del siglo XXI*. Buenos Aires: Editorial Biblos, p. 43-68, 2013.

\_\_\_\_\_. Regulação do religioso: discussões conceituais e panorama da situação em quatro países latino-americanos. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p. 14-37, dez./2016.

GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação*. Brasília: ABA Publicações, 2024.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GOG, Sorin. Alternative forms of spirituality and the socialization of a self-enhancing subjectivity: features of the post-secular religious space in contemporary Romania. *Studia UBB Sociologia*, v. 61, n. 2, p. 97-124, 2016.

\_\_\_\_\_. Neo-liberal subjectivities and the emergence of spiritual entrepreneurship: an analysis of spiritual development programs in contemporary Romania. *Social Compass*, v. 67, n. 1, p. 103-119, 2020.

GOLDSMITH, Marshall; LYONS, Laurence; FREAS, Alyssa. *Coaching: o exercício da liderança*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

GOLEMAN, Daniel; MCKEE, Annie; BOYATZIS, Richard. *O poder da inteligência emocional: como liderar com sensibilidade e eficiência*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

GOULART, Denise. *Les enjeux socio-politiques de l'action sociale et humanitaire dans la sphère religieuse: l'agence Youth with a Mission en France et au Brésil*. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Université Paris Sciences et Lettres, Paris, 2018.

GROSSI, Dório Henrique Ferreira. O PCC e os neopentecostais: os vínculos no apoderamento do sistema prisional e na captação do encarcerado. *Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política*, v. 2, n. 6, nov./dez. 2022.

GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. *A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017. 387f.

GUTWIRTH, Jacques. *L'Église électronique: la saga des télévangélistes*. Paris: Bayard, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

\_\_\_\_\_. Religion in the public sphere. *European Journal of Philosophy*, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

HUSS, Boaz. Spirituality: the emergence of a new cultural category and its challenge to the religious and the secular. *Journal of Contemporary Religion*, v. 29, n. 1, p. 47-60, 2014.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. *Interações*, v. 6, n. 12, p. 11-39, 2001.

JESUS FILHO, José de. Administração penitenciária: o controle da população carcerária a partir da gestão partilhada entre diretores, judiciário e facções. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) – São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2017. 235f.

JONES, Laurie Beth. *Jesus coach*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

JORDAN-YOUNG, Rebecca; KARKAZIS, Katrina. Power. In: JORDAN-YOUNG, Rebecca; KARKAZIS, Katrina. *Testosterone: an unauthorized biography*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2019. p. 102-126.

JUERGENSMEYER, Mark. *Terror in the mind of God: the global rise of religious violence*. 4<sup>a</sup> ed. Oakland, California: University of California Press, 2017

KRONBAUER, Jaime Luis. O crente e o cárcere: estudo sociológico sobre evangélicos em prisões gaúchas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. 111f.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: a introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

LEITE, Márcia Pereira. Dor, sofrimento e luta: fazendo religião e política em contexto de violência. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 2013.

LEWGOY, Bernardo. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p. 51-69, out. 2004.

LIMA, Diana. Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 351-373, 2010.

\_\_\_\_\_. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2007.

LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22-29, 2012.

MACHADO, Carly. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Religião & Sociedade*, v. 33, n. 2, p. 13-36, 2013.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 153-180, jul./dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Políticas de segurança pública e seus excessos: a questão das Comunidades Terapêuticas e sua relação com o dispositivo da justiça nas periferias urbanas. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 23-48, 2023.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 78, p. 81-96, fev. 2012.

MANSO, Bruno Paes. *A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. São Paulo: Todavia, 2023.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARQUES, Luciana Fernandes. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Psicodebate*, Buenos Aires, v. 10, p. 135-151, 2010.

MARQUIS, Nicolas. *Du bien-être au marché du malaise: la société du développement personnel*. Paris: Presses universitaires de France, 2014.

MARTIN, David. *Tongues of fire: the explosion of protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.

MARTINS, Yago; PAMPLONA, Pedro; NUNES, Guilherme. *Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching*. São Paulo: Mundo Cristão, 2023.

MASSIMI, Marina. Ideias psicológicas na cultura luso-brasileira do século XVI ao século XVIII. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Artur Arruda Leal Ferreira; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2005. p. 75-83.

MARR, Steve. *Administração segundo a Bíblia: métodos de gestão que não envelhecem*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*, v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].

MCGEE, Micki. *Self-help, Inc.: makeover culture in America*. New York: Oxford University Press, 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O neopentecostalismo. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo, n. 9, p. 147-159, 1994.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. A promessa, a crença e a prosperidade: as gramáticas da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Antropológicas*, ano 12, v. 19, n. 1, p. 67-90, 2008.

\_\_\_\_\_. Correndo atrás da prosperidade: trabalho e empreendedorismo entre fiéis neopentecostais. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 9, n. 9, p. 195-215, set. 2007.

MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MILLET-MOUIITY, Pamela. Le protestantisme évangélique en mouvement: regard sur les théologies de la prospérité en contexte postcolonial. Exemples des fidèles noirs des classes moyennes et supérieures. *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, v. 18, n. 1, p. 237–303, 2022.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. Políticas públicas de segurança e justiça. *Civitas*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 7-10, jan./mar. 2015.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006.

\_\_\_\_\_. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 13, n. 1, p. 7-16, 2009.

MOSQUEIRA, Mariela; ALGRANTI, Joaquín. Cosas sagradas: condensación y dispersión en el mundo evangélico. In: GONZÁLEZ, Luis Bahamondes (Org.). *Prospección religiosa en el Cono Sur: mercantilización, materialidades y creencias*. Santiago de Chile: CRANN Editores, 2021. p. 207-239.

NATIVIDADE, Marcelo. Os evangélicos e a cura da homossexualidade. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 9-179, 2006.

NOVAES, Regina. Evangélicos e eleições: anotações para uma agenda de pesquisa. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 73, p. 80-92, 2021.

\_\_\_\_\_. Juventude e ação social no Rio de Janeiro: resultados de pesquisa. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc.* Rio de Janeiro: Nau, 1998. p. 89-125.

OLIVEIRA, Alexandre Pereira Alves de; ROSA, Jesiel Costa; CAETANO, Bernardo Antônio Aguiar. *Coaching Integral Sistêmico: uma ferramenta para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais do policial militar*. Centro de Altos Estudos e Aperfeiçoamento, Instituto Superior de Ciências Policiais, Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2017.

OLIVEIRA-SILVA, Lúcia Carolina et al. Desvendando o coaching: uma revisão sob a ótica da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 38, n. 2, p. 363-377, abr./jun. 2018.

ORO, Ari Pedro. A demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 7, p. 135-146, jan./jun. 2005.

\_\_\_\_\_. A laicidade no Brasil e no Ocidente: algumas considerações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 221-237, 2011.

\_\_\_\_\_. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. Ilha, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 71-85, nov. 2001.

\_\_\_\_\_. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, n. 29, p. 7-44, 1992.

PASSOS, Paulo. De deserdados a empreendedores: os alicerces fáticos da identidade espiritual da igreja neopentecostal Fonte da Vida. Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 17, n. 23, p. 60-75, ago./dez. 2015.

PELLETIER, Denis. Religion et violence. Vingtième Siècle. Revue d’Histoire, n. 76, p. 25-33, octobre/décembre 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

PORTIER, Philippe. Religion et violence dans le monde contemporain : propos introductifs. Cahiers d’études du religieux. Recherches interdisciplinaires [En ligne], n. 19, 2018.

PORTIER, Philippe; BAUBÉROT, Jean; WILLAIME, Jean-Paul (Orgs.). La sécularisation en question. Religions et laïcités au prisme des sciences sociales. Paris: Les Classiques Garnier, 2019.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos; BONATO, Massimo. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 120, p. 43-60, 2019.

PUSSETTI, Chiara. As razões do coração: entre neurociências culturais e antropologia das emoções. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, João Pessoa, v. 14, n. 42, p. 23-41, dez. 2015.

QUIROGA, Ana Maria; VITAL, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (Orgs.). Religiões e prisões. Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, n. 61, 2012.

RAMLOW, Débora. Mentoria: a importância das relações de cuidado e da vivência da espiritualidade cristã no exercício do ministério eclesialístico. Dissertação (Mestrado em Teologia) – São Leopoldo: Faculdades EST, 2021. 88f.

RIBEIRO, Gleidy Braga. O ativismo judiciário frente à gestão híbrida do sistema penitenciário. IDP Law Review, v. 1, n. 1, p. 192-211, 2021.

RIBEIRO, Mirtes Amaral Domingos. Ellen White e a saúde na cosmovisão adventista. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. 143f.

REINHARDT, Bruno. De epifania a método: a teopolítica do testemunho em um seminário pentecostal em Gana. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 44-70, 2016.

ROCHA, Cristina. “Living the dream”: post-millennial Brazilians at Hillsong College. In: \_\_\_\_\_; HUTCHINSON, Mark P.; OPENSHAW, Kathleen (Eds.). Australian pentecostal and charismatic movements: arguments from the margins. Brill: Leiden; Boston, 2020. p. 217-235.

RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. Narrativas do progresso e do sacrifício: intersecções entre cristianismo e neoliberalismo na comunicação de lideranças religiosas brasileiras. Tese (Doutorado em Comunicação) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2022. 236f.

\_\_\_\_\_. Pedagogias de um amor inteligente: empreendedorismo e racionalização dos afetos na Escola do Amor da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015. 119f.

ROHDEN, Fabíola. “Os hormônios te salvam de tudo”: produção de subjetividades e transformações corporais com o uso de recursos biomédicos. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 199-229, 2018.

ROHDEN, Fabíola; ALZUGUIR, Fernanda Vecchi. Desvendando sexos, produzindo gêneros e medicamentos: a promoção das descobertas científicas em torno da ocitocina. *Cadernos Pagu*, Campinas, e164802, 2016.

ROSAS, Nina. As ações sociais da Igreja Universal: recrutamento e empreendedorismo no *A gente da comunidade* de Belo Horizonte. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 27-51, jul./dez. 2012.

ROSE, Nikolas. Governing the enterprising self: In: HEELAS, Paul; MORRIS, Paul. (Orgs.). *The values of the enterprise culture: the moral debate*. Londres: Routledge, 1992. p. 141-164.

\_\_\_\_\_. Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SALEM, Tania. *Manuais modernos de auto-ajuda: uma análise antropológica sobre a noção de pessoa e suas perturbações*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1992.

SANTANA, Patricia Nardelli Pinto. Autoajuda e divulgação científica: intersecções. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SCHELIGA, Eva Lenita. Incidência política evangélica: notas a partir da RENAS. In: ARAÚJO, Melvina; VITAL DA CUNHA, Christina (Orgs.). *Religião e conflito*. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 127-153.

\_\_\_\_\_. Pesquisando conversão pentecostal em unidades penais. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 61-72, 2004.

\_\_\_\_\_. “Sob a proteção da Bíblia”? A conversão ao pentecostalismo em unidades penais paranaenses. *Debates do NER*, ano 6, n. 8, p. 57-71, jul./dez. 2005.

SCHMIDT, Jerry. *Ajude-se a si mesmo: um guia para a automodificação*. São Paulo: Cultrix, 1978.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. As transformações do aconselhamento pastoral até hoje. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 306-320, jul./dez. 2016.

SELIGMAN, Martin. *Aprenda a ser otimista: como mudar sua mente e sua vida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

\_\_\_\_\_. *Felicidade autêntica: usando a psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SEMÁN, Pablo. Notas sobre pulsação entre Pentecostes e Babel: o caso de Paulo Coelho e seus leitores. In: VELHO, Otávio (Org.). *Circuitos infinitos: comparações e religiões no Brasil, Argentina, Portugal, França e Grã-Bretanha*. São Paulo: Attar/CNPq, 2003. p. 127-157.

SEMÁN, Pablo; RIZO, Valeria. Tramando religión y best sellers: la literatura masiva y la transformación de las prácticas religiosas. *Alteridades*, Ciudad de México, v. 23, n. 45, p. 79-92, 2013.

SERAFIM, Mauricio Custódio; MARTES, Ana Cristina Braga; RODRIGUEZ, Carlos L. “Segurando na mão de Deus”: organizações religiosas e apoio ao empreendedorismo. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 217-231, mar./abr. 2012.

SHINYASHIKI, Roberto. *Sem medo de vencer*. São Paulo: Editora Gente, 1993.

SILVA, Carlos Roberto Ernesto da. *Orientação profissional, mentoring, coaching e counseling: algumas singularidades e similaridades em práticas*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 299-309, jul./dez. 2010.

SILVA, Drance Elias da. *A sagração do dinheiro no neopentecostalismo: religião e interesse à luz do sistema da dádiva*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SILVA JUNIOR, Antonio Carlos da Rosa. *Desneopentecostalização: uma nova face do protestantismo no sistema prisional*. *PLURA – Revista de Estudos de Religião*, v. 8, n. 2, p. 119-137, 2017.

SILVEIRA, Fernando de Almeida; SIMANKE, Richard Theisen. *Discursos selvagens-disciplinados: os saberes psis na arqueologia de Foucault*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 571-578, 2010.

SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers*. New York: Oxford University Press, 2009.

SOUZA, André Ricardo de. *O empreendedorismo neopentecostal no Brasil*. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 13-34, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. *O pluralismo cristão brasileiro*. *Caminhos*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 129-141, jan./jun. 2012.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; CASTRO, João Paulo Macedo e. Notas para uma abordagem antropológica da(s) política(s) pública(s). *Revista Antropológicas*, Recife, v. 26, n. 2, p. 17-54, 2015.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Na “carne do mundo”: imanência, subjetivação e espiritualidades ecológicas. *Lusotopie*, v. 20, n. 1-2, p. 01-15, 2021.

STERN, Fábio L.; GUERRIERO, Silas. Evangelical coaching: New Age elements in Brazilian Charismatic Christianity. *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, Varsóvia, v. 26, p. 63-82, 2020.

STOLZ, Jörg et al. (Org.). *Religion et spiritualité à l'ère de l'ego*. Genève: Labor et Fides, 2015.

TADVALD, Marcelo. O simulacro da alteridade em perspectiva: comentários acerca de uma análise discursiva de um ritual da Igreja Universal. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 6, n. 7, p. 89-97, jan./jun. 2005.

TARTAKOWSKY, Ewa; ZAWADZKI, Paul. Politique et religion dans le tournant autoritaire de la Pologne. In: DIECKHOFF, Alain; PORTIER, Philippe (Orgs.). *L'enjeu mondial. Religion et politique*. Paris: Presses de Sciences Po, 2017. p. 297-305.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Porto Alegre: Unisinos, 2010.

TAYLOR, Jill Bolte. *A cientista que curou seu próprio cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. *A construção social do “ex-bandido”: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia, com concentração em Antropologia) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. 118f.

\_\_\_\_\_. O “policia social”: algumas observações sobre o engajamento de policiais militares em projetos sociais no contexto de favelas ocupadas por UPPs. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 77-96, 2015.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

\_\_\_\_\_. Masculinidade e pentecostalismo como tecnologia neoliberal. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCAR*, v. 12, n. 3, p. 743-767, 2022.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Livia. Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 22, n. 42, p. 11-64, ago./dez. 2022.

THÉVENOT, Laurent. *L'action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement*. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

TONIOL, Rodrigo. *Espiritualidade incorporada: pesquisas médicas, usos clínicos e políticas públicas de legitimação da espiritualidade como fator de saúde*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.



TORRES, Roberto. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. *Perspectivas*, São Paulo, v. 32, p. 85-125, jul./dez. 2007.

VARGAS, Laura Ordóñez. Religiosidade: mecanismos de sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 61, p. 30-39, 2012.

VELHO, Otávio. A religião é um modo de conhecimento? *PLURA – Revista de Estudos de Religião*, v. 1, n. 1, p. 3-37, 2010.

VIEIRA, Paulo. Criação de riqueza: uma metodologia simples e poderosa que vai enriquecê-lo e fazer você atingir seus objetivos. São Paulo: Editora Gente, 2019.

\_\_\_\_\_. *Eu, líder eficaz: manual prático de liderança pessoal e profissional*. Fortaleza: Premius Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Fator de enriquecimento: uma fórmula simples e poderosa que vai enriquecê-lo e fazer você atingir seus objetivos*. São Paulo: Editora Gente, 2016.

\_\_\_\_\_. *O poder da ação: faça sua vida ideal sair do papel*. São Paulo: Editora Gente, 2015.

\_\_\_\_\_. *O poder da autorresponsabilidade: a ferramenta comprovada que gera alta performance e resultados em pouco tempo*. São Paulo: Editora Gente, 2018.

\_\_\_\_\_. *Poder e alta performance: o manual prático para reprogramar seus hábitos e promover mudanças profundas em sua vida*. São Paulo: Editora Gente, 2017.

VILDARD, Martial. *Sociologie des dispositifs d' « accompagnement de la personne » : autorité voilée et travail sur l'individu. Conseil conjugal et familial, coaching professionnel, conseil spirituel*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Paris : Université Paris Sciences et Lettres, 2022.

VIOTTI, Nicolás. Más allá de la terapia y la religión: una aproximación relacional a la construcción espiritual del bienestar. *Salud Colectiva*, v. 14, n. 2, p. 241-256, 2018.

\_\_\_\_\_. *Revisando la psicologización de la religiosidad*. *Revista Culturas Psi/Psy Cultures*, Buenos Aires, v. 2, p. 8-25, set. 2014.

VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de traficante: uma etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

\_\_\_\_\_. *Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas*. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 61-93, 2014.

WARREN, Rick. *Uma vida com propósitos*. 2ª ed. São Paulo: Vida, 2008.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1905].

WHITMORE, John. *Coaching para performance: os princípios e práticas de coaching e liderança*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2020.

## ANEXO I



Anexo I ao despacho Nº 04/2019 – CODES/SSSPDS.

### **Projeto Coaching pela Paz**

O projeto “Coaching pela Paz”(cuidando de cuidadores) é uma experiência inovadora de utilização do Coaching Integral Sistêmico como um relevante instrumento de suporte à melhoria da performance pessoal e profissional de operadores de segurança pública e conselheiros comunitários de Defesa Social que atuam na Cultura de Paz e na promoção da Defesa Social, representando uma colaboração estratégica para a prevenção da violência e para a valorização da Segurança Pública Participativa e Cidadã.

O projeto é resultado de uma parceria entre a Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico (FEBRACIS) e a Coordenadoria de Defesa Social/SSPDS, tendo sua inspiração na frase da UNESCO que diz: "As guerras e a violência nascem no espírito e nos corações dos homens; logo, é no seu espírito e nos corações que precisam ser erguidos os verdadeiros baluartes da paz".

Assim, as múltiplas ferramentas do Coaching Integral Sistêmico estão sendo utilizadas para potencializar corações e mentes (razão e emoção), auxiliando policiais e conselheiros comunitários na organização de suas buscas, de seus sonhos e de suas metas de vida, fomentando a prosperidade harmônica, o altruísmo, a autorresponsabilidade, o resgate de valores, o fortalecimento emocional e a prática do bem como estilo de vida.

Nesse prisma, a FEBRACIS e a Coordenadoria de Defesa Social/SSPDS estão promovendo (de forma inteiramente gratuita e sem ingerências políticas) a realização dos seguintes produtos:

- “Apadrinhamento” de operadores de segurança pública e lideranças comunitárias com a realização Sessões Individuais de Life Coaching (ciclo completo de sessões em Pro Bono)
- Treinamentos sistemáticos em inteligência emocional pelo Método CIS (Coaching Integral sistêmico) – A cada edição do referido curso são fornecidas de 50 a 100 cortesias para policiais e suas esposas, bem como para os voluntários dos Conselhos de Defesa Social, tudo sob o gerenciamento institucional da Coordenadoria de Defesa Social e da Febracis.
- Realização de palestras gratuitas sobre coaching, autorresponsabilidade, educação financeira, liderança, fortalecimento familiar, gestão emocional, entre outros temas correlatos ministrados por master coaches e pelo próprio presidente da Febracis, professor Paulo Vieira. Tais palestras são inseridas em seminários de Defesa Social e em fóruns de integração nas Áreas Integradas de Segurança Pública – AISs (Batalhões).
- Realização de uma Turma Exclusiva de Formação em Coaching, customizada para 100 (cem) Gestores de Segurança Pública (Oficiais, Delegados e Peritos), incluindo disciplinas como neurocoaching, mindfulness e análise de perfil profissional. Todos os participantes foram contemplados com o relatório de análise de seu próprio perfil profissional. Os mais de 60 (sessenta) concorrentes encontram-se na fase de elaboração do TCC do referido

curso, trabalho esse que possibilitará a expedição de uma certificação internacional em coaching, sob chancela da Florida Cristian University. As ferramentas apresentadas durante o curso destinaram-se a preparar os gestores para a alta performance profissional e pessoal, com o fortalecimento da inteligência interpessoal e intrapessoal.

Todos esses produtos já beneficiaram milhares de cidadãos de diversas comunidades de Fortaleza e Região Metropolitana, bem como operadores e gestores da Segurança Pública Estadual.

Assim, pela inspiração do projeto no Ceará, tais ações estão sendo inseridas e replicadas como estratégia de intervenção nacional da FEBRACIS, por meio de suas diversas unidades de treinamento espalhadas pelo Brasil, expandindo os benefícios da referida iniciativa para operadores de Segurança Pública de outros Estados, a exemplo do Piauí, de São Paulo e do Distrito Federal.

## ANEXO II

### **Formação em Coaching Integral Sistêmico: um treinamento completo para quem busca as ferramentas ideais para uma carreira de alta performance.**

#### **Conquiste a excelência na realização de metas e objetivos, renovando completamente sua a carreira e seus resultados.**

A Formação em Coaching da Febracis é um programa completo, com técnicas e ferramentas voltadas para quem busca a excelência na realização de metas e objetivos. O único curso de coaching do Brasil a conceder uma certificação realmente internacional, emitida por uma Universidade Americana, a Florida Christian University (FCU).

O curso proporciona imersão no Coaching Integral Sistêmico, metodologia criada por [Paulo Vieira](#), PhD em Coaching e autor do *best-seller* “O Poder da Ação”. Ao concluir o Formação em Coaching, você estará pronto para conduzir com excelência, sessões de coaching e palestras na área. Além disso, terá mais segurança e habilidade realização de projetos, maior tranquilidade em momentos desafiadores, além de fortalecimento da capacidade de gestão

### **Quais os diferenciais do curso?**

- **Maior carga horária do Brasil (268 h), podendo ser estendida para 472 h.**
- **Módulo de Análise de Perfil Comportamental – CIS Assessment.**
- **Certificação realmente Internacional emitida pela Florida Christian University.**
- **Módulo de Mindfulness: técnica com de respaldo científico.**
- **Módulo Internacional de Neurociência, diretamente da FCU.**
- **+ de 8 mil coaches formados, sendo 2.961 profissionais, só em 2017.**

### **O que será visto no curso?**

- **Seja formado pela Maior Instituição de Coaching da América Latina.**
  1. 28 unidades espalhadas pelo Brasil, que juntas somam 14 mil m<sup>2</sup>.
  2. + de 500 colaboradores diretos ligados à Febracis.
  3. + de 20 milhões de pessoas impactadas pela metodologia.
  4. + de 1 milhão de seguidores no Facebook, somando o perfil do presidente Paulo Vieira (1 milhão) e a página da Febracis Coaching.

- **O único com certificado realmente Internacional.**
  1. Você terá direito a duas certificações (nacional e internacional).
  2. Os certificados são confeccionados e vindos dos Estados Unidos.
  3. É possível aproveitar a carga-horária em cursos na FCU.
  4. Única que permite o profissional a exercer a profissão de coaching nos EUA.
  
- **Sistema de Coaching exclusivo da Febracis.**
  1. Plataforma elaborada pela Febracis para auxiliar sua atuação como coach.
  2. Facilita o contato com os clientes, dando excelência a todo o processo.
  3. Acesso a sessões de coaching gravadas com trainers Febracis.
  4. Você terá acesso ao sistema gratuitamente, durante 30 dias.
  
- **Autorização para ministrar palestra exclusiva da Febracis**
  1. Após o curso, você poderá ministrar a Introdução ao Coaching.
  2. Você terá acesso a todo o conteúdo de apresentação desta palestra.
  3. Uma ótima oportunidade de se promover e prospectar novos clientes.
  4. Você não vai pagar nada a mais por isso.
  
- **Possibilidade de ministrar 2 cursos exclusivos da Febracis**
  1. Você pode também ser um ministrante oficial dos cursos:  
[O Poder da Ação](#) e [O Poder da Autorresponsabilidade](#).
  2. Duas grandes oportunidades de dar início a sua carreira como coach.
  3. Ambos os cursos são inspirados em best-sellers do Master Coach Paulo Vieira.
  4. Ambos ministrados por trainers Febracis e com carga-horária 16 h.

## Objetivos

### **Preparação para o mercado de coach:**

Orientação técnica e comercial para uma carreira de sucesso.

### **Produção de um novo estilo de vida:**

Maior comprometimento consigo mesmo e sua saúde física e psicológica.

### **Desenvolvimento de potencialidades:**

Conquiste o equilíbrio em todas as áreas da sua vida.

### **Simulações de sessão de coaching:**

Aprenda a conduzir uma sessão, na prática, durante o módulo presencial.

## **Como aplicar na sua vida?**

### **Módulo de Mindfulness**

Técnica com respaldo científico que tem ajudado executivos a ter mais foco e produtividade nas organizações.

### **Módulo de Neurociência**

Onde você irá aprender sobre o funcionamento do cérebro e como potencializá-lo para obter os melhores resultados.

### **Módulo de Análise de Perfil**

Uma poderosa ferramenta de análise de personalidade e perfis de comportamento, que gera uma comunicação mais efetiva.

### **Leader Coach**

Você estará apto a fazer coach com a sua equipe, aplicando ferramentas e exercícios aprendidos durante o treinamento.

### **Autocoaching**

Por meio das Perguntas Poderosas de Sabedoria (PPS's), você terá clareza ao tomar decisões consistentes na direção de um objetivo.

### **Certificação Internacional**

Com a certificação emitida pela Florida Christian University (FCU), você poderá atuar como coach nos Estados Unidos.

## **Datas**

**Módulo I: 13 a 16 de junho de 2018**

**Módulo II: 11 a 14 de julho de 2018**

## **Local**

**Sede da Febracis, situada no Internacional Trade Center - 14º andar**  
Endereço: R. Desembargador Lauro Nogueira, 1500 – Papicu, **Fortaleza.**